UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

ANDRÉ CARAMURU T. AUBERT

O DIÁRIO DE UM DESESPERADO:
Tradução crítica do relato de Friedrich Reck-Malleczewen
escrito na Alemanha Nazista entre 1936 e 1944

São Paulo
2016

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA SOCIAL

O DIÁRIO DE UM DESESPERADO:

**Tradução crítica do relato de Friedrich Reck-Malleczewen
escrito na Alemanha Nazista entre 1936 e 1944**

André Caramuru Teixeira Aubert

Dissertação apresentada ao Programa
de Pós-Graduação em História Social da
Faculdade de Filosofia, Letras e
Ciências Humanas da Universidade de
São Paulo, para a obtenção do título de
Mestre em História.

Orientadora: Profa. Dra. Maria Aparecida de Aquino

São Paulo
2016

Nome: AUBERT, André Caramuru Teixeira

Título: O Diário de um Desesperado: Tradução crítica do relato de Friedrich Reck-Malleczewen escrito na Alemanha Nazista entre 1936 e 1944

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História Social da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, para a obtenção do título de Mestre em História.

Aprovado em:

Banca Examinadora

Prof. Dr. _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

RESUMO

AUBERT, A.C.T. O Diário de um Desesperado: Tradução crítica do relato de Friedrich Reck-Malleczewen escrito na Alemanha Nazista entre 1936 e 1944. 2016, 222 f. Dissertação (Mestrado) Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016.

Durante pouco mais de oito anos, o alemão Friedrich Reck-Malleczewen escreveu um diário, no qual registrou suas impressões a respeito do regime nazista, ao qual radicalmente se opunha. A redação do diário só foi interrompida quando o autor foi preso pela Gestapo, pela segunda vez, e enviado ao campo de Dachau, onde perderia a vida poucas semanas antes da chegada das tropas aliadas. O relato de Reck-Malleczewen, além do drama pessoal que cerrega, é especialmente interessante pelo fato de que representa uma voz de oposição conservadora, de alguém que não era, originalmente, alvo de perseguição por parte do regime nazista. No presente trabalho, traduzimos, pela primeira vez para o português, o Diário de Reck-Malleczewen, procurando contextualizar a obra, criticamente, no contexto em que foi escrita.

Palavras-chave: Friedrich Reck-Malleczewen. Nazismo. Regime Nazista, História da Alemanha. Diário.

ABSTRACT

AUBERT, A.C.T. Diary of a Man in Despair: Commented translation, to the Portuguese Language, of Friedrich Reck-Malleczewen's Journal written in Nazi Germany between the years of 1936 to 1944. 2016, 222 f. Dissertação (Mestrado) Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016.

For a little more than eight years, the German writer Friedrich Reck-Malleczewen kept a diary, where he registered his impressions related to the Nazi government, to which he was radically opposed. The journal was interrupted only when the Gestapo arrested Reck for the second time, sending him to Dachau, where he died a few weeks before the arrival of the allied troops. Reck-Malleczewen's testimony, along with the personal drama it carries, is especially relevant because it represents the voice of a conservative opposition to the Nazi government, a voice from someone who was not, at least not initially, a target to the Nazis. Here we translate, for the first time to the Portuguese language, the Reck-Malleczewen's journal, trying to put it, through comments and footnotes, in the context in which has been written.

Keywords: Friedrich Reck-Malleczewen. Nazism. Nazi Government. History of Germany. Diary. Personal Journal.

SUMÁRIO

1.	INTRODUÇÃO	6
2.	PRIMEIRA PARTE	7
2.1	O Diário de Reck-Malleczewn	7
2.2	Nota biográfica a respeito do autor	21
2.3	Bibliografia	28
3.	SEGUNDA PARTE: O Diário de um Desesperado	34
	Maio, 1936	34
	Julho, 1936	38
	11 de agosto, 1936	43
	Maio, 1937	52
	9 de setembro, 1937	65
	9 de setembro, 1937 (II)	73
	20 de março, 1938	78
	Julho, 1938	83
	Setembro, 1938	85
	Dezembro, 1938	89
	Abril, 1939	92
	Agosto, 1939	101
	20 de setembro, 1939	105
	22 de setembro, 1939	106
	Novembro, 1939	112
	Janeiro, 1940	117
	Outubro, 1940	120
	9 de novembro, 1940	131
	Junho, 1941	134

Setembro, 1941	139
Setembro, 1941 (II)	150
Janeiro, 1942	154
Fevereiro, 1942	162
11 de março, 1942	163
Maio, 1942	165
Junho, 1942	168
30 de outubro, 1942	171
Fevereiro, 1943	177
Março, 1943	184
Agosto, 1943	191
20 de agosto, 1943	195
2 de julho, 1944	198
18 de julho, 1944	200
20 de julho, 1944	202
21 de julho, 1944	203
16 de agosto, 1944	205
9 de outubro, 1944	206
Outubro, 1944	210
14 de outubro, 1944	215

INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem por objetivo trazer para o a língua portuguesa, em tradução crítica, o livro *Diário de um Desesperado*, de Friedrich Percyval Reck-Malleczewen, escrito em forma de diário, na Alemanha, entre os anos de 1936 e 1944, e foi desenvolvido junto ao Programa de Pós-Graduação em História Social da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, com o propósito de obtenção do título de Mestre.

Quanto ao seu conteúdo, a presente dissertação está dividida em duas partes. A primeira parte explica nossa opção por este trabalho; faz a contextualização histórica na que o *Diário* foi escrito; apresenta uma nota biográfica a respeito do autor; lista a bibliografia de apoio, explicando o motivo da escolha dos livros consultados; descreve os métodos e critérios utilizados na tradução.

A segunda parte apresenta, com notas explicativas, a tradução propriamente dita.

2.PRIMEIRA PARTE

2.1. O DIÁRIO DE RECK-MALLECZEWEN

Entre maio de 1936 e outubro de 1944, o escritor alemão Friedrich Percyval Reck-Malleczewen (também conhecido pelas versões mais curtas de seu nome, Friedrich Reck ou mesmo Fritz Reck), escreveu um diário. Ou não exatamente um diário, no estrito senso da palavra, pois não existia a preocupação em relatar as atividades cotidianas, e tampouco havia registros com frequência definida. O “diário” era, muito mais, um espaço pessoal e secreto (mas, como veremos adiante, não isento de uma intenção de vir a ser lido, no futuro, por outras pessoas) de reflexões sobre o estado das coisas na Alemanha durante o período em que o regime nazista ocupou o poder. Os primeiros textos analisam o país quando Hitler era o Chanceler do Reich havia pouco mais de três anos, não havia ainda a certeza de que uma nova guerra mundial seria inevitável, e nem mesmo tinha-se como certo que os nazistas permaneceriam por mais quase dez anos controlando a Alemanha. Mas o *Diário* avança no tempo,

testemunhando todos aqueles anos de tragédia, com os nazistas se consolidando no poder, a guerra se aproximando e tomando conta da Europa e do mundo, desde o começo, período de cega empolgação alemã (empolgação, diga-se, com a qual Reck jamais compartilhou), depois o miolo, com os bombardeios aéreos aliados, os primeiros reveses militares e as dúvidas crescentes quanto ao futuro, até, finalmente, a parte final, com a certeza da inevitabilidade da derrota se abatendo sobre praticamente toda a população alemã (derrota à qual Reck, por poucas semanas, não chegou a ver; mas que, desde muito antes, não apenas desejou como previu).

Friedrich Reck era um sujeito inteligente e, percebe-se por seus escritos, senhor de uma não desprezível cultura humanística. Originalmente um crítico de teatro e, depois, autor de romances leves, era razoavelmente conhecido no país, mas, de maneira alguma, visto pela elite cultural alemã como um intelectual de peso. Um de seus livros, *Um crime em Monte Carlo*, além de ter se tornado um best-seller, chegou a ser filmado em alemão, francês e inglês, com uma posterior refilmagem em alemão. De origem prussiana e com atitudes e ideário aristocráticos, Reck vivia numa confortável propriedade rural na região de Munique, na Bavária. Socialmente bem relacionado, era politicamente conservador, tinha comportamento e opiniões aristocráticos, abominava o antisemitismo e qualquer ideia remotamente relacionada a ideia de “raças superiores”, discordava radicalmente do nazismo e nutria um enorme desprezo pelo líder do movimento, Adolf Hitler.

Desgostoso com os rumos que seu país tomava, Friedrich Reck registrou, por oito anos e meio, nas páginas de seu diário, as suas opiniões políticas, além de alguns encontros, eventos e conversas, sempre num crescente de desilusão, raiva e revolta com o que vivia e presenciava. Durante todo esse tempo, sabedor dos riscos que corria, Reck tomava o cuidado de, à noite, ocultar seu diário em algum esconderijo, de tempos em tempos renovado, no entorno da casa de campo em que vivia.

Nos meses finais da Guerra, contudo, o desespero dos nazistas diante de um desfecho inevitável tornou a vida dos que se opunham ao regime, ainda que não abertamente,

como era o caso de Reck, ainda mais arriscada. E foi assim que ele, alvo de uma denúncia, foi preso pela Gestapo duas vezes entre meados e o fim de 1944. Da primeira prisão ele seria libertado em algumas semanas, mas da segunda ele não sairia com vida. Enviado ao campo de Dachau, ele morreu (ou foi morto) no início de 1945.¹

Terminada a Guerra, o *Diário* de Reck foi recuperado e conservado por sua viúva, sendo publicado pela primeira vez, na Alemanha, em 1947. A primeira edição obteve pouca repercussão, talvez porque, ocorrendo apenas dois anos após o fim do conflito, em um país ainda em ruínas e sob a campanha de desnazificação levada a cabo pelas tropas de ocupação aliadas, os alemães estivessem pouco dispostos a examinar, de fato, suas feridas ainda abertas. Uma nova edição foi feita em 1966, desta vez despertando mais atenção. Em seguida saíram outras, e aos poucos começaram as traduções. Houve uma edição na França em 1969 e outra na Inglaterra em 1970, com sucessivas reedições, até que, no ano 2000, surgiu uma nova tradução em inglês. Neste ponto, o *Diário* já figurava, para alguns estudiosos, entre as obras fundamentais para a análise do período nazista na Alemanha. Não havia até agora, porém, uma tradução para a língua portuguesa, no Brasil ou em Portugal, donde a relevância, acreditamos, do presente trabalho.

Poucos assuntos têm sido tão discutidos, e dissecados, pelos estudiosos da história, especialmente da história recente, quanto o Nazismo. Segundo um levantamento feito por Michael Ruck no ano 2000, havia, até aquela data, mais de 37.000 estudos publicados a respeito do tema². Tamanho volume de trabalhos não indica que se tenha chegado a conclusões unânimes, muito pelo contrário: existe uma variadíssima gama de interpretações a respeito das causas que levaram ao Nazismo, suas características, suas peculiaridades ou similaridades com outros movimentos de tipo fascista, seus métodos,

¹ Para mais detalhes acerca da vida, e da maneira como morreu, Friedrich Reck, ver a Nota Biográfica adiante.

² Michael Ruck, *Bibliographie zum Nationalsozialismus*, Darmstadt, 2000.

sua relação com a arte, seu ocaso e assim por diante. Não é o propósito deste trabalho, esclareça-se desde já, entrar neste debate ou, mesmo, listar todas as correntes interpretativas.

O Partido Nacional Socialista alemão foi oficialmente criado pelo chaveiro Anton Drexler no início 1920, passou a ser liderado por Adolf Hitler um ano depois e deixou de existir quando Berlim caiu diante das tropas soviéticas em abril de 1945. No poder, efetivamente, os nazistas estiveram a partir de janeiro de 1933, quando, depois que os nazistas tiveram um bom desempenho eleitoral, Hitler foi escolhido para o cargo de Chanceler do Reich, naquele que foi o último suspiro da democrática República de Weimar. Ou seja, foram, para o partido nazista, vinte e cinco anos de existência e “apenas” doze anos no exercício do poder. Uma dúzia de anos foi tempo suficiente, no entanto, para que se provocasse uma sucessão de tragédias em escala gigantesca, até mesmo planetária, que a humanidade até então não tinha visto, e sequer imaginava possível. A “Guerra de Hitler”, como o historiador britânico Tony Judt chamava a Segunda Guerra Mundial, matou, entre civis e militares, o inacreditável número estimado de 60 a 85 milhões de pessoas, e redesenhou o mapa geopolítico global com consequências que atravessaram o século XX e se fazem sentir até hoje³.

Apesar do terrível alcance das consequências de seus atos, porém, os nazistas não foram especialmente criativos: eles não inventaram a doutrina fascista, a estetização da política, a propaganda de massas, a arquitetura monumental dos prédios públicos, as milícias armadas uniformizadas, a crítica radical e intransigente aos regimes (e partidos) tanto liberais quanto de esquerda, o uso da guerra como mecanismo de mobilização interna, o antissemitismo, a mobilização política dos jovens, a ideia de que há raças humanas superiores e inferiores (e de que estas merecem ser exploradas por aquelas), a eugenia e nem mesmo os campos de concentração. Mas, é inegável, os nazistas aperfeiçoaram e levaram a distâncias inéditas e, até aquele momento, inimagináveis, as

³ Tony Judt, *Postwar. A History of Europe since 1945*. London, Penguin, 2005. Entre as consequências da Guerra de Hitler, liste-se a atual configuração do mapa da Europa, a Guerra Fria e a criação do Estado de Israel.

“invenções” que outros fizeram e das quais eles se apropriaram. Portanto, deve ser buscado no alcance da tragédia provocada, mais do que em qualquer outro aspecto, o motivo pelo qual o tema “nazismo” segue tão vivo enquanto tema de estudos e reflexões. Isto posto, deve-se ressaltar que os debates a respeito do nazismo têm trafegado por todas as vertentes ideológicas e disciplinas acadêmicas, e as explicações do fenômeno vão desde o “inexplicável” (loucura coletiva) até as simplificações mecanicistas (reação burguesa à ameaça socialista), passando, naturalmente, por um número crescente de hipóteses mais complexas e matizadas⁴. Seja lá em que campo estiverem, as buscas por explicações para o Nazismo nascem de uma pergunta básica (sempre feita com boa dose de perplexidade): como foi possível que, num dos países mais civilizados do mundo, a pátria de Kant, de Beethoven e de Goethe, um movimento político de ideias primárias, comportamento caricato e chefiado por pessoas com pouca ou nenhuma qualificação, como o Nazismo, nascesse, frutificasse, tomasse o poder, se consolidasse nele, iniciasse uma guerra de dimensões sem precedentes, perseguisse e massacrasse milhões de pessoas e, conseqüentemente, abalasse, ao ponto de quase destruir, a civilização ocidental?

E aqui temos, diante de nós, os registros de Friedrich Reck. De que maneira, afinal, a leitura do *Diário de um desesperado*, como foi chamado pelos editores alemães, pode contribuir para uma análise do fenômeno nazista?

Em primeiro lugar, cabe uma breve reflexão com relação ao gênero de documentos historiográficos ao qual este *Diário* pertence. Os depoimentos pessoais, seja em forma de diários, de cartas, de relatos autobiográficos ou até mesmo de registros orais gravados, tem sido fonte cada vez mais utilizada por historiadores e cientistas sociais. Especificamente a respeito do tema “nazismo na Alemanha”, o relato de pessoas que viveram pessoalmente a experiência, seja como vítimas, seja como algozes, ou apenas

⁴ Para um resumo das diferentes linhas de interpretação do fenômeno nazista, ver Richard J. Evans, *The Coming of the Third Reich*. New York, Penguin, 2003.

como testemunhas, é fonte inestimável para os estudiosos do período. Não é à toa que três dos principais historiadores contemporâneos especializados em Nazismo, Richard J. Evans, Ian Kershaw e Nicholas Stargardt, utilizam largamente estas fontes. O primeiro, aliás, cita o diário de Reck dezenas de vezes ao longo de sua extensa obra em três volumes a respeito do nazismo⁵. Já Stargardt foi até um pouco mais longe, e lançou, há pouco tempo, um livro em que tenta compreender como o fenômeno nazista afetou as vidas e as mentes dos alemães comuns a partir, principalmente, de trocas de correspondências⁶.

São considerados fundamentais pela historiografia, apenas para citar apenas alguns casos, o diário de Anne Frank, uma das mais conhecidas vítimas fatais do genocídio alemão; o de Viktor Klemperer, um professor universitário judeu alemão que logrou a proeza de sobreviver ao nazismo e à guerra vivendo dentro da Alemanha; o de Luise Solmitz, uma professora primária de Hamburgo que se deixou seduzir por Hitler, seus discursos e sua política; o de Melita Maschmann, membro entusiasta da juventude feminina nazista, manifestando profundo arrependimento nos anos seguintes ao conflito; os diários do chefe da propaganda Joseph Goebbels, descrevendo as entranhas do regime nazista; as memórias de Albert Speer, o “arquiteto do Reich”, altamente questionáveis, pois repletas de “eu não vi e não sabia”, mas nem por isso pouco importantes; o relato de Primo Levi, contando como sobreviveu ao horror de Auschwitz; o livro de William Shirer, correspondente de jornais norte-americanos na Alemanha durante a ascensão dos nazistas ao poder até dezembro de 1940. A lista poderia seguir por páginas, mas não é o caso, aqui, de estendê-la.

Peter Burke, em “A Escrita da História: novas perspectivas”⁷, é um dos que defendem a ampliação das fontes sobre as quais o historiador deveria trabalhar. Sem anular o papel

⁵ Ver Bibliografia.

⁶ Nicholas Stargardt, *The German War – A Nation under arms, 1939-1945 – Citizens and Soldiers*. Basic Books, New York, 2015.

⁷ Peter Burke (org.). *A escrita da história: novas perspectivas*. UNESP, São Paulo, 1992. Ver principalmente, neste livro, a abertura do próprio Burke: “A nova história, seu passado e seu futuro”, pp. 7-37.

representado pelos documentos oficiais na pesquisa histórica, Burke advoga pela ampliação do campo em direção a algo muito mais amplo, que ele chamou de “documentos históricos”, e que incluiria, no limite, toda e qualquer produção cultural, de diários íntimos a cartas, de fotografias a receitas culinárias. E é nessa direção que parte da produção dele mesmo, enquanto historiador, seguiria nos anos seguintes. Num trabalho mais recente, Burke se dedicaria a analisar o testemunho visual e as imagens como fonte histórica. É evidente, ele alertava, que o autor de um diário, assim como o autor de um filme de época ou de uma pintura histórica,⁸ não é um historiador. (ou pelo menos não está praticando esse ofício ao escrever o diário, filmar ou pintar o quadro). Os registros que deixar não terão necessariamente seguido normas de rigor científico, e a consulta, portanto, ao diário de uma personagem e/ou testemunha, como material de pesquisa, pelo historiador, requererá uma série de cuidados, a começar pela contextualização de autor e obra e um olhar crítico (quase diria “desconfiado”).

Leonor Arfuch, que tem explorado essas vastas possibilidades e suas armadilhas, escreveu que “a simples menção do ‘biográfico’ remete, em primeira instância, a um universo de gêneros discursivos consagrados que tentam apreender a qualidade evanescente da vida opondo, à repetição cansativa dos dias, aos desfalecimentos da memória, o registro minucioso do acontecer, o relato das vicissitudes ou a nota fulgurante da vivência, capaz de iluminar o instante e a totalidade. Biografias, autobiografias, confissões, memórias, diários íntimos, correspondências dão conta, há pouco mais de dois séculos, dessa obsessão por deixar impressões, rastros, inscrições, dessa ênfase na singularidade, que é ao mesmo tempo busca de transcendência.”⁹

O *Diário* de Reck se aproximaria mais, talvez, daquilo que Leonor Arfuch chama de “diário íntimo”, embora com algumas peculiaridades importantes. Num estudo de 2004, Celso Castro analisou o diário de Bernardina Constant de Magalhães Sereno, filha de

⁸ Peter Burke. *Eyewitnessing. The Uses of Images as Historical Evidence*. Cornell University Press, Ithaca, 2008.

⁹ Leonor Arfuch, *O Espaço Biográfico. Dilemas da Subjetividade Contemporânea*. Trad. de Paloma Vidal, Rio de Janeiro, Editora da Universidade Estadual do Rio de Janeiro, 2010, p. 15.

Benjamin Constant, um dos “pais fundadores” da República brasileira.¹⁰ Sem grandes manifestações de caráter político, o diário de Bernardina oferece, à primeira vista, segundo Celso Castro, nada mais que um retrato do cotidiano da família, seus hábitos de leitura, as questões de saúde daquelas pessoas e assim por diante. Por outro lado, sem que fosse a intenção da autora, ali estão as descrições da vida cotidiana (e dos passos) do pai dela, Benjamin Constant, durante os meses que antecederam o golpe de 15 de novembro de 1889, fornecendo uma série de subsídios, especialmente se confrontados com outras fontes, para a avaliação do papel de Constant nos acontecimentos daquele período. No caso de Reck, o diário tem menos o papel de registrar eventos cotidianos (embora estes apareçam, aqui e ali) e mais o de deixar marcada, criticamente, a visão do autor a respeito de eventos políticos e da evolução da situação política da Alemanha de uma maneira geral.

Um outro aspecto que afasta o diário de Reck do de Bernardina Constant, e de boa parte de outros diários, é que este, ao contrário da maioria dos diários, parece ter sido escrito não como um documento pessoal e secreto, mas, de fato, para ser lido por outras pessoas. É claro que ele não deveria ser lido no *momento em que foi escrito*, o que, o autor sabia claramente, teria custado sua vida. Além disso, é impossível não pensar neste diário como um *rascunho*, uma *primeira versão*. Porque, ao mesmo tempo que o diário parece ter sido escrito com vistas a uma posterior publicação, ele viria a ser, antes que isso ocorresse, acreditamos, editado e revisado e mesmo, em alguns trechos, reescrito pelo autor. Chega-se a esta conclusão em função da abundância de parágrafos pouco claros e de estilisticamente mal resolvidos, ainda mais quando dispomos, para comparar, de livros que Reck publicou em vida, de escrita inegavelmente fluída. A disposição de Reck em ter seu diário um dia publicado pode ser inferida, por trechos, em mais de uma ocasião, em que ele se mostra claramente “contando”, e “analisando”, para um leitor ideal, os fatos que presenciava. E, apesar de manifestar, mais de uma vez, temor com relação a sua segurança pessoal, o otimismo de Reck se sobressaía, e ele na

¹⁰ Celso Castro, “O diário de Bernardina”, em *Escritas de Si, Escrita de História*, org. de Ângela de Castro Gomes, FGV, SP, 2004.

maior parte do tempo parecia acreditar que chegaria a ver o fim do Nazismo e da Guerra. Ou seja, o Diário de um desesperado, de Fritz Reck, de certa forma se parece muito mais com a primeira versão de um livro de memórias e reflexões do que com um diário propriamente dito.

Num estudo a respeito dos diários de Getúlio Vargas, escritos entre 1930 e 1942, e de cuja edição participou, Regina L. Moreira expôs os problemas e as complexidades enfrentados quando se prepara uma edição crítica de documentos desta natureza. É claro que alguns dos pontos levantados por ela não dizem respeito ao nosso caso, uma vez que o estabelecimento do texto (p. ex. diante de caligrafia difícil, atualizações ortográficas, erros em menções a nomes ou locais) já foram enfrentadas pelo editor original, alemão. Em nosso caso, a preocupação principal reside em contextualizar e explicar certos fatos e nomes citados, via notas de rodapé, para o leitor brasileiro. A Autora defende que, “no caso do diário, é importante que o pesquisador tenha a certeza de estar lendo o que realmente foi escrito pelo diarista, e não um texto reescrito ou “montado”, seja pelo autor, sua família ou editores.” No nosso caso, porém, como já trabalhamos a partir das edições alemã e inglesa, não podemos ter esta certeza, ou melhor, temos, mas numa outra direção: sabemos que o Diário original de Reck continha páginas estragadas pela ação do tempo, algumas parcialmente, outras completamente, e que sua caligrafia era ruim, o que dificultou o trabalho dos primeiros editores (a combinação de caligrafia ruim com a ação do tempo e das intempéries sobre os originais pode ter efeitos, é óbvio, terríveis), e que, portanto, o texto aqui traduzido não contém a totalidade do que Reck escreveu e nem mesmo pode-se ter certeza de que ele traduz com 100% de exatidão o que o autor registrou no papel. Mas aqueles eram, sabemos, tempos extraordinários, e nenhuma possível pequena inexatidão em um ou outro trecho do que foi transcrito, e muito menos as questões estilísticas devem ser invocadas para se questionar a validade, e a pertinência, deste relato.

Nessa linha, a conclusão de seu trabalho, Regina L. Moreira escreve aquilo que poderia ser tomado com a premissa básica de nosso trabalho com o *Diário* de Friedrich Reck:

“Nos dias atuais, portanto, a utilização de diários pessoais como fonte documental no trabalho de (re)construção histórica assume cada vez mais um duplo papel: o de permitir ao pesquisador analisar o momento em que foi escrito, ou pelo menos depreender algumas de suas características, e o de informá-lo sobre a trajetória de vida do diarista. A obra é ela e seu próprio tempo. Ou melhor, o tempo de seu autor, enquanto representante de uma determinada sociedade, classe e época, e principalmente enquanto agente de enquadramento da memória.”¹¹ Em função de seu relacionamento com boa parte da elite bávara, Reck conseguia, apesar de todas as dificuldades (o medo, a censura, a escassez de jornais e rádios independentes...), manter-se razoavelmente bem informado a respeito do que acontecia no país. É claro que, naquele contexto, informações fidedignas e boatos infundados misturavam-se mais do que já normalmente ocorre. O que não quer dizer que, na linha do que escreveu Regina L. Moreira, devemos considerar o *Diário* de Reck como uma fonte histórica privilegiada a respeito do que acontecia na Alemanha naquele momento: o próprio Reck, o que ele vivia, pensava e escrevia, em um contexto especialmente trágico, e bastante peculiar, é o que deve nos interessar aqui.

Para estabelecer o que seria uma “tradução crítica”, nos baseamos principalmente na obra de Emanuel Araújo, *A Construção do Livro*.¹² Araújo cita R. Aigrain, estabelecendo como premissa básica que, “antes de perguntar se o testemunho trazido por um texto é aceitável ou não, é evidentemente necessário estar seguro de que o lemos na forma em que foi escrito, ou, ao menos, na forma mais próxima possível.” No limite, é claro, esta seria uma tarefa impossível: ainda que a transcrição dos originais fosse isenta de problemas (o que, como vimos, não é), como poderia um leitor brasileiro, do século XXI, estabelecer “a forma em que foi escrito” um diário redigido em alemão, de maneira clandestina, sob os riscos e as limitações impostas pelo então quase onipresente regime nazista? Mas temos, sim, a obrigação de buscar “a forma mais próxima

¹¹ Regina L. Moreira. “Os Diários Pessoais e a (Re)Construção Histórica”. Em *Dossiê Diário Vargas*, Estudos Históricos, CPDOC –FGV, Rio de Janeiro, 1996. Pp. 177-184.

¹² Emanuel Araújo, *A Construção do Livro. Princípios da técnica de editoração*. Nova Fronteira/INL, Rio de Janeiro, 1995.

possível”. E isso será tentado, basicamente, de três maneiras: 1) para a tradução propriamente dita, o cotejamento das edições em inglês e alemão do *Diário*; 2) para a tentativa de compreensão de quem foi o autor, suas características e contradições, e como ele estava inserido na sociedade bávara (e alemã), apresentamos uma pequena biografia; 3) para a contextualização de personagens e fatos citados, elaboramos, sempre que possível, notas de rodapé explicativas, aquilo que Emanuel Araújo denomina de “aparato crítico”. Ou seja, procuramos compreender, fundamentar e contextualizar, sempre que possível, que pessoa Reck foi, o que pensou, o que leu, com quem conviveu.

No nosso caso, de qualquer forma, a “perfeição” em português seria impossível, pois nem mesmo na primeira edição em alemão, como vimos acima, e reforçamos, ela existe: Reck tinha caligrafia ruim, e a maneira precária como o *Diário* era escondido durante anos, e principalmente, como foi ocultado pela mulher de Reck, após a prisão do marido, fez com que algumas páginas se danificassem e outras até mesmo se perdessem, tornando a impossível a reconstituição integral da obra.¹³

Emanuel Araújo chama a atenção, também, para variações que pode haver entre diversas edições de uma mesma obra. No caso do *Diário*, a edição original, ao transpor o texto manuscrito para o alemão impresso, abriu parágrafos de maneira diferente do que fez a edição em língua inglesa (esta tem mais parágrafos). No nosso caso, escolhemos caso a caso o que consideramos a melhor opção em termos de legibilidade. Não parece haver, até onde vimos, diferenças de conteúdo entre as duas versões. O principal trabalho de crítica, portanto, deve residir nas notas de rodapé informando o leitor a respeito de personagens, locais e eventos citados pelo Autor. Quanto a isso, nosso trabalho apresenta um número muito maior de notas explicativas do que as edições inglesa e alemã.

¹³ Ver Richard J. Evans, “Afterword”, em Friedrich Reck, *Diary of a Man in Despair*, op. Cit.

O *Diário de um Desesperado* tem a primeira entrada datada de maio de 1936, e a última, de 14 de outubro de 1944. Algumas (como a primeira), trazem apenas a identificação do mês, enquanto outras (como a última) trazem também o dia. O total soma 39 entradas, e o tamanho delas varia bastante, assim com a frequência: há ocasiões em que o intervalo entre uma entrada e outra é mínimo (em 9 de setembro de 1937, por exemplo, há duas entradas no mesmo dia), em outras, ele se estende por meses (por exemplo, não há nenhuma entrada entre janeiro e outubro de 1940). Elas também variam bastante em tamanho. Embora a maior parte seja razoavelmente extensa, algumas, como a de 20 de julho de 1944, limita-se a um parágrafo curto.

O *Diário* de Reck, se destaca, antes de mais nada, pelo que existe de absolutamente peculiar no autor, e que se reflete em sua obra. Em primeiro lugar, trata-se do relato de alguém que vivia em Munique, exatamente a região que viu nascer, em suas ruas e cervejarias, o Partido Nacional Socialista, mas que, por outro lado, concentrava boa parte da oposição alemã ao regime¹⁴. Em segundo lugar, trata-se de uma visão radicalmente crítica com relação a Hitler e ao nazismo, mas que não parte, como ocorre na maior parte dos casos, de um opositor de esquerda, ou socialdemocrata, ou judeu. Reck era um conservador convicto e assumido. Ele se posicionava como um aristocrata monarquista herdeiro das antigas tradições alemãs, e suas críticas ao nazismo refletiam essa visão de mundo. O que não quer dizer, conforme se lerá no *Diário*, que muitas de

¹⁴ Sobre o perfil “menos nazista” de boa parte da população bávara, se comparada a outras regiões da Alemanha, especialmente ao norte prussiano, ver, de Ian Kershaw, *Popular Opinion and Political Dissent in the Third Reich – Bavaria, 1933-1945*. Oxford, Clarendon Press, 1983. Não se deve esquecer que, embora o regime nazista tenha confrontado e ameaçado todas as igrejas organizadas da Alemanha, um embate muito mais pesado ocorreu entre nazistas e católicos do que entre aqueles e as muitas denominações protestantes, das quais a principal era a igreja luterana. Não se tratou apenas de uma “preferência” nazista pelo protestantismo: a Igreja Católica foi um dos mais persistentes focos de oposição ao nazismo desde os primeiros tempos do regime. E, com relação a Baviera, deve-se registrar que, se o norte prussiano era majoritariamente protestante, o sul bávaro era predominantemente católico. No conflito entre o Nazismo e as igrejas cristãs (especialmente a católica) estava, sob um ponto de vista mais amplo, a luta pelo controle da alma dos alemães: ao contrário dos partidos políticos alemães, da esquerda à direita, os nazistas (não poderia haver melhor definição para “totalitarismo”) não admitiam concorrentes. Sob um ponto de vista mais prático, os nazistas procuraram assumir, gradativamente, o controle de atividades tradicionalmente sob gestão das igrejas, como escolas, centros de atividades para jovens e, até mesmo, hospitais e asilos. Ver, sobre o tema, Richard J. Evans, *The Third Reich in Power*, Penguin, London and New York, 2005.

suas críticas e análises não tenham sido absolutamente sensatas, e, muitas de suas previsões, verdadeiramente proféticas. O fato de Reck não ser exatamente quem afirmava ser, como veremos adiante, em vez de anular o valor de seu depoimento, o torna, ao contrário, em nossa opinião, ainda mais interessante. Como os estudos sobre o Nazismo, em sua maior parte, costumam associar de maneira quase automática os segmentos mais conservadores da sociedade alemã com o partido de Adolf Hitler, os pontos de vista de Reck acabam por mostrar uma visão que costuma ser pouco levada em conta pela historiografia¹⁵.

Finalmente, deve-se dizer que o relato de Friedrich Reck merece ser conhecido, se não houvesse qualquer outro motivo, simplesmente pelo intenso drama humano que carrega. Trata-se, de fato, como o título diz, do “diário de um desesperado”: à medida em que os meses e os anos vão passando, e as perspectivas (para o autor, pessoalmente, e também para o país) vão ficando cada vez mais sombrias, também mais sombrio vai ficando o humor do narrador. No fim das contas, embora o diário seja interrompido pouco tempo antes da prisão definitiva e da morte de Reck, nós, seus leitores, assim como quando lemos o diário de Anne Frank, sabemos como a história termina.

¹⁵ Ver, por exemplo, Maria Luiza Tucci Carneiro e Frederico Croci (orgs.). *Tempos de Fascismos: Ideologia, Intolerância, Imaginário*. Edusp, Imprensa Oficial e Arquivo Público do Estado de São Paulo, São Paulo, 2010. Ou ainda Nicos Poulantzas, *Fascismo e Ditadura*. Martins Fontes, São Paulo, 1978. Numa perspectiva mais matizada, mas ainda de certa forma compatível com estas ideias, ver Stanley G. Payne, *A History of Fascism, 1914-1945*. The University of Wisconsin Press, Madison, 1995.

2.2. Nota biográfica a respeito do Autor

Friedrich Percival Reck-Malleczewen nasceu em 11 de agosto de 1884 em uma família bem estabelecida em Malleczewen, na Masúria, então território da Prússia oriental. A cidade hoje em dia (desde 1945) faz parte da Polônia e se chama Maleczewo. O pai de Reck era proprietário de terras e político, tendo sido membro do Parlamento prussiano.

Originalmente destinado pelo pai à carreira militar, Reck foi logo dispensado em função de diabetes. Estudou medicina e, formado, trabalhou durante algum tempo como médico de bordo, tendo passado cerca de um ano navegando no lado americano do Atlântico. Casou-se em 1908, teve três filhas e um filho, e divorciou-se em 1930. Após deixar a vida a bordo, fixou-se em Stuttgart, onde começou a trabalhar como jornalista e crítico teatral e, em 1914, mudou-se para Pasing, mas proximidades de Munique, na Baviera, sul da Alemanha. Os antigos problemas de saúde deram a Reck o privilégio de conseguir atravessar os anos da Primeira Guerra sem se envolver diretamente no conflito.

Vivendo nos arredores de Munique, já divorciado da primeira esposa, e cada vez mais integrado à sociedade local, Reck voltou a se casar, desta vez com Imrgard von Brocke, com quem teria mais três filhas. A mudança para a Baviera não representou, como vimos, uma simples alteração de endereço. Como se depreende da leitura do *Diário*, ele desenvolveu uma forte identidade com a cultura bávara (segundo ele: alegre, tradicional, amante das artes e da cultura), a qual opunha, constantemente, a prussiana (também segundo ele: militarista, arrivista, pobre de espírito). Reck era, do ponto de vista político, um autodeclarado conservador. Monarquista e católico, defendia valores tradicionais, como a disseminação da cultura clássica e a vida junto à natureza (que ele opunha ao industrialismo urbano de Berlim e da Prússia). Reck acreditava que uma sociedade baseada nas antigas hierarquias (o rei no alto, a aristocracia logo abaixo,

depois uma classe média de mestres, artesãos, artistas e profissionais liberais, e por último, camponeses e serviçais) funcionaria de maneira mais harmoniosa, desde que cada uma das classes compreendesse e exercesse, com sabedoria, seu papel. O industrialismo prussiano, na visão dele, havia desmontado as estruturas tradicionais da sociedade alemã, criando pessoas desenraizadas e, portanto, facilmente manipuláveis pela propaganda política e podendo ter o apoio comprado pelo acesso facilitado a bens de consumo de massa e de baixa qualidade, como vinhos ruins, receptores de rádio vagabundos, meias femininas de material sintético imitando seda e assim por diante. Para descrever este “novo homem alemão”, Reck utiliza, em mais de um trecho do diário, o termo “homem de massa”, que ele, no entanto, não conceitua, ou explica, de maneira satisfatória. Depreende-se que o “homem de massa” não é o operário, mas fica-se sem saber exatamente quem é; às vezes parece que Reck se refere a uma espécie de *lumpen proletariado*, em outras, a uma espécie de “nova classe média baixa”, composta por funcionários públicos de baixo escalão, recepcionistas, carteiros, secretárias, mestres-escola etc. Nada mais emblemático, de toda forma, que Hitler, um homem de origem humilde, pintor de paisagens frustrado e amargo, e ex-cabo do exército, se tornasse o grande líder dos “homens de massa”. E o principal centro urbano deste “homem de massa”, seguindo essa linha de raciocínio, não poderia ser Munique, onde o Nazismo nasceu, mas Berlim, onde o movimento pôde dar frutos e se expandir.

Por outro lado, o conservadorismo de Reck não se limitava a antigos preconceitos de classe, e apresentava aspectos que o situavam em uma posição que, se não era exclusiva, era pelo menos interessante: Reck abominava o nacionalismo e qualquer tipo de racismo (incluindo o antissemitismo). Era admirador de ingleses, franceses e italianos, pregando, com frequência, as vantagens da diversidade cultural. Ele se sentia completamente alemão, manifestando com frequência seu apreço pela cultura de seu povo, mas de maneira alguma considerando-a superior às outras. Para Reck, a Alemanha, no passado (quando as coisas funcionavam bem), era uma Nação sem um Estado. Agora, desde a unificação liderada pelos prussianos, e principalmente após Hitler, era um Estado sem uma Nação.

Friedrich Reck foi um autor de grande produtividade, tendo publicado, em vida, vinte e dois títulos, além de três (incluindo o *Diário*) que apareceram postumamente. A maior parte da produção livresca de Reck era composta de romances leves, como a comédia de ação *Bombas sobre Monte Carlo*, de 1930, que viria a ser adaptada para o cinema em 1931, com versões em alemão, francês e inglês sendo lançadas simultaneamente. Anos mais tarde, em 1961, uma quarta versão seria filmada, com a direção de Georg Jacoby. Vez por outra, Reck se aventurava pelo ensaio histórico, e seu livro sobre Jan Bockelson e os Anabatistas de Münster foi um trabalho de inegável fôlego, ainda que a principal (e não tão secreta, conforme se lê no *Diário*) intenção dele fosse fazer uma crítica velada a Hitler e ao nazismo. Jan van Leiden, ou Jan Beukeszoon, ou ainda Jan Bockelson (1509-1536) era um protestante holandês que se mudou para Münster, na Alemanha, em 1533, e lá acabou por conseguir autoprocamar-se rei da cidade, instaurando uma ditadura religiosa sanguinária (os Anabatistas). Depois de dois anos de terror, perseguições e fome, em 1535 tropas católicas conseguiram retomar a cidade, imediatamente prendendo, condenando e executando (com requintes de tortura) Bockelson e seus principais seguidores. O livro de Reck sobre o “caso” Bockelson foi publicado em 1937, sem qualquer problema com a censura nazista. Embora os paralelos entre Bockelson e Hitler pareçam evidentes ao leitor contemporâneo (e sejam claramente admitidos por ele, no *Diário*), o provável é que os censores da Gestapo, talvez sem esperar nada de sério vindo de um autor de romances leves e politicamente conservador, não tenham visto nesta obra nada além de um ensaio puramente acadêmico.¹⁶ Uma questão que fica em aberto é quais foram os leitores que o livro teve quando foi lançado, e o que esses leitores apreenderam da obra. Terão feito, como Reck pretendia, um paralelo entre Bockelson e Hitler, entre os Anabatistas e o Nazismo?

Reck, graças aos direitos autorais oriundos das vendas de seus livros, vivia, na região de Munique, com um padrão de vida razoavelmente alto. Ia a restaurantes, assistia a concertos. De hábitos aristocráticos, ele se relacionava bem com a elite local (incluindo

¹⁶ George B. von der Lippe, “Translator Preface”, em Friedrich Reck-Malleczewen. *A History of the Münster Anabaptists*. Palgrave Macmillan, New York, 2008, pp. XIII a XX.

membros da família real bávara), defendia, como vimos, ideias políticas conservadoras e, para todos os efeitos, apresentava-se como um nobre prussiano vivendo “exilado” na Bavária. Até aí, nada haveria de excepcional no perfil biográfico. O que torna o caso mais interessante é que Reck não era exatamente aquilo que dizia ser. Além de se gabar do sangue aristocrático, Reck também contava que havia lutado, na Primeira Grande Guerra, como oficial. Adicionalmente, ele gostava de dizer que servira no exército colonial inglês na África e que participara, como oficial da cavalaria, ao lado dos russos brancos, na Guerra Civil Russa, que tomara parte na Revolução Mexicana e que havia participado de um golpe de estado no Equador.

Todas aquelas histórias eram, porém, pura invenção. Para começar, as origens de Reck nada tinham de aristocráticas. Seu pai havia sido, de fato, proprietário de terras na Prússia Oriental, mas a fazenda Malleczewen era uma propriedade livre-camponesa (Köllmer), e não nobre (Rittergut). O pai de Reck, Herrmann, foi um bem-sucedido empreendedor que ganhou dinheiro e construiu melhorias na propriedade que herdou, mas acrescentar Malleczewen ao próprio nome, que era uma marca da aristocracia junker prussiana, foi mera liberalidade de Reck. O bisavô de Reck foi um pequeno proprietário e estalajadeiro. O avô, habilidoso, soube multiplicar economicamente a herança recebida, casou-se com a filha de um cervejeiro e comprou a propriedade em que Reck nasceu. E, se era verdade que o pai dele foi um político conservador de alguma importância regional, tendo mesmo ocupado cadeiras, primeiro no parlamento prussiano, e mais tarde no Reichstag alemão, o fato é que ele ocupou as câmaras baixas, destinadas aos “cidadãos comuns”, e não as altas, as da nobreza. E, para completar: Reck jamais foi um militar (como vimos acima, sua diabetes o livrou, desde a juventude, do serviço militar), e nunca tomou parte de qualquer conflito armado ou golpe de estado, na Europa, nas Américas ou na África. O que ele de fato fez nas Américas, como sabemos, foi trabalhar embarcado, por algum tempo, como médico de bordo.

Será então que esta série de fantasias a respeito da própria biografia invalidaria aquilo que Reck escreveu em seu diário? É o que gostariam, certamente, alguns dos seus detratores. O mais antigo deles se chamava Bruno Brehm, um autor antissemita que fez bastante sucesso na Alemanha nazista, e que chegou a publicar um *roman à clef* inspirado em Reck, com o sintomático título de *O Mentiroso*. Sobre o personagem, no livro, está escrito que “ele queria viver a vida de um nobre mesmo que não fosse nobre, de senhor de terras mesmo que não fosse fazendeiro; ele faz o papel de oficial mas não poderia ser um militar, pois não sabe obedecer; ele é um refugiado prussiano na Bavária porque a Prússia é muito disciplinada, mas banca o prussiano quando está com bávaros, e finge para os prussianos que é bávaro; ele sempre pretende ser algo que ele não é, porque o que ele é, é desonesto.”¹⁷

O maior dos detratores de Reck, porém, foi Alphons Kappeler, que publicou um estudo, em 1975 (o qual, pelo que consta, ele levou quase vinte anos escrevendo), praticamente todo ele destinado a provar que Reck, vida e obra, não passavam de uma fraude¹⁸. O problema, segundo Richard J. Evans, é que Kappeler, com a declarada intenção de desmoralizar a imagem de Reck, acabou colocando tudo sob suspeita, sem relativizar coisa alguma. Ele chega, inclusive, a questionar o relacionamento entre Reck e Oswald Spengler (que é citado logo na abertura do *Diário*), algo que outras fontes confirmam ter de fato existido. Reck inegavelmente foi um autor de sucesso, e inegavelmente conviveu como um igual nos círculos aristocrático e artístico (que com frequência se misturavam, caso, como se verá no *Diário*, de seu grande amigo, o compositor e maestro Clemens von Franckenstein). Ora, nos círculos artísticos de Munique, e mesmo entre seus amigos, Reck tinha fama de ser um grande contador de histórias, que às vezes não separava a realidade da ficção. Um deles, Ernst Niekisch, disse que “não acreditava numa única palavra que ele dizia. Uma vez eu respondi a alguém que estava irritado

¹⁷ Richard J. Evans, “Afterword”, em Friedrich Reck, *Diary of a Man in Despair*, op. Cit.

¹⁸ Alphons Kappeler, *Ein Fall von “Pseudologia fantástica” in der deutschen Literatur: Fritz Reck-Malleczewen* (Göppinger Arbeiten zur Germanistik, No. 72. Göppingen, Verlag Alfred Kümmerle, 1975, citado por Richard J. Evans, Op. Cit.

com algum absurdo que Reck havia dito, e eu respondi: deixe que ele fale, aproveite, ele mente tão lindamente!”

Ou seja, as mentiras e fantasias de Reck não eram desconhecidas de seus amigos, que continuavam gostando dele, até mesmo enxergando pontos positivos nesse traço. Ao mesmo tempo, os testemunhos em geral apontam para o fato de Reck ter sido uma pessoa afável, honesta e que, entre outras coisas, como vimos, abominava o antisemitismo e o radicalismo nazista. Ou seja, como não nos interessa, aqui, questionar a árvore genealógica ou os registros militares de Reck, mas avaliar o que o testemunho de uma pessoa como ele, ocupando o papel social e cultural que ele ocupava, tem a dar, como contribuição, para a análise do trágico fenômeno nazista, não vemos como os argumentos de seus detratores podem invalidar a importância do *Diário de um desesperado*.

Dessa forma, penso que o *Diário* pode nos interessar muito mais pelas posições políticas, ideológicas e pessoais que expressa do que por supostos fatos inéditos que relata (que são poucos). Ou seja, o Reck do *Diário* nos interessa mais pelo que “sente” do que pelo que “faz”. Por exemplo, se em uma determinada passagem Reck conta que esteve perto de descarregar um revólver em Hitler, que jantava na mesa ao lado, em um restaurante em Munique, não precisamos ter certeza de que o fato é totalmente real (algo que jamais saberemos); basta saber que ele *gostaria* de ter feito isso.

De qualquer modo, se alguém pagou caro por ser – no mínimo – um pouco falastrão, este alguém foi o próprio Reck. Em meados de 1944, quando praticamente todos na Alemanha sabiam que a vitória aliada estava próxima, o autor do *Diário*, que até então vivera em condições bastante privilegiadas (em comparação ao entorno) e sem despertar contra si a atenção das autoridades, começa a ver o cerco se fechar. Passa a sofrer pressões crescentes e, finalmente, vai preso. Não se sabe exatamente porque ele foi detido. A acusação formal é a de que Reck teria “atentado contra a moeda alemã”. Ou seja, ele teria reclamado, com alguém (talvez seus editores), que a inflação estava pulverizando os rendimentos de seus direitos autorais, e acabou denunciado (talvez por

algun funcionário da editora, pois criticar o valor da moeda alemã havia se tornado crime nos derradeiros tempos do Nazismo). Mas provavelmente havia mais. Nos últimos meses da Guerra, crianças e idosos estavam sendo convocados para compor tropas extras, e Reck, que sempre proclamara a sua enorme experiência anterior como oficial, era um alvo natural não só para ser convocado, mas mesmo para comandar, senão uma brigada, ao menos um batalhão. E, sem ter a menor noção de como se comportar militarmente, ele, alegando problemas emocionais e de saúde causados pela notícia, recém recebida, de que seu filho (o único filho homem) havia sido dado como desaparecido na frente oriental, ele se recusou a servir. E então os olhos da Gestapo, naquele momento mais nervosos e desconfiados do nunca, naturalmente se voltaram para ele.

Alguns dias depois da primeira prisão, assustado e traumatizado, conforme registra no *Diário*, Reck é posto em liberdade. Mas o alívio não dura muito, e no último dia de 1944 ele é detido novamente. Isto já não está no diário, cuja última entrada data de 14 de outubro. Mas sabemos, por registros obtidos posteriormente, que Reck ficou por preso, por alguns dias, em uma cadeia de Munique. Como este local foi seriamente danificado por bombardeios aéreos anglo-americanos nos dias 7 e 8 de janeiro de 1945, nosso personagem foi, junto com outros prisioneiros, transportado para o campo de Dachau. E é lá que Reck morreria, em meados de fevereiro de 1945, menos de três meses antes do fim da guerra¹⁹.

¹⁹ A data e as condições precisas da morte de Reck são disputadas, mas é certo que ele morreu em Dachau. A principal hipótese, a se acreditar no atestado de óbito, é a de que ele tenha morrido de tifo no dia 16 de fevereiro de 1945 (menos de três meses, portanto, antes do campo ser liberado pelo Exército Vermelho). Mas também há quem sustente que ele foi executado com um tiro na nuca, ou mesmo que data não tenha sido a que aparece no registro oficial. Ver Richard Evans, *Diary of a man in despair*, "Afterword", pp. 224-225. NYRB, New York, 2013.

2.3. BIBLIOGRAFIA

Utilizamos, para o presente trabalho, duas edições do Diário de Friedrich Reck—Malleczewen. A edição alemã de 1971 e a norte-americana, de 2013 (com tradução para o inglês realizada no ano 2000 por Paul Rubens). A edição norte-americana apresenta, ainda, um posfácio bastante útil de Richard J. Evans. Para dirimir dúvidas de conteúdo e estilo, fizemos o cotejamento entre as duas edições. No entanto, é importante ter-se em mente que o estilo não é o que mais importa aqui: como vimos acima, o texto aqui traduzido é, em boa parte, um rascunho. Reck era um autor de texto fluido e consagrado (ainda que por romances leves), e em mais de um trecho o *Diário* deixa transparecer que ele era secreto apenas temporariamente, ou seja, que ele planejava publicá-lo após a queda do regime nazista (que durou muito mais do que o autor, nas primeiras páginas, imaginou ser possível). E uma infinidade de trechos mal escritos, ou antes, mal resolvidos, parece indicar, sem sombra de dúvida, que o autor pretendia, antes da publicação, voltar a eles, corrigindo e editando. Como ele não teve esta possibilidade, o *Diário* foi impresso a partir da transcrição da única versão deixada pelo autor, com todos os defeitos estilísticos característicos de um esboço, além do agravante, também citado acima, de Reck ter caligrafia ruim e de algumas páginas do *Diário* terem sido danificadas total ou parcialmente em função das precárias condições em que os originais foram guardados – ou, antes, escondidos, por anos.

Adicionalmente, a fim de conhecer um pouco mais a respeito de Reck, consultamos também sua obra de história sobre os anabatistas de Münster no século XVI (que, como dissemos acima, era na realidade uma disfarçada, mas explícita, crítica a Hitler e o nazismo). Este volume ainda traz um interessante prefácio de Karl-Heinz Schoeps e um posfácio, de tom pessoal e comovente, de Viktoria M. Reck-Malleczewen, uma das filhas do autor:

- Reck-Malleczewen, Friedrich Percival. *Tagebuch eines Verzweifelten – Zeugnis einer inneren Emigration*. Fischer Bücherei, Frankfurt am Main und Hamburg, 1971.
- Reck-Malleczewen, Friedrich Percival. *Diary of a Man in Despair*. Introduction by Richard J. Evans. Translated from German by Paul Rubens. New York, NYRB, 2013.
- Reck-Malleczewen, Friedrich Percival. *A History of the Münster Anabaptists. – Inner Emigration and Third Reich. A Critical Edition of Friedrich Reck-Malleczewen's Bockelson: A Tale of Mass Insanity*. Translated and Edited by George B. von der Lippe and Viktori M. Reck-Malleczewen. Palgrave Macmillan, New York, 2008.

A bibliografia sobre o nazismo é bastante extensa, cobrindo um vasto espectro temático, sub-temático e ideológico. Não era nosso objetivo, neste trabalho, fazer um levantamento extensivo deste universo, mas apenas utilizar aquilo que pudesse ser útil para a compreensão do contexto em que Friedrich Reck escreveu seu diário e, principalmente, nos fornecesse subsídios para as notas críticas. Como guia básico a respeito da história do movimento nacional-socialista, utilizamos os três volumes de Richard J. Evans a respeito do tema (volumes que no total somam cerca de 2.500 páginas, e nos quais estão citados, inúmeras vezes, Reck e seu diário):

- Evans, Richard J. *The Coming of the Third Reich*. Penguin, London and New York, 2004.
- Evans, Richard J. *The Third Reich in Power*. Penguin, London and New York, 2005.
- Evans, Richard J. *The Third Reich at War (1939-1945)*. Penguin, London and New York, 2008.

A respeito do fascismo e o nazismo de uma maneira mais geral, e também sobre sua história, suas principais vertentes e interpretações, nos baseamos principalmente nas seguintes obras:

- Hofmann, Reto, *The Fascist Effect – Japan and Italy, 1915-1952*. Cornell University Press, Ithaca and London, 2015.
- Kitchen, Martin. *Speer – Hitler’s Architect*. Yale University Press, New York, 2015.
- Linz, Juan J. *Totalitarian and Authoritarian Regimes*. Lynne Rienner Publishers, Boulder, 2000.
- Payne, Stanley G. *El Fascismo*. Alianza Editorial, Madri, 1982.
- Payne, Stanley G. *A History of Fascism, 1914-1945*. The University of Wisconsin Press, Wisconsin, 1995.
- Paxton, Robert O. *The Anatomy of Fascism*. Vintage Books/Random House, New York, 2004.
- Poulantzas, Nicos. *Fascismo e Ditadura*. Trad. João Quintela e M. Fernanda Granado. São Paulo, Martins Fontes, 1978.
- Stargardt, Nicholas. *The German War – A Nation under arms, 1939-1945 – Citizens and Soldiers*. New York, Basic Books, 2015.
- Tucci Carneiro, Maria Luiza, e Federico Croci, organizadores. *Tempos de Fascismo: Ideologia, Intolerância, Imaginário*. São Paulo, Edusp, Imprensa Oficial do Estado e Arquivo Público do Estado de São Paulo, 2010.

Especificamente sobre as vidas e as ações de Adolf Hitler e Benito Mussolini, consultei as seguintes obras:

- Bosworth, Richard J. B. *Mussolini*. Bloomsbury Academic, U.K., 2010.

Kershaw, Ian. *Hitler*. Trad. de Pedro Maia Soares. Companhia das Letras, São Paulo, 2010.

Kershaw, Ian. *The 'Hitler Myth': Image and Reality in the Third Reich*. Oxford University Press, Oxford, 1987.

Stratigakos, Despina. *Hitler at Home*. Yale University Press, New York, 2015.

Sobre a Propaganda no Terceiro Reich, e as relações entre a arte e os fascismos, consultei as seguintes obras:

Cull, Nicholas J. Cull, David Culbert e David Welch (orgs.). *Propaganda and Mass Persuasion. A Historical Encyclopedia, 1500 to the Present*. ABC Clio, Santa Barbara, 2003.

Etlin, Richard A. (org.) *Art, Culture, and Media Under the Third Reich*. The University of Chicago Press, Chicago, 2002.

Goebbels, Joseph. *The Power of Propaganda*. Shamrock Eden Publishing, 2009.

Griffin, Roger. *Modernism and Fascism. The Sense of a Beginning under Mussolini and Hitler*. Palgrave Macmilan, New York, 2007.

Herf, Jeffrey. *Reactionary Modernism. Technology, culture, and politics in Weimar and the Third Reich*. Cambridge University Press, Cambridge, 1984.

Michaud, Eric. *The Cult of Art in Nazi Germany*. (transl. Janet Lloyd). Stanford University Press, Stanford, 2004.

Sebald, W. G. *Guerra Aérea e Literatura*. Trad, Carlos Abbenseth e Frederico Fífueired. São Paulo, Companhia das Letras, 2011.

Welch, David. *The Third Reich – Politics and Propaganda*. Routledge, 2^a ed. London and New York, 2002.

A respeito do uso de documentos pessoais, especialmente diários íntimos, como fonte de pesquisa do historiador, estou me baseando em:

- Araújo, Emanuel. *A Construção do Livro. Princípios da técnica de editoração*. Nova Fronteira e INL, Rio de Janeiro, 3ª ed., 1995.
- Arfuch, Leonor. *O Espaço Biográfico: Dilemas da Subjetividade Contemporânea*. Editora da UERJ, Rio de Janeiro, 2010.
- Burke, Peter. *A escrita da história: novas perspectivas*. UNESP, São Paulo, 1992
- Burke, Peter. *Eyewitnessing. The Uses of Images as Historical Evidence*. Cornell University Press, Ithaca, 2008.
- Castro Gomes, Ângela de. (organizadora). *Escritas de Si, Escrita de História*, FGV, SP, 2004.
- Moreira, Regina L. “Os Diários Pessoais e a (Re)Construção Histórica”. Em *Dossiê Diário Vargas*, Estudos Históricos, CPDOC –FGV, Rio de Janeiro, 1996. Pp. 177-184.
- Consultamos, adicionalmente, os seguintes relatos testemunhais a respeito de experiências vividas durante a Segunda Guerra Mundial:
- Levi, Primo. *Survival in Auschwitz (including a new afterword – Primo Levi and Philip Roth: a conversation)*. Trad. Stuart Woolf. Touchstone/Simon & Schuster, New York, 1986.
- Klemperer, Victor. *I Will Bear Witness – A diary of the Nazi years*. Trad. Martin Chalmers. 2 vols. (1933-1941 e 1942-1945). Modern Library, New York, 2001.
- Maschmann, Melita. *Acount Rendered: a Dossier of my Former Self*. Trad. Geoffrey Stracham. Plunkett Lake Press, 2013.

Wat, Aleksander. *My Century – The Odyssey of a Polish Intellectual*. Editado e traduzido do polonês por Richard Lourie. Prefácio de Czesław Miłosz. New York review of Books, New York, 2003.

3.SEGUNDA PARTE

O diário de um desesperado

Friedrich Percyval Reck-Malleczewen

Maio, 1936

Spengler está morto. E como um falecido marajá que tem o direito de ter todos os seus serventes sepultados junto com ele, esta imponente figura foi seguida na morte, alguns dias depois, por Albers, que era quem cuidava de sua obra na casa editorial Beck. Albers morreu de um modo horrendo. Ele se jogou sob as rodas do trem de Starnberg, e seu corpo ensanguentado foi encontrado nos trilhos, suas pernas seccionadas na altura das coxas. Quanto a Spengler, nosso último encontro se deu há apenas algumas semanas, na Bayerstrasse, em Munique. Como sempre, ele vestia roupas de tweed caras e, também como sempre, ele tinha a alma pesada e seu tom era raivoso; sua profunda dor e a sede de vingança contra aqueles que o atingiram, emergiram em uma série de prognósticos certos. Era de muita valia, para qualquer um, passar algum tempo com ele...

Eu ainda me lembro de nosso primeiro encontro, quando Albers o trouxe à minha casa. Na pequena carruagem na qual veio da estação, a qual de maneira alguma fora construída para carregar um peso daqueles, estava sentada aquela figura massiva, que parecia ainda maior em função do diminuto sobretudo que vestia. Em tudo ele passava a ideia de extraordinária solidez e perenidade: a voz de baixo profundo; a jaqueta de tweed, já, naquela época, uma marca quase obrigatória; o apetite à mesa de jantar; e, à noite, o verdadeiramente ciclópico ronco, alto como uma série de serrotes, que assustava e tirava de seu pacífico repouso os outros hóspedes na minha casa de campo em Chiengau²⁰.

Naquele tempo ele não fazia realmente muito sucesso, antes que ele realizasse uma mudança de rumo e marchasse para dentro do campo da oligarquia dos magnatas da indústria, um recuo que determinou seu destino dali em diante. Era um tempo em que ele ainda era capaz de agir de maneira alegre e despreocupada, e quando ele ainda podia ser, às vezes, persuadido a se aventurar, com toda a sua dignidade, a nadar no rio. Mais tarde, é claro, se tornaria impensável que ele expusesse a si mesmo em trajes de banho diante de camponeses e trabalhadores do campo, ou que diante deles ele escalasse, qual um resfolegante Tritão, o barranco, para voltar para a margem!

Ele era a mais estranha mistura que eu jamais encontrei de uma natureza humana verdadeiramente grande com grandes e pequenas fragilidades. Se eu me recordo agora destes últimos traços, isto é parte do processo de me despedir dele, então tenho certeza de que não é errado de minha parte. Ele era daquele tipo de homem que gosta de comer sozinho – um devorador de olhar melancólico numa orgia de comilança. Me lembro, com uma certa nostalgia, de uma noite em que ele se juntou a Albers e eu para uma ceia leve. Isto se deu nas semanas finais da Grande Guerra, quando não se dava muita importância às maneiras que alguém se comportava diante seus convivas. Ainda assim, discursando e declamando o tempo todo, Spengler acabou sozinho com um ganso, sem deixar para nós, seus companheiros de mesa, nem um único pedaço.

Sua paixão por jantares grandiosos (cujas contas eram mais tarde pagas por seus mecenas da Indústria) não era seu único atributo curioso. Depois de conhecê-lo, bem antes que seu primeiro grande sucesso aparecesse, ele me pediu para não ir visitá-lo em seu pequeno apartamento (eu penso que ficava na Agnestrasse, em Munique). A explicação que ele deu era de que o espaço era muito apertado, e que ele gostaria de me mostrar a sua biblioteca num ambiente apropriado para sua abrangência monumental.

²⁰ Na Alta Baviera, a cerca de 100 quilômetros de Munique, na direção de Salzburgo, na Áustria.

Mais tarde, em 1926, depois que ele abriu seu caminho entre os poderosos dirigentes da indústria pesada e se mudou para a sofisticada Widenmayerstrasse, nas margens do Isar, ele finalmente me convidou para conhecer a série de grandes salas em seu novo apartamento. Ele me mostrou seus tapetes e telas, e até mesmo a sua cama – que de fato valia a pena ser vista, uma vez que se parecia mais com um catafalco – mas ele se mostrou visivelmente desconcertado quando eu disse que eu estava mesmo ansioso para conhecer sua biblioteca. Depois de vencer sua relutância em mostrá-la para mim, eu me vi numa sala realmente pequena. E ali – numa sólida estante de nogueira, lado a lado com uma fileira de livros da Ullstein²¹ e histórias de detetives – estavam aqueles que são usualmente classificados como “livros sujos”.

Mas eu jamais conheci uma pessoa com tão pouco senso de humor e tão sensível mesmo à mais leve crítica. Não havia nada que o aborrecesse mais do que enganos; e ainda assim, lado a lado com as magníficas deduções de *O Declínio do Ocidente*, ele arrolou uma série de imprecisões, descuidos e erros de fato, que acabaram permanecendo sem ser corrigidos – como a afirmação de que Dostoievsky veio ao mundo em São Petersburgo, e não em Moscou, e de que o Duque Bernard de Weimar morreu antes do assassinato de Wallenstein²² – e conclusões importantes foram obtidas a partir destes erros. Enganos como estes podem ocorrer com qualquer um; mas coitado de quem tivesse coragem de falar a Spengler a respeito deles!

Eu me recordo de uma cena deliciosa que ocorreu em minha casa, quando, como era costume dele após o jantar, ele passou a discursar e a pregar, ao mesmo tempo em que catequisava um seguidor dele ali presente. O que era engraçado é que este convertido, que acabara de retornar da África, de onde chegara com um severo caso de malária, caiu no sono e estava roncando bastante alto em sua poltrona; mas, entre um ronco e outro, pelo princípio de respostas automáticas para “his master’s voice”²³, ele prontamente respondia, no mais puro jargão spengleriano, a todas as questões dirigidas a ele pelo grande homem. Spengler, o Mestre, com certeza deveria ter ficado bastante satisfeito, e

²¹ A Ullstein Verlag, fundada em 1877 pelo judeu alemão Leopold Ullstein e sediada em Berlim, era, as primeiras décadas do século XX, uma das principais editoras alemãs, responsável por editar autores como Erich Maria Remarque e Vicki Baum, entre outros. Além de livros, a editora foi também uma bem-sucedida dona de jornais. Foi “arianizada” pelos nazistas em 1934, e voltou para a família após a guerra, mas já sem a importância de antes.

²² O autor faz referência a personagens do século XVII. Albrecht von Wallenstein foi um importante comandante militar ligado aos Habsburgos durante a Guerra dos Trinta Anos (1618-1648), mas acabou caindo em desgraça junto ao imperador do Sacro Império, Ferdinando II, e foi assassinado, a mando deste, em 1634. O duque Bernhard de Saxe-Weimar também foi um militar de destaque na mesma guerra, mas morreu, de fato, depois de Wallenstein, em 1639.

²³ Em inglês no original alemão. Faz referência ao mundialmente conhecido slogan da RCA Victor.

naturalmente deveria ter podido rir desse incidente. Mas, ao contrário, mostrou-se profundamente magoado, e depois daquilo não quis mais saber do criminoso.

Para deixar claro: ele foi realmente o sujeito com o menor senso de humor que eu jamais conheci; neste respeito, ele é superado apenas por Herr Hitler e seus Nazistas, o quais tem todas as possibilidades de vir a morrer de uma desgraça agravada pela própria e profunda falta de senso de humor e pela sombria monotonia da vida pública, a qual, sob o domínio deles, ganhou a rigidez de um cadáver e está agora em seu quarto ano a nos sufocar até a morte. Mas incorrerá em erro aquele que pensar que eu pretendo injuriar Spengler ao relatar as suas muitas fraquezas. Eu nem preciso citar seu antigo e indispensável artigo sobre Teócrito²⁴, e nem lembrar que ele no fim das contas deu forma às intuições de toda uma geração. Quem quer que o tenha conhecido sabe da aureola de significados que havia em volta dele, e que não se dissipava nem naqueles momentos em que ele estava de guarda baixa; sabe que nele vivia a melhor representação possível da pedagogia humanista; sabe a respeito de seu semblante, que refletia o mesmo estoicismo encontrado nos bustos do período romano tardio.

Quanto a se ele compreendeu ou não que o crescimento do irracional no horizonte de nossa existência no ponto onde ele agora pode ser visto, se ele percebeu que o “declínio do Ocidente” anunciado por ele era, na realidade, o declínio do mundo criado pelo homem da Renascença nos últimos quatrocentos anos – isto eu não sei dizer. Uma vez que foi seu destino que, a meio-caminho em sua trajetória, ele caísse na dependência da oligarquia da indústria pesada, e que esta dependência passasse, com o tempo, a ter um efeito em seu pensamento. Eu, pelo menos, mesmo com a maior boa vontade do mundo, não sei como conciliar o verdadeiramente magnífico vaticínio sobre a aproximação de um cristianismo dostoievskiano, feito em 1922 no segundo volume do *Declínio*, com a retórica tecnocrática de seus últimos trabalhos. Foi a tragédia dele que uma altamente intelectualizada, e eu diria mesmo, um tipo de negativismo de professor chato, manteve-o longe da crença nos deuses, e muito menos em Deus. Seus seguidores começaram a deixá-lo em 1926, quando ele fez as pazes com a Alemanha contemporânea – não com os nazistas, porque eu não sei de ninguém que os tenha detestado quanto ele detestava, ao se deitar, ao dormir, ao se levantar! – mas com aqueles homens de negócio de garupa de cavalo do Ruhr, que fizeram deles mesmos os verdadeiros mestres do Estado que se seguiu à queda da monarquia e que se mostraram mais do que felizes em satisfazer o desejo de Spengler por um estilo de vida que era tanto patricio quanto um tanto quanto hedonista. A poderosa força de sua mente, à qual devemos a visão de seus primeiros trabalhos, foi cortada fora no momento em que os corvos – não os de Santo Antônio,

²⁴ Aqui há um engano de Reck: o trabalho de Spengler ao qual ele se refere era sobre Heráclito.

mas os dos senhores Thyssen e Hösch – começaram a abastecer a sua mesa com bons vinhos.

Assim foi que ele acabou traído por suas inclinações epicuristas, sua paixão por ricos temperos e a incomparável habilidade culinária de suas irmãs, que cuidavam da casa para ele. Os nazistas – naquilo que eles chamam de jornais, editados por aquele tipo de pessoa como antigos professores primários com currículos peculiares e tenentes da Grande Guerra que não fizeram nada desde então – estão exultantes com o fato de que Spengler supostamente acabou se inclinando à forma de pensar deles; eles também estão dizendo que, pouco a pouco, a mesma coisa está acontecendo com o resto da oposição. Mas o segundo, e não publicado, *Anos de Decisão*, do qual o primeiro volume quase fez dele um mártir, repousa seguro num cofre de banco na Suíça²⁵, aguardando pela ressurreição pela qual todos as nossas esperanças anseiam.

Julho, 1936

Desde Munique – que agora até parece estrangeira – desde a Munique ocupada pela Prússia, chega uma história interessante. Ela se refere a Herr Esser²⁶, o Ministro dos Transportes, o qual, em vista de suas conhecidas atividades, deveria ser chamado de Ministro dos Transportes Sexuais. Este Esser teve um caso com a filha de um taberneiro, e foi tão duramente espancado pelo pai da moça que não tinha condições nem de sair e nem, comprometido como estava, de permanecer em Munique. Em acordo com o estilo deste regime, o qual simplesmente descartou a decência, tanto quanto o excesso de bagagem, ele foi promovido, logo depois do incidente, a um cargo muito mais alto em Berlim. De lá, ele acaba de anunciar que viagens de indivíduos ao exterior passou a ser coisa do passado, e que de agora em diante os alemães que desejarem ir

²⁵ Apesar dos rumores que circularam amplamente na Alemanha após a morte de Spengler, tanto entre círculos nazistas quanto opositores, o fato é que a segunda parte de *Anos de Decisão* jamais chegou a ser escrita, e muito menos escondida em algum cofre de banco suíço.

²⁶ Hermann Esser, um nazista de primeira hora, foi nomeado, em 1933, para os postos de Ministro sem pasta e chefe da chancelaria da Baviera, e em 1934 recebeu o cargo de Ministro da Economia da Baviera. Em 1936, na nomeação à qual o autor se refere, ele passou a ser Presidente do Escritório do Reich para Viagens ao Estrangeiro.

para fora do país só poderão fazê-lo como parte de uma quadrilha, a organização Força pela Alegria²⁷. Nós temos, portanto, todas as possibilidades de perdermos o pouco que resta de nossa liberdade de movimento, e de nos tornarmos, então, completamente prisioneiros desta horda de macacos depravados que há três anos tomaram de nós o poder.

Eu tive recentemente, com um sujeito, a mais esclarecedora conversa a respeito dos nazistas e de como eles chegaram ao poder. Ele disse que essa assim chamada “revolução Alemã” é pura e simplesmente baseada em chantagem. Esta é a história.

O velho Hindenburg foi a vida toda um homem sem posses²⁸. Mas perto do fim ele decidiu mudar essa situação, e fez com que seu filho, Oskar, assumisse seus negócios. Oskar especulou na bolsa e, quando se deu repentinamente o crash, devia 13 milhões de marcos. Para se recuperar, Oskar se deixou envolver nas manipulações do *Osthilfe*²⁹ –

²⁷ Sobre esta organização, em alemão “Kraft durch Freude”, escreve Richard J. Evans: “O regime nazista estava ciente à questão de que o fechamento de sindicatos e a subordinação de trabalhadores à corrupta e autoritária Frente do Trabalho poderia causar descontentamento em meio à mais numerosa classe social da Alemanha, uma classe que, até 1933, havia dado grande apoio aos maiores inimigos dos nazistas, os comunistas e os socialdemocratas. Em paralelo com a constante propaganda, que trombeteava as vitórias da “luta pelo trabalho”, fazia-se necessário providenciar uma maneira alternativa de reconciliar a classe trabalhadora como Terceiro reich. A principal destas iniciativas foi uma extraordinária organização conhecida como “Comunidade Nacional-Socialista da Força através da Alegria”, fundada como uma subsidiária da Frente Alemã do Trabalho em 27 de novembro de 1933. A Força através do Trabalho pretendia organizar o tempo de lazer dos trabalhadores ao invés de deixar que eles fizessem isso por sua própria conta, e portanto fazer com que o lazer servisse aos interesses da comunidade racial e reconciliasse os mundos divergentes do trabalho e do tempo livre, fábrica e lar, linha de produção e espaço de diversão. (...) Inspirada na organização fascista italiana “Depois do Trabalho” (Dopolavoro), mas estendendo seus tentáculos também aos locais de trabalho, a Força pela Alegria logo desenvolveu uma série de atividades, e rapidamente se tornou numa das maiores organizações do Terceiro reich. Em 1939 ela tinha mais de 7.000 funcionários e 135.000 colaboradores voluntários, organizada em divisões que cobriam áreas como esporte, educação e turismo, com representantes em todas as fábricas ou lojas que empregassem mais de vinte pessoas.” *The Third Reich in Power*, Penguin, New York, 2005, pp. 465-466.

²⁸ O papel do herói da Primeira Guerra e Presidente do Reich Paul von Hindenburg no colapso do regime de Weimar e na ascensão do Nazismo é bastante debatido pela historiografia. Não há dúvida de que o conservador Hindenburg acabou sendo crucial nesse processo, mas se foi por omissão, erro estratégico, se em função de uma crescente senilidade ou pela combinação destes três fatores, é questão em aberto. De qualquer forma, é inegável que muitos conservadores, além do Presidente, acreditavam que Hitler representava um mal menor e temporário, que seria facilmente manipulável e que, em pouco tempo, seria varrido para fora do poder, e para o ostracismo, como tantos outros líderes políticos radicais dos anos anteriores. Afinal, que ameaça poderia representar um ex-cabo do exército de origem humilde, diante da instruída aristocracia prussiana? Ver Richard J. Evans, *The Coming of the Third Reich*, op. Cit., e Ian Kershaw, *Hitler*, op. cit.

²⁹ O *Osthilfe*, ou Alívio do Leste, foi uma polêmica lei criada na Alemanha em 1931 para aliviar a situação financeira da nobreza rural prussiana, conhecida como Junkers, agravada após a quebra da Bolsa de

eu não acredito que seu pai soubesse – e os nazistas descobriram isso em 1932. (a queda do Gabinete Brüning parece bastante relacionada.) Os hitleristas conseguiram cópias fotostáticas dos documentos incriminadores, e dali em diante tiveram o controle da situação.

Hindenburg sempre, antes daquele episódio, manteve Hitler à distância. Ele bem pode ter dito, como se comenta, que “eu não faria daquele cabo da Bohemia um chefe de agência de correios, quanto mais um Chanceler”. Mas, no verão de 1932 ele não já não tinha mais liberdade de ação. Se não fosse assim, como poderia ele, como Chefe de Estado, não ter dito absolutamente nada, quando Hitler cometeu a afronta de enviar um telegrama de congratulações aos assassinos nazistas de Potempa?³⁰

Entre o fim de 1932 e o começo de 1933, os questionamentos no Reichstag a respeito dos favorecimentos do *Osthilfe* começaram a roçar a propriedade de Hindenburg em Neudeck, e o grupo de Hindenburg começou a mostrar preocupação. Então aconteceu a greve em Berlim³¹, que deixou os membros do gabinete Von Papen mais simpáticos a uma “solução” nazista. Foi então que Hitler sentiu que com alguma pressão ele poderia ser nomeado chanceler.

A história se casa perfeitamente com informações que eu obtive de outras fontes. Gregor Strasser, que foi morto no putsch de Röhm, aludiu essas mesmas coisas para mim em novembro de 1932³². Isso também explicaria as conversas secretas na *villa* de Von Papen entre o grupo de Hindenburg e os nazistas. Frau von Schröter³³ atuou como mediadora naquelas conversas, e Von

Nova York em 1929. Inicialmente considerada insuficiente, a lei foi ampliada em 1932 e ainda mais uma vez em 1933, já sob o nazismo. Apesar de formalmente abolida por Hitler em 1936 e em 1939, ela na prática continuou funcionando até quase o fim da Guerra. Ver A. Whitney Griswold, “The Junkers: Hostages to the Past”, in *VQR, Virginia Quarterly Review – A National Journal of Literature & Discussion*, Virginia, University of Virginia, Volume 19, nº 3, March 31, 2010.

³⁰ Referência ao assassinato, em 9 de agosto de 1932, do comunista Konrad Pietzruch, dentro de sua casa, na cidade de Potempa, na Silésia, por um pelotão de milicianos das SA. O escândalo se deve ao fato de que os criminosos foram acusados e condenados pelo crime, e o telegrama de Hitler os congratulou, entusiasticamente, *após* a condenação pela Justiça. Pouco tempo depois, eles acabariam anistiados. Ver Richard J. Evans, *The Coming of the Third Reich*. Op. cit.

³¹ Greve dos transportes em Berlim, entre 3 e 7 de novembro de 1932, iniciada pelos comunistas e apoiada pelos nazistas.

³² Gregor Strasser foi um dos principais líderes da fase inicial do Nazismo, tendo feito parte do movimento desde os primórdios. Seu problema foi que, por volta de 1932, ele passou a ser visto como uma liderança rival a Hitler, e foi obrigado a renunciar a todos os seus cargos. Ele acabaria sendo executado em 30 de junho de 1932, no expurgo nazista que ficou conhecido como a Noite dos Longos Punhais.

³³ Não conseguimos identificar quem teria sido esta senhora Von Schröter

Papen, que andava preocupado com a segurança da fortuna de sua esposa desde a greve dos transportes, desempenhou um estranho papel na história.³⁴

E isso explica, finalmente, o relato, que segue frutificando apesar de todas as negativas, de que Von Schleicher³⁵, que estava do outro lado desta intriga, fez com que Oskar von Hindenburg fosse detido na estação de trem de Friedrichstrasse, e mantido preso durante a noite, logo após o rompimento com o velho presidente. O general Von Bredow, que seria assassinado junto com Schleicher, no *putsch* de Röhm, um ano e meio depois, teria sido o oficial responsável pela prisão.

O fato é que parece que devemos a indescritível miséria em que nos encontramos à chantagem e ao declínio financeiro de Paul von Hindenburg.

Eu não estou em posição de ser o juiz de um homem falecido. Mas eu considero que sua hesitação quando a monarquia foi posta em questão, em 9 de novembro de 1918, foi uma traição à Coroa. E a história de seu encontro com Hitler, já no leito de morte, me deu uma grande dose de alimento às desconfianças. Hindenburg se recusou a receber Hitler em seu quarto. Mas Hitler não aceitou ser deixado de fora: seu prestígio estava em jogo. Ele forçou seu caminho casa adentro, e obteve sua bênção. Hindenburg jamais se perdoou por sua traição ao Kaiser dezesseis anos antes. Ele evidentemente confundiu Hitler com o Kaiser, apertou sua mãe e *implorou a ele que o perdoasse*.³⁶

Ainda que uma pequena parte de tudo isso seja verdade, esta, quando emergir, irá sacudir o país. Eu não estou preocupado com a imagem do Velho. O velho Hindenburg simplesmente não estava em condições de avaliar a situação. Eu não acredito que ele teria feito qualquer coisa de errada se estivesse em poder de suas faculdades mentais. E bem que essa lentidão em reagir, durante a Guerra, mais de uma vez salvou uma batalha que o pragmatismo selvagem de

³⁴ O político conservador Franz von Papen (casado com Martha von Boch-Galhau, herdeira de uma empresa de transportes), foi Chanceler do Reich entre junho e novembro de 1932, sob a presidência de Hindenburg. Num período de crises constantes, renunciou em favor do ministro da defesa Kurt von Schleicher, que também não duraria muito no cargo. Como solução conciliatória, aceitou de ser vice-chanceler de Hitler, quando este foi nomeado por Hindenburg em 30 de janeiro de 1933. O plano era que vigiasse e contivesse Hitler, e eventualmente voltasse ao posto de Chanceler quando aquele caísse, mas acabou (junto com os outros conservadores) completamente enredado por Hitler, tornando-se uma figura decorativa e útil (pois emprestava legitimidade) aos nazistas. Opondo-se cada vez mais aos excessos nazistas (como a Noite dos Longos Punhais), ele acabou deixando o governo, mas, como era do interesse de Hitler mantê-lo sob sua órbita de influência, ele foi nomeado (e aceitou) ser embaixador na Áustria e, mais tarde, na Turquia, onde ficou quase até o fim da guerra. Preso e julgado em Nuremberg com outros líderes nazistas, foi condenado a oito anos de prisão, mas acabou libertado antes.

³⁵ O ministro da defesa do gabinete Von Papen, Kurt von Schleicher (ver nota 34) parece ter de fato conspirado para derrubar Papen e assumir em seu lugar, mas é incerto que tenha chegado ao ponto de chantagear Hindenburg. Ver Richard J. Evans, *The Coming of the Third Reich*, op. cit.

³⁶ Em itálico no original. Segundo as fontes, o evento (com a confusão mental de Hindenburg em seus últimos dias) parece ter se dado essencialmente da forma como Reck o descreveu. Ver Richard J. Evans, *The Coming of the Third Reich*, op. cit., e Ian Kershaw, *Hitler*, op. cit.

Ludendorff estava a ponto de perder.³⁷ O general Hoffmann era um auxiliar, e sua viúva recentemente me mostrou uma carta que o marido escreveu para ela no outono de 1914, pouco antes do avanço alemão ao norte da Polônia: Ele (Hoffmann se refere a Hindenburg) passa a maior parte do tempo caçando, volta ao quartel-general à noite, tem as ordens para o dia seguinte lidas para ele, e fala: “Por Deus, homens, eu mesmo não poderia ter feito melhor!” Herr von Bethmann-Hollweg está a caminho para uma reunião a respeito da situação estratégica e nós teremos que dizer ao General o que pensar. Ele nem mesmo sabe onde as tropas estão estacionadas.”

Eu repito, eu não vou julgar um homem morto. Hindenburg não possuía a estatura para a posição que foi dada a ele. Ele também estava velho demais, e aparentemente doente demais para dar conta da situação. Mas a estupidez de todo um povo em concordar com esta combinação de corrupção com inadequação em sua liderança é de novo outra coisa. O sistema de gabinete deve também ser responsabilizado: enquanto o país concordar com aquela instituição política, ele terá que lidar com confusão, convulsões e a desordem política que as acompanham. Não, os alemães, na situação em que se encontram hoje, precisam de um líder. E por líder eu muito certamente não me refiro àquele tipo de cigano de franja ao qual foi dada a tarefa de nos liderar na hora de nossa necessidade.

³⁷ Hindenburg se consagrou como oficial nas guerras Austro-Prussiana (1866) e Franco-Prussiana (1870-1871). Quando estourou a Primeira Guerra ele estava na reserva, mas, diante dos avanços iniciais das tropas russas na Frente Oriental, foi convocado a assumir aquela parte das operações. Apoiado por um oficial mais jovem, Erich Ludendorff (1865-1937), ele reverteu rapidamente a situação, levando o exército russo ao colapso. Nos anos finais da guerra a dupla foi realocada para a problemática Frente Ocidental, mas aí já sem obter o sucesso de antes. Nos anos finais da Primeira Guerra, Ludendorff foi uma das figuras mais poderosas da Alemanha. Depois da Guerra, ele se afastou politicamente de Hindenburg e se aproximou dos nazistas, de quem foi um entusiástico apoiador nos primeiros anos. Mas, quando Hitler chegou ao poder, Ludendorff já se desiludira com o Partido. Por ocasião da nomeação de Hitler para o cargo de Chanceler do Reich por Hindenburg, Ludendorff teria dito ao antigo chefe que “eu solenemente profetizo que este maldito homem conduzirá o nosso Reich para o abismo e levará a nossa nação a um estado de inconcebível miséria. As futuras gerações o amaldiçoarão no túmulo pelo que você acaba de fazer”. Pouco antes de morrer, quando Hitler sugeriu a Ludendorff promovê-lo honorificamente ao posto de Marechal-de-Campo, este teria respondido que “Um Marechal-de-Campo nasce, não é feito”. Ver Ian Kershaw, *Hitler*, op. cit.

11 de agosto, 1936

Me encontrei com Frankenberg em Munique, e nós conversamos sobre o putsch de Röhm. Röhm morreu bravamente, como deve ser com um soldado, após registrar uma reclamação sobre a qualidade do café servido na prisão. A versão disseminada por Goebbels e seus lacaios, de que ele morreu sob a cama, é mais uma mentira, o tipo da calúnia sórdida e covarde dirigida a um homem não mais em condições de responder a ela, algo em que eles se especializaram. Isso ainda vai se voltar contra eles mesmos, algum dia, tudo isso.

E há o caso de Willi Schmid, o crítico musical de um jornal de Munique, morto por engano no Putsch – poder-se ia dizer, por uma desafortunada confusão de identidade³⁸. Parece que os nazistas, procurando pelo Schmid *deles*, na lista telefônica, mataram toda uma coluna de Schmidts até chegarem naquele que eles procuravam. Isso é conhecido como “é melhor garantir do que lamentar”. Já Gustav von Kahr, de setenta e dois anos, não foi fuzilado; ele foi jogado para a morte pelos SS da cobertura do Hotel Marienbad³⁹.

A coisa toda, tudo o que gira em torno do putsch de Röhm, soa estranha, repleta de ramificações incompreensíveis; quando toda a verdade vier à tona algum dia, ela causará convulsões em todo o povo... Eu soube que Hitler assumiu pessoalmente a tarefa de matar alguns de seus inimigos ao longo do assalto surpresa em estilo Apache que eles fizeram em Bad Wiesse⁴⁰, e que uma de suas vítimas reagiu, atirando de volta. Agindo com fúria, ele perseguiu o Führer escada abaixo até o porão, onde Hitler finalmente encontrou refúgio atrás de uma porta revestida de ferro. Um adorável

³⁸ Willi Schmid era crítico do jornal *Münchener Neuesten*, e foi executado por milicianos nazistas, na Noite dos Longos Punhais, por engano, no lugar de um homônimo que era o verdadeiro alvo. Ver Nota 16 da edição norte-americana do *Diário*, op. Cit, escrita por Richard J. Evans.

³⁹ Neste caso os boatos ouvidos pelo autor parecem incorretos. Em 1950 descobriu-se que Gustav Ritter von Kahr, ex-governador da Baviera, e o responsável pela punição à tentativa de golpe nazista de 1923, foi preso em 1934, pesadamente surrado e enviado para o campo de Dachau, onde teria sido fuzilado em 1934 (curiosamente, o mesmo lugar onde o autor perderia a vida em fevereiro de 1945). Ver nota 17 da edição norte-americana do *Diário*, op. Cit, escrita por Richard J. Evans.

⁴⁰ Não há evidências de que Hitler tenha participado pessoalmente de execuções em Bad Wiesse em junho de 1934. O que ele fez foi decidir quem deveria ser preso. Ver nota 18 da edição norte-americana do *Diário*, op. Cit, escrita por Richard J. Evans.

começo para o nosso novo regime, no melhor estilo hamletiano, e prometendo nos trazer todos os tipos de emoção!

Eu tenho trabalhado no meu livro a respeito da cidade-estado estabelecida no Münster pelos heréticos Anabatistas no século XVI. Eu li relatos sobre este “Reino de Sião” escritos por contemporâneos, e fiquei chocado. Em todos os aspectos, descendo até o mais ínfimo dos detalhes, aquilo foi uma antecipação do que está acontecendo agora. Como a Alemanha de hoje, a cidade-estado de Münster por anos se apartou do mundo civilizado; como a Alemanha nazista, ela foi incrivelmente bem-sucedida durante um longo período de tempo, e parecia invencível. E então, subitamente, contra todas as expectativas e aparentemente por nada, entrou em colapso...⁴¹

Como em nosso caso, um bastardo, concebido, por assim dizer, na sarjeta, se tornou o grande profeta, e a oposição simplesmente se desintegrou, enquanto o resto do mundo observava atônito e sem nada compreender. Assim como conosco (pois se em Berchtesgarden, recentemente, mulheres enlouquecidas engoliram pedregulhos do chão onde nosso líder cigano bonito havia pisado), mulheres histéricas, mestres-escolas, padres renegados, a escória e os marginais de todo canto formam o mais sólido suporte ao Regime. Eu tive que excluir certos paralelismos a fim de não me colocar em risco ainda mais do que já o fiz. Um leve tempero de ideologia cobria vulgaridade, rapacidade, sadismo e uma imensurável sanha pelo poder, em Münster também, e quem quer que não aceitasse completamente os novos ensinamentos seria enviado para o carrasco. O mesmo papel de assassino oficial desempenhado por Hitler no putsch de Röhm foi vivido por Bockelson em Münster. Assim como agora, leis espartanas eram promulgadas para controlar a *misera plebs*, mas elas não se aplicavam para ele e para seus seguidores. Bockelson também se cercou de guarda-costas, e mantinha-se longe do alcance de qualquer pretenso assassino. Como agora, as massas estavam drogadas: festivais populares, construções inúteis, qualquer coisa e todas as coisas para manter o homem da rua sem um momento sequer de calma para refletir.

⁴¹ Isto deu origem a uma bem-sucedida obra de Friedrich Reck, *Bockelson. Geschichte eines Massenwahns, Die Geschichte der Wiedertäufer von Münster*, publicada em Berlim pela editora Schützen em 1937. Nesta obra, as referências críticas do autor à Alemanha de seu tempo são, apesar de veladas, inúmeras e bastante claras, mas, talvez por incompetência dos censores nazistas, ou por estes terem acreditado que nenhum leitor faria a relação, a obra foi publicada sem percalços. Ver a edição crítica traduzida para o inglês pela filha do autor, *A History of the Münster Anabaptists: Inner Emigration and the Third Reich, a critical edition of Friedrich Reck-Malleczewen's Bockelson: A Tale of Mass Insanity*. Ed. De George von Lippe e tradução de Viktoria Reck-Malleczewen, London, Palgrave Macmillan, 2008.

Exatamente como a Alemanha Nazista fez, Münster enviou seus quintas-colunas e profetas para minar os países vizinhos. O fato de que o chefe de propaganda em Münster, Dusentschnur, fosse coxo como Goebbels, é uma piada que a história passou quatrocentos anos preparando: um fato o qual, sendo eu familiar como sou com o espírito vingativo de nosso Ministro das Mentiras, prudentemente omiti de meu livro. Construído sobre um alicerce de mentiras, existiu, durante um curto período de tempo, entre a Idade Média e os tempos modernos, um regime de bandidos. Ele ameaçou todo o mundo estabelecido: o Kaiser, a nobreza, e todas as antigas relações. E tudo foi desenhado para satisfazer o desejo de domínio de alguns bandidos. Algumas coisinhas devem ainda acontecer para completar os paralelismos. Na Münster cercada de 1534, as pessoas foram levadas a engolir o próprio excremento, e a comer seus próprios filhos. Isto pode acontecer com a gente também, assim que Hitler e seus sicofantas encararem o mesmo inevitável fim de Bockelson e Knipperdolling⁴².

Eu me vejo diante destes registros de 400 anos, assustado com a ideia de que talvez as semelhanças não sejam fruto de mera coincidência, mas possam ser determinadas por alguma terrível lei que determina o periódico rompimento de um abscesso psíquico. O quanto nós realmente sabemos sobre os subterrâneos e as cavernas que se ocultam sob as estruturas de uma grande nação – sobre essas catacumbas psíquicas nas quais todos os nossos desejos ocultos, nossos sonhos pavorosos e espíritos malignos, nossos vícios, nossos pecados esquecidos e nunca expiados, foram, por gerações, enterrados? Em tempos de bonança, essas coisas emergem como sombras em nossos sonhos. Para o artista elas se manifestam como aparições satânicas. Assim é que, nas catedrais, as gárgulas góticas lançam suas nádegas obscenas para o ar, e, nas telas inspiradas de Grünewald, rastejam⁴³, com seus narizes pontiagudos e pés em forma de garras, representações de todos os vícios; aqueles flagelados golpeiam o Salvador para que a lei possa ser cumprida, e na inevitabilidade dos fatos alguém possa sentir piedade...

Mas suponha, agora, que todas essas coisas geralmente mantidas enterradas em nosso subconsciente sejam destinadas a emergir com a função de exercer uma limpeza sanguínea, como quando se ferve a água? Suponha que esse mundo subterrâneo esteja agora, novamente, sendo libertado por Satanás, irrompendo, e que os espíritos malignos

⁴² Bernhard Knipperdolling foi um dos lugares-tenentes de Bockelson. Ambos, junto com outro líder, Bernhard Krechting, foram executados em 3 de janeiro de 1536, após serem torturados e ficarem expostos em praça pública dependurados em gaiolas. Bockelson, que era de origem holandesa, era também conhecido como Jan van Leiden, e foi retratado no romance *The Abyss*, de Marguerite Yourcenar, de 1968, e na peça *Die Wiedertäufer*, de Friedrich Dürrenmatt, de 1967.

⁴³ Matthias Grünewald (1470-1528), pintor renascentista alemão que tinha como uma de suas marcas os personagens retratados com os rostos muito expressivos, às vezes claramente caricaturais.

estejam escapando da caixa de Pandora? Não foi isso exatamente o que aconteceu em Münster, que sempre foi tão conservadora, tanto antes quanto depois daquele evento? Será que não se explica desse modo como tudo isso pode ter acontecido com um povo basicamente ordeiro e trabalhador, sem que oferecessem resistência aqueles que tinham as vidas dedicadas ao bem, no mesmo tipo de vasta e amarga convulsão cósmica que, desde o primeiro dia do regime de Hitler, trouxe não apenas manchas solares para afetar o clima, verões com chuvas intermináveis arrasando as colheitas, e estranhas e rastejantes coisas a afetar este velho planeta, mas também, de alguma maneira inexplicável, inverteu conceitos como meu e teu, certo e errado, virtude e vício, Deus e o Demônio?

Aconteceu de eu estar em Munique recentemente, justamente quando estava sendo celebrado um dos festivais oficiais, os quais são agora acontecimentos cotidianos, ao som das tubas e do rá-tá-tá dos tambores. Eu não consegui um quarto no meu hotel habitual perto da estação, e achei um local para dormir na Cidade Velha, em frente a uma escola na qual tropas visitantes da Juventude Hitlerista estavam hospedadas durante o período das festividades. Eu vi um daqueles garotos, o qual tinha acabado de tirar a mochila dos ombros, olhando em volta pela sala de aulas vazia, e observei como ele ficou olhando para um crucifixo dependurado atrás da mesa do professor, e como em instantes sua jovem, e ainda doce face, se transfigurou em fúria, e como ele arrancou da parede aquele símbolo, para o qual as catedrais da Alemanha, e os ritmos progressivos da Paixão de São Mateus são consagrados, e arremessou pela janela, para rua...

Gritando: “fique aí, seu judeu sujo!”

Eu presenciei isto. Entre pessoas que eu conheço, já ouvi mais de um caso de crianças denunciando politicamente seus pais, e conseqüentemente os enviando para o cadafalso. Ah, eu não acredito que todas essas crianças nasceram demônios: ontem, aquele matador de Cristo bem pode ter sido embalado pelo conto do Fiel Henrique ou o do Junípero⁴⁴, em volta de cujo coração, em sua lealdade e sua preocupação com seu enfeitado e banido mestre, cresceu uma capa rígida.

Minha vida neste ponto logo entrará em seu quinto ano. Por mais de 42 meses, eu pensei com ódio, eu tive ódio vivendo em meu coração, dormi com ódio e acordei com ódio. Eu sufoquei por saber que sou prisioneiro de uma horda de macacos depravados, e torturo meu cérebro na busca incansável de entender como este mesmo povo que com tanto ciúme zelava por seus direitos poucos anos atrás pode ter mergulhado nesse estupor, no qual não apenas se permite ser dominado por vagabundos das ruas de

⁴⁴ Menção do autor a conto dos irmãos Grimm.

ontem, mas ainda, ápice da vergonha, *é incapaz sequer de se dar conta da vergonha que é esta vergonha.*

Eu vi Hitler pela última vez em Seebruck, lentamente conduzido num carro com as laterais blindadas, enquanto um guarda-costas em motociclistas, indo à frente, fornecia uma proteção adicional: uma face de lava escura e gelatinosa, um rosto de lua no qual dois olhos melancólicos da cor do azeviche foram plantados como uvas passas. Tão triste, tão inexpressivo e insignificante, de aparência tão bastarda que, há apenas trinta anos, nos dias sombrios do “guilhermismo”, um rosto assim, em um oficial, teria sido impossível. Se sentando na cadeira de um ministro, uma aparição com esta feição teria sido ignorada assim que tivesse aberto a boca para dar uma ordem – e não apenas pelos altos funcionários do Ministério: não, pelo porteiro, pela faxineira!

E hoje? Eu ouço que Hitler recentemente deu por encerrada uma prestação de contas – feita por Wilhelm Keitel, o comandante do Exército – que deu a ele motivos para se sentir insatisfeito, arremessando um vaso de bronze na cabeça do general⁴⁵. Isso não é o tipo de coisa que acontece quando um povo está afundando no esgoto de sua própria desgraça? “E tudo o que eles fizeram foi o que devia ser feito, porque era o desejo de Deus.” Foi o que eu li numa crônica de Münster do século XVI.

Eu não sou dado ao ocultismo e nem tampouco sou um místico. Sou um filho de meu tempo, apesar de todos os maus presságios, e me apego apenas, e estritamente, ao que eu vejo. Mas há um enigma terrível aqui, e eu acabo voltando e voltando de novo para aquilo que me parece ser a única explicação para isso:

O que eu vi deslizando ali, atrás da cerca de seus mamelucos, como o Príncipe das Trevas em pessoa, não era uma figura humana.

Era uma figura saída de uma história de fantasmas.

Eu o encontrei algumas vezes – não em qualquer uma de suas cerimônias, é claro. A primeira vez foi em 1920, na casa de meu amigo Clemens von Franckenstein⁴⁶, que era,

⁴⁵ Wilhelm Keitel (1882-1946) foi um destacado oficial alemão desde a Primeira Guerra Mundial. Promovido a Marechal de Campo, foi o comandante supremo do exército alemão durante a II Guerra, embota tenha discordado de Hitler em diversas ocasiões – por exemplo, foi contra a invasão da União Soviética. No fim da Guerra, coube a ele assinar a rendição do exército alemão. Preso logo depois, foi julgado e condenado por crimes de guerra pelo tribunal de Nuremberg, e morreu enforcado em 16 de outubro de 1946.

⁴⁶ Clemens Erwein Heinrich Karl Bonaventura Freiherr von und zu Franckenstein (1875 –1942), descendente de uma das mais antigas famílias da aristocracia alemã, foi um compositor de óperas e

na época, uma villa em Lenbach. De acordo com o mordomo, um dos presentes estava, havia mais de uma hora, forçando sua presença em todos os lugares. Era Hitler. Ele havia conseguido arranjar um convite para ir à casa de Clé sob o pretexto de ter grande interesse em um desenho cênico de óperas (Clé havia sido o intendente-geral do Teatro Real da Baviera). Hitler não tinha a menor ideia de que as artes cênicas tinham qualquer relação com decoração de interiores e aplicação de papel de paredes, sua profissão anterior.

Ele havia entrado numa casa, na qual jamais estivera antes, vestindo polainas, um chapéu flexível de abas largas e um chicote de equitação. Havia um pastor alemão também. O efeito, num ambiente de frias paredes de mármore e tapeçarias Gobelin, era o mesmo que teria causado um cowboy, com calças de couro, esporas e um Colt, sentado no altar de uma igreja barroca. Mas Hitler se sentou ali, o estereótipo de garçom – naquela época ele era mais magro, e parecia estar faminto – ao mesmo tempo impressionado e contido diante de um verdadeiro Barão; respeitoso, sem se mostrar à vontade para se refestelar em sua poltrona, mas mais ou menos apoiado na ponta de seus lombos magros; sem ter a menor ideia do quanto havia de sutil ironia nas coisas que seu anfitrião disse a ele, mas se agarrando, faminto, nas palavras, como um cachorro em pedaços de carne crua.

No fim das contas, ele acabou dando um jeito de começar uma falação. Ele falou e falou, sem parar. Ele pregou. Ele se dirigiu a nós como um capelão do exército aos soldados. Nós de maneira alguma o contradizemos, ou nos aventuramos a discordar em qualquer aspecto, mas ele começou a berrar para nós. Os empregados acharam que nós estávamos sendo atacados, e acorreram em nossa defesa.

Quando ele se foi, nós permanecemos silenciosamente confusos, e de maneira alguma entretidos. Havia uma sensação de consternação, como quando num trem você de repente se dá conta que está compartilhando o vagão com algum psicótico. Nós permanecemos um bom tempo sentados sem que alguém falasse qualquer coisa. Finalmente, Clé se levantou, abriu uma das grandes janelas, e deixou que o ar da primavera, quente e seco, entrasse na sala. Não porque nosso raivoso convidado fosse sujo, e tivesse impregnado a sala daquele jeito tão comum nas aldeias bávaras. Mas o ar fresco ajudou a dissipar a sensação de opressão. Não é que um corpo sujo tivesse estado na sala, mas algo diferente: a suja essência da monstruosidade.

diretor do Teatro Lírico da Baviera, em Munique. Pelo que se depreende do *Diário*, foi um dos melhores amigos de Friedrich Reck durante seus anos na Baviera.

Eu costumava cavalgar até o Arsenal de Munique, e depois eu gostava de comer no Löwenbräukeller: este foi o segundo encontro. Ele não precisava se preocupar, agora, em ser posto para fora, e então ele não precisou ficar batendo o tempo todo em suas botas com seu chicote de montaria, como ele fez na casa de Franckenstein. Numa primeira impressão, sua pesada insegurança parecia ter ido embora – o que permitiu com que ele partisse para uma de seus discursos. Eu havia cavalgado muito, estava com muita fome, e tudo o que eu queria era ser deixado em paz para comer sossegado. Ao invés disso, ele lançou sobre mim cada um de todos os as platitudes políticas de seu livro. Tenho certeza de que você apreciará, meu futuro leitor, que eu o poupe de todo o dogma. Era aquele pequeno maquiavelismo pelo qual a política externa da Alemanha se transforma numa sucessão de arrombamentos legalizados, e a atividade de seus líderes, uma sucessão de fraudes, falsificações e quebras de acordos, tudo desenhado para que ele pareça atraente para o conjunto de professores primários, burocratas e estenógrafos que são desde o começo o verdadeiro suporte e o bastião de seu regime... como um fabuloso camarada, um verdadeiro Gengis Kahn político.

Com o seu cabelo oleoso caindo sobre a face enquanto ele vocifera, ele tem a aparência de um homem tentando seduzir a cozinheira. Eu tenho a impressão de simples estupidez, o mesmo tipo de estupidez que tem seu colega Papen⁴⁷ - o tipo de estupidez que equipara os estadistas aos trapaceiros nas vendas de cavalos.

Mas esta impressão não foi a última que eu tive, e nem a mais forte. Todas as vezes que eu penso sobre isso, mais afetado eu me sinto pela maneira como este Maquiavel, que ficou pregando para mim entre minha salsicha e a costeleta de vitela, se inclinou para mim quando partimos – como um garçom que acabou de receber uma boa gorjeta. E esta imagem é como aquela fotografia em que ele aparece apertando as mãos de Hindenburg – a mesma imagem de um maitre cerrando as mãos em volta da gorjeta.

Na terceira vez, eu o vi num tribunal, sendo acusado de criar distúrbios em algum evento político: na época, ele era conhecido fora dos limites urbanos de Munique... E depois eu o observei em Berlim, entrando em seu hotel, já então uma celebridade. No tribunal, ele parecia estar implorando por uma palavra amável do pequeno e muito subalterno funcionário incumbido do caso: a aparência de um homem que já passou pela cadeia algumas vezes. Na segunda ocasião, ele passou pelo porteiro com as costas duras de quem vai solicitar um crédito ao gerente do hotel, e sabe que provavelmente será posto para fora.

⁴⁷ Trata-se de Franz von Papen. Ver nota nº 34.

Não obstante sua ascensão meteórica, não há absolutamente nada que tenha acontecido, nestes vinte anos desde que eu o conheci, que tenha feito com que se alterasse a primeira impressão que eu tive dele. Permanece o fato de que ele, não tinha, e não tem, a menor autoconsciência, não sente prazer em ser quem é, que ele basicamente se odeia, e que este seu oportunismo, esta incomensurável necessidade de reconhecimento, e a sua atual vaidade apocalíptica são todos baseados em uma única coisa – uma necessidade incontrolável de suprimir a dor em sua psique, o trauma da monstruosidade.

Existem detalhes adicionais – Erna Hanfstaengl⁴⁸, que o conhece melhor do que eu, diz que ele está ficando cada vez mais com medo de fantasmas. Ela acredita que esse medo dos espíritos daqueles que ele assassinou o afeta continuamente, e não deixa que ele permaneça por muito tempo no mesmo lugar... Bem de acordo com isso é o fato de que ele tem passado as noites na sua sala de cinema privativa, na qual os seus pobres projecionistas são obrigados a exibir seis filmes para ele, noite após noite...

Isso tudo bem pode ser verdade. E só confirmaria o meu diagnóstico. Eu nem mesmo creio que o homem seja especialmente amoral – o título de grande criminoso seria muita honra para ele. Se um governo alemão tivesse construído para ele um estúdio gigantesco, tivesse subsidiado os jornais para que declarassem que ele era o maior artista de todos os tempos, e tivessem dessa forma dado um jeito de satisfazer a sua infinita vaidade, eu acredito que ele teria se voltado para objetivos completamente inofensivos, e jamais teria tido a ideia de atear fogo no mundo.

Não, eu não acredito que ele seja um tipo de Bórgia. Eu acredito que nesse caso de entranhas doentes, os impulsos represados de uma profundamente malograda existência humana se combinaram com os caprichos da história, o que acabaram por levá-lo, como aconteceu com Cléon em Atenas, a poder jogar, por algum tempo, com as alavancas de seu gigantesco maquinário. Eu acredito que tudo isso coincidiu com um momento de febre intensa deste povo. Eu acredito que este pobre diabo, que brotou de um Inferno de excrementos strindbergiano, como aconteceu num outro tempo com Bockelson, coincidiu no tempo com o irromper de um abscesso por uma nação, e veio como a

⁴⁸ Erna Hanfstaengl (1885-1981), nascida numa influente e aristocrática família alemã, foi amante de Hitler nos primeiros anos do nazismo, e chegou a haver rumores de que eles se casariam. Por ter sido, antes da Guerra, amiga de membros da elite britânica, incluindo Churchill, ela teria sido enviada por Himmler à França, em 1943, para tentar um acordo de paz com os ingleses. Era irmã de Ernst “Putzi” Hanfstaengl, um playboy, amigo de Hitler e com fama de fanfarrão, mas que era detestado por outros líderes nazistas. Por ordem de Himmler (com o consentimento de Hitler), embarcaram-no num avião para uma suposta missão diplomática na Espanha, mas, com o avião em voo, a tripulação ameaçou jogá-lo lá do alto. Aparentemente, tratou-se apenas de uma “brincadeira”. Mas, depois disso, certo de que mais cedo ou mais tarde iriam matá-lo, Hanfstaengl exilou-se na Suíça. Ver Ian Kershaw, *Hitler*, Op. cit.

corporificação de todos os desejos sombrios, e geralmente devidamente contidos, das massas – como em seu predecessor de Münster, um personagem saído de uma história de terror Alemã!

Eu o vi de perto uma vez mais. Foi no outono de 1932, na época que a febre começava a tomar conta da Alemanha. Friedrich von Mücke⁴⁹ e eu estávamos jantando na Osteria Bavária em Munique quando Hitler entrou e atravessou o restaurante até a mesa ao lado da nossa – sozinho, diga-se, e sem o seu guarda-costas habitual. Ali ele se sentou, agora uma força entre os alemães... sentou-se, sentiu-se observado por nós, e criticamente examinado, e como resultado mostrou-se desconfortável. Sua face ganhou a expressão desconfortável do pequeno burocrata que se meteu num lugar onde normalmente não entraria, mas agora que está lá fará questão que, por seu bom dinheiro, “seja tratado em cada detalhe tão bem quanto o mais elegante cavalheiro que lá esteja...”

Lá se sentou ele, um Gengis Khan de hortaliça, um Alexandre abstêmio, um Napoleão sem mulheres, uma efígie de Bismarck que certamente teria que ficar de cama por quatro semanas se tivesse algum dia tentado comer somente um dos cafés da manhã de Bismarck...

Eu havia dirigido até a cidade, e uma vez que naquela época, setembro de 1932, as ruas já estavam bastante inseguras, eu levava comigo um revólver carregado. Naquele restaurante praticamente deserto, eu poderia facilmente tê-lo alvejado. Se eu tivesse uma ideia do papel que aquele pedaço de putrefação iria desempenhar, e nos anos de sofrimento que ele iria nos fazer suportar, eu o teria feito sem pensar duas vezes. Mas eu o tomava por um personagem cômico de quadrinhos, e não atirei.

Mas não teria tido, de qualquer maneira, um bom resultado: nos concílios do Altíssimo, nosso martírio já havia sido decidido. Se Hitler, naquele ponto, tivesse sido agarrado e amarrado nos trilhos de uma ferrovia, o trem teria descarrilado antes de atingi-lo. Mas, quando a sua hora chegar, o fim descerá sobre sua cabeça vindo de todos os lados possíveis, e até dos lugares que ninguém nunca esperou. Existem muitos rumores de tentativas de assassinato contra ele. As tentativas falham, e elas continuarão a falhar. Por anos (especialmente nesta terra de demônios bem-sucedidos) tem parecido que Deus está dormindo. Mas, para citar um provérbio russo: “Quando Deus quer, até uma vassoura pode atirar!”

⁴⁹ Não encontrei referências sobre esta pessoa.

Maio, 1937

Relatos de um novo escândalo político se espalharam pela Alemanha. Putzi Hanfstaengl⁵⁰, descendente da conhecida família de editores de Munique, e até agora o *enfant gâté* do reino nazista, caiu em desgraça. Isto aconteceu rapidamente. Numa fria manhã de fevereiro, ele embarcou num avião programado para ir até a Espanha. Em pleno voo, o avião começou a executar uma série de loopings, com a intenção de fazê-lo cair da aeronave, e quando isto não funcionou, ele foi colocado para fora, em meio a uma feroz tempestade de neve e com a temperatura dez graus abaixo do ponto de congelamento, em algum ponto da floresta da Turíngia, vestido com apenas um terno. Ele voltou para Berlim, e descobriu que seu escritório – ele era o responsável pelas informações para toda a imprensa estrangeira – estava fechado. O embaixador inglês, Sir Eric Phipps, que já havia anteriormente intercedido, durante a Noite dos Longos

⁵⁰ Ernst Franz Sedgwick Hanfstaengl (Munique, 1887-1975), conhecido como Putzi, foi figura marcante e muito próximo a Hitler nos primeiros anos do nazismo, de quem foi confidente e a quem gostava de entreter tocando piano. Aristocrata, rico e extravagante, logo despertou a antipatia de outros líderes nazistas, que conspiraram para eliminá-lo. Era filho de um grande editor alemão e de uma norte-americana. Estudou em Harvard, onde se tornou amigo do jornalista John Reed (que ficaria famoso cobrindo a Revolução Russa) e do magnata da mídia Randolph Hearst. Voltou à Alemanha em 1922, e aderiu ao Nazismo assim que o movimento saiu às ruas, embora só tenha oficialmente se filiado ao partido em 1933. Ao longo da década de 1920, ele foi de extrema utilidade para Hitler, servindo como ponte entre o Líder de origem humilde e a alta sociedade bávara. A partir do início da década de 30, com o crescimento do poder político nazista, ele continuou útil, agora num plano internacional, pois era fluente em inglês e possuía inúmeros contatos na Inglaterra e nos Estados Unidos. Ele tentou, inclusive, arranjar um encontro em Munique entre Hitler e Churchill em 1932, fracassado por desistência do primeiro em participar. Mas, assim que os Nazistas tomaram o poder, em 1933, as lideranças do Partido, principalmente Goebbels, começaram a sabotar as ações de Putzi, retirando progressivamente qualquer poder político que ele tivesse. Até que, em 1937, em uma história jamais devidamente esclarecida, ele teria sido enviado, de avião, em uma missão diplomática junto a Francisco Franco, na Espanha. Mas, pouco depois de o avião ter decolado, os tripulantes teriam tentado jogá-lo para fora do avião, sem sucesso. Líderes nazistas afirmaram depois que só queriam assustar o “falastrão” Putzi, mas este, certo de que era vítima de um complô, e que terminaria morto, não perdeu tempo em buscar o exílio. Foi para a Suíça e depois para a Inglaterra, onde foi preso. Libertado em 1942, foi para os Estados Unidos, onde trabalhou diretamente para Franklin D. Roosevelt, fornecendo informações preciosas a respeito de centenas de líderes e de simpatizantes do nazismo. Putzi voltou à Alemanha após a Guerra, e morreu em Munique em 1975. Sobre ele, ver Peter Conradi, *Hitler's Piano Player: The rise and fall of Ernst Hanfstaengl, confidant of Hitler, Ally of FDR*. New York, Carroll & Graf, 2004.

Punhais, em favor de Brüning e Treviranus, o Ministro do Gabinete, ajudou que ele fosse levado à Inglaterra.⁵¹

A razão para esse um tanto quanto não usual método para se obter a renúncia a um cargo público, diz-se, é que Hanfstaengl era excessivamente crítico à intervenção alemã na Espanha, e também que uma de suas produtoras de cinema havia incomodado Goebbels. Uma outra história é a de que ele bebeu demais num café parisiense, e teria sido ouvido comentando a respeito de Tukhachevsky e os outros atualmente implicados nos julgamentos de Moscou e Himmler, e isso teria levado ao desmascaramento de todo o golpe⁵². De qualquer modo, Hanfstaengl, com quem eu jantei no Regina, em Munique, apenas algumas semanas atrás, e a quem eu considero uma pessoa cortês e de berço, está agora na Inglaterra. Uma vez que ele conhece a resposta para o mistério que envolve, ou supostamente envolve, o incêndio do Reichstag⁵³, Berlim teme o pior. A mãe de Hanfstaengl, de oitenta anos de idade, foi enviada a Londres para trazê-lo de volta, carregando com ela uma salva-guarda do governo alemão, e uma garantia pessoal de Herr Göring.

Garantia pessoal! Os Hanfstaengls estão presos à Alemanha por todos os possíveis elos econômicos, suas propriedades estão aqui, e eles estão vulneráveis a quaisquer medidas que o governo decida tomar contra eles. E então a mãe foi, mas o filho não quis jogar o jogo, e disse saber exatamente o quanto valia a palavra de um Hitler ou de um Göring. E é nesse ponto que esta pequena e edificante ninharia se encontra no momento.

⁵¹ A *Noite dos Longos Punhais*, evento ocorrido na noite de 30 de junho de 1934, foi a ocasião em que Hitler se desfez de antigos colaboradores nos quais não mais confiava. Alguns deles, como Ernst Röhm, o comandante das SA, representavam ameaça real à liderança exercida por Hitler. Na ocasião, dezenas, ou talvez mais de uma centena de pessoas, foram arrancadas de suas camas, no meio da noite, espancadas e executadas. Nem só nazistas pereceram, porém. As tropas de assalto nazistas aproveitaram a ocasião e executaram um bom número de líderes políticos de outros partidos, como o ex-chanceler Von Papen (que foi preso, mas não chegou a ser morto), o sócio deste, Edgar Jung (que foi executado) e o líder da Ação Católica, Erich Klausener (também executado). Ver Richard J. Evans, *The Third Reich in Power*, op. cit.

⁵² Mikhail Tukhachevsky foi um oficial russo de alta patente do Exército Vermelho (chegou ao posto de marechal). Encarregado de reorganizar o exército em 1924, acabou se indispondo com Stalin, que o transferiu para cargos menos importantes até que, em 1937, sendo acusado de colaborar com forças antirrevolucionárias, foi preso, condenado e executado. Ele seria postumamente reabilitado por Nikita Khrushchev em 1961. Sobre o caso, ver, de Dmitri Volkogonov, *Stalin, triunfo e tragédia*, vol. 2 - 1939-1953, p. 358. Trad. Joubert de Oliveira Brízida. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 2004

⁵³ O incêndio do Reichstag, na noite de 27 de fevereiro de 1933, foi um dos momentos-chave da consolidação do poder nazista. Ao que tudo indica perpetuado por um opositor inconformado, agindo sozinho e por conta própria, a destruição do Parlamento foi o pretexto que Hitler precisava para endurecer a perseguição a todos os opositores ao regime, mesmo os moderados, algo que começou a ser feito antes mesmo que a polícia pudesse chegar às primeiras conclusões. Ver Richard J. Evans, *The Third Reich in Power*, op. cit.

Na companhia de Herr Arno Rechberg⁵⁴, eu tomei um café da manhã na casa da irmã de Putzi, Erna. Foi Erna quem escondeu Hitler após a tentativa de golpe nazista de Feldherrnhalle⁵⁵ há alguns anos, e poderia, portanto, ostentar o título de “Madrinha do Terceiro Reich”. Agora, contudo, ela está enfurecida com Goebbels, a quem acusa de inveja e de sentimentos de rancor pessoal, e o acusa relatando um caso antigo, o qual só é superficialmente conhecido.

O que parece é que, no fim do outono de 1933, num período em que ela estava vivendo em uma *villa* particularmente isolada a leste de Munique, na extremidade da região suburbana de Bogenhausen, sua casa foi invadida enquanto ela estava fora. Ela então recorreu a Herr Himmler, e ele mais tarde a informou que a invasão havia sido ordenada por um funcionário de tão alto escalão que nenhuma ação a respeito seria possível. E que, além disso, que não eram apenas de documentos que os invasores estavam atrás, mas também da vida dela. Ele ainda negou que tivesse qualquer coisa a ver com o assunto, e a aconselhou que se mudasse, sem demora, para a região central da cidade. Ela seguiu o conselho, e agora me contou que o funcionário em questão era Herr Goebbels, e que ele havia ordenado a busca com o propósito de pegar algumas cartas que Hitler havia enviado a ela, para serem utilizadas em caso de emergência –como, por exemplo, no caso da perda de seu cargo e consequente exílio – contra seu mestre e senhor, Hitler.

Uma história e tanto, uma vez que nosso algo atrofiado Grande Chefe esforçou-se pelo amor desta senhora de proporções generosas: Erna Hanfstaengl, em contraste com Hitler, representa a típica bávara de Munique.

E assim vamos vivendo na Alemanha de hoje.

Conosco na casa de Erna Hanstaengl estava uma jovem inglesa, um tipo em algum ponto entre um arcanjo e uma modelo de anúncio de sabonete. O nome dela é Unity Mitford⁵⁶, e o seu poleiro usual é no topo do Obersalzberg⁵⁷, na corte de Herr Hitler. O

⁵⁴ Não encontrei referências a respeito de Arno Rechberg.

⁵⁵ Feldherrnhalle, ou Salão do Marechal de Campo, é um monumento, em Munique, construído entre os anos de 1841 e 1844 por ordem do rei Ludwig I da Baviera, em homenagem aos soldados mortos do exército bávaro. Ele foi o local da batalha campal do chamado “Putsch da Cervejaria”, a primeira tentativa de tomada do poder pelos nazistas, em 9 de novembro de 1923. Foi o fracasso desta tentativa, e a consequente prisão de Hitler (ocasião em que *Mein Kampf* foi escrito), que levou os nazistas a considerar, para o futuro, a tomada do poder pelo voto como a melhor estratégia. Ver Richard J. Evans, *The coming of the Third Reich*, op. cit.

⁵⁶ Unity Mitford era uma socialite e aristocrata inglesa que, fascinada por Hitler, tornou-se sua amante. Com contatos na elite britânica, tentou, sem sucesso, fazer a aproximação entre nazistas e britânicos. Com o início da Guerra, em setembro de 1939, ela tentaria o suicídio em Munique. Embora tenha

seu propósito é se tornar a Rainha da Alemanha, com o objetivo de trazer a reconciliação entre Alemanha e Inglaterra.

Esta esforçada dama, e Hitler: *Bom Voyage...*

Nesse meio tempo, eu estive em Berlim – Berlim, o centro de toda a diligência, atividade e perfeição – segundo sua própria definição. Na minha modesta opinião, contudo, ela é como uma máquina imensa, toda som e fúria, e nada produzindo.

Eu não acredito em nada disso. Eu sei tudo a respeito de se “telefonar com as duas mãos e os pés”, sobre agendas de compromissos nas quais cada minuto dos próximos três meses está ocupado para encontros e “conferências”. Eu sei tudo sobre produção a qualquer custo, e o anseio desesperado por um pseudo-americanismo. Isso é a visão de de toda a vida como um tipo gigantesco de quartel do exército, que trouxe junto uma aversão ao resto do mundo. Enquanto este país se deixar representar por esta basicamente desesperada cidade, nós iremos de uma política internacional desastrosa a outra.

Eu não acredito de que há qualquer verdade na afirmação de que as pessoas trabalham mais duro em Berlim do que em qualquer outro lugar. Eles têm uma necessidade histórica de ficar se movendo, provavelmente a indicação de uma fuga de seus próprios vazios interiores. Eu acredito que este seja o mesmo tipo de truque que transforma o senhor de escravos de um par de garçonetes em “Senhor Diretor”, o terreno baldio dos fundos de qualquer projeto habitacional em “pavilhão ajardinado”, e em “conferência” toda discussão sobre como enganar o passageiro de um navio servindo a ele sopa desidratada.

Eu acredito naquilo que em Berlim tem substância, que é produtivo e que de fato funciona: nos trabalhadores de Berlim-leste, nos condutores de bondes, nos carteiros e nos motoristas de caminhão. Eu acredito no motorista de táxi, como um bom e preocupado pai que, quando eu digo a ele o nome do bairro distante para o qual eu quero que ele me leve, me alerta a respeito da tarifa para a viagem, e num arroubo de parcimônia prussiana me aconselha a pegar o elevador... Oh, eu acredito no amuado

sobrevivido, ficou com sequelas. Ela recebeu então autorização oficial para ser enviada à Inglaterra, onde, apesar das pressões para que fosse presa por traição, conseguiu permanecer livre, graças aos contatos políticos do pai, o barão de Redesdale. Ela morreria em 1948, vítima de meningite. A irmã de Unity, Diana, foi casada com Sir Oswald Mosley, o líder do partido fascista britânico. Ver Richard J. Evans, *The coming of the Third Reich*, op. cit.

⁵⁷ Era nas montanhas de Obersalzberg, a cerca de 120 quilômetros a sudeste de Munique que ficava Berghof, a famosa casa de campo de Hitler.

silêncio do zelador berlinense, eu acredito no tipo de humor que foi pregado nos pés da estátua de um Blücher de sabre nas mãos:

“Só cabe um neste fogão.”⁵⁸

O que eu não aceito é essa desagradável e seca podridão que se estabeleceu aqui nos últimos noventa anos... Aquelas mulheres com seus óculos escuros, seus traseiros grandes como quintais e avantajados peitos, brincando de serem damas... esses *Herr Directors* com suas agendas de compromissos – em resumo, a celeridade e a seriedade de todos esses contadores, advogados de patentes e vendedores de bilhetes de loteria, com suas pastas de três fechaduras, como se fossem adidos diplomáticos, quando tudo o que eles carregam são três sanduíches de queijo seco.

O mais típico de Berlim é a fraude: formas funcionais, sem solidez nem nos materiais e nem na execução; aprendizes técnicos que estão pouco acima de meros trabalhadores cuidadosos, e que de uma hora para a outra se autodeclaram inventores ou construtores plenamente capacitados: carrinhos de brinquedo aerodinâmicos com revestimento de imitação vagabunda de couro, lanternas “funcionalmente” construídas, com conexões que não funcionam, e o “Novo Funcionalismo”, que faz escrivainhas e camas de concreto reforçado, mas é na prática infinitamente menos prático do que os assim chamados “excessos românticos” do passado. E alguns outros itens:

A “Economia em Construção” e o lixo chamado “bens por terminar”; e o agasalho de lã falsa que não aquece e não pode ser limpo; e aquele veneno de cobra feito de enxofre e açúcar, tratado com toda a demoníaca arte da I.G. Farben⁵⁹, e que é vendido em vidros como vinho nos restaurantes da periferia do oeste de Berlim: vinho – essa bebida que deveria supostamente parecer e cheirar como a coisa real, tendo corpo e sabor enquanto custando quase nada, que oferece aos descuidados, como legado, na manhã seguinte, uma verdadeiramente monstruosa ressaca.

⁵⁸ A estátua homenageava o conde (depois príncipe) Gebhard Leberecht von Blücher 1742-1819), herói das guerras napoleônicas, comandante do exército prussiano em Waterloo e, ao lado de Paul von Hindenburg, o mais condecorado oficial alemão ou prussiano em qualquer tempo. A piada ao pé da estátua se perde fora do contexto em que foi criada.

⁵⁹ A I.G. Farben, fundada em 1925, foi o maior conglomerado industrial alemão da indústria química. Foi tão importante que quatro de seus cientistas ganharam o prêmio Nobel. A empresa apoiou decididamente o nazismo, e sua marca (e produtos) acabou ficando intimamente relacionada regime. Após a Guerra, com a identidade tão ligada ao Nazismo, optou-se por sua dissolução. A empresa, na prática, não deixou de existir, pois suas unidades foram simplesmente “fatiadas” entre as mesmas gigantes químicas e farmacêuticas que haviam formado: Bayer, Agfa, BASF e Hoechst (hoje Sanofi-Aventis). Ver Richard J. Evans, *The Third Reich in Power*, op. cit.

Não, eu não acredito que possa haver muitas cidades nas quais tanto tempo é perdido em inúteis reorganizações burocráticas, réplicas de “por outro lado...”, conversas sem propósito, e pontificações diretoriais, como Berlim.

“Quando eu sou convidado a ir até Babelsberg⁶⁰ para mostrar um rascunho de roteiro”, me disse recentemente um escritor, homem de renome e de energia titânica, “eu me deparo, sentados em volta de uma grande mesa verde, com sete idosos cavalheiros que têm, todos, é óbvio, problemas de pressão alta, e que tem, todos, frascos de remédios bem à mão, na mesa. Estes cavalheiros estão, todos eles, encantados com meu roteiro. Então, quando tudo aparentemente parecia acertado, surge, das sombras, um aprendiz de dramaturgo usando óculos de tartaruga. Este é um tipo perfeitamente consciente de sua própria superfluidade, e naturalmente dispende um enorme esforço para encontrar algo de errado, e então fornece pelo menos uma sombra de justificativa para seus desprezíveis 300 marcos por mês.

“Este cavalheiro se ergue para dizer que o roteiro é, sem dúvida, maravilhoso, mas que aquela e aquela outra cena poderiam ofender o grupo de lobistas dos fabricantes alemães de papel-de-parede, e que este e este outro trecho do roteiro talvez não sejam compreendidos pelos habitantes de Marte, candidatos ao serviço público ou estenógrafos que não se formaram no ensino secundário. A resposta, ainda que capaz de refutar todos os senões levantados, acaba caindo no vazio, e não refuta nada. O sinal foi dado aos velhos cavalheiros para que ergam de sua letargia por tempo suficiente para que possam, um depois do outro, legitimar os seus muito mais altos salários. Cada um deles agora põe em marcha o seu cérebro para acrescentar o próprio “mas, por outro lado...” à discussão. E assim tem início um período de semanas de teste de nervos de longas reuniões em salas esfumaças, conversas telefônicas, cafés da manhã, e mais reuniões, bastante conhecidas por todos os roteiristas que trabalham nos estúdios de Babelsberg, e que, no fim das contas, terminam com uma total destruição do roteiro original. A nova versão terá cuidadosamente trocado qualquer relação natural por uma super inteligente artificialidade. De acordo com o princípio do “por que simplificar quando podemos facilmente complicar”, faz-se uma tentativa de se voar até a lua.

“Finalmente, todos os envolvidos estão prontos para ir para um hospício, e a monstruosa estrutura feita de impotente intelectualidade colapsa diante de sua própria impossibilidade. Faz-se uma pausa para um suspiro profundo, e então uma “solução

⁶⁰ O estúdio de Babelsberg, criado em 1912, era e ainda é o maior da Europa. Entre os filmes rodados lá estão *Metropolis*, de Fritz Lang (1927), *O Anjo Azul* (1930), de Sternberg, e, mais recentemente, *O Grande Hotel Budapeste* (2014), de Wes Anderson. Durante a Guerra, ficou sob ordens diretas de Goebbels.

simples, clara e completamente satisfatória” é encontrada – em cada detalhe, exatamente o que havia no roteiro original.

“Este fato é admitido em meio a muitos pedidos de desculpas, aquecidos por suaves tapinhas nas costas, e talvez um leve embaraço. A parte lamentável disso tudo é que, no meio do caminho, o impulso original se perdeu, e que quatro semanas, dos três meses previstos para a realização do filme, se perderam em discussões inúteis – semanas que agora serão compensadas com trabalho frenético e estressante.”

Isso não é Berlim? Esse não é o princípio que está por trás de tudo o que tem acontecido nessa cidade profundamente inviável ao longo dos últimos sessenta anos ... a indústria, as artes e, não menos, o governo?

Um oficial de estado-maior falou-me recentemente a respeito de uma experiência vivida por ele durante o quente de verão de 1917, na frente dos Bálcãs. “Era julho”, ele me contou, “e nós estávamos sob intensa pressão, tanto que por vezes nós nem mesmo sabíamos em que situação nos encontrávamos, quando, durante uma curtíssima pausa para um café da manhã, fui chamado ao telefone: era o Chefe. Eu reconheci a voz de Ludendorff, e apesar da distância, eu podia ouvi-lo claramente. Atônito, eu ouvia o que ele me perguntava pelo telefone, vindo de além das montanhas dos Vosges, do Danúbio, do Reno, e descendo pelas encostas das montanhas dos Balcãs, repetindo e repetindo: “Como estão os morangos por aí?”

“Eu realmente não entendia a que o nosso mestre e senhor estava se referindo. Estava ele, eu imaginei, querendo saber a respeito dos menus de nossos frugais cafés da manhã? Ou será que ele simplesmente não estava batendo bem? Finalmente, depois de um tempo de terríveis dúvidas, eu finalmente compreendi o que ele queria saber.

“Ele ouvira falar que as terras que rodeavam as nossas posições eram perfeitas para o plantio de morangos. Preocupado, como estava, com a situação da economia da Alemanha, e ao mesmo tempo em prover uma ocupação decente aos soldados alemães que talvez estivessem, naquele momento, ociosos, ele teve a ideia de que nós pudéssemos plantar morangos, e os lucros da operação poderiam ser utilizados para melhorar o estado de nossa balança comercial. Não foi nada bom para mim ser obrigado a argumentar que nós estávamos sob imensa pressão do inimigo, e que precisávamos de cada um de nossos homens – ele fazia questão de obter os seus morangos.

“E ele os teve. Nós fomos obrigados a retirar tropas criticamente necessárias no front para cuidar do plantio. Nós o fizemos com grande apreensão, e tivemos enormes dificuldades, em seguida, para cobrir os buracos que haviam sido criados. Ele conseguiu

sua área de morangos, e no ano seguinte uma excelente colheita, que ele pretendia ter guardado em Berlim e depois exportados. Os morangos eram realmente de primeira classe, mas quando chegaram em Berlim eles estavam completamente podres, fermentados e mofados. Eles foram embarcados linhas férreas sobrecarregadas e em vagões lotados. Toda a produção teve que ser jogada fora.”

Assim disse meu informante. Hoje, eu jantei num pequeno restaurante italiano na rua Anhalter, onde eu vi quatro oficiais SS de alta patente, todos eles claramente bêbados, que ficavam o tempo todo berrando nos ouvidos do dono, que parecia um personagem de uma ópera de Verdi, e nos de seus garçons napolitanos. A palavra que eles insistentemente rugiam, por conta do recente pacto de amizade Ítalo-Alemão, era “collaborazione”, provavelmente a única palavra em italiano que eles sabiam. Ao mesmo tempo, atrás de mim, uma outra pequena cena, em nada menos rica, do ponto de vista acústico, do que a primeira, era encenada. Nesta, duas senhoras da burguesia berlinense, daquele tipo que eu já descrevi, estavam em profundo conflito a respeito de um casaco de noite que havia caído da cadeira para o chão. Enquanto os napolitanos observavam, sorrindo, uma das senhoras acusava a outra de ter deliberadamente jogado o casaco no chão. Diante disso, a outra berrava: “A senhora que me perdoe, madame! Eu sou uma mulher alemã!”

E assim as coisas seguem em Berlim.

Neste momento, exausto pelo girar sem fim e clamoroso dessa usina de moagem do nada, estou de volta ao meu quarto num hotel próximo à estação de Anhalter. Os móveis do lugar são aquele lixo produzido em massa nos anos imediatamente anteriores à Guerra, e as paredes parecem ser tão finas quanto o meu dedo. Se eu, aqui em minha cela do quarto andar, sendo assado pelo calor do verão, por acaso falasse a palavra “Não!”, num volume apenas um pouco mais elevado do que o habitual, tenho certeza de que das profundidades do andar térreo uma melosa voz de barítono, com o sotaque característico dos Balcãs, responderia: “Ah, talvez você devesse reconsiderar.”

E assim segue a cidade de Berlim. Este é um lugar de fórmulas e estereótipos. As únicas coisas que florescem aqui são as que têm a ver com números, colunas, fórmulas e padrões. E, com tudo isso, há essa pobreza repulsiva, que nada tem a ver com simplicidade, que é um mero disfarce para a inferioridade e a estupidez. Escassez e mesquinhez são o lema desta terra. Quando eu ainda usava calças curtas, eu li que os granadeiros de Frederico o Grande⁶¹ usavam coletes que não eram coletes de verdade,

⁶¹ Frederico II da Prússia (1712-1786), de alcunha “O Grande”, foi o chamado Rei Filósofo, entusiasta e patrono das artes e da filosofia, modernizador da política, da sociedade e da arquitetura prussianas.

mas apenas triângulos de pano vermelho que eram costurados aos seus gibões. E, seja esta história verdadeira ou não, o fato é que eu vejo essas peças de triângulo vermelho por toda a parte, tanto nas grandes quanto nas pequenas coisas. Aparência, artifício, remendos, e em tudo isso a profundamente arraigada ideia de ser alguma coisa de especial. Por quê? Porque eles sentem a impulsão pelo roubo e pela pilhagem – que são as características de quem vive de forma vil.

“A Alemanha nunca está saciada; sem senso de forma ou gosto, não tendo qualquer noção sobre o que traz conforto e prazer na vida, ela tem apenas ambição: quer mais. E quando ela finalmente tem mais do que conseguirá usar, deixa de lado o que sobrou, e se tem pena de quem encosta naquilo! Uma nação de piratas, fazendo de suas pilhagens terras arrasadas, mas sempre com *Te Deums*, para a glória de Deus ou da Fé. Porque jamais faltaram inscrições para as bandeiras fincadas nesta terra.”

Será esta a fala de um intelectual da Confederação do Reno?⁶² Será este o bavarismo ao estilo do Dr. Sigl?⁶³ Não, este é Theodor Fontane⁶⁴ falando, louvado nesta cidade como um dos seus, um prussiano *pur sang*, como dizem. Eu posso me citar aqui. Eu, também, sou fruto de velhas cepas prussianas, embora minha mãe seja de ascendência austríaca.

Voltando no tempo. Meu avô (“Quem pode ser o que seu pai foi?”, Hamsun⁶⁵ afirma)... meu avô foi um homem reservado e culto que viveu uma vida contemplativa, lia Christian Garve e Humbolt⁶⁶, e se aposentou aos cinquenta anos para passar seu tempo restante caçando e pescando em *otium cum dignitate*. Ele representava a última geração dos conservadores genuínos, os verdadeiros Junkers – maravilhosamente educados, largamente viajados, e céticos a respeito de qualquer ideia bombástica, tanto faz se

⁶² A Confederação do Reno, que durou de 1806 até 1813, foi uma associação, imposta por Napoleão Bonaparte, na qual 25 Estados alemães se alinharam em apoio aos franceses nas guerras contra os inimigos destes, especialmente Áustria, Prússia, Rússia e Inglaterra.

⁶³ Johan Baptist Sigl (1839-1902) foi um jornalista, editor e político bávaro, que combateu o modelo de unificação alemã conduzida por Bismarck e chegou a ficar preso por dez meses em função de sua atuação política.

⁶⁴ Theodor Fontane (1819-1898) foi um poeta e romancista prussiano de estilo realista. Faz parte do cânone dos grandes escritores alemães.

⁶⁵ Knut Hamsun (1859-1952) foi um romancista, poeta, dramaturgo e crítico norueguês. Foi autor de dezenas de títulos, desfrutou de sucesso de crítica e público e recebeu o Nobel de Literatura em 1920. A partir da década de 1930, apoiou entusiasticamente a Alemanha e o Nazismo, o que o levou a ser julgado e a passar alguns anos na prisão, depois da Guerra.

⁶⁶ Christian Garve (1742-1798) foi, ao lado de Kant, um dos mais conhecidos filósofos alemães do segundo período iluminista. Como Humboldt, Reck pode estar se referindo tanto ao geógrafo e naturalista alemão (prussiano) Alexander von Humboldt (1769-1859) quanto ao seu irmão Wilhelm (1767-1835), filósofo, educador e político.

saindo das bocas dos Hohenzollerns⁶⁷ ou, como os prussianos do leste ironicamente os chamavam, os “Nurembergianos”.

Foi a geração da Guerra Franco-Prussiana, que regressou empolada daquela que, sob um ponto de vista militar, foi maravilhosa, mas que, em seus efeitos, foi a mais desafortunada de todas as guerras alemãs, quem rompeu com a tradição. Por intermédio de uma série de ricos casamentos de interesse, eles se aliaram à indústria e às finanças, e assim acabaram por abrir o caminho para que ambos passassem a influenciar os rumos do governo numa escala jamais vista antes. E que não se diga que o mesmo aconteceu na Inglaterra durante o início da Era Vitoriana, e na França durante a Restauração. O remédio foi absorvido pelos ingleses sem causar danos; e foi igualmente tranquilo para os franceses; mas revelou-se uma poção venenosa para nosso país, o qual pode e deveria basear-se na economia agrícola e pastoril. Em 1853, Bismarck, diante das sepulturas dos mortos de 1848⁶⁸, disse que “não se poderia perdoar nem mesmo os mortos”. E mesmo assim, dezoito anos depois, na Sala dos Espelhos de Versailles, ele ajudou a fazer do Liberalismo Nacionalista daqueles mesmos mortos a ideologia dominante na Alemanha. E assim, por seu esforço em construir uma prosperidade baseada na indústria, ele minou as fundações daquele mesmo Estado que ele criou.

Bülow⁶⁹, cujas pesadas memórias eu li recentemente, descreveu os efeitos da política de Bismarck com um “Nul tissérand ne sait ce qu’il tisse”⁷⁰, uma citação que certamente traz uma boa dose de esclarecimento a respeito de um Reich formado sem que se desse a menor atenção à geografia. A “formação” (para usar um conceito spengleriano) desta nação requereu que se evitasse os expedientes da expansão industrial e do investimento de capital. Tudo o que sucedeu a nós desde então derivou do período em que a oligarquia prussiana tomou o capital industrial por concubina. Isso tem a responsabilidade pelo rompimento de todas as relações sociais necessárias a uma Alemanha saudável, e por fazer desta uma nação politicamente amorfa.

⁶⁷ A dinastia prussiana que liderou a unificação da Alemanha e reinou no país até a deposição do kaiser Guilherme II, no fim da Primeira Guerra.

⁶⁸ Reck se refere às Revoluções de 1848, que tomaram conta de dezenas de capitais europeias, exigindo o fim dos privilégios monárquicos e feudais e reivindicando governos liberais, democráticos e, em alguns casos, dando origem a reivindicações de caráter socialista. Apesar de duramente reprimidas, as mudanças provocadas na política europeia foram inevitáveis.

⁶⁹ É impossível saber ao certo a quem Reck se refere. A família Bülow, da aristocracia prussiana, produziu um bom número de personalidades de destaque em diferentes épocas. Os mais prováveis candidatos a terem as memórias citadas por Reck são o conde Ludwig Friedrich Victor von Bülow (1774-1825), ministro da fazenda do reino da Westfália e da Prússia, e presidente da Silésia; ou o conde Friedrich Wilhelm Frieheerr von Bülow von Dennewitz (1755-1816), general prussiano de destaque nas guerras napoleônicas.

⁷⁰ “Nenhum tecelão sabe o que tece”.

Começando naquela época, um projeto de Alemanha baseado na geopolítica foi lançada ao mar, e a política externa ficou crescentemente voltada para o mercado exportador. Resultado: a Guerra Mundial, travada totalmente “contra a geografia”.... Mesmo antes disso, houve um não mitigado cinismo com o qual, por volta de 1840, uma geração cresceu sob a atmosfera dos clubes de estudantes e de “Turnvater Jahn⁷¹” e jogou fora toda a sua herança espiritual... a indulgência sem freios, sonhando com uma prosperidade especial, teutonicamente decorada, uma irresponsável e rasa concentração em uma geração, uma não questionada destruição de recursos naturais irreparáveis, de nossa substância ética e cultural – uma filosofia de operador de bolsa de valores, que já aparecia nos anos 1860 e 1870, que acabou por bloquear todas as esperanças com relação ao amanhã...

E assim os Guilhermes lideraram nossa sociedade em direção à desastrosa coisa amorfa na qual estudiosos se tornam pilotos de carros de corridas, banqueiros se transformam em criadores de cavalos puro-sangue e tenentes da cavalaria ficam absortos nas cotações de suas ações... e assim se perdem na turba, se tornam tão impessoais quanto todo o resto que se encontra sob o feitiço da única bandeira que poderia amalgamar isso tudo: o materialismo... e assim mergulham num trogloditismo esquecido por Deus, o qual, eu acredito, pressagiu o inevitável fim de civilizações desde os tempos de Caracala⁷². O ideal de uma sociedade sem classes, como a pregada por Hitler, é aquela dos organismos primitivos. Mas eu acredito que o que a natureza (a qual desde o começo era a *forma* em si mesma) mais rejeita são os organismos amorfos.

Eu escrevo estas linhas em um hotel em Berlim que é um lugar tão calmo e discreto quanto um howitzer.⁷³ Neste exato instante, uma senhora no andar abaixo, cujo nome provavelmente é Dolinski, e que certamente pertence ao tipo que eu já descrevi anteriormente, está explicando todos os detalhes de seu divórcio para a amiga do outro lado da linha telefônica. As janelas estão abertas, e todos os picantes detalhes ficam como que implantados no ar quente e parado. Finalmente, querendo ou não, eu descubro o que levou Herr Dolinski prematuramente para longe dos braços de Madame. Eu ouço, e me lembro da parada da Liga das Mulheres Alemãs, que eu vi passar pela cidade ontem... uma procissão de pernas tortas e quadris largos marchando por entre as feias e

⁷¹ Friedrich Ludwig Jahn (1778-1852), também conhecido por Turnvater Jahn (ginasta Jahn) foi um educador nacionalista alemão que ficou conhecido por incentivar a prática de atividades físicas com ênfase na formação de jovens patriotas.

⁷² Marco Aurélio Antonio (188-217), o Caracala, foi um imperador romano de vida curta e notabilizado pela violência e instabilidade emocional.

⁷³ Em português, Obus: nome usado pela linguagem militar que descreve uma arma da artilharia, uma espécie de canhão que, com diferentes configurações, é usado desde o século XVII até hoje.

estáticas fachadas de uma cidade apaixonada por sua própria feiura, uma exibição de tristeza, uma declaração de guerra contra tudo o que significa, na vida, “prazer e bem-estar”.

Ponderando a respeito das grandes mudanças do século XIX, e com aquela procissão de mulheres ainda em minha mente, eu penso no momento, há setenta anos, quando a Alemanha, obcecada com a riqueza, permitiu que a Prússia fosse sua gerente e procuradora, não se lançou apenas aos cachorros – muito pior, se entregou aos *Dolinskis*, que, afinal, são também habitantes deste lugar. A Prússia é um Estado feito com remendos de objetos e retalhos. Ela nunca foi pensada para ser uma Nação. Para manter unida a monstruosa estrutura criada dessa forma, os prussianos precisaram colocar todas as suas energias na máquina militar... como resultado, nenhuma classe média, nenhum patriciado, e nenhuma genuína casta de acadêmicos esclarecidos chegou realmente a se constituir. Consequentemente, imediatamente após o desaparecimento daquela oligarquia de antecedentes mistos Vandal-Kashube⁷⁴, descrita por Fontane, vieram diretamente à tona aqueles tipos coloniais, os quais, enquanto os homens do Sacro Império Romano-Germânico estavam construindo catedrais, ainda viviam ocupados, tatuando lagartos verdes em volta dos próprios umbigos. O Elba é um vinco na paisagem com um profundo significado na história da Alemanha, e há boas razões pelas quais certas espécies de plantas e de pássaros jamais cruzaram da margem esquerda para a direita deste rio. Porque é aqui, entre o Elba e o Vístula, que se encontra o lar das Madonnas de pernas tortas previamente mencionadas; aqui, o berço desta raça com seu eterno clamor por mais, o reservatório de todos os impulsos reprimidos dos homens da massa, a incubadora de todas as quebras de tratados e os roubos disfarçados em atos de Estado que Herr Hitler cometeu nestes últimos cinco anos – sem que ninguém o contradiga quando ele apresenta essas coisas como provas de sua competência como estadista.

Aqui, enfim, é onde nasceu a preferência pelas coisas temporárias e de segunda classe. Essa disposição para a imitação vagabunda pode ser vista, inclusive, nas armadilhas barrocas dos reis da Prússia, os rebocos dourados dos seus palácios, acompanhado demandas e garantidas por canhões, para agradar, se você quiser ser gentil e aceitar tudo aquilo como sólido, duradouro e verdadeiro. Ali, enfim, é onde essa eterna cultura do “Mais! Mais!” teve origem, e o endeusamento do trivial, o culto ao horroroso, o fetichismo gigante que ergueu uma estátua de um “Hindenburg de ânimo de aço” de uma forma que ela se sobrepôs às árvores da Königsplatz; este é o lugar onde o rancor

⁷⁴ Vandal-Kashube se refere a uma mistura étnica entre os Vândalos e os Kashubes, povos eslávicos que viviam na Pomerânia, próximos à foz do Vístula.

do olho-gordo contra todo o mundo se originou, a olhar incessante para a propriedades alheias, o estado de prontidão para o imediato banditismo, e o impulso para fazer desse culto ao trivial prussiano a religião oficial da Alemanha, e, em seguida, do mundo inteiro. E eles o farão, se os outros povos se mostrarem recalcitrantes em usar seus canhões!

Eu me recordo da história de um cabo que ordenou a seus soldados, na entrada da igreja, que não perdessem tempo “se sentando por aí, cochilando”, mas que se apressassem e terminassem logo o serviço (“Do altar até o órgão, e do padre para o lado de fora da porta!”), para que então pudessem usar o tempo, com mais proveito, em algum outro lugar. Esse tipo de coisa era tolerável desde que um grande e completamente maquiavélico rei usasse o exército “*por l’honneur de l’épée*.”⁷⁵ Mas o poder armado à serviço da I.G Farben – a guerra travada pela progação da “economia em construção”, meias de nylon, e paletós falsos – é se tornar a escória e a praga do mundo, o *odium generis humani*⁷⁶, num mundo de abundância e plenitude. A Alemanha se tornou feia e maligna, e centro dos desastres que têm acontecido em intervalos de vinte e cinco anos, desde o dia que Bismarck criou o Reich, e uma nação passou a ser governada por uma colônia – a Prússia.

E aqui eu toco no problema político central a afetar a Europa hoje. Depois que a oligarquia prussiana – a qual era, pelo menos, ciente de que tinha responsabilidades - desapareceu, os homens em Versailles⁷⁷ foram culpados pela inacreditável estupidez de desmembrar a Áustria. Depois disso, somente era necessário que a voracidade da Prússia em se tornar um *condottiere* político se manifestasse – e a catástrofe que cada um de nós conhece estava se desenhando sobre nós.

No sul da Alemanha, a dura batalha sendo travada às escondidas, contra os nazistas, é ao mesmo tempo uma batalha contra a prussianização, e em defesa da estrutura natural da Alemanha. Este pode ser um problema alemão hoje, mas amanhã ele será assunto para a Europa, e o mundo, resolverem. Está se aproximando rapidamente o momento em que a Europa precisará decidir se ela vai se deixar engolfar pela onda cinzenta, ou se vai finalmente resolver defender seu próprio coração da ambição prussiana pelo poder.

⁷⁵ Pela honra da espada.

⁷⁶ Ódio à humanidade

⁷⁷ Refere-se às negociações de paz de Versailles, após o fim da Primeira Guerra, que, entre outras coisas, desmontaram o Império Austro-Húngaro.

9 de setembro, 1937

Muito provavelmente como resultado de alguma denúncia, a Gestapo bateu subitamente à porta de Theodor Häcker⁷⁸, o teólogo, o qual mantém um diário, e fez uma busca pelos papéis. Um agente de fato pegou o documento em mãos, e estava prestes a lê-lo quando alguém perguntou-lhe algo, e o homem da gestapo, distraído, pôs o manuscrito de volta onde o pegou, sem lê-lo. Nesse meio tempo, pobre Häcker – cujos nervos, de qualquer modo, não são tão fortes – deve ter estremecido de medo, por sua cabeça, enquanto os segundos e os minutos se arrastavam.

Meus amigos aproveitaram o ocorrido para me alertar a respeito de meus próprios escritos. Conduzido que sou por uma necessidade interior, eu ignorarei os avisos e prosseguirei com essas notas, as quais têm como objetivo ser uma contribuição para a história cultural do período nazista. Noite após noite, eu escondo este registro bem profundamente nas florestas de minhas terras.... permanentemente atento para ver se estou sendo observado, e constantemente mudando o lugar do esconderijo.

E assim é que nós vivemos hoje, meus amigos que se foram. Será que vocês, que deixaram a Alemanha há quatro ou mais anos, têm alguma ideia sobre o quão completamente nós estamos destituídos de qualquer status legal, ou sobre o que é se sentir ameaçado por alguma denúncia, a qualquer momento, pelo primeiro maluco que aparecer?

É estranho pensar em vocês, é estranho agora ouvir as suas vozes, através do espaço e das profundezas oceânicas, vindas de um mundo há tanto tempo proibido para nós! É estranho ir a lugares onde apenas alguns anos atrás nós costumávamos conversar. Eu sinto falta de vocês, eu sinto falta, ainda que, no caso da maior parte de vocês, fôssemos adversários e politicamente opostos – oh, acreditem, no fim das contas é essa falta de

⁷⁸ Theodor Häcker (1879-1945) foi um filósofo e tradutor alemão. Embora originário de Baden, passou a maior parte do seu tempo na Baviera. Foi o mais importante tradutor, para o alemão, da obra de Kierkegaard. Opositor declarado ao nazismo, foi perseguido, mas não chegou a ser preso. Escreveu, de fato, um diário, hoje fonte, como este de Reck, de estudos sobre o período nazista. Sua casa em Munique foi completamente destruída por um bombardeio aéreo no começo de 1944, ocasião em que ele, já quase cego em função de diabetes, mudou-se para Ustersbach, uma pequena aldeia no interior da Áustria. Häcker morreria naquela localidade em abril de 1945.

qualquer oposição e dissensão, e da monotonia mortal que daí resulta, que torna a vida por aqui tão insuportável.

E, apesar disso, vocês de início não nos entenderão, nós que éramos seus amigos, quando vocês voltarem para retornar os fios de nossos velhos laços. Ou no fim vocês conseguirão compreender que voar para a civilização foi uma escolha mais confortável do que permanecer neste perigoso posto avançado, como um observador ilegal em meio aos bárbaros? Vocês serão capazes de entender o que significou passar esses longos anos com o coração repleto de ódio, ódio ao deitar-se, ódio ao despertar, ódio através das longas horas dos pesadelos – e tudo isso sem possuir direitos legais, sem a menor transigência, sem um único “Heil Hitler”, uma única participação num evento do Partido – enquanto, através disso tudo, o estigma da ilegalidade paira sobre as cabeças de todos? Será que ainda falaremos a mesma língua quando isso tiver terminado? Será que vocês, rodeados que estiveram, durante todos esses anos, por todos os privilégios da civilização... compreendem que a solidão tal qual morte de nossas vidas, e o ar carregado de catacumbas que temos respirado por tanto tempo deixaram a nossa visão terrivelmente clara? E não será que, nos primeiros momentos após o seu retorno, as visões que estes olhos podem agora registrar da distância, assustará vocês?

E o que dizer do mundo das ideias de 1789 – o mundo que envolve vocês, e que ainda forma as bases para nossas vidas e pensamentos, tão evidente para vocês quanto o fato de que um caranguejo possuir uma carapaça protetora? Compreendam o que digo: nós, aqui, sabemos perfeitamente bem que tudo isso – o enciclopedismo, todo o processo que começo no Renascimento, de despojar o homem de seus deuses – foi, um dia, um essencial meio de vida. Não deixem que alguém cometa comigo a injustiça de sustentar que as visões que exprimo sejam os pesadelos de um *homo temporis acti*⁷⁹, ou as alucinações causadas pela febre da praga que o rodeia! Mas não será o que estamos vivendo, hoje, simplesmente as consequências finais de 1789? Não é a burguesia, a qual em 1790 começou a sua conquista do poder deixado vago pelos reis com o brado de “*vive la nation*”, quem se mostraria o mais instável dos fenômenos? Pois Balzac não antecipou a tragédia russa, e também a alemã, quando disse que chegaria o dia em que a burguesia ouviria tocar o seu próprio “casamento de Fígaro”⁸⁰? E Saint Just não previu, há muito tempo, a chegada desse insano totalitarismo de estado? E não é que o a Gironda chegou ao seu florescimento final com os Krupps, os Vögeles, os Röchlings⁸¹ e

⁷⁹ “homem saudosista”

⁸⁰ Da ópera de Mozart, na qual os hábitos da aristocracia são satirizados.

⁸¹ Krupp e Thyssen, dois dos representantes mais conhecidos da grande indústria alemã da época (e de hoje ainda), são frequentemente citados por Reck ao longo de seu diário. Mas alguns outros nomes também aparecem, embora de maneira menos frequente. Um deles é o da família Röchling, dona de

Associados, que, cinicamente, colocando de lado quaisquer restrições, fizeram deles mesmos o centro de tudo na Alemanha, o ponto focal da sociedade alemã? E não foi a militância girondina, destituída de qualquer conteúdo ético básico, inimiga jurada de todos os homens de fé, a força ideologicamente vitoriosa em Waterloo, ainda que derrotada no campo de batalha?

No que concerne ao Nacional Socialismo, eu tenho certeza de que haverá concordância em vê-lo como o arqui-destruidor de uma nação que sempre teve uma queda para o mágico e o misterioso, e nenhum de vocês, meus velhos amigos, discordará de mim quando eu digo que, em 1500, havia uma nação alemã, mas não nacionalismo, ao passo que, hoje, quando nossos olhos supostamente brilham a cada vez que vemos um botão de calças com um “made in Germany” escrito nele, temos o oposto: nacionalismo, mas não uma nação. E nós certamente concordaremos que esse governo plutocrático, com o seu Hitler colocado na sela por Herr Thyssen e seus amigos, revela-se, na sua completa desmoralização das massas, como sendo nada mais do que uma desesperada tentativa de estender o século dezenove...

Oh, não, não haverá discordância, quando nós nos encontrarmos novamente, quanto a uma completa rejeição à Alemanha atual! Mas será que ainda concordaremos quando passarmos a falar sobre o futuro? Vocês terão acabado de retornar de uma civilização que está em segurança no presente; será que vocês nos entenderão, ou virarão as costas, violentamente, quando nós falarmos sobre o que estamos vendo hoje?

Que o hitlerismo é apenas um sintoma, indicando um distúrbio profundo, e de proporções cósmicas, no mundo; que nós agora atingimos o ponto final de cinco séculos de racionalismo e livre-pensamento; que nos territórios ocupados pela humanidade, um novo fator, o irracional, novamente apareceu.

Iremos, nós, cujos olhos foram escancarados pelo longo martírio, negligenciar os sinais da crise mundial... os escritos nas paredes dos palácios do racionalismo que vocês pensaram ser indestrutíveis? Será realmente um acidente o fato de que é precisamente nas ciências exatas que os alicerces estão chacoalhando? Que a lei da gravidade são agora consideradas simplesmente “macro-fisicamente” corretas? Que de acordo com as últimas medições da velocidade da luz, os astrofísicos repentinamente transferiram a terra, aquela pequena bola de ontem, para o centro de um circunscrito cosmos? E que,

siderúrgicas no Saar, e cujo membro mais conhecido era Hermann, um nazista de primeira hora que chegou a ocupar um cargo importante no Ministério de Armamentos e Suprimentos. Outra é a família Vögele, dona de um conglomerado chamado Joseph Vögele AG, fundado em 1836 e em funcionamento ainda hoje, com atividades que vão da construção pesada à engenharia mecânica. Foi uma das principais construtoras de estradas, barragens e demais obras pesadas durante o período nazista.

farejando a falência dos últimos quinhentos anos, os filósofos tenham vindo com uma esfarrapada teoria de “e se”, para tentar escorar o que ficou de pé em meio às ruínas?

Eu acredito que as grandes evoluções espirituais da humanidade afetam fundamentalmente a vida concreta na terra, e que a se a desmoralização de seus habitantes prosseguir, o planeta será destruído pela sua própria inviabilidade, e feito em pedaços por algum tipo de catástrofe cósmica. Mas o que eu vejo se aproximando não é basicamente um fenômeno cósmico, mas histórico: a inevitável catástrofe final do pensamento de massa, e conseqüentemente do homem da massa, o qual está sendo produzido aqui e o qual eu enxergo, no futuro, em todo o seu horror e suas promessas.

Que outro sentido pode ter esse sentimento penetrante de falência, esse medo e essa tremedeira secretos que são como o medo que antecede uma grande tempestade, dessas pessoas espiritualmente vazias? Nós estamos vivendo num gigantesco vácuo espiritual. A qualquer momento, a consciência desse vácuo e de seu horrível caos poderá nos trazer o cataclismo. O homem da massa, por sua mente e suas necessidades físicas, só pode existir no seu autocriado ventre de corrupção e trogloditismo. Isso é tão necessário para ele quanto a lama para o porco. Mas o que ele fará se, amanhã, esse viscoso casulo for jogado fora?

Eu não duvido que os contemporâneos de Caracala tenham vivido num eclipse espiritual semelhante. Eu estou bastante consciente sobre o quão pouco estas pobres linhas se aproximam de dar o correto testemunho a respeito da mais profunda degradação na qual o homem jamais caiu. Recentemente, acompanhando a chuva de bombas nazistas sobre a pobre Espanha, eu li novamente Rilke e Stefan George⁸²... e me dei conta novamente que aquilo tudo que eu um dia amei acabou ficando desbotado e embolorado no ar que nós temos respirado já por alguns anos. E que apesar de Rilke ser honesto e profundamente comovido, ele não passa de uma brincadeira desgastada com formas mortas; ao passo que George, diante do brilho vermelho de um mundo em chamas, revela-se um afetado pretensioso.

Não será que o artista que alega poder compor agora um quarteto de cordas, ou construir uma catedral que seja algo mais do que uma blasfêmia de pedra, ficará exposto diante de nós, como um mentiroso e uma fraude? Como artistas, não estamos todos nós

⁸² Rainer Maria Rilke (1875-1926), poeta expressionista de língua alemã, nascido na Boêmia, então parte do Império Austro-Húngaro, hoje República Tcheca. Stefan George (1868-1933) foi um poeta alemão, discípulo de Mallarmé e Verlaine. Sua poesia, apesar do tom aristocrático, é considerada uma ponte entre o conservadorismo do século XIX e o Modernismo das primeiras décadas do XX. George foi abordado pelos nazistas, que ofereceram uma série de vantagens para que ele aderisse ao movimento, mas o poeta recusou. Auto-exilou-se em Locarno, na Suíça, onde morreu.

parados diante de um muro, esperando uma mão invisível que vai bater naquele muro – até que aquela mão *de fato* apareça? E o que são as palavras “O fim do mundo está à mão”, que Dostoiévski escreveu em seu diário 70 anos atrás, além de uma premonição a respeito dos cavaleiros do Apocalipse que agora trovejam sobre nós, e uma profecia sobre o quão profundamente perdidos nós ficamos?

Não, eu não sou um milenarista⁸³, e a apaixonada crença nos poderes regenerativos da vida me fazem acreditar que a catástrofe que eu prevejo será apenas mais uma das muitas que este planeta já presenciou. Ainda assim, eu cheguei à conclusão que a somatização da vida, que vem acontecendo desde a Renascença, e que se tornou absoluta nos últimos anos, vem de maneira crescente destruindo o equilíbrio entre corpo e mente – e que sem esse equilíbrio, a vida na terra é impossível.

Médicos que cuidaram de atletas nas Olimpíadas de sagrada memória⁸⁴ no ano passado me contaram que distúrbios menstruais entre as moças, e insuficiência sexual, entre os rapazes de vigor aparentemente sem limites dessa geração que é extremamente voltada aos esportes, era praticamente a regra (e não apenas entre os “campeões”, mas também entre os competidores medianos). Não pode haver melhor prova de que a somatização da vida destrói a própria vida. A gasolina, como a base de toda a alegria motorizada, contribuiu mais para decadência da humanidade do que o álcool.

E com relação ao homem de massa – que pode ser encontrado dentro do uniforme de um general ou na forma de um professor universitário, mais comumente, talvez, do que sob as vestes de um torneiro mecânico; o homem de massa, o qual em sua explosiva capacidade reprodutiva, sua adulteração de todo crescimento orgânico e sua instabilidade biológica encontra paralelo somente na inteiramente similar célula cancerígena – seu ciclo vital já foi completado por uma vez neste planeta. Em apenas duzentos anos, a agitada Roma encolheu até o tamanho de uma cidadezinha de interior, e os monumentos e as estruturas imponentes do Fórum ficaram parcialmente escondidas sob os campos de trigo.

A tecnologia e a mecanização tão essenciais para a existência biológica do homem de massa poderá não ser afetada pelo tido de inversão no modo de vida que nós sabemos ter acontecido no período de agonia dos antigos. Mas o sedimento de estenógrafos que agora se espalham pela terra... a aglomeração de burocratas supérfluos que ficam

⁸³ Milenarismo, neste caso específico, refere-se a uma doutrina religiosa cristã que, após prever (erroneamente, como sabemos) o fim do mundo no ano 1000, passou a adotar outras datas (variadas, conforme o grupo) como o momento em que Cristo voltaria à Terra e o apocalipse aconteceria.

⁸⁴ O autor se refere às Olimpíadas de 1936, em Berlim.

enviando questionários totalmente inúteis a fim de paralisar regiões inteiras que ainda eram produtivas – eles não conseguirão escapar, ainda que pelo simples fato de que o crescimento de indústrias nacionais em antigos mercados tornará impossível à Europa seguir exportando seus excedentes; e será impossível sustentar para sempre as taxas de reprodução de coelhos.

Mas realmente eu não vejo como, depois do rompimento de todas as formas conhecidas e do surgimento de uma nova concepção – a qual eu antevejo –, a tecnologia e a mecanização poderão escapar de serem relegadas a um monte de entulho, ou pelo menos à periferia da vida. Somente o “Novo Adão”, um selvagem que por acidente tem a pele branca; que hoje usa todo o seu equipamento com uma despreocupação que beira a imprudência; para quem jamais ocorre que é necessário reabastecer o mundo mental de onde toda essa tecnologia deriva; apenas o homem da massa pode duvidar de sua fragilidade. Ainda que apenas para sustentar a sua própria existência, essa massa anônima se refugia em um mundo no qual nenhuma questão a respeito da possível ineficiência disso pode possivelmente entrar. Qualquer grande civilização do passado pode jazer em ruínas para o homem de massa: no seu mundo, o motor de quatro cilindros é um pedaço da eternidade. Nessa atmosfera, preenchida com uma suada fé no progresso, o saber da humanidade foi bastante alargada desde os filósofos da natureza da antiguidade, para poder incluir o mais atualizado instrutor universitário. E se nós conseguirmos dar um jeito de viver suficientemente longe, nós atingiremos o ponto – graças a esse ininterrupto progresso da humanidade – no qual um outro instrutor universitário nos apresentará Seu último divino segredo obtido de Deus.

Ortega y Gasset enxerga na estéril “é assim que são as coisas” com a qual o “emergente jovem de hoje” toma como natural a existência do rádio e do motor elétrico uma clara indicação de deslocamento com relação à realidade. Ele acertadamente cita Weyl, o cientista, de acordo com quem “a apatia de uma única geração será o bastante para destruir o ambiente intelectual que é essencial para a sobrevivência da tecnologia.”

Será possível ignorar por mais tempo o fato de que tudo isso é parte do estágio terminal de uma grade cultura, e que, com seus dias vigorosos há muito no passado, a própria tecnologia se encontre ameaçada pela impotência intelectual do homem de massa?

O homem de massa, que compra os produtos tecnológicos em completa alienação, sem se envolver diretamente ou mesmo demonstrar qualquer interesse no trabalho intelectual que tornou aquilo possível – o homem de massa é, nisso, um irmão de sangue do

romano dos tempos de Caracala, que tomava o *Limes romanus*⁸⁵ como uma reconfortante garantia à preservação de seu confortável estilo de vida – mas incapaz de se levantar de sua indolência para impedir que aquilo tudo fosse feito em pedaços.

Eu não acredito que esse “Novo Adão” tenha a mais remota ideia do quão completamente a sua existência depende dos produtos tecnológicos. Eu suspeito que no começo do fim do mundo ele procurará saber o que o governo propõe para garantir que o jogo de futebol entre a Alemanha e a Suécia do próximo domingo ocorra como previsto. O seu destino me parece certo e inevitável. A chegada da Segunda Guerra Mundial será o começo do fim: o fim de uma época na qual o racionalismo dominava, e o legado disso – supondo que o planeta ainda é capaz de se regenerar – será “X”, um novo modo de vida baseado na irracionalidade.

Assim sendo, e as massas sentindo que estão condenadas, elas irão, sem dúvida, se rebelar contra tudo o que não seja de massa, mas seja, simplesmente, “diferente”. Na Alemanha, onde o regime hitlerista é apenas uma massiva tentativa de prolongar a existência do homem de massas, o alvo será aquela pequena elite que causou mais danos a esse regime com seu “Não” por princípio do que toda a política de impotência e panos quentes sem fim de Chamberlain⁸⁶. Eu acredito que o nosso martírio, o destino reservado à nossa pequena falange, é o preço para um renascimento do espírito, e que, nos dando conta disso, nós não podemos esperar por mais nada de bom pelo tempo que restar de nossas vidas arruinadas e brutalizadas aqui na terra além do que algum sentido na maneira pela qual morreremos.

Eu, que faço essas afirmações, vejo a mim mesmo de maneira alguma acima desse medo de morrer, e sei, também que todas as grandes afirmações mais cedo ou mais tarde se voltam para o homem que as fez, e requerem redenção...

Mas nós não podemos voltar atrás para a vida que ontem compartilhamos com vocês, uma vida que vocês exibirão, de maneira tão tentadora quando retornarem. Nós teremos sofrido demais para ainda acreditar que a forma como vemos o Absoluto possa seguir para qualquer outra rota que não a do profundo vale das lágrimas. O inferno não se

⁸⁵ Eram o conjunto de muralhas e fortificações, estrategicamente erguidas nas fronteiras mais problemáticas do império romano, a fim de manter afastadas as possíveis ameaças de povos invasores.

⁸⁶ Refere-se a Neville Chamberlain (1869-1940), político conservador britânico que ocupou o cargo de primeiro-ministro nos anos de ascensão do nazismo (maio de 1937 a maio de 1940), e, em função de sua insistência em evitar a guerra com a Alemanha, terminou por ceder excessivamente às exigências de Hitler e acabaria entrando para a história como o político derrotista que quase pôs tudo a perder. Foi substituído, no poder, por Winston Churchill, mas continuou no Gabinete, como Ministro da Guerra, até que, no fim de 1940, sua condição de saúde se deteriorou e ele renunciou ao cargo, morrendo (de câncer) logo depois.

abriu diante de nossos olhos sem um propósito, e quem um dia o viu não poderá jamais encontrar o caminho de volta para as amenidades dos encontros terrenos. Antes, eu contei como um jovem hitlerista arremessou a imagem do Salvador na rua, gritando “Fique aí, seu judeu imundo!” Eu contei sobre o próprio Hitler, e sobre como ele se portou diante das pessoas em Berchtesgarden, e como, depois daquilo, mulheres enfeitadas comeram o cascalho onde os pés haviam trilhado... oh, e a coisa mais vergonhosa de tudo é que não se trata nem mesmo do fisicamente belo e espiritualmente fascinante anticristo das lendas, mas apenas uma pobre cara de estrume, em todos os sentidos alguma coisa mais para um *anticristo de classe média*...

Oh, de verdade, os homens não podem descer mais fundo. Essa multidão, com a qual eu estou relacionado por uma nacionalidade comum, é não apenas inconsciente a respeito de sua própria degradação, como está pronta para, a qualquer momento, exigir de todos os outros seres humanos que façam os mesmos rugidos, que engulam os mesmos cascalhos, que desçam para o mesmo grau de degradação.

Quando eu voltei para casa, eu fui em busca de Dostoiévski, aquele que é proscrito na Alemanha como nenhum outro. Eu li uma vez mais em *Os Demônios* as palavras proferidas por Peter Stepanovich, o filho da esposa do general:

“Todos são escravos e iguais na escravatura. Todos pertencem a todos, e todos a cada um, e o principal a respeito disso é a igualdade. Para começar, o nível da educação, e da ciência, e dos talentos, é reduzido. Um alto nível de educação e de ciência só é possível para as grandes inteligências, e elas não são desejadas. Aqueles com as grandes inteligências sempre tomaram o poder e se tornaram os déspotas. Os grandes intelectos não conseguem deixar de se tornar déspotas, e eles sempre causaram mais mal do que bem. Eles serão banidos ou condenados à morte. Cícero terá a sua língua cortada, Copérnico terá seus olhos arrancados, Shakespeare será apedrejado. Abaixo a cultura. Nós já tivemos o bastante de conhecimento acadêmico. A disciplina deve vir antes. Aquilo de que o mundo mais necessita é disciplina. O caminho para o conhecimento é um caminho aristocrático que destruiremos; nós empregaremos bebedeiras, calúnias e espionagem; nós identificaremos todo e qualquer gênio em sua infância. Nós reduziremos tudo a um denominador comum! Igualdade completa, submissão absoluta, absoluta perda de individualidade, o Papa à frente, conosco em sua volta, e abaixo de nós – o Chigalevismo!... Mas uma ou duas gerações presas ao vício são agora necessárias; vícios abjetos e monstruosos pelo qual o homem se transforma num réptil

cruel, egoísta e repugnante. Haverá uma tal rebelião no mundo como jamais se viu. A Rússia será coberta pelas trevas, a terra irá chorar por seus antigos deuses...”⁸⁷

Verdade, Dostoievski está correto, o fim do mundo está próximo. Será o fim, ainda que seja o fim de um mundo, o mundo amaldiçoado e encharcado de lágrimas de ontem.

9 de setembro, 1937 (II)

Eu passei alguns dias no castelo de Hohenschwangau como um hóspede de nosso Mestre Real.⁸⁸ Liberado por meu anfitrião após longas conversas que se estendiam fundo na noite, eu tentei chegar ao meu quarto, numa distante ala para hóspedes, e vagando através de um labirinto de corredores e escadarias para cima e para baixo, incapaz de localizar os interruptores de luz naquele ambiente pouco familiar, acabei me aninhando num degrau e ali esperei, conversando com o frio, pelo nascer do sol.

Meu hóspede contou uma grande variedade de histórias para mim, casos que, nos atuais tempos, parecem vir até aqui desde uma distância imensa: sobre o suporte triplo de havanas que ele viu Bismarck usando – somente ao fumar três charutos ao mesmo tempo é que o gigantesco glutão conseguia produzir as nuvens de fumaça que gostava de exalar; e sobre o maravilhoso apetite do velho Kaiser, com quem ele tomou café da manhã pouco antes do fatídico ano de 1888⁸⁹. Finalmente, ele me contou sobre os sombrios e difíceis dias que viveu como um comandante do exército na Guerra Mundial

⁸⁷ Trecho de *Os Demônios*, também conhecido como *Os Possuídos*, de Dostoievski, publicado em 1872. Como a citação de Reck é bastante diferente das traduções a que tivemos acesso, em português, preferimos manter a dele.

⁸⁸ Reck se refere aqui ao príncipe Rupprecht (Rodolfo) von Wittelsbach, marechal de campo e herói da Primeira Guerra, filho do último rei e herdeiro presuntivo do trono bávaro. Opositor ao nazismo, foi obrigado a exilar-se na Itália em 1939. Pouco antes do fim da II Guerra, sua esposa e alguns filhos foram capturados pelos alemães e enviados a Dachau, o mesmo campo no qual Reck perdeu a vida.

⁸⁹ Reck se refere ao Kaiser Guilherme I, o rei da Prússia que se tornou imperador da Alemanha após a unificação do país em 1871. O ano de 1888, também conhecido como “o ano dos três imperadores”, foi emblemático para a história da monarquia alemã. Naquele ano, o velho kaiser morreu em março, sendo sucedido por seu único filho, Frederico III, o qual, com câncer, reinaria por pouco mais de três meses, morrendo em junho, sendo por sua vez sucedido por seu filho Guilherme II.

nos dias que antecederam o colapso... naquela época, em setembro de 1918, o total de reservas do exército havia encolhido para o equivalente a metade de uma companhia, e os aviadores com o grupo de exército contavam com estoques de gasolina de menos de 1.200 litros.

No fim, meu anfitrião me mostrou uma foto, no *Berliner Illustrierte Zeitung*, de Herr Göring, aquele feliz homem de família, retratado em seu estúdio com sua mulher, a anteriormente senhorita Sonnemann. Eles aparecem diante de uma imensa tapeçaria Gobelin⁹⁰, que foi parte da coleção privada de Wittelsbach⁹¹, e a qual foi *brevi manu*⁹² roubada assim como, provavelmente, o foram os outros elementos naquela representativa fotografia: os enormes anéis nos dedos do senhor da casa e os braceletes e brincos em sua esposa. Nós falamos a respeito das origens desse afetado camarada, o filho de uma garçonne de Rosenheim⁹³, que não obteve sucesso quando tentou ser admitido ao corpo de cadetes da Bavária – a inscrição passou pelas mãos do Príncipe Real – e foi, então, enviado para a Prússia. Agora, é claro, junto com um fantástico brasão de armas, Herr Göring apresenta um pedigree que traça suas origens em algum general da Vestfália do começo da Idade Média. Obviamente um desequilibrado mental, ele agora se toma como o rei da Prússia em pessoa. Um conhecido meu, que teve a oportunidade de visitar Karinhall⁹⁴ recentemente, viu, nas portas, placas de porcelana com os nomes das acompanhantes da ex-senhorita Sonnemann nas quais se lia “Primeira Dama de Companhia”, “Segunda Dama de Companhia” etc.

Mas é assim que eles todos se veem uns aos outros, exatamente dessa maneira. Todos eles que fazem o papel de *classe dirigente* têm fantásticos brasões de armas desenhados, e criam para si pedigrees ainda mais fantásticos, e escolhem seus auxiliares entre aquela nobreza decadente do norte alemão, que se amontoa em torno deles tal qual os tipos que um dia seguiram Bockelson.

⁹⁰ As tapeçarias gobelins, fabricadas na França desde o século XV (inicialmente por Jean e Philibert Gobelin), são conhecidas pela riqueza de cores e detalhes, e com frequência atingem elevados preços.

⁹¹ Não sei a qual dos Wittelsbach o autor se refere aqui, já que a família, uma das mais tradicionais da aristocracia alemã (encontram-se na história da família reis da Baviera, imperadores do Sacro Império Romano-Germânico, eleitores do Palatinado e de Colônia, reis da Suécia, Noruega, Dinamarca e Grécia, entre outras dezenas de títulos de menos destaque. O ramo alemão, quase em sua totalidade, posicionou-se contra o nazismo desde os primeiros passos de Hitler, e foi naturalmente perseguido por isso; alguns de seus membros terminaram em campos de concentração. Daí, obviamente, estaria a origem da tapeçaria na foto de Göring.

⁹² Sumariamente, sem formalidades

⁹³ Pequena cidade do sul da Baviera, não longe da fronteira com a Áustria.

⁹⁴ A suntuosa casa de campo de Göring, situada ao norte de Berlim.

Herr Göring decretou oficialmente que sua esposa seja chamada de “Vossa Senhoria”, Herr Goebbels conta com um príncipe sarnento de uma família real do centro da Alemanha a lhe prestar homenagens, e até mesmo de Herr Himmler, que de uma maneira geral se esforça para manter um estilo de vida mais austero, se diz que mantém um vassalo real em seu séquito. Mas o pior de tudo são as mulheres, essas antigas garçonetes, das quais algumas passaram por um sem número de mãos, que são entupidas de joias roubadas de famílias nobres, e que ainda assim não conseguem jamais se livrar da aura de suas cozinhas de origem. Fantasiadas para se parecer alguma coisa entre uma estrela de cinema e uma coquete, elas jogam o jogo de intrigas da corte: “Como, Frau Goebbels, acontece de eu observar que há constantemente três carros oficiais à disposição de seu marido, quando ele na realidade deveria ter apenas dois?”

Mas é assim que todos eles são. Com pose de revolucionários, são *de facto* desprezíveis pequenos burgueses que não conseguem se ver livres de sentir as coleiras de cachorro que eles usaram até ontem, e que – as velas queimadas até a base e a comida parcialmente consumida – se sentaram à mesa de seus desapropriados senhores.

No caminho de volta para casa, eu ouvi o último escândalo. No primeiro ano após alcançarem o poder, os nazistas proclamaram que o ato de duelar pertencia aos direitos naturais de todos os homens – uma coerente extensão da filosofia de 1789 – e com muita fanfarra anunciaram que todas as classes da sociedade agora gozavam do direito de resolver, com esse método, suas diferenças. Qualquer diferença de opinião entre um senhor e um serviçal a respeito de sapatos mal polidos poderia ser resolvida com pistolas. Mas o primeiro duelo ocorrido sob a nova regulamentação acabou por abater um deles – e, por uma antiga lei, não o pior do lote. Herr Roland Strunck, um jornalista cujo calibre excedia o nível geral deles, de mestre-escola tornado guerreiro nórdico – tanto quanto eu sei, enfim, um sujeito decente, um homem de alguma qualidade.

Strunck, parece, descobriu um dia que um colega de partido, um jovem grosseiro, estava agindo de acordo com a doutrina nazista de sexo sem freios e dormindo com a filha de Strunck. Ele chamou a atenção do jovem e foi morto. E a lei dos duelos foi agora suspensa.⁹⁵ Agora, uma mera ameaça pode ser punida com prisão por uma pesada sentença, e o perigo que um homem enfrentaria por reclamar, com seu motorista, que o carro estava mal lavado, foi posto de lado.

⁹⁵ Este fato está documentado pela historiografia. Ver Richard J. Evans, *The Third Reich in Power*, op. cit.

Eu tinha com Clemens von Franckenstein uma discordância com relação a esta política, a quem muitas viagens tornaram um cético. Eu acabei de ler *Action for Slander*⁹⁶, um romance no qual dois oficiais de cavalaria ingleses tomam satisfação após um desentendimento durante um jogo de bacará, primeiro boxeando, e depois levando a questão à justiça – sem que os oficiais tenham sido suspensos, e sem que a autora, Mary Birdin, tenha conseguido fornecer a seus confusos leitores não-ingleses a menor dica a respeito de como seriam seus dois protagonistas.

Está claro, eu estou longe de ser um defensor da bem conhecida carnificina estudantil, mas tampouco posso ignorar o fato de que, desde 1918, com o banimento oficial dos duelos, ocorreu uma quase completa bolcheviquesação de todos os padrões de honra, e que o bom nome de um homem se tornou parte de um jogo sem regras. Qualquer difamador está hoje livre de temer as sérias consequências que teriam ocorrido no passado – e isso não começou com os nazistas. Que ninguém, por favor, venha me contestar dizendo que geralmente as mentiras acabam sendo expostas por si mesmas. Levar um caluniador à justiça é de fato dar a um pequeno demônio mais do que ele merece – além disso, quando uma calúnia envolve a honra de uma família e questões mais privadas, um duelo se torna um expediente infinitamente mais humano do que expor toda a vida interior de um lar e de uma família às histórias de jornais, e às línguas ferinas das ruas. Nós testemunhamos uma pavorosa decadência nos costumes europeus nos últimos 30 anos. Nós devemos tomar cuidado para que não afundemos ainda mais.

No caminho de casa, eu passei por Munique, uma cidade que eu evito tanto quanto possível, desde que foi ocupada pelos prussianos – ela já foi tão alegre, tão brilhante! Há não muito tempo a periferia da cidade era uma região de campinas intocadas, pedaços de uma paz bucólica que não eram encontrados em nenhum outro lugar da Alemanha. Isso foi arruinado por montanhas de entulhos que foram levados para lá, pelo desbastamento de florestas, pelas esporas das estradas de ferro e por indústrias monstruosas que a Administração Geral, com sua característica e bárbara inabilidade em compreender que algumas coisas são insubstituíveis, finalmente trouxe também para cá. Não, eu não mais reconheço Munique como a cidade alegre e bem-humorada, de juventude e felicidade, que ela um dia foi; nunca de fato uma cidade grande, ela era de fato apenas a cidade principal de uma terra de camponeses e fazendeiros. Agora, mulheres de ancas largas, as esposas dos burocratas prussianos que governam a Baviera, empurram seus carrinhos de bebê diante da fachada do Palácio Florentino da

⁹⁶ *Ação por Difamação* em tradução livre. Este livro não foi editado no Brasil. Escrito pela anglo-americana Mary Borden, foi publicado em 1937, e no mesmo ano adaptado para o cinema, em produção britânica. Mas fica claro que Reck só havia, naquele momento, lido o livro, recém lançado.

Ludwigstrasse, e por toda a parte, nos corredores dos hotéis, pode-se ver as repulsivas botas dos recém promovidos oficiais com suas faces de sargentos. O Hoftheater, o qual, nos últimos três anos, desde a partida de Franckenstein⁹⁷, afundou, literalmente, para o nível de uma companhia itinerante de quarta classe, está abarrotada por hordas da DBM (Bund Deutscher Mädchen)⁹⁸, loiras tingidas, e os hotéis estão lotados de esposas de gerentes de fábrica do norte da Alemanha, a ruína existencial de todos os porteiros, mantendo seus relacionamentos com os gangsteres nazistas. Não, eu não quero ver mais nada desta cidade arruinada pela barbárie prussiana até que chegue o dia da sua libertação.

Enquanto eu estava no antes exclusivo Hofgarten, onde, incidentalmente, Herr Hitler pretende construir “a maior sala de óperas do mundo”, removendo as arcadas e os afrescos de Rottmann, me mostraram, de longe, o pintor Ziegler.⁹⁹ Ele foi escolhido por Hitler para “limpar a arte alemã de toda a decadência”, e se tornou, portanto, alguma coisa como o chefe de todos os pintores alemães: um homem sem sustentação em sua cabeça. Ele recebeu o título de “Mestre dos Pelos Pubianos Femininos”, conferido a ele por colegas em função de sua predileção por esse tipo de representação.

E assim vão as coisas em Munique. O sentimento geral a respeito do processo sistemático de prussianização da cidade, foi, além disso, evidenciada em um fato que, se ocorrido nos tempos dos antigos regentes, trinta anos atrás, seria descartado como inacreditável. Dois bairros remotos de Munique, Haidhausen e Giesing, versões locais animadas e repletas de gente de Whitechapel, estiveram por algum tempo inseguras por conta da ação de um bando de adolescentes sob a bandeira da “Âncora Vermelha”¹⁰⁰, os quais lançaram uma campanha de terror contra qualquer um que usasse um uniforme nazista. Graças ao fato de que ninguém aqui quebra o tabu contra os que falam os

⁹⁷ O Hoftheater, ou Teatro Nacional de Munique (construído em 1751-53), era o mais tradicional e importante espaço para óperas e concertos do sul da Alemanha. Era dirigido pelo amigo de Reck, o compositor e maestro aristocrata bávaro Clemens von Franckenstein (sobre ele, ver Nota 46), até que o regime o demitiu em 1934.

⁹⁸ Liga das Senhoras Alemãs

⁹⁹ Adolf Ziegler (1892-1959) foi um artista-plástico alemão, um dos pintores preferidos de Hitler. Ziegler foi figura central na campanha contra a “arte degenerada” e um dos pilares da “pura arte ariana”. Ver Richard J. Evans, *The Third Reich in Power*, op. cit. E também Karen A. Fiss, “In Hitler’s Salon. The German Pavilion at the 1937 Paris Exposition Internationale”, in Richard A. Etlin (ed.), *Art, Culture, and Media Under the Third Reich*. The university of Chicago Press, Chicago and London, 2002, pp. 316-342.

¹⁰⁰ A menção a Whitechapel, bairro londrino que por muitas décadas, ao longo do século XIX, foi sinônimo de miséria e perigo – Jack o Estripador cometeu naquele bairro alguns de seus crimes, e foi lá viveu o célebre Homem Elefante – parece evidenciar que Reck escrevia para a posteridade e, também, para um possível público estrangeiro. Quanto à atuação de um suposto grupo Âncora Vermelha, ou Rot Ankor, no original alemão, não encontramos qualquer referência na historiografia.

dialetos do norte, pode-se passar pelas ruas de Giesing vestindo um casaco de peles e um chapéu com tranquilidade e sem ser incomodado – os Âncora Vermelha atacam apenas os nazistas uniformizados, especialmente os membros das SS. Nada disso deve ser tomado como uma inocente tendência à turbulência, uma vez que aos Âncoras Vermelhas são atribuídos uma série de assassinatos. A polícia encontrou os corpos de muitos membros das SS, e ligou os crimes à honorável irmandade. A comédia, aqui, é que o bando foi totalmente recrutado entre jovens camaradas *de facto* antinazistas, que foram forçados a ingressar na Juventude Hitlerista, e agora estariam agora jogando duplo. Mas o que beira o incompreensível é que, com características que se aproximam das do submundo de Chicago, o líder da organização seria um suposto advogado de Munique – isto em nossa suave e bem-humorada cidade, na qual há apenas duas décadas e meia, um digno e velho patriarca governava! De fato, um demônio, na Alemanha, escapou das amarras que o prendiam – ah, e nenhum de nós sabe o que fazer para que ele volte a ser acorrentado.

20 de março, 1938

E agora, a Áustria.

Por semanas, nós vimos isso se aproximando. Naturalmente, nós sabíamos o que tudo aquilo significava, aquelas ameaças e agitações ensaiadas... toda aquela miserável performance, planejada para fornecer um pretexto para a intervenção. E agora colunas com tanques e canhões estão descendo por todas as ruas, sob o comando de jovens e agitados oficiais das SS, e na minha cidade, exatamente como se se tratasse de uma batalha de vida ou morte, os desajeitados semi-crescidos da juventude hitlerista estão brincando de ser heróis, e se apresentando como voluntários para o exército, como se o inimigo fosse uma grande potência europeia, e não uma pequena nação de sete milhões de habitantes.

Eu não posso evitar, vejo nisso uma brutalidade generalizada, essa sórdida satisfação diante do destino dos líderes austríacos, esse deleite geral com relação ao ridículo e ao estrupo – algo ignóbil, que me deixa profundamente envergonhado...

A Áustria, pobre, eternamente ridicularizada Áustria, cujo único pecado foi, e isso até o fim, e em face do ataque que sofreu da Grande Prússia, ela manteve até o fim uma lembrança do antigo e nobre Sacro Império Romano Germânico dos alemães.

Agora em Salzburgo, onde eu estive nesses últimos dias, esses caras-de-batata berlinenses ocupam as ruas, ao lado de suas esposas de peitos grandes. Graças às taxas de câmbio, eles podem adquirir tudo por quase nada, incluindo produtos que não existem mais na Alemanha, deixando vazias as prateleiras das lojas. Eles estão se comportando como uma horda de serviçais cujos patrões estão fora, que encontraram as chaves das adegas e que estão agora fazendo uma orgia com as suas mulheres.

O bando está fora da casa,
Vamos beber tudo o que eles deixaram para trás,
Um beijo seu
E um beijo seu,
A vida, finalmente, a vida, finalmente
É aquilo que ela deveria ser.

Ou algo assim. Enxames de garotas da Liga Berlinense de Moças Alemãs foram agora enviadas para cá, e elas acenam, extasiadas, para as colunas de tanques que passam pelas velhas ruas. Na próxima edição da Berliner Illustrierte Zeitung elas serão retratadas como “habitantes locais que saúdam seus libertadores alemães com intensa aclamação pública”... Nós sabemos tudo com respeito ao talento para encenações de Goebbels, o vendedor manco de loja de armarinhos.

Eu ouvi que Schuschnigg¹⁰¹ está sendo mantido na mais sórdida das prisões, e maltratado. Eles agora se divertem com as pessoas que tiveram a dignidade de se manter firmes em seus postos até o fim.

Uma vez que seria inconcebível que os escritores – os escritores deles – se abstivessem do bacanal universal, Herr Bruno Brehm¹⁰² se adiantou com uma brochura impressa

¹⁰¹ Kurt von Schuschnigg (1897-1977) era chanceler da Áustria. Após a invasão alemã, ele foi preso, sucessivamente em um hotel em Viena, depois num quartel das SS em Munique e, finalmente, nos campos de Sachsenhausen, Flossenbürg e Dachau. Ele sobreviveu à Guerra e, nos anos seguintes, deu aulas na universidade de Saint Louis, nos Estados Unidos.

¹⁰² Bruno Brehm, pseudônimo de Bruno Clemens (1892-1974) foi um escritor austro-húngaro (depois austríaco), veterano da Primeira Guerra e que abraçou, desde o início, a causa nazista. Favorecido por Hitler, viveu seu apogeu durante os anos do domínio nazista, sendo depois relegado a um relativo esquecimento, apesar de, depois da Guerra (e de algum tempo na prisão, seguido por passagens em programas de desnazificação) ter continuado a publicar.

secretamente para marcar o evento. Ela contém um hino a Hitler, que é louvado por este traidor de seu povo como aquele que irá consumir o sonho de um Reich Alemão.

Mas o ponto mais baixo é atingido quando os alemães do norte se arvoram a falar de um “retorno da Áustria ao Reich” – como se esses prussianos tivessem qualquer direito de se considerarem sucessores do grande império dos Hohenstaufens e Habsburgos... Tanto quanto um criador de porcos que enriquece, se casa com uma jovem descendente de uma antiga família arruinada, e dela se declara descendente em linha direta, até mesmo com o direito de portar o brasão.

Eu conversei com meu primo L., que está tomando parte, como major general, desse arrombamento político, e não consegue conceber como é que os meus olhos não estão brilhando de contentamento diante dos fatos. Eu perguntei a ele se ele podia imaginar se um homem com o berço do velho Moltke poderia ter reagido com menos do que uma renúncia se a ele fosse ordenado participar de um ataque dessa natureza. A coisa mais incrível e assustadora é que esses oficiais prussianos, de nomes famosos e grandiosos, não têm ideia do trabalho degradante ao qual estão sendo levados a participar aqui. É essa eliminação do sentimento de honra, esse defeito ético, essa ímpia negação de que existem fronteiras separando o certo do errado que me leva a acreditar num final e infame do espírito alemão.

Histórias profundamente comoventes são contadas, de oficiais austríacos de unidades de Bregenz, que estavam posicionados para uma batalha sem esperança contra o invasor, cometendo suicídio com suas armas; de soldados rasos, do antigo regimento Rainer, de Salzburgo, que se jogaram das janelas do castelo da cidade, diante da humilhação de seu país. Por que possível razão Schuschnigg não deu as ordens para que atirassem, em uma última tentativa de despertar, assim, o resto do mundo, dessa incompreensível letargia em que se encontra? Os países fronteiriços observaram o miserável estupro de uma pequena nação, e deram de ombros. Ninguém está se mexendo para interromper isso antes que fique tarde demais. Parece mesmo que eles preferem ficar à parte e esperar até que a serpente saia do ovo.

Mas eu antevejo o dia em que as nações lamentarão a sua covarde passividade. O custo está além de qualquer possível medição; mas ele algum dia terá que ser pago. Nesta primeira grande quebra da paz, o criminoso foi deixado sem punição, e dessa maneira fica parecendo mais poderoso do que realmente é. E quando ele se torna mais poderoso, nós, que somos seus últimos oponentes dentro da Alemanha, nos tornamos mais fracos e impotentes.

Será que nós, e os que pensam como nós, pegaremos as metralhadoras de um exército nazista que, graças à letargia dos governos, é agora dono também dos armamentos austríacos? Eu coloco a questão agora, e vejo chegando o dia em que terei que colocá-la novamente: depois da inevitável Segunda Guerra Mundial. Se quatro anos atrás, na época da assim chamada Ascensão ao Poder, as nações europeias tivessem agido – tudo teria terminado com uma batida policial, com a gangue sendo arrastada para a cadeia pelos colarinhos.

Mas o que fizeram todos? Ficaram parados e olharam, e dessa maneira tornaram impossível a resistência dentro da Alemanha. E o que eles estão fazendo agora? Eles estão parados e olhando, preocupados em encontrar um modo de não irritar Herr Hitler – e assim tornando qualquer resistência ainda mais impossível. Chegará o dia em que vocês poderão fazer algumas coisas: vocês poderão punir aqueles que com seus vis acertos políticos tornaram possível aquele infame dia de janeiro de 1933¹⁰³; e vocês poderão punir os militares e homens de negócio que atuaram nos bastidores. Mas há uma coisa que vocês não poderão fazer: vocês não poderão responsabilizar uma nação inteira por um regime que vocês – sim, vocês – fortaleceram. Vocês quebraram a nossa resistência interna com sua letargia política, e apesar de tudo vocês ficam exigindo que um povo desarmado faça aquilo que vocês, com seus vigorosos exércitos e a mais poderosa marinha do mundo, não se atreveram a fazer.

Chegará o dia em que vocês se encontrarão face a face com essa censura e essa acusação.

Enquanto eu escrevo, uma imensa revoada de bombardeiros está zumbindo por sobre minha cabeça. Por uma hora inteira o zumbido ressoa no alto, como se os aviões estivessem voando contra uma potência mundial. Eu sou alemão, e abraço esta nação onde vivo com todo o meu amor. Nunca mais eu poderei ser arrancado desta terra sem deixar sementes. Eu estremeço por cada árvore e cada bosque que desaparece, por cada vale silencioso que é devastado, por cada córrego que esses piratas da indústria, nossos verdadeiros senhores, ameaçam...

¹⁰³ Refere-se ao dia em que uma coalizão conservadora permitiu que Hitler se tornasse Chanceler do Reich, mesmo sem contar com maioria parlamentar. Os conservadores, liderados por Hindenburg, acreditavam que poderiam manipular e futuramente livrar-se Hitler, mas que naquele momento ele seria útil para combater os comunistas e os socialdemocratas. Em alguns meses, porém, o que se viu foi exatamente o oposto: Hitler, mesclando habilidade política e violência, isolou as lideranças conservadoras uma por uma, e ficou sozinho, com os nazistas, no poder. Ver Richard J. Evans, *The coming of the Third Reich*, op. cit.

Eu sei que esta nação é o coração, vivo e pulsante, do mundo. E eu seguirei acreditando nessa pulsação, apesar de todas essas obscuras camadas de sangue e sujeira. Mas eu também sei que o que aqui agora troveja e ronca é a negação do direito e da justiça, da verdade e da fé e de tudo o que faz a vida valer a pena ser vivida. Ei acredito que isso é uma caricatura da Alemanha, lambuzada por um macaco maligno que escapou da coleira.

Ei vocês, logo ali: eu odeio vocês, andando e dormindo. Eu os odiarei e amaldiçoarei na hora da minha morte. Eu odiarei e amaldiçoarei vocês desde a minha sepultura, e serão os seus filhos, e os filhos dos seus filhos os que carregarão a minha maldição. Eu não tenho outra arma contra vocês além dessa maldição. Eu sei que a tendência é que defínhe o coração de quem profere essas coisas, mas eu não sei se sobreviverei à sua queda.

Mas o que eu sei é que um homem deve odiar essa Alemanha com todo o seu coração se ele realmente amá-la. Eu preferiria morrer dez vezes a vê-los triunfar.

Escrevendo essas coisas, eu me encolho para dentro de mim. Logo será Páscoa, e como que por escárnio, o trecho final da *Paixão de São Mateus* toca no rádio nesse exato momento – “Wir setzen uns in Tränen nieder...”¹⁰⁴

Alemanha, minha Alemanha... sim, esse coral, pelo menos agora ele fala por nós.

E agora?

Agora, ainda, lá em cima, esses selvagens brancos pilotam suas máquinas idiotas, voando rumo a brutalidade e o crime, afogando a pacífica tranquilidade desse dia primaveril. Eu estou chorando. Mas o choro vem mais da fúria e da vergonha do que da tristeza...

¹⁰⁴ “Em lágrimas nós repousamos...” Da *Paixão segundo São Mateus*, de Johan Sebastian Bach, BWV 244.

Herr Schmeling foi derrotado em Nova York¹⁰⁵.

Pelas ordens do Rei Plebe, eu supostamente deveria acreditar que a toda a Alemanha foi derrotada, porque o muito bem pago jovem açougueiro alemão foi nocauteado em Nova York por outro muito bem pago jovem açougueiro tem por acaso a mesma nacionalidade que eu! Quatro de nós ficamos sentados até o amanhecer deste quente dia de verão para ouvir o resultado dessa luta. Quando soubemos que todo o drama, lá, havia sido encenado e encerrado em dois minutos, nós caímos na gargalhada. Meus caros compatriotas, eu espero que vocês vivam para ver o dia em que possam aprender a crer em outros deuses além de umas poucas vadias do cinema e um par de lutadores mercenários.

Em uma manhã de verão, eu notei três homens inspecionando minhas terras. Eles eram desconhecidos, e sua aparência destoava totalmente da atmosfera calma daqui. Eles circulavam pelos campos com todos os tipos de instrumentos de medição e, quando me viram, nem mesmo se deram ao trabalho de me cumprimentar. E então, quando eu os questionei, identificaram-se como funcionários da Siemens¹⁰⁶ de Berlim. Parece que a Siemens, um dos maiores empreendimentos de Göring, estava planejando construir uma fábrica aqui...

¹⁰⁵ A luta de box entre os pesos pesados alemão Max Schmeling e o norte-americano Joe Louis, que terminou com a vitória do segundo. Na verdade a luta havia sido uma revanche, cedida por Louis, que já havia vencido um primeiro confronto contra o alemão em 1936. Em uma entrevista em 1975, Schmeling afirmou: “Olhando para trás, eu me sinto quase contente por ter perdido aquela luta. Tente imaginar o que aconteceria se eu voltasse para a Alemanha com uma vitória. Eu não tinha nada a ver com os nazistas, mas eles teriam me dado uma medalha. Depois da Guerra eu poderia ser considerado um criminoso de guerra.” A entrevista completa está reproduzida no jornal USA Today de 4 de fevereiro de 2005.

¹⁰⁶ Fundada em 1847, a Siemens já era, portanto, quase centenária, e um dos grandes grupos industriais da Alemanha, quando os nazistas chegaram ao poder. Mas, assim como muitos outros grandes conglomerados alemães, a empresa não só não se opôs, como se beneficiou enormemente durante o regime nazista, inclusive fornecendo materiais e equipamentos para campos de concentração e extermínio, utilizando mão de obra escrava e, até mesmo, mantendo uma unidade industrial dentro do complexo de campos de Auschwitz. Ver o texto de S. Jonathan Wiesen, “German Industry and the Third Reich: Fifty Years of Forgetting and Remembering”, em http://archive.adl.org/braun/dim_13_2_forgetting_print.html

Sem me consultar, sem buscar um acerto comigo, sem qualquer aviso, e sem nem mesmo uma tentativa de providenciar uma sombra de legalidade. Eu perguntei a eles como a Siemens se sentiria se eu aparecesse de repente em uma de suas fábricas e comesse a perfurar buracos. Isso levou a uma animada discussão, e como eu pretendi presentear aqueles cavalheiros com conceitos básicos a respeito de propriedade e boas maneiras, em simplesmente chamei meu pessoal, e fiz com que os instrumentos deles fossem confiscados e guardados sob chaves e cadeados.

Isso levou a gritarias e muitas ameaças. No dia seguinte o comissário assistente da região apareceu. Depois de uma severa reprimenda por eu ter apelado a força, ele me informou que eu poderia esperar a visita de uma comissão dentro de dois dias. E a comissão apareceu conforme agendado: cinco funcionários administrativos bávaros e um engenheiro austríaco com uma suástica em sua lapela. Eu fui informado sobre a essência do projeto, que implicaria a total devastação deste maravilhoso vale, a demolição de minha antiga casa, do período gótico inicial, e o alagamento de centenas de hectares.

Tudo isso para obter 4.000 cavalos de potência, o equivalente à energia produzida por um bombardeiro. E isso por um regime que não cessa de proclamar o seu favorecimento aos agricultores, e que adotou, entre seus muitos slogans, que “Ou a Alemanha será uma nação de agricultores, ou ela não será nada.” Desde as primeiras frases deles eu compreendi que o que ocorre aqui tem menos a ver com 4.000 cavalos do que um projeto que permitirá, à indústria do norte da Alemanha, transferir capital para o sul. Farejando a aproximação da guerra e da inflação que virá com ela, esses industriais estão convertendo papel moeda em ativos fixos – ativos a serem roubados de agricultores, não importa a que custo de recursos naturais, e perda de lares das pessoas envolvidas. E tudo isso é feito em nome do “bem geral”, com o fim de ocultar as ações brutais desses barões ladrões da indústria que são os sucessores das dinastias alemãs da velha nobreza.

Eu penso na tranquilidade deste incomparável vale com seu rio, e nas dezoito gerações de homens para os quais essa terra deu abrigo e sustento. Eu não vejo razões para esconder a minha indignação...

Os funcionários bávaros estavam silenciosamente do meu lado, e seus sorrisos mostravam isso. Mas o engenheiro austríaco estava arrebatado pelo hitlerismo e uma quente discussão se seguiu. Ele falou do “bem para a sociedade”, e eu perguntei qual era o valor das ações dessa “sociedade”. Quando ele começou a falar sobre desapropriação, eu disse que era de fato possível que eu tivesse que deixar esta casa, mas que se isso

acontecesse, ele certamente a deixaria antes de mim – em uma padiola, com os pés na frente.

Evidentemente, as pessoas na Alemanha se desacostumaram, nos últimos anos, a ouvir uma discussão desse tipo, e ele estava furioso e sem palavras. Ainda assim, a possibilidade de que eu tivesse meu revólver armado, em meu bolso, fez com que ele se revirasse, com medo e dúvida, em sua poltrona. Enquanto os bávaros olhavam para mim como que para um animal milagroso, ele rapidamente emendou que era possível que a questão talvez levasse anos para ser resolvida. E, com isso, a comissão partiu.

Algum tempo depois eu soube, em Munique, alguma coisa sobre o que estava por trás daquilo. Uma fonte da Seção de Construção de Hidrelétricas do Ministério do Interior me contou que houve, por um longo tempo, existiu uma outra proposta, a qual implicaria obter a mesma quantidade de energia, só que preservando o vale inteiro. Mas essa proposta teria sido recusada porque o Conselheiro Arno Fischer, chefe da seção e inventor das turbinas subaquáticas, queria utilizá-las no projeto. Isso, é claro, levaria a um grande benefício incidental aos bolsos desse cavalheiro, e era em nome da tal turbina subaquática e dos bolsos de seu inventor que o vale inteiro teria que ser sacrificado. Espreitando mais a fundo nos bastidores, estava uma grande empresa química bávara, que vem produzindo explosivos, e por trás dela, de novo, o todo-poderoso Herr Göring – o mesmo Göring que, há apenas um par de anos, fazia aparições regulares, como devedor, nas cortes de justiça, e a agora se tornou mestre e senhor do destino de tradicionais famílias de agricultores.

Esses eram os motivos, no fim das contas. De acordo com o meu confidente, não existe mais sequer uma única propriedade na Alemanha que esteja a salvo desse tipo de coisa. Veremos, Messieurs, veremos. Ah, e eu realmente preferiria ver a minha propriedade, e toda a Alemanha, explodirem em pedaços, a deixá-la para gente como essa...

Setembro, 1938

Me dirigindo para casa desde Berlim, a qual eu encontrei tensa e ainda um pouco mais contida, conforme a crise da Tchecoslováquia prossegue, eu observei, pela janela de

meu leito no vagão, no Alto Palatinado, uma quantidade sem fim de trens carregados com artilharia e munições viajando em direção à fronteira. A Alemanha, e com isso eu me refiro a essa última geração, que foi cuidadosamente criada sob os preceitos dos assaltos de estradas, vive de fato, hoje, no mais estranho estado mental. Ela considera os desejos desse assim chamado Führer como uma espécie de lei cósmica, e todos os que se opõem, até mesmo aqueles que estão fora das fronteiras do Reich, são vistos como criminosos. Sim, é claro, uma nação estrangeira é envolvida, e há a pequena questão de tratados rompidos, mas, ora, o Führer assim o desejou...

Mas e se os outros finalmente criarem coragem e disserem “Não” para esse Führer que vem se embebedando com o sucesso de seus roubos políticos? Pode ser que o choque da descoberta de que ele não é, como ele gradualmente passou a acreditar, o centro do mundo, fosse o bastante. No momento em que, pela primeira vez, ele não conseguisse fazer as coisas à sua maneira, talvez ele simplesmente desaparecesse de cena.

Mas tudo indica que a Europa vai observar sem fazer nada, dessa vez como durante o ataque à Áustria. E assim a posição de Hitler será ainda mais fortalecida. Foi até essa distância que nós fomos conduzidos: nós, que não somos os piores entre os alemães, temos que colocar as nossas esperanças em uma guerra para que fiquemos livres dessa praga de gafanhotos.

Eu tive uma longa conversa a esse respeito com P., que não consegue compreender porque é que sinto dessa maneira. Claro, ele é um homem de negócios, e eu tenho há tempos a teoria de que a substância básica do nacionalismo é de natureza comercial. Além disso, tudo depende de se reconhecer ou não este regime, nascido na velhacaria, na chantagem e na fraude, como um governo legítimo. Eu, desde 30 de janeiro de 1933, jamais deixei de vê-lo como algo de natureza criminosa, como uma fraudulenta falsificação de um estado moderno. E então, se um bando de ladrões entra em minha casa, me ataca e me batendo, deverei eu reclamar da polícia, quando ela vier em meu resgate e tiver que arrombar a porta?

Eu posso agora provar que o plebiscito que legitimou a posse da Áustria por Hitler foi falsificado da maneira mais tosca possível. Junto com os outros quatro adultos de minha casa, eu naturalmente votei pelo “Não”. Adicionalmente, eu conheço pelo menos outras vinte pessoas confiáveis, na cidade, que fizeram o mesmo. Apesar disso, de acordo com os resultados oficiais, a cidade, unanimemente, sem uma única voz discordante, “aprovou as ações do Führer”.

O ar está repleto de rumores a respeito de golpes e de planos para assassinatos, centrados, curiosamente, na Guarda Pretoriana das SS, e nos assim chamados

Cavaleiros da Ordem Teutônica (em sua maior parte, farmacêuticos e funcionários dos correios). E isso foi o que ocorreu recentemente comigo em Munique...

Enquanto eu me barbeava no pequeno hotel perto da estação central, onde eu costumeiramente me hospedo, alguma coisa caiu, passando pela minha janela no terceiro andar, e logo eu ouvi o som de um pesado impacto. Quando eu deixei o hotel, um homem jazia na rua, as pernas bem abertas, a cabeça quebrada com os miolos espalhados numa piscina de sangue sobre o pavimento. Ele vestia calças pretas de montaria e um paletó de pijamas com listas cinzas e brancas.

Curiosos estavam em volta, com olhares estúpidos, e um excitado ciclista contava como ele quase havia sido atingido pelo corpo que caíra do quarto andar. Uma mulher ruidosa havia até mesmo visto quando o homem escalara a borda da janela antes de pular. Um porteiro do hotel cobriu com folhas de papel enquanto dois limpadores de rua varriam o sangue e os miolos. Então chegou um caminhão de higienização, uma mangueira foi conectada ao hidrante mais próximo, e o pavimento foi esguichado com água, enquanto o corpo permanecia estirado, com as botas para fora dos papéis que o cobriam.

O cadáver permanecia no agora fechado canto da rua, suas pernas muito abertas ficando à vista a cada vez que o vento levantava a colina de papéis marrons. Quando eu perguntei ao porteiro, ele me disse que o homem havia chegado ao hotel naquele mesmo dia, às seis da manhã, vestido num uniforme das SS e ligeiramente alcoolizado, pedindo um quarto no andar mais alto. Ele então pediu um litro de cerveja e uma garrafa de conhaque – os restos dos quais nós então encontramos, o conhaque três quartos consumido, no austero quarto de sótão junto à cama desarrumada. No chão também estava o casaco negro do homem e, espalhados pela cama, uma coleção amassada daquele tipo de cartões postais que são vendidos aos turistas na Praça do Comércio, em Lisboa, e principalmente em Port Said¹⁰⁷.

Os resultados preliminares da investigação policial chegaram muitas horas depois. O home morto, que havia se registrado naturalmente sob falsa identidade, havia sido treinado na escola para oficiais SS de Bad Tölz¹⁰⁸. Ele havia se envolvido em uma conspiração contra Hitler e os nazistas, e estava sendo caçado.

¹⁰⁷ No Egito, próxima ao Canal de Suez.

¹⁰⁸ Na pequena cidade medieval de Bad Tölz, localizada no sul da Baviera a poucos quilômetros da fronteira com a Áustria, foi montada em 1937 a SS-Junkerschule (Escola de Candidatos para as SS), que funcionou até 1945. Durante a Guerra, foi erigido, lá, um subcampo de concentração, parte do complexo de Dachau.

O desagradável acidente, e a ainda mais desagradável presença daquele cadáver, me lembrou uma história que meu amigo Hans von Bülow, sobrinho do grande general¹⁰⁹, me contou anos atrás. Em 1918, durante a campanha da Finlândia, um ex-oficial prussiano foi capturado e se tornou o chefe de um bando de bolcheviques. Este homem havia passado anos num campo de prisioneiros de guerra russo, e essa experiência, além de sua vida durante a Revolução, acabaram por transformá-lo em um saqueador. Antes da guerra, o homem havia sido promovido desde as patentes de soldado, e a partir de 1912 já desfrutava dos privilégios da oficialidade. E agora este homem, que havia sido completamente brutalizado após quatro anos num campo de prisioneiros na Sibéria, e degenerado para se tornar um assassino barbado e sanguinário, fora condenado à morte como o líder de uma quadrilha responsável por incontáveis crimes. Mas o que é incrível é: enquanto, diante do pelotão de fuzilamento, ele encarava os olhos negros dos fuzis apontados contra seu corpo, ele pediu um cigarro. Ele acendeu o cigarro, deu uma ou duas tragadas, e então, no último momento antes de ser dada a ordem para os disparos, ele abaixou as calças, virou-se de costas, como que para receber em suas brancas partes traseiras, soltou um bolo no chão, recebendo os sacramentos e as balas ao mesmo tempo – enquanto continuava a defecar.

Eu voltei a conversar com Bülow sobre aquela velha história. Em uma primeira impressão, havia uma certa semelhança com Chopin, que, diante da morte, quando esta chegou diante dele, gritou “*Merde!*” E havia ainda a tentação de admirar esta presente geração pelo seu desprezo pela morte...

Mas aqui se estaria errando. O que parece ser a coragem em face da morte é meramente a apatia do homem de massa. O que aparenta ser estoicismo é meramente a condição do homem de massa: nem boa nem má, mas basicamente, e com uma certa satisfação de ser o que é, nada. Eu realmente não sei como caracterizar a condição espiritual de meus melancólicos contemporâneos de maneira melhor.

Hoje estão circulando rumores a respeito de que um levante estourou em Viena. Eu não acredito que haja qualquer base real para isso. É quase certo que a história tenha origem a partir da circulação e das fofocas de umas poucas mulheres do mercado, e isso deve ser tudo. O homem de massa se move, como um robô, da digestão ao sono, com suas mulheres de cabelos loiros tingidos, e produzem crianças para manter o monte dos cupins em operação contínua. Ele repete palavra por palavra os encantamentos do Grande Manitú, denuncia ou é denunciado, morre ou faz morrer, e assim segue,

¹⁰⁹ Se refere a Karl von Bülow (1846-1921), que lutou nas guerras Austro-Prussiana, Franco-Prussiana e na Primeira Grande Guerra. Nesta última, chegou à patente de Marechal de Campo e comandou o II Exército, a força responsável pela invasão da Bélgica, e do norte da França.

vegetando. E nem chega perto de corar quando é confrontado com o legado de seus pais, com os monumentos de um passado nobre, pelas grandiosas conquistas de sua própria cultura.

Mas mesmo isso, o atropelamento do mundo pelos neandertais, não é o que é insuportável. O que é insuportável é que essa horda de neandertais exige, dos poucos humanos que sobraram, que eles, sem hesitar, se convertam, também, em homens das cavernas; e os ameaçam com a extinção física se eles se recusarem.

Lemos em Heráclito:

“Eles não mais sabem que muitos são sempre o mal, e poucos, o bem. Os efésios vão longe ao ponto de exigir que os idosos se enforcem a si mesmos, deixando a cidade para os jovens. Eles expulsaram Hermodor, que foi o primeiro entre eles, gritando: “ninguém deve ser considerado o mais virtuoso entre nós – deixem que ele vá ser isso em outro lugar, entre outras pessoas.”

Dezembro, 1938

Eu fustigo meus miolos tentando descobrir o sentido dessa perseguição aos judeus que Goebbels instigou.¹¹⁰ Num momento em que este regime ainda precisa urgentemente de paz, isso certamente despertará uma mortal animosidade no mundo inteiro, e deixará claro que a guerra é inevitável. Eu não consigo compreender a motivação, nem mesmo quando eu tento imaginar a mim mesmo como um nazista, e sigo o que imagino seria a trilha de pensamento deles.

Eu sei que ditadores precisam de um show de fogos de artifício a cada cinco meses para que possam manter a fidelidade da *canaille*... Foi isso o que levou Napoleão III de

¹¹⁰ Reck se refere aqui à Noite dos Cristais, em 9 de novembro de 1938, data que se tornaria emblemática na história da Alemanha Nazista e da adoção do antissemitismo como política de Estado. Com depredações, incêndios e ataques a pessoas comuns, foi um dos momentos-chave no processo que levaria ao Holocausto.

Sebastopol para a Expedição Chinesa, para Magenta, Solferino, o México e, finalmente, Sedan.

Tudo isso é incontroverso, e eu até que poderia explicar os eventos de 9 de novembro, se não fosse pelo fato de que, com eles, Hitler está trazendo a guerra para cima dele – uma guerra que ele certamente deveria evitar se não estiver disposto a cavar sua própria sepultura.

Eu discuti o assunto com L., um dedicado funcionário no Ministério das Relações Exteriores, que simplesmente riu de mim e de minhas complicadas análises. Sua explicação para tudo foram os súbitos acessos de raiva de Hitler; agora brincando de Artaxerxes, Hitler começa a rugir quando ele sente seus desejos atrapalhados, se joga no chão e morde o tapete.

Essa é a razão, enfim, se L. está certo, para toda essa desgraça e essa incomensurável vergonha. Mas eu gostaria de citar dois casos, os quais ocorreram, por assim dizer, bem diante dos meus olhos. O primeiro se refere a uma sobrinha de Sonnenthal¹¹¹, o ator, a qual estava indo de um esconderijo a outro, até que, mortalmente exausta, e tendo ultrapassado o ponto de querer continuar vivendo, ela simplesmente caminhou até as montanhas em uma das primeiras noites muito frias deste outono. Depois de alguns dias de busca, nós finalmente a encontramos: ela estava morta.

A segunda história é ainda mais perturbadora. Eu não nomearei seu desafortunado personagem por razões de ordem estritamente pessoal. Ela foi contada a mim pela viúva de nosso imortal Leo von Zumbusch¹¹²:

A idosa Fräulein X vivia em Munique, reclusa no seu apartamento de dois cômodos na Maximilianstrasse. Um conhecido ator, que conseguiu ficar bastante popular entre os nazistas, decidiu que ele queria ficar com o dois-cômodos. Ele descobriu que não se sabia que uma velha senhora judia estava vivendo lá, e denunciou a velha senhora a fim de obter o apartamento. Em nossos gloriosos tempos, isso é o mesmo que uma deportação para um campo de concentração e morte lenta por inanição. A idosa Fräulein

¹¹¹ Adolf von Sonnenthal (1834-1909), ator judeu austríaco, de grande sucesso nos países de língua alemã (com temporadas bem-sucedidas em outros países, incluindo os Estados Unidos) durante a segunda metade do século XIX. O “von” de seu nome deriva de um título de nobreza conferido a ele em 1882 pela monarquia austro-húngara.

¹¹² Este trecho coloca um problema no texto de Reck. O único Leo von Busch digno de nota é o médico, professor universitário e aristocrata austríaco, perseguido por sua atitude radical contrária ao nazismo, mas que morreu, na Baviera, em março de 1940, ou seja, um pouco mais de um ano após a data do presente registro de Reck. Acreditamos que ele tenha editado esta passagem após o falecimento de Von Zumbusch.

X sabia disso muito bem, e se sentia muito velha e fraca para encarar esse amargo caminho. Ela então solicitou com urgência, à mãe de um de seus pupilos, um veneno de ação rápida.

A amiga era uma mulher de caráter e determinação. Primeiro, ela ofereceu toda a ajuda e proteção possível à frágil senhora. Quando isso não funcionou, ela teve a coragem de ir a um farmacêutico de Munique, um colega de seu marido, para pedir o veneno...

Este cavalheiro, o qual, para tornar as coisas piores, era ele mesmo um seguidor de Hitler, ficou furioso com a ideia, e inicialmente se recusou. Mas, então, como a total falta de esperança daquele caso havia batido em sua porta, ele superou seu sentimento de ultraje o suficiente para entregar à amiga uma mistura de curare com cianeto de potássio. A senhora então procurou Fräulein X, já então na prática uma mulher morrendo, com o veneno.

E então ocorreu que, agradecendo, às lágrimas, pelo veneno, Fräulein X tinha ainda um último pedido a fazer: será que a amiga concordaria em cantar a *Ernste Gesänge*, de Brahms, antes que elas se despedissem? A amiga, que é cantora, concordou. Ela saiu, e hoje, durante o almoço, nós soubemos que a velha Fräulein X foi encontrada morta em seu apartamento. O homem que a denunciou, o ator P., já estava impaciente, e estava na porta do apartamento quando isso se deu.

Esses são fatos que eu presenciei, por assim, dizer. Eu não disse o nome dos denunciantes em nenhum dos dois casos. No caso Sonnenthal, o indivíduo é uma ex-dançarina de 79 anos, atualmente uma hitlerista vivendo em Viena... uma velha desmazelada que logo, em seu leito de morte, terá diante de si o Julgamento Divino...

E o outro caso?

Eu já vivi mais de cinquenta anos, fui forçado a descer até alguns lugares escuros, e acabei saindo deles com uma peça de sabedoria: nenhum mal que eu tenha feito deixou jamais de causar alguma dor, mesmo que isso tenha demorado décadas. De um jeito ou de outro, cedo ou tarde, eu imagino: não será que, vez por outra, nos coquetéis que Herr P. sorve, em seu apartamento adquirido dessa forma, não aparece um sabor de Curare e Cianeto de Potássio... e no meio das músicas de marcha que ressoam em seu rádio, será que ele, vez por outras, não ouve alguma coisa que se assemelha à *Ernste Gesänge*?

Com o término desse inverno sem fim, o qual realmente pareceu ter se adaptado ao que geralmente se chama de “Nórdico”, eu fui novamente a Berlim. Havia uma boa dose de alvoroço por conta do aniversário de Hitler, e a aproximação desse feriado nacional era evidenciada pelo fato de os hotéis estarem lotados com as diversas tropas de tempestade, muita tempestade, tornado e furacão¹¹³ que a Alemanha tem hoje à disposição. As suas botas ridículas eram visíveis diante de todas as portas.

Primeiro, eu me encontrei com Hans Albers¹¹⁴, e tomei um chá, com ele, em seu incrivelmente caro apartamento com vista para o Tiergarten. Ele ocupou o apartamento com antiguidades questionáveis que ele inquestionavelmente pensa serem genuínas.

Mas ele é um bom camarada, ainda que petrificado com a ideia de estar ficando velho. Albers é sem dúvida uma das maiores celebridades desta parte do mundo, e em privado é um simples e simpático tipo hamburguês, mas tem o mesmo problema que tinha o Kaiser Guilherme II. O Kaiser também era tranquilo e agradável no *tête-à-tête*, mas quando precisava aparecer em público, ele era insuportável. Com relação a mim, contudo, Albers sempre exibiu um certo sentimentalismo, e ficou com lágrimas nos olhos quando me contou sobre a tentativa de sua mãe, no leito de morte, de cantar a famosa *Schleswig-Holstein*, de sua nativa Holstein¹¹⁵.

¹¹³ Aqui, a tradução literal retira a ironia estilística do original. As Sturm-Bataillone, ou Sturm-Kompanien do século XIX e da I Guerra, se tornaram as Sturmtruppen nazistas. A tradução usual para o português é de “Tropas de Assalto”, ou ainda “Tropas de Choque”, o que impediria a associação com as diversas modalidades de eventos climáticos extremos.

¹¹⁴ Hans Albers (1891-1960) foi um ator, por mais de uma geração a maior personificação do galã masculino do cinema alemão. Ele atuou em *Bombas sobre Monte Carlo*, de 1931, o filme realizado a partir do romance de Reck, e um de seus papéis mais conhecidos foi em *O Anjo Azul*, de 1930, no qual contracenou com Marlene Dietrich. Albers não era nazista e tinha uma namorada judia, Hansi Burg, mas isso não impediu que o nazismo fizesse uso de sua imagem a favor do regime. Em função do prestígio de Albers junto ao regime, a presença de Hansi foi até certo ponto tolerada, mas em 1939 ela acabou se refugiando na Suíça e, em seguida, na Grã-Bretanha. Albers e ela mantiveram secretamente seu relacionamento, inclusive com suporte financeiro para ela, por parte dele, e voltaram a se encontrar em 1945, quando ela voltou para a Alemanha vestindo um uniforme militar britânico.

¹¹⁵ O mais ao norte dos estados alemães, fazendo fronteira com a Dinamarca, o Schleswig-Holstein, cuja capital é Kiel, representa a união de dois antigos ducados (cujos nomes compõe o atual), e ainda algumas antigas cidades hanseáticas livres, como Lübeck e Flensburg.

Berlim cheira a guerra, e me incomoda se mostrando do jeito que um novo-rico não deveria: desgastada, desbotada, ridícula. Os cardápios oferecem pouco, os vinhos são ainda mais questionáveis do que o usual, as toalhas de mesa são de duvidosa limpeza. O café é miserável, não há gasolina para os táxis e, uma vez que os faz-tudo foram recrutados para trabalhar em fortificações, os hotéis estão em estado lamentável. Todos os tipos de coisa são agora visíveis sob o lixo de estuque, veludo e bronze que antes formavam a arte do natural estilo prussiano.

Em uma noite, guiado por uma promotor sussurrante e de olhos nervosos, eu entrei em um antigo nightclub do lado oeste que funciona num porão. Graças a Herr Göring, ele ficou aberto a noite inteira, até que, de manhã, os garçons se sentaram, desmoronados e exaustos, junto às mesas vazias. Durante a minha visita, o lugar estava completamente lotado de rapazes da nobreza rural, todos eles em uniformes SS. Eles evidentemente estavam em Berlim para tomar parte no Aniversário do Imperador que se aproximava. O lugar estava tomado pelo odor dos seus cigarros de má qualidade e por seus modos estridentes, o que era ainda pior.

Eles se divertiam deixando cair pedaços de gelo dos baldes de *champagne* nos decotes de suas acompanhantes, e pegando-os de volta, de terríveis profundezas, para júbilo geral. Eles ridicularizaram um velho e trêmulo senhor com uma longa barba branca que por alguma insondável razão entrou naquele ninho de bestas, e falavam uns com os outros em vozes tão altas que seriam certamente ouvidas em marte, usando o linguajar de cafetões dos tempos da Guerra e dos *Freikorps*¹¹⁶ – jargão que se tornou a linguagem normal nos últimos vinte anos.

Desde a minha a mesa, eu observava as suas faces. Eles carregavam os nomes de velhas famílias salpicadas de sangue, e eram os filhos de felizes pais bebedores de cerveja que um dia foram, para a perplexidade de seus contemporâneos, conselheiros e adidos diplomáticos, exibindo para o planeta as barrigas teutônicas e os movimentos dos jogadores de futebol – com aparência ridícula e até mesmo tocante em suas severas inflexibilidades e inevitáveis desamparos.

Observar aqueles homens era olhar para o intransponível abismo que separa todos nós da vida dos dias do passado. É verdade, as barrigas de cerveja e as bolsas sob os olhos deles se foram, as faces são agora magras e enxutas. Uma primeira impressão os

¹¹⁶ As Unidades da Liberdade, em tradução livre, eram grupos paramilitares de extrema direita surgidos na Alemanha depois da rendição de 1918, formados em sua quase totalidade por soldados e oficiais desmobilizados e inconformados com a derrota. Dos *Freikorps*, que chegaram a contar com cerca de 250.000 homens, saíram boa parte dos quadros das SA e SS nazistas.

tomará por um grupo de caçadores de dragões ou como arcanjos que deixaram suas asas na chapeleira... até que os som desse jargão de prostíbulos e a vulgaridade de suas expressões tragam à mente uma bem diferente analogia.

A primeira coisa é o vazio assustador de suas faces. E então pode-se observar, de tempos em tempos, nos olhos, um tipo de piscadela, um súbito brilho. Isso nada tem a ver com juventude. Trata-se da típica aparência dessa geração, o reflexo imediato de uma básica e completa selvageria histórica.

Eu conheci o antigo exército do Kaiser. Depois de um ano ou dois de guerra mundial, ele não existia mais. E eu sei que as acusações de atrocidades cometidas na Bélgica, lançadas sobre aquele exército, foram baseadas ou em um trágico mal-entendido, ou nos esforços de propaganda do adversário. Tivesse aquele velho exército recebido ordens para levar a cabo conscientemente um único dos atos de crueldade atribuídos a ele, o fuzilamento sumário de um inimigo indefeso, ele teria se amotinado! Mas pobre Europa se mesmo essa histeria que agora nos confronta encontrar caminho livre. Esses jovens queimarão até as cinzas as pinturas de Leonardo se o seu Führer as classificar como degeneradas. Eles não hesitariam em fazer as catedrais darem cambalhotas no ar, usando as demoníacas artes da I.G. Farben, se isso fizesse sentido numa determinada situação. Oh, eles perpetuarão coisas ainda piores, e piores, as mais terríveis de todas, e eles serão totalmente incapazes de sequer *sentirem* o profundo grau de degradação de suas existências.

No dia seguinte, em frente à Chancelaria do Reich, encaixotado na multidão, ensurdecido pelo bater dos tambores, dos pratos, pelas tubas e pelas tropas que marchavam, eu testemunhei as festividades. Eu ouvi o clamor, vi as faces arrebatadas das mulheres, e vi, também, o objeto desse arrebatamento.

E lá ele estava, de todos o mais glorioso, em sua habitual pose com as mãos apoiadas na barriga, olhando, com seu uniforme decorado de prata e um quepe bem enfiado em sua testa, como um condutor de bonde. Eu examinei sua face com meus binóculos. O conjunto daquilo balançava com doentias almofadas de gordura; tudo aquilo pendurado, solto e sem estrutura – viscoso, gelatinoso, doente. Não havia luz naquilo, nenhum vislumbre ou brilho de um homem enviado por Deus. Ao contrário, o rosto apresentava o estigma da sexualidade inadequada, do rancor de um meio-homem que converteu a fúria por sua impotência na brutalização dos outros.

E no meio de tudo, esse bovino e retardado rugido de “Heil!”... Mulheres histéricas, adolescentes em transe, um povo inteiro na condição espiritual de uivar para dervixes.

Eu voltei para o hotel com Clemens von Franckenstein, a quem encontrei por acaso hoje. Nós conversamos a respeito de minhas observações de ontem à noite, e ele me lembrou que o registro dos Pares da Alemanha está repleto de listas de famílias como os von Arnims, Riedesels, von Kattes, von Kleists e Büllows, com membros ocupando posições como as de “Líder de Grupo¹¹⁷” e coisas semelhantes nesse governo criminoso... Essas honrarias são aceitas sem que se pense na desgraça que elas estarão levando para os antigos e respeitados nomes que eles carregam, para os seus antepassados. E eu pensei novamente nessa multidão de ideias opacas e em seu mugido bovino; nesse arremedo de Moloch para quem essa turba rugia seus respeitos; e no oceano de desgraça nos qual todos nós afundamos.

Não, a bastante maligna geração dos Guilhermes¹¹⁸ jamais chegou perto de atingir esse ponto de adoração do Escolhido. Nesse caso, é de fato verdade que os pecados de ontem não eram tão ruins quanto os de hoje. Não, esses são depravados! Essas cerimônias não são algo para ser visto e compreendido. Satã afrouxou suas amarras, e uma horda de demônios caiu sobre nós...

Este povo está insano. E vai pagar caro por sua insanidade. O ar do verão está repleto de maus agouros, e o ferro e o fogo deverão curar o que nenhum médico consegue mais curar.

No trem, no regresso a Munique, D¹¹⁹. me contou sobre os tempos, na Guerra, quando ele era o comandante da Companhia de Hitler. Ele descreveu Hitler como um homem que apresentava o tempo todo um certo torpor. Como o mensageiro da companhia, ele regularmente, e com bravura, marchava para “dentro das mandíbulas da morte”, mas, quando fora de perigo, era geralmente considerado como um tolo por seus companheiros.

Corre ainda um antigo rumor, jamais de fato negado, com relação a Cruz de Ferro que ele carrega.¹²⁰ Eu apenas reporto os fatos, uma vez que não disponho de elementos para

¹¹⁷ “Obergruppenführer” e “Gauamtsleiter” no original. Eram posições intermediárias de comando dentro das estruturas de poder nazistas, especialmente nas SS.

¹¹⁸ Refere-se aos kaisers Guilherme I e II.

¹¹⁹ D. é, provavelmente, o Dr. Diess, que ocupou o cargo de Oficial Legal no Regimento de Infantaria da Baviera, unidade na qual Hitler, com a patente de cabo, exercia a função de mensageiro. Ver Ian Kershaw, *Hitler*, op. Cit.

¹²⁰ A Cruz de Ferro, uma condecoração originalmente prussiana, criada na época das Guerras Napoleônicas, era uma das mais elevadas condecorações militares da Alemanha, usada durante a Primeira Guerra e, depois, pela Alemanha nazista. A questão sobre se Hitler de fato a recebeu, ou não, permanece em aberto, com historiadores afirmando que sim, e outros negando o fato. Ver Ian Kershaw, *Hitler*, op. Cit.

confirmar ou negar. Um oficial familiar com os procedimentos de concessão da medalha chamou a minha atenção para o fato de que a Cruz de ferro era automaticamente concedida em caso de promoção de um oficial não comissionado. Se for esse o caso, este oficial concluiu, o presente caso trata-se de uma situação em que a condecoração foi “auto-concedida”.

Não me agrada o horrível hábito que se espalhou nesses últimos poucos anos, de se impetrar impensadas e sujas calúnias. Eu não farei o mesmo, e, portanto, eu apenas registro aquilo que ouvi, sem tomar uma posição na matéria. O homem certamente *mentiu*, e não apenas na política. Ele tem mentido regularmente e sempre para aumentar a sua reputação pessoal. Por exemplo: em 9 de novembro de 1923, aquele lendário dia, depois de Hitler ter conseguido deixar o Feldhernhalle intacto¹²¹, ele criou uma história fantástica sobre uma criança em prantos que ele tentou resgatar em meio ao zunido das balas. Nenhuma testemunha viu a criança. Sem a menor dúvida, o propósito da história era o de cobrir a sua vergonhosa luta contra um idiota chorão e sentimental.

D. me contou mais alguma coisa que caracteriza o homem. Anteriormente à famosa Tomada do Poder, Hitler sempre se dirigiu ao seu antigo comandante de companhia com um formal “meu Capitão, senhor”, e D., onde quer que eles se encontrassem, se dirigia a se antigo mensageiro com o familiar “você”...

Esses eram os usos dos tempos da Guerra Mundial, que se conservaram até 1932. Agora D. era um advogado em Munique, e o outro era o todo-poderoso homem com o quepe de adereços prateados de condutor de bonde... Agora, este era o Moloch dos alemães, senhor da vida e da morte – esse antigo morador de um quarto mobiliado da Barerstrasse¹²², que teve recentemente a temeridade sem tamanho de oferecer a um chefe de estado estrangeiro uma das condecorações de sua quadrilha (a qual foi polidamente recusada)¹²³.

Mas é assim que se dão as coisas como os queridos prussianos, e até mesmo com esta pobre imitação de prussiano: por mais que tentem, eles não conseguem esconder suas simples mentes de recrutas; nem mesmo quando um capricho do destino os lança aos espaços do poder. Ainda enquanto D. segue falando, uma tropa de jovens vem

¹²¹ Refere-se ao golpe fracassado de 1923, conhecido como o “Golpe da Cervejaria”, quando Hitler feriu severamente seu ombro direito.

¹²² Hitler jamais viveu na rua Barer, de Munique. Naquele endereço funcionou um jornal do Partido Nazista.

¹²³ Durante uma visita a Madri, em 1939, Göring ofereceu ao ditador Francisco Franco a medalha da Ordem Especial da Cruz Alemã, que foi recusada. Aparentemente, Franco não se esquecera de que, um ano antes, ele havia oferecido uma condecoração a Hitler, que recusou.

marchando, na rua abaixo, através daquele quente e úmido dia de primavera. E eles não carregam, nas costas, mochilas confortáveis, mas sim desajeitadas sacolas. As sacolas levam menos coisas e são ruins de carregar, mas têm a vantagem de lembra-los dos quarteis e das paradas. É assim que eles são. Ter tudo bem empacotado e pronto para uso em cada rolo de cobertor¹²⁴ é o sonho, para os sargentos, de como organizar a vida, com o qual eles arruinaram a Alemanha, e que agora apresentam ao mundo. Dentro de muito pouco tempo, a Alemanha será verada diante de uma questão extrema: ou bem se libera da hegemonia prussiana, ou deixa de existir. Não há uma terceira opção.

A ocasião em que se celebrou o aniversário do Imperador em Berlim foi também utilizada para elevar Herr Bruno Brehm¹²⁵ à eminência de poeta laureado: o mesmo Herr Brehm, que inicialmente se apresentou a mim como um monarquista da mais pura coloração preta e dourada, e que dois anos depois escreveu aquele infeliz livro sobre o Kaiser durante a Guerra... Herr Brehm, quem até 1930 ainda estava atrás de favores nas antecâmaras do meio literário judeu de Viena; quem dedicou seus livros “em agradecida lembrança” para as suas esposas, igualmente judias; e quem, agora, poucos anos depois, escreve um inflamado artigo antissemita após o outro.

Oh, eu estou certo de que ele tem algum arquiduque atrofiado seguramente guardado, pronto para usar como álibi político para a hora em que o vento mudar de direção. Em todo o caso, eu sei que ele será mais ágil quanto a mudar o curso do que Benno von Mechow¹²⁶, que se tornou católico em 1933, quando parecia que os católicos triunfariam. Isso não aconteceu, contudo, e então ele se desviou rumo aos nazistas. Infelizmente, isso não produziu nos hitleristas o impacto que ele havia desejado.

Mas não é assim que eles todos são? Não são eles típicos exemplos de cadetes que na Guerra Mundial jamais conseguiram uma promoção, e que saem dela escrevendo um forte livro sobre a forte e única experiência que tiveram, e então, diante do fato de que não têm a menor habilidade para contar uma história, são incapazes de completar um segundo livro, baseado na fantasia e na imaginação? E então eles servem a mesma velha bebida uma terceira, uma quarta, uma quinta vez, em livro após livro, apenas

¹²⁴ Era comum, entre os soldados da primeira metade do século XX, levar um cobertor enrolado, nas costas, sobre a mochila. E o cobertor às vezes era usado para embalar alguma peça de roupa, documento ou equipamento.

¹²⁵ Bruno Brehm recebeu o Prêmio Nacional do Livro da Alemanha em 1939. Ver também Nota 102.

¹²⁶ Karl Benno von Mechow (1897-1960), veterano na Primeira Guerra, foi um jornalista e romancista de pouca expressão, com livros sobre a Guerra e, também, sobre a relação entre homem e natureza. O episódio ao qual Reck se refere foi a criação, em 1934, com Paul Alverdes, da revista conservadora *Das Innere Reich* (Dentro do Reich), apoiando o nazismo. Mas a relação entre os jornalistas e o partido jamais seria tranquila, e a revista acabou fechando as portas em 1938.

adicionando mais água quente, e sem que, obviamente, a bebida fique nem um pouco mais forte. Por anos, já, eles nada têm feito além de reescrever o mesmo livro sob o pretexto de preencher as lacunas das versões anteriores com seus imensos talentos literários.

Eternos cadetes, velhos demais, agora, para comandar uma divisão; imitadores de Hamsun¹²⁷ e de Adalbert Stifter¹²⁸; especialistas em sangue e solo, em cheiro de terra e fedor de esgoto; jovens pré-rafaelitas¹²⁹ com olhos de Tirteu;¹³⁰ arcanjos e matadores de dragões de virgindade intacta e Wassermanns negativos¹³¹.

Nenhum homem integral nesse lote. Nenhum que não traga consigo um “pequeno delito”, como o velho Fontane escreveu nas suas histórias de *Stine*.¹³² Nenhum deles alguém a quem um homem poderia chamar de “amigo”.

Eu disse isso antes: para aqueles de nós que ficaram, o mais difícil de suportar é a nossa sempre crescente solidão. Um após o outros, os nossos camaradas vão desaparecendo, tanto oponentes quanto aqueles que pensaram como nós.

Hoje, quando descí do trem, eu soube que Max Mohr está morto.

Emigrado em 1934, ele morreu enquanto exercia a medicina em Xangai – um ano atrás; e eu soube de sua morte só agora. Oficial de desapegada bravura durante a Guerra Mundial, esquiador, alpinista, fazendeiro e médico.

Amigo de David Herbert Lawrence¹³³. Autor do inesquecível *Improvisações em Junho*, que falava sobre a revolta dos românticos.¹³⁴ Autor, ainda, de dois romances ainda mais

¹²⁷ Knut Hamsun (1859-1952), autor norueguês de vasta obra, ganhador do Nobel de Literatura de 1920. Uma de suas características foi a ligação com o Neo-Romantismo Nórdico, de estética bastante cara ao nazismo. Apoiou os nazistas durante a II Guerra, defendeu que a Noruega lutasse ao lado dos alemães, e ficou bastante próximo de Goebbels. Depois da Guerra, foi preso, julgado e condenado, mas, em função da idade avançada, teve a pena reduzida a uma multa.

¹²⁸ Adalbert Stifter (1805-1868) foi um escritor, poeta e pintor austríaco que se notabilizou pela descrição, em todos os gêneros em que atuou, das paisagens naturais e alpinas, dentro da estética romântica que seria tão valorizada pelo nazismo.

¹²⁹ O movimento estético pré-rafaelita, fundado na Inglaterra em 1848 e notabilizado principalmente pelas artes-plásticas, defendia um retorno estético à arte anterior a Rafael, com uma grande valorização de imagens e mitos medievais.

¹³⁰ Tirteu, poeta grego do século VII a.C. que se notabilizou por cantar a Guerra.

¹³¹ O Teste Wassermann é um método usado desde 1906 para o diagnóstico da sífilis.

¹³² Até onde sabemos, nenhuma obra de Theodor Fontane, incluindo *Stine*, foi traduzida e publicada no Brasil.

¹³³ D.H. Lawrence (1885-1930), o conhecido autor inglês de, entre outros livros, *O Amante de Lady Chatterley* (1928).

fortes, se é que isso é possível, do que aquela peça. Ninguém seria tão inseguro quanto ele nua rua; e ninguém mais forte no topo de uma montanha, ou na neve.

Lawrence e Mohr: não seriam eles dois soldados na recém formada tropa daqueles que enxergaram além do universo do mercado de ações e foram chamados à ação pelo seu desgosto? Não eram ambos parte desse pequeno bando ainda sem uma bandeira, ainda por toda a parte assustados – mas que nunca, enquanto o sol continuar a brilhar nesta terra, se perderão em desespero e se venderão a si mesmos?

De *Die Freundschaft von Ladiz*¹³⁵:

“Aquele era um tempo no qual os homens ainda não tinham umbigos. Houve um tempo, com certeza, quando não existia esse tipo de coisa. Os umbigos foram inventados pelos prussianos... Provavelmente do sentimento inato de ordem que eles têm, de forma que um homem carregaria uma medalha portátil, comemorativa do dia de seu nascimento!”

Ninguém mais, de maneira tão irresistível conseguiu ridicularizar o próprio país, e ninguém mais se envolveu, com seu país, em um amor tão tempestuoso. Ninguém de maneira tão charmosa aplicou um chute no traseiro das calças de tudo e todos que ambos detestamos: a Kurfürstendamm¹³⁶ e a I.G. Farben; o reino industrial do Ruhr, os rapazes com grandes calções do Clube Silberspiegel (o Sielberspiegel era conhecido como um clube homossexual); e as velhas e filantrópicas prostitutas jogadoras de bridge dos bairros afastados de Berlim.

“Oh, Baviera, minha Baviera, a mais formosa das terras, agora na grande pausa entre o quarto e o quinto ato do drama de distantes deuses: a rua da cidade permanece vazia, é tempo de ordenha, para o sul cresce uma fada Morgana de gesso, *Karwendel*. Ainda mais longe, uma procissão na qual todos vestem negro se move através dos campos: um velho agricultor sendo levado de sua casa, terminou com a vida. Foi uma longa e profunda conclusão, e sem pressa. Agora eles o levam da casa de seu nascimento e término, os vizinhos carregam-no até a pequena igreja com duas torres de alho. E ainda mais longe há outros vizinhos, que trazem o feno. Pesados garanhões puxam as

¹³⁴ Max Mohr (1891-1937) foi um médico e escritor alemão, da Baviera, de família judia. Até onde sabemos, nenhuma de suas obras foi traduzida para o português, incluindo *Improvisações em Junho*, na realidade uma peça de teatro, comédia em três atos escrita em 1920.

¹³⁵ *A amizade de Ladiz: um romance sobre as montanhas*, de 1931, foi um livro de Max Mohr dedicado a D. H. Lawrence, com dois dos protagonistas inspirados nas figuras reais de Mohr (o narrador) e Lawrence. Este livro não foi traduzido e publicado no Brasil.

¹³⁶ Uma das avenidas mais elegantes de Berlim, larga, arborizada, com restaurantes caros e lojas de grife.

carruagens pintadas de verde, os últimos garanhões bávaros antes do advento dos tratores, os dragões de aço.”

A luz do sol que se põe repousa sobre essas imagens – qual é o medo secreto por seu lar, que aqui emerge? A luz do sol se pondo repousava sobre a sua juventude tanto quanto sobre a minha quando sobre a minha, quando você me deu A amizade de Ladiz naquele sinistro julho de 1931.

Emigrado para Xangai dois anos mais tarde, acometido por um ataque cardíaco muito longe de sua Karwendel natal; cremado no estrangeiro, suas cinzas lançadas aos ventos a partir do deque da popa de um navio no Mar do Norte, perto de casa, ao largo de Helgoland¹³⁷ ...

Extraído de uma textura distinta da desses escritores-homens-de-negócio com suas inabaláveis histórias de guerra e seus maravilhosos cadetes cujas vidas desregradas terminam na “sorte de uma morte rápida, a qual todos nós, no fim das contas, desejamos”.

E agora também você. Uma luz se vai, e depois outra. Finalmente o teatro está escuro, e palco, no qual tudo era luz e animação há pouco tempo, está vazio. Vez por outra, um vento gelado sopra, vindo das salas escuras ao fundo, em direção ao palco.

Requer-se coragem para seguir vivendo agora. Coragem, e uma renovação diária do sentimento de insistência. Já faz anos que seguir vivendo tem sido seguir odiando. A coragem é requerida, e acreditar nessa ideia, lutando com todas as forças, para que ela se torne real.

¹³⁷ Um pequeno arquipélago alemão não muito distante da costa da Dinamarca. Entre 1807 e 1890 foi parte do Império Britânico.

Agosto, 1939

Eu estive na casa de Jannings¹³⁸, no Wolfgangsee¹³⁹. Sua impressionante propriedade jaz, agora, sob uma densa sombra – seu proprietário teme a possibilidade de uma guerra. Ele se preocupa com o que pode acontecer com sua coleção de arte e seus títulos e ações, e com o suprimento, no ano que vem, do carvão para o aquecimento central de sua casa, e também se haverá suficiente variedade de salsichas para seus jantares no próximo ano. Como ator, ele não é mais nem menos que um criador de tipos de primeira categoria; como homem, ele é um burguês gordo cujos medos a respeito da tempestade mundial que se aproxima se concentram sobre se sua *siesta* com varas de pescar e charutos às margens do lago serão seriamente afetadas.

Jannings me contou todos os tipos de coisa a respeito do famoso escândalo, em Berlim, envolvendo Goebbels, o qual supostamente foi flagrado, em um *tête-a-tête*, com a esposa de Frölich¹⁴⁰, o ator, e teria sido sonoramente apanhado deste. A verdade é um pouco diferente – infelizmente. Uma vez que Jannings disse que ele foi uma testemunha ocular do ocorrido, eu assumo como verídica a sua versão.

Parece que Herr Frölich saiu de uma festa em companhia de Jannings, e foi até seu carro para em seguida ir para casa. E então Frölich encontrou sua esposa dentro do carro, junto com o Senhor Ministro... em um, vamos assim dizer, *tête-a-tête*. Ele não desafiou Herr Goebbels, mas mais tarde estapeou sua mulher repetidas vezes, e agradeceu seu mordomo por ajudá-lo a expor sua esposa adúltera.

¹³⁸ Emil Jannings (1884-1950) foi um ator suíço com carreira na Áustria e Alemanha, ganhador do Oscar de melhor ator em 1929. Foi o principal protagonista, ao lado de Marlene Dietrich, em *O Anjo Azul*, de 1930. Ele teve um papel bastante ativo no cinema alemão durante o período nazista, atuando em diversos filmes de propaganda e ficando bastante próximo a Goebbels. Depois da Guerra ele foi submetido a processos de desnazificação, não mais filmou e terminou a vida em relativo ostracismo.

¹³⁹ O Wolfgangsee é um lago, próximo a Salzburgo, na Áustria, naquela época, e ainda hoje, um destino sofisticado para férias na Europa.

¹⁴⁰ A história se refere um notório caso da época, envolvendo a atriz checa Lida Baarova e seu marido, o ator alemão Gustav Frölich. O suposto envolvimento de Goebbels com ela, levando Magda Goebbels a pedir o divórcio. O divórcio foi negado, por interferência direta de Hitler, que tentou evitar um grande escândalo no alto escalão do Reich, e colocou Von Ribbentrop para cuidar pessoalmente do caso. No fim, Frölich teria sido enviado, como soldado raso, para a frente de batalha. Fonte: jornal *Chicago Tribune*, 31 de dezembro de 1931, pág. 1.

Esta é a verdadeira história. O homem não teve a necessária coragem, de fato, para tomar qualquer atitude em público. Mas a versão popular insiste num final mais gratificante para a história, e segue popular a imagem de um Ministro do Gabinete apanhando. De uma hora para a outra, uma canção chamada “Eu quero ser feliz” se tornou imensamente popular.

Eu passei os últimos dias de agosto no Chiemensee¹⁴¹, com Herr von K., que foi Ministro do Gabinete anos atrás, e que, quando jovem, conheceu Bismarck. Nós falamos a respeito de suas experiências durante a Guerra, e sobre os primeiros dias do conflito, vinte e cinco anos atrás, na fronteira leste da Prússia. Então, pouco antes da declaração de guerra, em noites de lua cheia, as patrulhas iam e vinham pelas extremidades dos campos, cuidadosamente evitando os pesados maços de trigo. Mesmo depois de a guerra ter começado, era difícil convencer os recrutas de origem camponesa a superar seus sentimentos e marchar para dentro dos campos de trigo prontos para a colheita...

Imagens de um mundo tão próximo no tempo, e já se tornaram como que uma lenda do passado: um Dragão da cavalaria prussiana enfia a sua lança no corpo de um russo durante a primeira batalha da cavalaria, derrubando-o de seu cavalo. Mas não consegue arrancar a lança do corpo do inimigo. De repente, olhando para o corpo do russo, ele começa a chorar. O russo estende a mão e o cumprimenta, dizendo a ele que não leve aquilo para o lado pessoal, *pelo amor de Deus*.

Uma outra imagem: um pequeno garoto judeu, condenado à morte sob lei marcial por ter ajudado o inimigo, está sendo levado para ser executado e não compreende. Ele leva uma ordem na qual está escrito o veredicto, e ele sacode o papel, perguntando, sem entender nada: “Por favor... para o que é este papelzinho?”

Outra: uma pequena e velha camponesa russa que vestia um uniforme do exército russo quando foi capturada nos contou que ela e os seus camaradas estavam devidamente prontos para atirar quando a distância era de mil metros ou mais (“Você não acerta nada”). E nem mesmo quando a distância diminuiu para quinhentos metros, eles atiraram (“Você não consegue saber se acertou, ou não”). Mas quando os alemães chegaram a cem metros, todos os russos jogaram fora suas armas, e sob nenhuma circunstância as usaram – “Porque quem, meu senhor, gostaria de carregar consigo o pecado de atirar de uma distância tão próxima?!”

¹⁴¹ O Chiemensee, a oitenta quilômetros de Munique, e não distante da fronteira austríaca, é, com seus 79,9 km², o maior lago da Baviera.

E então nós falamos Bismarck, enquanto os pesados comboios militares de Herr Hitler seguiam, na direção leste, pela rodovia de Salzburgo logo embaixo. Como um jovem servindo no serviço diplomático, K. recebeu a missão de dar uma palestra diante do Chanceler. Na escrivaninha de Bismarck havia um prato contendo uma pilha de salsichas, e, de tempos em tempos, enquanto os jovens rapazes faziam seus pequenos discursos, o velho glutão cortava para ele uma fatia de salsicha tão grossa quanto um dedão, cobria o pedaço com um naco de manteiga do mesmo tamanho, e colocava tudo na boca, sem se preocupar com o pão...

Eu não tenho a menor dúvida, em minha mente, que a duração física de um chefe de estado tem um efeito profundo nos efeitos que suas políticas provocam. A ascensão e a queda do império de Napoleão é um exemplo. Eu gostaria de saber que catástrofe ocorreria se o Chefe Eunuco que ora decide os destinos da Alemanha tivesse que estar presente em apenas um daqueles lanches com Bismarck.

Eu seria um aleijado espiritual se tentasse negar a real estatura e a profundidade emocional de Bismarck. Mas nós estamos, agora, colhendo os frutos da superdesenvolvida indústria prussiana cujas sementes ele plantou. Eu estou mais do que nunca convencido de que o seu trabalho continha os defeitos fatais dos erros de avaliação de um grande homem, e que é a isto que nós devemos agradecer por este governo de estúpidos com olhos somente para a indústria, e pelo fato de nós estarmos sendo dominados pelos membros da massa, que se reproduzem feito coelhos, que não têm empregos suficientes para mantê-los ocupados, e que assim ficam cada vez mais sedentos por poder.

Nós estamos às portas de uma segunda guerra mundial, na qual novamente toda a geografia estará contra os alemães, e que será consequência do Estado bismarquiano. E eu estou completamente certo de que esta guerra, a ser obviamente declarada pelos eternos prussianos, estará perdida antes que o primeiro tiro seja disparado. Nós não poderemos falar de dias melhores antes de termos, diante de nós, os contornos da catástrofe que se aproxima. Essa perspectiva nós teremos somente quando estivermos sentados sobre a relativamente pequena pilha de entulho que resultará dessa relativamente curta guerra que chega – uma guerra que é inevitável, e que deverá eclodir em *breve*.

Já há um toque de outono sobre este dia claro como cristal, o último dia de paz. Com a medida precisão das estrelas, uma parelha de bois puxa morro acima, e morro abaixo, um arado, sobre um campo que não muda, e eles sendo exatamente como eram quando

se abaixaram sobre o berço de Cristo. A clara e inteiramente inocente paisagem repousa diante de mim, aberta e pacífica, solitária como uma ilustração em um livro.

E, no entanto, a devastação está no ar. As pessoas por aqui pressentem isso, e estão profundamente perturbadas. Os fazendeiros, especialmente os da Baviera, são o único povo que restou, na Alemanha, que ainda mantém contato com seu eu profundo e com um senso básico de realidade, apesar da histeria universal e a série de bem-sucedidas roubalheiras políticas. Os únicos entusiastas na aldeia são os membros da Juventude Hitlerista, que foram treinados em Radau e que acreditam que a guerra será como as *promenades militaires* da Áustria e da Tchecoslováquia.

Na manhã seguinte, conforme eu seguia em meu rumo para casa, o ferreiro veio me contar as novidades: os pigmeus aos quais o destino da Alemanha está agora ligado se lançaram, e neste exato momento aquela voz esquizofrênica e bêbada está ressoando em todos os alto-falantes. Eu apertei a mão do homem. Pelo que em breve serão sete anos, ele sofreu e odiou tanto quanto eu. Eu não tenho a menor dúvida de que um sofrimento incomensurável está a caminho, e que ele não poderá ser evitado. Mas eu tampouco tenho qualquer dúvida sobre aquilo que me sustentou por seis anos, e me manteve durante as horas mais escuras da minha vida... a certeza de que hoje o grande monstro assinou a sua própria sentença de morte.

Eu o odiei em cada hora que passou, eu o odeio de tal maneira que eu alegremente daria a minha vida por sua morte, e alegremente iria para a minha própria danação se eu apenas pudesse testemunhar a sua. Me leve para as profundezas. Quando eu deixo livre esse ódio, eu sou praticamente possuído por ele, mas eu não consigo mudar isso, e não sei, realmente, como poderia ser diferente. Não deixemos que alguém despreze isso, nem se engane a respeito do poder de um tal ódio. O ódio leva à realidade. O ódio é o pai da ação. A saída de nossa casa contaminada e profanada se dará através da ordem de se odiar Satã. Somente assim nós obteremos o direito de procurar, nas trevas, o caminho para o amor.

20 de setembro, 1939

E então os nazistas (eu não quero falar, nesse sentido, dos alemães)... os nazistas estão conquistando, e o que mais alguém poderia esperar? Um desanimado e chuvoso verão vem sendo seguido por um claro e ensolarado outono, repleto dos enfumaçados perfumes dessa estação, com o solo duro e firme, como que feito para ordenar àqueles tanques que rolem por cima e aplacem qualquer coisa que esteja em sua frente... a cavalaria polonesa, o exército polonês inteiro... e se a Polônia é nossa hoje, amanhã deverá ser o mundo inteiro.

Sim, os nazistas estão conquistando, e talvez internamente mais do que nos campos de batalha. Os editores exultam com a moda sedenta de sangue dos jornais nos quais as nossas florestas estão sendo convertidas. Eles inventaram uma linguagem totalmente nova, para se adequar aos grandiosos tempos em que vivemos, e agora proclamam o *Nascidos em 1899*¹⁴², e o Compromisso das Mulheres com a Guerra, e o Reforço das Mulheres Alemãs¹⁴³, e falam sobre aquele antigo pedaço de terra alemã, Posen¹⁴⁴. E quando eles são lembrados que a Posen era um território polonês desde pelo menos os tempos de Frederico o Grande, e que mesmo antigos soldados de Danzig¹⁴⁵ lutaram pelo lado polonês na primeira batalha de Tannenberg, eles ficam irritados e ameaçam chamar a Gestapo...

Os nazistas estão, de fato, conquistando, e seus “comentadores da guerra” trazem novas glórias à língua alemã, enquanto eles “lavam o inimigo com faíscas em quantidade suficiente para fazê-lo queimar pela paz” e “dando a ele algo para mascar

¹⁴² *Jahrgang 1899* é um poema do alemão Erich Kästner que relata as experiências e dissabores da geração que chegou à idade adulta no momento em que eclodia a Primeira Guerra Mundial. É a geração à qual pertenciam alguns dos principais líderes nazistas, como Himmler (nascido em 1900) e Goebbels (nascido em 1897).

¹⁴³ Ambas foram movimentos de mobilização feminina patrocinadas pelo governo nazista.

¹⁴⁴ Antiga cidade localizada bastante dentro do atual território polonês, Posnânia (Posen em alemão, e Poznań em polonês) recebeu o primeiro bispado da Polônia, no ano de 968. Ela passou a ser território prussiano em 1793, depois das guerras de sucessão polonesas. Voltou a fazer parte do Ducado de Varsóvia em 1806, com Napoleão Bonaparte, mas tornou-se prussiana novamente em 1815, após o Congresso de Viena, mantendo, contudo, uma razoável autonomia. Em 1867, a população de origem alemã representava 38% do total. A cidade se tornaria polonesa novamente com a derrota alemã na Primeira Guerra e voltaria a ficar uma vez mais sob controle alemão entre 1939 e 1945.

¹⁴⁵ Danzig, atualmente a cidade polonesa de Gdansk, é uma cidade portuária teutônica e, depois, hanseática, no atual norte polonês, mas sua cultura e população eram majoritariamente alemãs. Mudou de status inúmeras vezes até se tornar o principal porto polonês depois de 1945.

quando ele está estendido no chão.” E quando eles ouvem que o alemão deles é o alemães das paredes das latrinas, eles ficam muito irritados, e rugem dizendo que eles são soldados, e que é assim que os soldados falam, e que se você não acredita nisso, você poderá conferir em um campo de concentração.

Ah, sim, os nazistas não fazem outra coisa além de conquistar, eles conquistam tão ininterruptamente quanto os exércitos de Guilherme em 1914, e seus soldados de cervejaria tem, novamente, o mundo inteiro anexado. E recentemente, em um café daqui, um antigo general do Corpo Médico empregou o jargão corrente, que joga no mesmo saco, como “porcos”, os poloneses e os ingleses – apesar do fato de o velho senhor jamais ter visto um único exemplar dos últimos no seu, por assim dizer, habitat natural.

Quando eu me levantei e reclamei daquela linguagem inteiramente inadequada, ele olhou para mim com o olhar de um veado ferido, sentiu que o mundo havia desmoronado a seus pés, e murmurou algo como ter sempre pensado que eu era um *patriota*.

22 de setembro, 1939

Caro Reck,

Eu estou escrevendo de casa, de volta da Guerra da Polônia e antes que eu vá para a Frente Ocidental nesta Segunda Guerra Mundial. Eu agora sou um capitão da Força Aérea, e de volta da Batalha da Polônia e onze missões de voo – algumas missões um tanto quanto incomuns, como bombardeio de mergulho sobre colunas de tropas ou trens com soldados. Certa vez, por causa de meu amor pelo trabalho, consegui uma entrada como “convidado” em uma missão de bombardeio sobre Varsóvia – uma de muitas, é claro, mas este foi um mergulho vertical desde 16.000 mil pés para 2.200. E eu saí dela

intacto, ainda que houvesse alguns arranhões na cabine¹⁴⁶. E agora, Inglaterra. Mais sobre isso, porém, um pouco adiante.

Você ouviu certo: Eu não estou mentindo, nós estamos prestes a ousar o impossível. Nós somos os filhos dos deuses, e eles são misericordiosos. Mas nós temos nosso próprio modo de forçar o destino: nós colocamos nossas mãos em volta de seus pescoços e dizemos: “Me abençoe, ou eu não o deixarei ir!”

Caro Reck, eu não escrevia a você há muitos anos. Mas nós temos tempo o bastante para gastar, nós humanos, não precisamos nos afobar. Eu já quis deixar clara a minha preferência pela Prússia Oriental e sobre como ela era por vezes muito afobada. Agora, eu voei sobre toda ela, desde o extremo norte até a totalidade do território, para atacar o inimigo, sempre com uma carga de 1.600 quilos de bombas. E a cada vez eu estava de volta, um par de horas depois, da destruição polonesa, seguro e excitado pela glória da Masúria¹⁴⁷. Algumas vezes voltávamos com mortos à bordo, aviões eram dados como perdidos, ou um avião estava tão avariada por tiros que só o que aterrissava era um amontoado de metais danificados. Porque, quando você encontra um batalhão de transportes polônês na extremidade sul de um pântano, e deixa para eles, um quarto de hora depois, um cemitério, você não se pergunta qual o preço a pagar, e mesmo a sua própria morte seria desproporcional. Eu sei, Reck, o quão bem você conhece os polacos, ou quão duradoura você considera a Ordem que nós criamos aqui. Mas isso é o que eu sei: esta Ordem irá perdurar, mesmo que *a Europa, com a Inglaterra junto, tenham que ser transformadas em ruínas e cinzas*.

Eu fui um membro da Juventude Hitlerista, e fui agraciado com um posto de alguma autoridade, apesar de fato de não ser um veterano de guerra, e eu, sou, naturalmente, um seguidor até os ossos do Nacional Socialismo. Sim, Reck, eu tenho ciência dos terríveis enganos que foram cometidos. Existem lugares onde raízes ressecadas estão profundamente inseridas no solo. Mas eu sei também que esses erros não são fatais – ao

¹⁴⁶ Nos primeiros meses da Guerra, a Alemanha desenvolveu um método de bombardeio de mergulho vertical, utilizando os bombardeiros leves Stuka, que levavam pânico ao inimigo muito em função do som alto que eles faziam. A efetividade militar desse tipo de estratégia, porém, mostrou-se ineficaz tão logo o inimigo a enfrentar, ao contrário, por exemplo, da Polônia, dispusesse de defesas anti-aéreas e caças mais eficientes. Os Stukas tinham dois grandes defeitos: eram relativamente lentos em voo e, mais grave, levavam uma carga muito limitada de bombas. A Alemanha jamais dispôs de bombardeiros pesados, como os ingleses Lancaster e os norte-americanos Fortalezas Voadoras, muito mais eficazes, que tiveram um papel decisivo na segunda metade da Guerra, ao danificar pesadamente instalações industriais, militares e cidades alemãs.

¹⁴⁷ Terra natal de Reck, a Masúria, no litoral báltico, atualmente parte do território polonês, era na época uma província alemã (prussiana). Entre os alemães nascidos lá estão o poeta Johann Herder (1744-1803) e o cientista Wilhem Wien (1864-1928), prêmio Nobel de física de 1911.

contrário, eu sei que o destino acompanha o espírito, precisamente no sentido expressado por meu grande amigo, Reck-Malleczewen, e no qual eu confiantemente acredito, dentro do espírito do Terceiro Reich. Nós dois, você e eu, é claro, nos movemos em direções que são completamente opostas. A Áustria, os Sudetos, a Boêmia e o Memel foram presentes de Natal para mim. Então, no meio de verão, e mesmo agora, no meio da guerra, a mera noção de que Viena não está mais separada do Reich Alemão me causa uma sensação de bem-estar físico. E a guerra contra a Polônia foi a minha guerra, por muito tempo esperada, por muito tempo desejada, e foi lutada com paixão. Eu fiquei feliz em ter tomado parte nela. Por onze vezes eu deixei esta gloriosa Prússia Oriental e voei por campos preenchidos por dez mil garotas acenando adeus; e por onze vezes eu retornei, profundamente feliz, uma felicidade maior do que a vida. E agora a guerra será levada contra a Inglaterra, de maneira que a Prússia Oriental poderá ser libertada, de uma vez por todas, de seu isolamento e de sua gaiola de linhas fronteiriças. Uma tarefa difícil. Eu acredito que a Inglaterra não é um artigo de fé, nem tampouco uma superstição. Ele poderá se mostrar um duro pedaço de couro a ser trabalhado. Mas para vencer em 1918 a um custo incrível, e depois em 1933, ou certamente por volta de 1935, para permitir que o adversário se torne poderoso mais uma vez – é certo, isso é dos mais ridículos diletantismos políticos! E então, e só então, farão a guerra contra a Alemanha? Não, Reck, isso não passa de *nonsense*, estupidez grosseira, política parlamentarista de guarda-chuva que deixa cada chance a favor se desfazer, para então insultar o adversário quando você se sente pessoalmente insultado.

Eu não tenho a menor ideia a respeito do que vai acontecer de agora em diante. Com a mente limpa, eu simplesmente me sento na cabine de meu bombardeiro e atiro em qualquer um que se ponha em meu caminho. Mas eu estou começando a acreditar que o ponto que está para ser combatido aqui é simplesmente a existência da Inglaterra ou da Alemanha. Reck, eu não me incomodo a respeito de quantos alertas são feitos a respeito de “céus escuros” e a Inglaterra. Nós não estamos acostumados a lutar na escuridão. Lembre-se que nós adquirimos uma experiência sem preço, na Polônia, a respeito de como lidar com povos e nações que insistem em ser nossos inimigos. Os poloneses seguramente lutaram com coragem digna. Ainda assim, nós, sem piedade, os fizemos em pedaços. Eu acredito que nós nem mesmo odiamos os poloneses – certamente não agora, aquela completa massa de primitivos que eles são hoje. Ainda assim, quando surgir uma questão a respeito de fazendeiros alemães levando tiros pelas costas, nós lidaremos com o assunto num espírito completamente novo de frieza germânica, não importa o número de intelectuais poloneses que nós tivermos que colocar contra o muro. E o que é certo aqui é que os mais importantes dentre estes já se foram, e que, em caso de emergência, existem seguramente mais braços de agricultores alemães do que

intelectuais poloneses. Eu não sei métodos como esses são adequados para a Inglaterra. Mas eu estou certo de que nós estamos pouco a pouco começando a agir dentro do espírito de “se você não quer ser meu irmão, a sua cabeça será arrancada de seus ombros.” Eu solenemente cheguei à conclusão de que eu abaterei qualquer membro de qualquer nação que se opuser à nossa recentemente criada Nova Ordem no Leste, ou que de alguma maneira tente causar danos ao Nacional Socialismo. E eu farei isso com uma crueldade que alimentará a reflexão. Eu não estou inclinado a desejar um ataque aos que tem coração mole com relação à Alemanha, até que essa batalha termine em vida ou morte como povo. Certamente os ingleses, em sua arrogante declaração de guerra de fome contra mulheres e crianças, mostraram claramente o que eles pensam a respeito de compaixão e humanidade.

Isso tudo o horroriza, Reck? Mas eu nunca obriguei os tchecos nem os poloneses a se tornarem nossos inimigos implacáveis, ou agora, quando a Inglaterra escolhe este momento para declarar guerra contra nós, eu estou apenas seguindo a lógica quando rejeito tremedeiras e contorcionismos como método para se evitar a guerra. Esta nova Guerra Mundial indubitavelmente irá diretamente contra o espírito de muita gente, mas eu não tenho dúvida de que há muitas dezenas de milhares de pessoas como eu, que *forçarão* o resto a agir da maneira como eles devem.

Eu acredito que nós vamos conduzir a guerra contra a Inglaterra com a mesma racionalidade fria e matemática... bem diferente daquela guerra de Guilherme, confusa e imprevisível. É maravilhoso que, apesar da exaustão que seguiu a Primeira Guerra Mundial, esta nação possa agora ser conduzida por seus líderes para uma nova e consideravelmente mais sinistra situação de conflito. Comparativamente, eu penso que o povo inglês se tornou mais ou menos enfraquecido por excesso de vida urbana, e que ele dificilmente será capaz de praticar atos heroicos e que, excetuando-se a velha aristocracia, sua cultura é desprovida de valor. O alemão, é claro, não é assim tão diferente, e pouco resta da velha aristocracia, mas ele carrega, por outro lado, um novo sonho. De qualquer modo, será uma bela carnificina, e se eu em algum momento me tornar um foguete caindo dos céus, eu ainda, até o último momento, pensar com convicção: nós tivemos a nossa parcela de diversão.

Enfim, eu falei. Tudo de bom.

Seu X.X.

Uma carta escrita por um bandido? Um condenado foragido? Não; esta carta foi escrita por um jovem rapaz com vívidos olhos azuis e o sorriso irresistível de um garoto, um bom camarada que na vida civil era completamente inofensivo... um jovem de boas raízes de classe-média da Renânia, de uma certa tradição, de alguma pretensão cultural. Mas esse é o resultado de todas essas vitórias fáceis e essa “piedade Nacional-Socialista”. A “cabine” pode ficar um pouco “arranhada”, mas um homem jamais hesita em voar bem diante do nariz de Deus, anunciando: “Eu não vou deixar passar; me abençoe. Se você não o fizer, nós viremos com uma inteiramente nova frieza alemã, e colocaremos um bom número de anjos contra a parede.”

Esse é o significado dessas vitórias. Esse é o tom, esse é o jargão de cafetões que agora jorra de todos os alto-falantes e flui das penas dos bandidos uniformizados dos jornais. E não ouse contradizer, pois a Gestapo virá atrás de você. E crianças denunciam seus pais, e os irmãos, se puderem ganhar alguma coisinha, entregarão suas irmãs, e, no fim das contas, qualquer coisa será correta desde que seja útil para a Alemanha...

E o efeito a ser obtido com essa guerra total é total inundação de todo o planeta por essa nova geração de alemães, e se não for suficiente, novos alemães serão produzidos... porque já existe até mesmo o planejamento para enfrentar essa possibilidade dentro da eficiência da ordem alemã.

Um jovem casal de Munique recentemente descobriu que um defeito de visão, com a possibilidade de se transformar em cegueira, parecia ser hereditário na família do rapaz. O jovem foi imediatamente esterilizado. Mas, como bons alemães, eles eram obrigados a ter filhos, e então o rapaz diligentemente enviou sua esposa para a Fonte da Juventude. A Fonte é um organismo das SS, com escritórios localizados no que sobrou da sinagoga que havia na Lenbachplatz¹⁴⁸.

Há, disponível nos escritórios da Fonte, um álbum com as fotografias de homens da SS loiros-nórdicos, de pedigree garantido. A cliente escolhe um deles, de acordo com seu gosto, e então indica o garanhão selecionado para o oficial da Fonte. Pouco tempo depois a cliente se encontra grávida, e em pouco tempo a mãe de um pequeno Pan alemão, de nome Hienz-Dieter ou Eike. E esse pequeno camarada crescerá para destruir,

¹⁴⁸ A Fonte da Juventude, ou Nazi Lebensborn, era um órgão das SS que funcionava sob a supervisão direta de Heinrich Himmler, e tinha entre as suas funções dar apoio a famílias extensas com bons antecedentes raciais e biológicos; prover abrigo para moças com bons antecedentes genéticos e boas perspectivas de engravidar e gerar boas crianças alemãs; cuidar dessas crianças. Da prática da qual Reck os acusa, no entanto, apesar de ter sido uma afirmação bastante popular entre os alemães durante a Guerra, não foram encontradas quaisquer evidências documentais pelos historiadores. Ver Richard J. Evans, *The Third Reich in Power*, op. cit.

com uma completamente nova e não usual frieza alemã, tudo o que será necessário a fim de poder praticar a Nova Ordem Alemã ou o Nacional Socialismo.

Tudo isso é conduzido pela Fonte da Juventude, no número 13 da Lenbachplatz, em Munique. Com número de telefone e tudo o mais. O sangue alemão prevalecerá, mesmo que prevaleça num bordel!

É a esse ponto que nós chegamos, enfim, e essa é a vida de um povo que vai assegurando uma vitória depois da outra.

Francamente, eu não acredito que exista uma ideologia por trás de tudo isso. Eu não acredito nem em Fontes da juventude nem em Pães Germânicos; nem em olhos que matam dragões, nem em bochechas de querubins, nem nas tranças louras retocadas das garotas da Liga Feminina exageradamente balançando seus ombros (“Olhe! Veja quão saudáveis ao estilo do campo nós somos!”), nem nos tambores da Juventude Hitlerista. Eu não acredito nem na Nova Ordem Alemã, nem nesse negócio todo de Odin e seus deuses germânicos – no meio de gente que tem sessenta por cento de sangue eslávico... E o Odin dos quais eles falam provavelmente veio ao mundo num subúrbio de Leipzig, filho de algum instrutor de esgrima de cabeça teutônica, enquanto que seu Edda¹⁴⁹ acabará se mostrando como um professor de ensino médio de Schkeuditz, na Saxônia.

Não, baseado numa perspectiva adquirida após anos de observação das práticas deles, eu digo que tudo isso acabará em uma colossal decepção, atrás da qual espreitam todas as inclinações das massas agrilhoadas: avareza e ressentimento, frouxidão, excitação animal e sexualidade libertina, além de um completo isolamento do indivíduo, não só com relação a Deus, mas aos *deuses*. As massas nas cidades, durante o declínio do Império Romano, mostraram o mesmo impulso para serem consideradas um “povo jovem”, o mesmo espírito beligerante, as mesmas provocações contra outras nações; lá, também, não importa que demandas fossem feitas, o resto do mundo era convocado a aceitar, porque é assim que as coisas são com uma jovem nação!

¹⁴⁹ Odin, ou Wotan, em alemão, é o principal deus do antigo panteão celta. Edda é o nome de duas coletâneas de textos, datados do século XIII, que relatam as histórias dos personagens mitológicos celtas. Durante a ascensão do nazismo, diante das relações tensas entre o regime e as igrejas cristãs da Alemanha (especialmente com a Igreja Católica, mais influente no sul e na Áustria, mas também com algumas das igrejas protestantes do norte), alguns dirigentes nazistas passaram a incentivar um regresso às antigas religiões pagãs nórdicas. Chegou-se a encenar alguns rituais, e casamentos foram celebrados sob as supostas leis celtas, mas a realidade é que a adesão popular foi baixa, o próprio Hitler jamais se entusiasmou com a ideia, e a tentativa acabou não prosperando. Ver Richard J. Evans, *The Third Reich in Power*, op. cit.

Na realidade dos fatos, o que nós temos aqui são homens de massa irremediavelmente doentes e sem futuro, cujo ideal é amorfo, cujo etos é deformado, e que não odeiam nada tanto quanto disciplina, forma e definição. E pode bem ser que a responsabilidade por tudo isso possa ser atribuída aos industriais e homens de negócio, grandes e pequenos, da virada do século e dos anos do pós-guerra, que deram ímpeto ao processo pelo qual esse grande e desenraizado povo humano criou o formigueiro dos homens de massa. Isso deve ter parecido a aqueles líderes, naquele momento, que o mais satisfatório para aquela gentinha seria tornar-se uma massa de primitivos. E a invenção de pseudo-ideologias e idiotices simbólicas – cultos a Odin recheados de dínamos elétricos, tímpanos em meio a alto-falantes, Fontes da Juventude em meio a clínicas para tratamento de doenças venéreas, e médicos de glândulas de macaco – seria o meio mais confortável para distrair a atenção dos reais problemas econômicos e sociais de nossos tempos.

Seja qual for o caso, a Alemanha vem afundando mais e mais fundo na irrealidade desde então... Ela se encontra agora completamente drogada por suas próprias mentiras. E a cura será mais pavorosa do que qualquer coisa que jamais se tenha visto na história.

Deve-se odiar a Alemanha agora, amarga e verdadeiramente, de maneira, uma vez mais, ainda que apenas em nome de seu glorioso passado, para que se possa, depois, abraça-la completamente com amor – como um pai faz com seu filho desregrado e desafortunado.

Novembro, 1939

Eu escrevo de Munique, onde tudo ainda gira em torno da tentativa de assassinato no Bürgerbräukeller. Os jornais derramam lágrimas de crocodilo a respeito dos “gângsteres assassinos que covardemente se atreveram a atacar o maior alemão de todos os tempos.” Mas provavelmente não há, eu penso, mais de uns mil muniquenses nativos que não estão se sentindo frustrados com o fracasso do atentado. Os jornalistas fazem piadas, cinicamente, com relação aos seus próprios artigos. A versão oficial sustenta que Otto Strasser colocou a bomba seguindo instruções do Serviço de Inteligência Britânico. Esta

versão tem gerado sonoras gargalhadas¹⁵⁰. Ninguém duvida que tudo fez parte de um espetáculo pirotécnico armado pelos próprios nazistas. E os fogos de artifício custaram perto de uma dúzia de vidas, mas eles serviram para fazer alimentar o ódio contra os ingleses e a dar, a Hitler, uma aura de mártir.

Eu conhecia Otto Strasser apenas através de suas cartas. Apesar de suas origens bávaras, ele a certa altura, na confusão de 1932, começou a se apresentar como um “jacobino prussiano”, e me atormentou, durante todo o verão daquele ano, com propostas políticas indecentes. Seu irmão, Gregor, que foi morto no Putsch de Röhm, era um camarada honesto, apesar de amar ouvir a própria voz¹⁵¹. Ele veio me ver não poucas vezes no fim do outono de 1932, quando parecia que sua estrela estava em ascensão, e eu devo a ele o que sei a respeito do que se passou por trás dos panos enquanto 1932 entrava em 1933. Eu nunca vou me esquecer do que ele me disse naquele novembro, quando o voto nas eleições foi predominantemente contra os nazistas, pela primeira vez depois dos triunfos iniciais.

“Ele fica falando em suicídio para assustar seus apóstolos”, Strasser disse. “Ele é tão histérico que eles não precisam leva-lo muito a sério, e ele, infelizmente, não levará até o fim suas ameaças. Mas é tudo ou nada para ele agora. Eu o conheço, ele fará uma tentativa desesperada de conquistar o poder. Se as coisas não saírem como ele espera, e ele fracassar, ele estará acabado. Ele explodirá em pedaços como um sapo.

Gregor Strasser pagou com sua vida, na Noite dos Longos Punhais, por sua oposição. Eu soube que seu corpo, mutilado e em estado de putrefação, foi encontrado em um milharal. É típico do atual estado de espírito do povo alemão que, quando os filhos dele foram informados a respeito da morte de seu pai, a reação tenha sido: “Ele (Hitler) mandou fuzilar papai, mas, apesar disso, ele ainda é nosso Führer.” A esposa do amigo de Strasser, Glaser (que foi morto ao mesmo tempo, em seu apartamento na

¹⁵⁰ A Bürgerbräukeller era uma das maiores cervejarias de Munique, e lá, em 8 de novembro de 1939, uma bomba, dirigida contra Hitler, explodiu, matando oito e ferindo sessenta pessoas. Hitler, que havia abreviado o discurso programado para aquele local e horário, havia deixado a cervejaria cerca de meia hora antes da explosão. A mídia nazista, como aponta Reck, acusou o ex-nazista Otto Strasser e a inteligência Britânica pelo atentado, mas posteriormente foi estabelecido que ele foi planejado e executado por uma única pessoa, o operário de esquerda – embora independente – Georg Elser.

¹⁵¹ Os irmãos Strasser, Gregor e Otto, foram figuras de grande proeminência nos anos de ascensão do nazismo. Mas a postura crítica e independente de Gregor, com relação a Hitler, custaria sua vida na Noite dos Longos Cristais, entre junho e julho de 1934. Já Otto, depois de expulso do partido nazista e da tentativa frustrada de fundar um novo partido de direita, executou uma sequência de fugas – Áustria, Checoslováquia, Suíça, França, Portugal, Bermudas e, finalmente, Canadá. Ele sobreviveria à Guerra, vindo a falecer, em Munique, em 1976.

Amalienstrasse, em Munique), fez um comentário bastante semelhante a respeito da morte de seu marido.¹⁵²

Eu passei uma semana em Hechendorf, no Pilsenee, visitando meu amigo Clemens von Franckenstein¹⁵³. Apenas duas semanas antes da Guerra, Clé regeu um concerto em Londres, e foi hóspede de Winston Churchill. Foram dias restauradores, para mim, os que passei na casa de meu velho amigo, com o melancólico lago do fim de outono. Nós falamos das cartas, recentemente publicadas, que Stefan George escreveu para Hugo von Hofmannsthal, e sobre a incrível arrogância que elas revelaram. Eu contei a Clé os detalhes de uma audiência que tive com George, quando o escritor, entronado numa poltrona elevada entre dois castiçais de prata, me perguntou a respeito de minhas opiniões a respeito de Aristóteles; e como, duas horas mais tarde, eu vi o Poeta Laureado¹⁵⁴ em Heidelberg, a gordura escorrendo e sua boca enquanto ele enfrentava com zelo de Gargântua suas costelas de boi com chucrute na sala de espera de segunda-classe da estação de trem.

E nos falamos a respeito da curiosa e quase inacreditável carta na qual Herr Hans Pfitzner se lamentava a respeito dos diretores de teatro alemães – e que ele, o mestre alemão, estava sendo negligenciado, enquanto que Verdi, aquele “compositor de palavras brutais e encharcadas de sangue”, era constantemente tocado...

Uma comparação interessante: Pfitzner, aquele compositor amador e portentoso de música de entretenimento, e Verdi... que ele tenha se atrevido a se situar no mesmo patamar, e se inscrever no mesmo pedaço de papel, de um gigante da música cuja música flui com a naturalidade da respiração de seu compositor!

Nós falamos por um longo tempo a respeito de Pfitzner, sobre as flores de papel cor-de-rosa que ele fez chover no palco de sua ópera *Die Rose vom Liebesgarten*, e no veneno no segundo ato de *Palestrina*. Eu estive em um dos ensaios sem fim desta última no Hoftheater de Munique. Paul Gräner notou Pfitzner, com sua esquisita aparência de professor de escola primária, movendo-se sorrateiramente pelo teatro, vigiando os

¹⁵² Consta que Strasser foi morto com requintes de crueldade. Ele já estava preso quando foi alvejado pelas costas, em sua cela. A bala teria perfurado sua artéria, sem, no entanto, matá-lo imediatamente. Ele teria sido deixado sangrando até a morte por cerca de uma hora. Alexander Glaser (1884-1934) era um advogado e político de Munique. Conservador, aderiu ao nazismo e se tornou um importante líder regional (na Baviera). Membro do grupo ligado a Strasser, foi executado na mesma ocasião, embora não tenha chegado a ser preso: os nazistas tiraram-no do apartamento e fuzilaram-no na calçada em frente ao prédio.

¹⁵³ Sobre Von Franckenstein, ver nota 46.

¹⁵⁴ Sobre Stefan George, ver nota 82.

lanceiros, os cantores e os figurantes. “Ele está anotando os nomes de todos os que riem”, me disse Gräner.

Pfitzner tinha também o hábito de mudar a partitura dos instrumentistas. Uma vez ele encontrou escrita, em uma partitura escrita para oboé, a palavra “lixo”. Ele correu ao diretor e exigiu a imediata demissão do músico. Foi de pouca ajuda o fato de o músico ter sido punido com uma multa de apenas cinco marcos “para o fundo de pensão”.

Um violonista da Ópera de Berlim me contou que há pouco tempo Pfitzner, tendo conduzido, em um concerto, uma ária de Verdi, interrompeu os aplausos espontâneos da plateia, dizendo: “Não se animem. Isso é apenas música de realejo.” Seria completamente lógico que Pfitzner, aquele medíocre e meticuloso relojoeiro da música, odiasse, com a virulência de um anão, o talento infinito e generoso de um Verdi.

Eu conheço Clé há mais ou menos trinta anos... desde aqueles dias brilhantes quando ele foi nomeado diretor do Teatro Real, sob o reinado do antigo Regente. A forma como os nazistas o removeram do posto, em 1934, é instrutiva. Um dia, o senhor Christian Weber¹⁵⁵ adentrou o Conselho Municipal de Munique e declarou que a Ópera de Munique não mais podia ser considerada uma instituição culturalmente significativa, e que mudanças precisavam ser feitas. Como evidência do atual estado de espírito do povo alemão, eu providenciarei a seguir uma breve comparação entre o crítico e o objeto de sua crítica...

Herr Clemens von Franckenstein

Carreira: Compositor de óperas dos repertórios de numerosos teatros e um maestro respeitado no mundo todo. Demitido de seu posto.

Endereço: Uma pequena e modestamente decorada *villa* no bairro Westpol de Munique.

Herr Christian Weber

Carreira: Anteriormente ao seu julgamento a respeito do estado da Ópera de Munique, foi segurança na taverna Javali Azul; condenado inúmeras vezes por assalto. Como

¹⁵⁵ Christian Weber foi nazista de primeira hora. Ligado pessoalmente a Hitler, sem qualquer relevância política ou cultural prévia à ascensão do partido Nazista, ele ocuparia diversos cargos administrativos e burocráticos na municipalidade de Munique após a chegada ao poder de seu partido.

compadre de Hitler, é o atual presidente da Associação de Corridas de Munique, e proprietário de um florescente prostíbulo na rua Senefeld, em Munique.

Endereço: Munich Residenz, um palácio usado pelo papa Pio VI em 1782...

Como uma nota adicional a respeito do terceiro Reich, registre-se que o que segue é agora proibido por ordens do Führer:

1. Discussões a respeito das vidas privadas, presentes ou passadas, de altos dirigentes nazistas.
2. Qualquer apresentação de evidências factuais, diante de uma corte de Justiça criminal, que possa passar uma impressão negativa a respeito de um desses recém-criados semideuses.¹⁵⁶

Mas estes versos apareceram no *Difamador Público*:

“Os grãos foram semeados,
Transformadas estão as nações,
Nossas vidas, degradação,
Enquanto os encenqueiros riem.
O que antes aconteceu
Virou verdade uma vez mais:
Os bons desapareceram
Os maus estão por toda parte.
Quando estiver essa miséria
Como o gelo, quebrada,
Os povos falarão sobre ela
Como a sendo Morte Negra.
E então os garotos, no campo
Farão bonecos com a palha,
Tornarão o medo em prazer
E o antigo horror em luz.”

Este poema, escrito pelo velho Gottfried Keller¹⁵⁷ em um momento de curiosa e estranha premonição a respeito de fatos que viriam a acontecer, se transformou na mais

¹⁵⁶ Referências documentais a respeito destas ordens jamais foram encontradas; tratava-se, provavelmente, de boatos. Ver Richard J. Evans, *The Third Reich in Power*, op. cit.

¹⁵⁷ Gottfried Keller (1819-1890) foi um escritor e poeta suíço bastante popular, em seu tempo e mesmo depois, em todos os países de língua alemã.

popular das baladas de Keller na Alemanha de nossos dias. Todos a conhecem, todos a leem em voz alta – de fato, eu a ouvi na taverna de Steinicke, em Schwabing, cantada pelo próprio Steinicke para seus atônitos clientes. A Gestapo está furiosa, mas não se pode enviar um poema para um campo de concentração, nem mesmo interromper a sua circulação. Nós ainda não chegamos ao ponto no qual poderemos ser proibidos de ouvir uma balada de Keller.

Janeiro, 1940

Unity Mitford, de quem eu já falei antes, cometeu suicídio¹⁵⁸. Primeiro, ela tentou, em um hotel de Munique, matar-se com um tiro. Mas só o que conseguiu foi ficar ferida. E então, levada de volta a Londres, ela teve mais sucesso usando veneno, e morreu lá. Foi a coisa mais sensível que esta moça, que se via como a Rainha da Alemanha, ao lado de nosso Adonis, poderia ter feito. Mas sério, e com todo o respeito pela morta, a histeria masculina causa danos enormes quando se encontra com a história. Mas as mulheres que de alguma maneira conseguem chegar às altas posições são ainda piores. E as piores entre elas são as do tipo que se pretendem salvadoras. Nós temos o bastante dessa espécie, chamadas de “nazietes”¹⁵⁹ pelas pessoas nas ruas. A Inglaterra tem uma outra classe desse gênero, o tipo de mulher que agarra a tanga branca do senhor Gandhi. Os ingleses, contudo, devem estar gratos pelo fato de que, agora, há uma a menos.

Nesse ínterim, nós temos os comentários sobre um novo escândalo circulando em Munique. Este se refere ao senhor Fischer, “Diretor Geral” do Oppertenthaus¹⁶⁰ de Herr Hitler na Gärtnerplatz. Fischer é, também, um protegido do Gauleiter Wagner¹⁶¹, o

¹⁵⁸ Sobre Unity Mitford, ver nota 56. Embora ela tenha saído com sequelas da tentativa de suicídio em Munique, tudo indica que sua morte, na Inglaterra, tenha sido causada por meningite.

¹⁵⁹ “Nazissen”, no original alemão

¹⁶⁰ Fritz Fischer (1898-1985) foi um ator e diretor de teatro de alguma expressão nos anos anteriores ao nazismo, quando chegou a trabalhar nos Estados Unidos. De volta à Alemanha, sua carreira parecia estar em franca decadência quando, por intermédio de alguns figurões do partido nazista, ao qual se filiara, obteve, a partir de 1938, o cargo de diretor do Teatro de Operetas do Estado da Baviera.

¹⁶¹ Adolf Wagner (1890-1944), nazista de primeira hora e notório antissemita, ocupou diversos cargos na administração bávara, incluindo os de vice Primeiro Ministro, ministro da Cultura e ministro do Interior. Neste cargo ele trabalhou próximo a Himmler na construção do campo de Dachau. Wagner foi gauleiter nas regiões de Oberpfalz e da Grande Munique desde o início da guerra até 1942, quando um AVC o

que faz com que seja fortemente odiado por Eberstein¹⁶², o chefe de polícia de Munique, conhecido por ser inimigo mortal de Wagner... Há pouco tempo o senhor Fischer jantou, acompanhado de uma moça extremamente jovem, no restaurante do Hotel Regina, e sorrateiramente reservou, para a noite, um apartamento duplo. Eles subiram para o quarto por volta de meia-noite... Pouco depois, um agudo grito por socorro ecoou pelos corredores. Todos que estavam por perto correram para o local, e dois jovens rapazes, que estavam em quartos próximos, conseguiram entrar no apartamento. Eles encontraram a moça vestindo pijama, em um estado consideravelmente transtornado, ao passo que Herr Fischer não vestia nada além de seu anel. A moça exclamava, às lágrimas, que “nem mesmo completara os quinze anos”, que Fischer tentara estuprá-la, e ela então passou a acusar Herr Fischer com termos utilizados principalmente em Giesing¹⁶³, nos subúrbios de Munique.

Os dois rapazes que se apareceram para resgatar a moça acabaram se identificando como agentes da Gestapo, e Herr Fischer foi preso com base no choro e na tenra idade da vítima. O resto me foi relatado pelo dono do Regina: a garota e os agentes estavam, todos eles, agindo sob as ordens de Eberstein, que esperava, dessa forma, eliminar pelo menos um dos seguidores de seu inimigo; e o idiota prontamente se lançou para dentro daquela pequena e inteligente armadilha. Ele agora supostamente terá que aparecer no escritório do promotor, e depois disso deverá ser tirado de cena, mas eu duvido que isso venha a acontecer. É quase certo que ele surgirá, como uma rolha, flutuando novamente na superfície dessa bebida fermentado de esgoto, sangue e lágrimas. De repente lá estará ele, rejuvenescido e limpo dos pecados. E o processo todo levará tão pouco tempo quanto levou o que reabilitou o chefe do Corpo de Transportes

deixou incapacitado para trabalhar. Morreria dois anos depois. Wagner envolveu-se em inúmeros escândalos, sexuais e principalmente financeiros, mas de uma forma ou de outra conseguiu, sempre, se safar. Uma prova de seu prestígio foi o fato de Hitler, já bastante recluso na época da morte de seu colaborador, ter comparecido ao funeral.

¹⁶² Friedrich Karl Freiherr von Eberstein (1894-1979), de família aristocrática prussiana, foi outro nazista de primeira hora. Ele foi membro do Reichstag e líder SS. Ele dirigiu o departamento de polícia de Munique entre 1936 e 1941. Depois, comandou a SS e o exército no distrito de Nuremberg, cuja jurisdição incluía uma série de campos de concentração. Nos últimos meses de guerra, acusado de derrotismo, caiu em desgraça perante Hitler, o que não impediu que, uma vez capturado pelos aliados, fosse julgado por crimes de guerra, mas considerou-se que sua responsabilidade sobre o que ocorria nos campos era mais formal do que real. Foi condenado a três anos e meio de prisão e, uma vez libertado, terminaria seus dias trabalhando como bancário e funcionário do cassino de Bad Wiesse.

¹⁶³ Originalmente um município localizado ao sul de Munique, desde a década de 1930 foi incorporado, como bairro, à capital da Baviera. Na época, abrigava principalmente indústrias (como a AGFA, de química e fotografia) e famílias operárias. O nome atual do bairro é Obergiesing.

Motorizados nazista, Oldenbourg¹⁶⁴, que supostamente deveria ter ido para a cadeia por corrupção com conhaque.

Herr Julius Streicher¹⁶⁵, o grande tenor do antissemitismo do Terceiro Reich, foi condenado por um júri composto por seus pares gauleiteres, por ter aceitado propina de judeus ricos de Nuremberg. Os rumores eram de que ele havia sido executado, mas eu estava convencido, desde o começo, de não tocaram nem num fio de cabelo. Como eu havia previsto, Streicher, que cometeu perjúrio um par de anos antes da Tomada do Poder, saiu daquilo feliz e intacto. Ele agora reina na grande propriedade que adquiriu, Deus sabe como, e acredito que deva permanecer lá.

A última história é que Grande Homem tem agora uma amante, chamada Eva Braun. É claro, todos nós conhecemos as circunstâncias, e a moça deveria ser melhor descrita como uma *maîtresse em titre*.¹⁶⁶ Ela foi instalada em uma das luxuosas *villas* no Obersalzberg por seu amante, perto o suficiente para ser acessada a qualquer momento. Lá ela brinca de ser a Primeira Dama do Terceiro Reich, se não Imperatriz, e distribui graça e castigos com sutil imparcialidade, e é muito procurada por suas importantes intermediações por suplicantes ameaçados de ir a campos de concentração. Um funcionário brincalhão que secretamente ouviu uma ligação de longa de longa distância entre os dois contou que Hitler berrou, brincando, nos peitos loiros de sua namorada, contra as enormes quantidades de injeções de hormônios e de vitaminas que estavam sendo injetados nele. *Nota bene*: existe um harém, repleto de jovens garotas, em Obersalzberg, que atendem ao Grande César exatamente como suas antepassadas atendiam a Bockelson¹⁶⁷. Como o jovem Davi, que tocava sua lira para Saul quando o monarca estava deprimido, essas garotas dançam para o Rei – que antigamente vivia num quarto mobiliado na Barestrasse, em Munique – quando ele se sente infeliz.

Assim como ocorria com Bockelson, essas garotas são provenientes, em sua quase totalidade, de famílias da nobreza prussiana. Elas são selecionadas e apresentadas em

¹⁶⁴ Helmut Oldenbourg (1892-1957), de origem bávara, foi um oficial de médio escalão, e também um nazista de primeira hora. Ele foi o chefe do Corpo Motorizado Nazista da Baviera.

¹⁶⁵ Julius Streicher (1885-1946), de origem bávara humilde, era o proprietário e editor do jornal antissemita *Der Stürmer* (*O Tropa de Choque*), que chegou a ser parte significativa da máquina de propaganda nazista, e Gauleiter da Francônia, além de muitos outros postos honoríficos dentro da hierarquia nazista. Com o tempo, nem tanto diante de seus inúmeros escândalos de corrupção, grandes até mesmo para o generoso padrão dos líderes nazistas, mas principalmente por ter se oposto a Göring, ele perdeu o prestígio junto a Hitler e, com isso, seus cargos. Mas nem o título de Gauleiter, e nem o jornal, foram tirados dele. Depois da Guerra, preso pelos aliados e julgado em Nuremberg, foi condenado à morte e enforcado.

¹⁶⁶ Em francês no original: “amante titular”, em tradução livre.

¹⁶⁷ Ver nota 41.

filas bem arranjadas diante do Augusto e Divino César pela procuradora Frau von D., que era anteriormente secretária no agora renomeado Clube Herren, em Berlim. Talvez, quando a inevitável limpeza desses estábulos de Áugias começar, nós tenhamos que começar por redirecionar tudo o que pertence a este harém para o destino que eles devem tomar: rumo aos bordéis da América do Sul... E como haverá de ser se, ao mesmo tempo, as famílias nobres que permitiram que seus nomes fossem conspurcados pela adesão as SS, a Gestapo e as SA, fossem removidos, para sempre, do Registro da Nobreza?

Eu sou um conservador, mas eu afirmo que a revolução que se aproxima dará à Alemanha a sua realmente última chance de colocar a casa em ordem. Se ela deixar essa chance passar, ela permanecerá para sempre o que ela hoje é, o que a sua burguesia tem sido por um longo tempo: uma fossa de esgoto. E eu incluo aí toda a nobreza prussiana, com algumas poucas e notáveis exceções.

O nosso Péricles alemão esteve envolvido em um outro probleminha, o suicídio de sua sobrinha em 1930¹⁶⁸. Nunca ficou bem esclarecido por que a garota tirou sua própria vida em seus aposentos na Prinzeregentenstrasse um pouco antes do Natal daquele ano. Há quem diga que a garota estava tento um romance com um judeu, e deu um tiro em si mesma por um misto de culpa e medo... Mas há evidências que apontam para outras direções. Parece que mesmo naquele tempo muita coisa foi encoberta, que mesmo na República de Weimar havia funcionários no Departamento de Polícia e no escritório da promotoria que estavam sempre prontos a ajudar o “homem que chegava” com pequenos serviços desse tipo.

¹⁶⁸ A sobrinha de Hitler foi encontrada morta em seu apartamento em Munique em 1931 (e não 1930, como afirma Reck). As investigações apontaram para suicídio, e jamais, apesar de boatos, apareceram evidências que apontassem em outra direção.

Outubro, 1940

Agora eu estou em Villach para me restabelecer, e vou diariamente até as cachoeiras no lago Faaker, com os Alpes se impondo longo atrás¹⁶⁹. A paisagem, aqui, com seu *je ne sais quois* eslávico e sua melancolia outonal, me lembram uma região fronteira na Masúria: uma versão sulista e cercada por montanhas da tristeza e desolação daquela outra terra: o brilho artificialmente químico dos lenços das moças queimando como olhos na paisagem; os pequenos e imundos restaurantes nos quais as saladas, por causa da guerra, são temperadas com óleo de máquinas; e as patéticas pobreza e deficiência de uma área fronteira cobrindo a tudo e a todos como uma membrana. E isso apesar de que o próspero Tirol Ocidental está bastante próximo.

O quarto de hotel onde eu dormi e precisarei permanecer sob o mal tempo tem o odor dos Balcãs. Um homem vestindo um terno bem cortado é praticamente o que basta para que se interrompa o tráfico de veículos.

O spa está repleto de homens recebendo tratamento. Muitos deles têm aquele pedaço de cabelo caindo sobre a testa, traço característico de nosso mordomo vienense... o mesmo estilo de cabelo de nosso Barão Cigano. E a fala deles, conforme se pode ouvir do vestiário próximo, tem também o tempero dos Balcãs: o preço dos porcos, negócios com trigo, mulheres. DE vez em quando uma piada sobre Hitler. Mas isso é raro. As pessoas não dão muita atenção a ele, aqui nesta região fronteira.

E agora todas as memórias desse verão apocalíptico voltam a me inundar. Eu me lembro agora daqueles dias no começo do verão quando velhinhos barbados se juntavam quando os boletins sobre as vitórias eram postados, seus olhos brilhando de felicidade e orgulho. Jamais passou pela cabeça deles que uma vitória de Hitler mudaria de uma maneira irreconhecível o seus mundos de moralidade baseada em aluguéis modestos e pague-quando-puder. Eu vejo tudo acontecer de novo, todo um povo embriagado pelo sucesso de uma série de roubalheiras políticas, aprovações ruidosas nos cinemas quando o noticiário mostra um homem sendo queimado: uma massa sedenta de sangue rugindo, mística, perante a imagem de tochas humanas sendo lançadas para fora de tanques

¹⁶⁹ Villach fica região da Caríntia, no extremo sul da Áustria, perto das fronteiras com a Itália e a então Iugoslávia, hoje a Eslovênia. Era, na primeira metade do século XX, um importante entroncamento ferroviário, além de, em função da proximidade com as montanhas, um importante destino turístico.

explodindo. E então eu os vejo, a todos, diante de meus olhos: jogadores de baralho empanturrados de cerveja dividindo continentes a seu bel-prazer: os funcionários de agências de correios revirando seus olhos uns para os outros quando as saudações não são “Heil Hitler”; as estenógrafas passeando com meias de seda roubadas na França por seus namorados; os heróis, de folga, enchendo o ar de histórias sobre como eles fizeram seus cremes de barbear a partir de espuma de champagne...

A empolgação de 1914 não foi nada comparada a essa – aquelas esposas de pastores distribuindo magros sanduíches nas portas dos trens de tropas durante a Primeira Guerra Mundial estavam na realidade expressando o mais compreensível dos medos. As pessoas viam o desastre se aproximando delas através de cada porta e janela. Elas tentavam afastar seus medos através da barulhenta celebração dos trens que levavam as tropas e da aparente perfeição da máquina de mobilização.

O que está acontecendo agora é algo diferente. É algo malévolo, elaborado, coisa de bandidos. A Alemanha burguesa de 1914 não fazia a menor ideia a respeito do jogo de roleta que estava então começando, no qual os generais e os especuladores industriais apostariam, de forma frívola, com vidas humanas. As pessoas, então, ainda conservavam algo da antiga e confiável ética de seu passado de classe-média... algo que era como um espírito. Hoje, está tudo sepultado sob o estrume, o esgoto e o sangue, mas eu ainda acredito naquilo, e rezo diariamente para que aquele espírito ressurja.

O que está acontecendo agora é algo bem diferente, do qual a mais repugnante manifestação é certamente a total ausência de identificação com o combate. As pessoas só se preocupam na realidade é com o butim trazido por esses reides gigantescos. Em 1870, pelo menos, surgiram lendas a respeito das batalhas de cavalaria perto de Metz. Sedan afetou as pessoas como um drama poderoso, apesar dos pôsteres de guerra daquele tempo.

Mas não há garbosos esquadrões de cavalaria galopando, avante, hoje. As batalhas de hoje são, essencialmente, o movimento de avançar ou recuar de máquinas padronizadas. E pode bem ser que essa completa mecanização da guerra tenha uma grande influência na completa estupidez daqueles que a observam. Você gira o dial do seu rádio, e é servido por gigantescas movimentações de exércitos. Você se esquece completamente dos cuidados e do alerta requeridos aos estrategistas, você ouve apenas o ribombar dos alto-falantes. O que você fica sabendo a respeito disso é, talvez, a respeito da morte de alguém que esteve ao seu lado em algum episódio passado, e o resto é apenas sobre as meias de seda que Hiesl enviou de Tourcoing para Theresa, ou sobre o conhaque que

algum burocrata do exército “libertou” da França e que agora é bebido em todos os bares em xícaras de café.

As palavras de Wellington em Waterloo se tornaram parte da lenda prussiana por uma centena de anos, e de Sedan ficou a imagem de um desafortunado Imperador que tentou, sem sucesso, encontrar a morte no campo de batalha, e em seguida presenteou *son chère cousin* com sua adaga. Mas agora – o que realmente ficará na mente das pessoas a respeito do rompimento das linhas nesta última batalha de Sedan, a qual anunciou a tragédia da França? Ou a tomada da linha do Somme?

Nada... Eu tenho a certeza de que em três semanas nem uma única daquelas oitocentas pessoas que estavam junto comigo na sala do cinema conseguirão associar os nomes dos lugares com as batalhas que eles viram. Eu tenho uma antiga teoria de que a gasolina causou mais estragos à humanidade do que o álcool, e eu estou certo de que as massas nos Estados Unidos e na Inglaterra reagem tão pouco ao que acontece com elas quanto as alemãs. Mas é devastador quando este comportamento de patos voando em formação acontece com o seu próprio povo. O alemão médio de hoje tem capacidade mental para registrar o placar dos jogos de futebol do domingo, berrar alegremente a respeito dos resultados e esquecer tudo na manhã seguinte. Ele se habituou à vitória, e toma cada sucessivo triunfo, cada vez mais, como se fosse um direito básico, o que é um traço charmoso dele – exceto pelo fato de que ele está se tornando mais e mais brutalizado, e o nível de sua ganância não para de crescer. Eu posso ouvir, lá longe, os trovões de uma grande tempestade que se aproxima.

Honestamente, com os alemães é como eu disse: os países, normalmente, trancam seus demônios, suas decepções e seus desejos impossíveis nos sótãos, nas catacumbas e nas prisões subterrâneas de seus inconscientes; os alemães inverteram o processo, e os deixaram livres. Os conteúdos escaparam como o vento que saiu da caixa de Pandora. Uma tormenta está voando indomável através desta tão sofrida terra. A Alemanha, bêbada de vitórias, está doente. A linguagem que se ouve, a fala dos que comentam a guerra, a conversa nos cafés, junto com o alemão dos militares, degenerou-se em um tipo de jargão de rua que faz gelar o sangue. Os jornais lançam pilhas de carvão em chamas sobre o banido kaiser porque ele supostamente impediu um plano que pretendia riscar Londres do mapa com o uso de uma gigantesca frota de zepelins em 1916. Pequenas recepcionistas clamam por sangue, e velhas senhoras que ainda conservam a aura de tempos melhores agora usam um palavreado para descrever os estadistas inimigos que fariam deixariam perplexo um funcionário de bar de Hamburgo.

E por trás de tudo estão os “acertos”. As pessoas vendem pinturas e esculturas e adegas, os quais podem, ou não, existir... eles negociam com títulos meias de seda, fábricas francesas abandonadas – com máquinas roubadas, com colheres de sopa, sabonetes e produtos de borracha. Em Berlim, absolutamente todo o mundo “negocia” – eu estive já recentemente, e vi com meus próprios olhos. As senhoras das famílias nobres prussianas vivem ocupadas no negócio de transações, assim como as garçonetes, os balconistas de farmácias, os estudantes secundaristas... Riram de mim, e foi considerado um tanto quanto inconcebível que eu permanecesse sentado sobre meu traseiro nos vales de Chiemgau, tendo que pensar no presente e no futuro de minha família, negligenciando minhas “oportunidades”.

Esta é a Alemanha de hoje. É verdade, o sul da Alemanha permaneceu cético a respeito de todo o barulho prussiano sobre a vitória e, portanto, ficou mais imune. A grande maioria dos trabalhadores e praticamente todos os intelectuais são amargos opositores do regime. E os fazendeiros permanecem apegados aos seus antigos e imutáveis padrões de pensamento e de vida, encolhem os ombros a respeito dos triunfos, e não podem ser levados a “participar”.

Mas que bem isso faz? A Indústria manipula os fios; ela tem controlado o Estado Maior desde os dias de Ludendorff. O instrumento do poder é o terror, e os industriais se agarram intensamente a isso. Eles controlam todos os meios pelos quais se influencia a opinião pública, e conseguiram deixar atônita toda a grande massa improdutiva – os assalariados, os empregados de escritórios, a maior parte dos funcionários públicos de baixo escalão – ao ponto da simples estupidez. O resto é uma mistura de homens de negócio com nobreza decadente, mesclados a uma amorfa classe média de recém criados oficiais e camaradas de rápida ascensão. Essas pessoas são mais materialistas do que os bolcheviques russos, vivem de dia em dia, e não têm a menor ideia a respeito do horrível pequeno jogo que teve início aqui.

Uma determinada citação permaneceu na minha cabeça desde o fim da Primeira Guerra Mundial... É uma citação que me transmite uma certa esperança amarga, ainda que por razões que nada têm de proletárias. É uma citação do *César Birotteau*, de Balzac: “*Et c’est la bourgeoisie elle-même, qui écouterait chanter sa Noce di Figaro.*”¹⁷⁰

E deve-se observar que o ponto de vista de Balzac era o de um conservador, assim como o meu, e deve ser ainda observado que entre esse ponto de vista e aquele dos

¹⁷⁰ *História da Grandeza e da Decadência de César Birotteau*, de 1837, é um dos romances que fazem parte das *Cenas da vida Parisiense* da *Comédia Humana*. A citação acima pode ser traduzida como: “E é a própria burguesia que ouvira o canto de sua Noite de Figaro.”

nacionalistas há um abismo tão largo quanto um cânion. Ser um conservador significa acreditar nas leis imutáveis deste velho planeta: este planeta Terra que começará a tremer e sacudir quando chegar o dia de se limpar de toda essa imundície.

E é aí que tem início a ferida que corta o meu coração – que corta o coração de todo homem para quem a Alemanha não é a mesma coisa que o Deutsche Bank ou Associação Alemã do Aço. E também se supõe que o pobre e pequeno resto da intelligentsia alemã fará parte dessa massa amorfa, dócil e cômoda de boateiros vegetais. Para o “bem da nação”, espera-se que eu me “ajuste”. Especificamente, requer-se que eu endeuse este Reich e o cavalheiro do quarto de pensão que fez a si mesmo o seu líder. Espera-se que eu cante em louvor à velhacaria, ao assassinato, ao rompimento de tratados. E espera-se que eu participe nos gritos de júbilo e nos guinchos, enquanto o inimigo despenca como uma tocha de seu avião em chamas.

Sim, e desaforo suficiente para que se fique sem ar, eles estão agora exigindo que um homem esqueça tudo o que ele aprendeu ao longo de viagens e conversas no estrangeiro, e adote os comentários sobre os outros países que faz o Ministério da Propaganda – um ministério de vendedores que viraram diplomatas, informados por mestres escola que viraram correspondentes no exterior! A fim de resolver as minhas diferenças com Deus, eu supostamente deveria adotar o discurso raso e ateu de que o certo é o que é útil para a Alemanha! Eu, que creio conhecer alguma coisa a respeito das leis da história e da geopolítica, deveria baixar meu nível para o da escória e da plebe da rua desta nação, e acreditar no desempenho de um regime cuja Magna Carta foi o rompimento de um tratado e cujas fundações são, largamente, propaganda!

Em uma sala de cinema de Berlim, há pouco tempo, eu vi um cinejornal no qual Hitler, de pé em frente ao histórico vagão na floresta de Compiègne, recebe a notícia da capitulação da França; e então ele começa a dançar em um só pé, como um índio; um porco velho e imundo brincando de ser um garoto, que merece menos respeito do que o banido Kaiser, o qual ainda está pagando por seus pecados.

Entre esses pecados eu incluo ações como a regência da Orquestra da Guarnição de Potsdam, e, na presença do velho Francisco José¹⁷¹, dar palmadas no traseiro uniformizado de azul quando este se inclinava para olhar um mapa.

Apesar de tudo, eu ainda me recordo da fria manhã de março quando um de nossos trabalhadores voltou da cidade trazendo a notícia de que o velho Kaiser havia morrido.

¹⁷¹ Francisco José da Áustria, o imperador Austro-Húngaro, igualmente destronado ao fim da Primeira Guerra.

Os monarcas são importantes no esquema das coisas. Eles carregam a dignidade do povo sobre o qual eles reinam como se fosse uma manta sobre os ombros. A vida daquele simples trabalhador do campo era enobrecida pelo fato de ele ser um verdadeiro servo de um verdadeiro senhor, e eu fui educado dentro dessa mesma tradição de dever e obediência. Mas eu nunca me senti tão envergonhado de meus compatriotas quanto naquela sala de cinema, rodeado pelo clamor de uma turba em êxtase diante da imagem de seu Führer saltitante. Eu me levantei e fui embora. Meu gesto foi compreendido, e duras reprimendas vieram da esquerda e da direita; eu supostamente deveria àquele saltador imundo a honra de aplaudi-lo. Se eu tivesse manifestado uma expressão um pouco mais clara a respeito do que realmente estava pensando, eu bem provavelmente teria sido linchado.

Oh, e o dia em julho quando, dos alto-falantes na praça de Rosenheim, no meio de uma tarde de calor intenso, surgiu o triunfal discurso de Hitler sobre a sua “última proposta de paz para a Inglaterra” – disso, também, eu jamais me esquecerei. A atmosfera era sufocante, preenchida como estava com a ganância e os desejos confusos de pessoas levadas ao frenesi pelo sucesso. Velhos conservadores bradando que “nós vamos limpar a Inglaterra com um aspirador de pó”. E o falastrão guerreiro da retaguarda, em casa depois de guerras, com a inevitável ordinária do escritório em seus braços, e de acordo com o seu presente papel de especialista em estratégia, anunciando que “a Inglaterra vai nos custar catorze dias, no máximo”.

Cercado como estava por gente espiritualmente doente, eu sabia que uma terrível presença já estava começando a se mover naquela noite sufocante. Sabendo, como eu sabia, que a resposta da Inglaterra seria, inevitavelmente, “não”, eu me senti mais solitário, em meio a aquelas milhares de pessoas, do que se eu estivesse no Polo Norte.

Enquanto eu agora escrevo, sabendo perfeitamente bem como será o final, eu bem posso imaginar como será o primeiro dia de uma futura ocupação da Alemanha por tropas inglesas, quando um sargento inglês, simplesmente porque estará sem nada melhor para fazer, enfiará algumas balas em mim: eu bem posso imaginar que a vitória dos outros será seguida por equívocos políticos. Eu estou longe de cometer o erro de pensar que somente demônios vivem aqui, e que somente anjos vivem lá. Ainda assim, eu não posso ignorar o fato de que uma psicose europeia se aproxima de seu fim no baile da morte que está acontecendo na Alemanha, a psicose do nacionalismo, e que a Europa deve decidir agora se ela destrói isso, ou se será ela mesma destruída.

Porque eu deveria honrar como uma força, supostamente prevista na época da criação do mundo, uma ideia – o nacionalismo – da qual os construtores das catedrais no mais

grandioso período que a Alemanha teve jamais ouviram falar; a qual, de fato, nunca existiu antes de 1790; e a qual os nazistas, que, aliás, posam como os destruidores da Revolução Francesa, recriaram, arrancando de velhos e empoeirados pergaminhos?

Porque eu deveria igualar com sentimentos humanos básicos, como amor e ódio, uma filosofia que coloca uma aura de heroísmo na busca mercantilista e burguesa pelo poder, e que é hoje tão rançosa e rasa quanto tudo que Rousseau escreveu? O nacionalismo está tão esfarrapado e empoeirado quanto a própria bandeira do girondismo, o qual o grande Carlyle¹⁷² classificou como a pior coisa de todos os tempos. Ele só foi possível numa época de força bruta, ateísmo generalizado e sem propósito. É claro que a I.G. Farben deu boas-vindas a Hitler – ele recobriu a fábrica de veneno deles com uma aura de filosofia!

Os homens de negócio do vale do Ruhr estavam perfeitamente conscientes do que estavam fazendo quando contrataram esse bandido sombrio. Mas deveria eu pretender me sentir mais próximo de um cocheiro alemão do que de um historiador francês com quem tenho me correspondido há décadas, e evitar que esta ideologia mercantilista se desfaça inteiramente em farrapos? E eu supostamente deveria não protestar quando esse mesmo nacionalismo, a nossa herança cultural, organizada pelo nosso suposto protetor dos tesouros nacionais, se torna um brinquedo cinicamente manipulável, de uma maneira que somente um bárbaro faria?

Que preço terá uma floresta se o interesse “nacional” exigir uma fábrica de celulose? Ou uma antiga catedral que esteja no caminho de uma autoestrada? Qual o valor de um pequeno resquício da cultura alemã quando a agressão é a norma e a população de uma nação inteira está sendo sistematicamente transformada em homens das cavernas? Quando seu centro espiritual está sendo destruído, e as pessoas estão se tornando uma massa amorfa, cuja única forma é a falta de forma?

Mas devemos deixar isso completamente esclarecido: por que, se o nacionalismo é realmente, como seus apologistas afirmam, uma das forças básicas a impelir a humanidade, ele só foi descoberto nos tempos relativamente recentes da Revolução Francesa? Como é que sua “força básica” não existia nos dias da *Canção dos Nibelungos*¹⁷³? E como alguém explica o fato de que em 1400 existia uma nação alemã, mas não nacionalismo – enquanto hoje, quando o nacionalismo está em pleno

¹⁷² Thomas Carlyle (1795-1881), filósofo e historiador escocês de perfil conservador, foi o autor de uma das mais lidas e influentes histórias da Revolução Francesa do século XIX.

¹⁷³ O *Das Nibelunglied*, no original alemão, é um poema épico de diversos autores e redações, cujos primeiros manuscritos datam do século XIII, e é baseado em lendas e sagas germânicas da Alemanha pré-cristã.

florescimento, até mesmo Goebbels gagueja um pouco diante da afirmação que esse amontoado de assalariados, sargentos enraivecidos como guerreiros nórdicos e virgens datilógrafas, é uma nação? Se o nacionalismo é de fato o carimbo oficial de gente no auge de sua energia e juventude, como é que pode acontecer que, sob sua égide, a moralidade decaia e antigos costumes pereçam? Que homens sejam desenraizados, que o imutável seja escarnecido, previdente o marcado a ferro, os rios envenenados e as florestas destruídas?

Por que, se esta é a marca d'água em nossa vida nacional, a nossa conversação foi vulgarizada dessa maneira inédita? Por que ocorre essa piora em todas as relações sociais? Como foi que atingimos a esse ponto de renegar tratados e o mundo em que vivemos? E como chegamos a essa atual Alemanha de cafetões, com todas as palavras estrangeiras cuidadosamente extirpadas da burocracia, desde a alta administração até lá embaixo, aos “comentaristas da guerra”?

Experimente construir, se você puder, uma catedral em nossos atuais “grandiosos” tempos; no fim, o que você terá é uma blasfêmia de pedra. Ouça uma senhora ler um conto de fadas alemão no rádio, e você começará a pensar que está em um bordel. Pronuncie os nomes dos homens em cujas mãos a nação foi entregue: Dwinger¹⁷⁴; e Steguweit¹⁷⁵; e Thorak¹⁷⁶, e Speer¹⁷⁷, e Herms Niel¹⁷⁸ então simplesmente pronuncie a

¹⁷⁴ Edwin Erich Dwinger (1898-1981) foi um escritor alemão de pouca expressão que, após a ascensão do nazismo, aderiu entusiasticamente à causa, entrando para as SS e escrevendo panfletos e literatura de propaganda. Depois da Guerra, foi condenado pelos tribunais aliados e ficou preso por algum tempo.

¹⁷⁵ Heinz Steguweit (1897-1964) foi um poeta, dramaturgo e escritor alemão, também de pouca expressão, que aderiu ao nazismo e trabalhou principalmente como censor. Depois da Guerra, ganhou a vida principalmente como autor de livros infantis.

¹⁷⁶ Josef Thorak (1889-1952) foi um escultor alemão de origem austríaca. De estilo entre neoclássico e expressionista, já era bastante respeitado quando os nazistas chegaram ao poder. A partir daí, tornou-se um dos escultores preferidos de Hitler e de Speer, e suas obras foram instaladas em prédios emblemáticos do III reich, como o Estádio Olímpico de Berlim e a nova Chancelaria. Em função do seu gosto por esculpir corpos exageradamente musculosos, era apelidado, pelos detratores, de “Professor Tórax”. Embora depois da Guerra tenha sido acusado pelos tribunais aliados, acabou absolvido e continuou trabalhando até a morte, em 1952. Jamais deixou de receber encomendas governamentais, incluindo dos governos austríaco e alemão do pós-guerra.

¹⁷⁷ Albert Speer (1905-1981) foi o mais célebre arquiteto do III Reich, com acesso pessoal a Hitler que poucos compartilhavam. Em 1942, o líder nazista nomeou Speer para o cargo de ministro dos armamentos e da produção militar, posição em que o colocou oficialmente no núcleo central de comando nazista, dando a ele um poder político, naquele momento, equivalente, ou mesmo superior, aos de Goebbels, Göring e Himmler. Uma vez no cargo, Speer centralizou o controle sobre a produção de armas e insumos e utilizou pesadamente o trabalho escravo e o de prisioneiros de campos de concentração, conseguindo ampliar de maneira significativa, ainda que insuficiente para reverter a sorte da guerra, a eficiência da produção bélica alemã. Preso no fim da Guerra, foi julgado em Nuremberg. Embora os promotores defendessem a pena de morte, Speer de alguma maneira conseguiu convencer

palavra “Alemanha”, e o resultado da combinação o levará a um choque. Coloque-se em meio à multidão, enquanto ela ruge diante de uma música de Haydn, e você pensará que está ouvindo a um concerto em uma cervejaria, com todo o ruído habitual e, nos fundos, o habitual odor do banheiro dos homens... E isso é nacionalismo? – essa coisa a respeito da qual Frederico da Prússia¹⁷⁹ nada sabia, quando o chefe Maquiavel de seu tempo empurrou sua adaga, em uma tentativa de transformar fracasso em sucesso em meio às desgraças de sua vida?

Mas os tempos são os de 1940, não 1848. Nós não pensamos mais na Igreja de São Paulo quando solicitados a associar algo à palavra “Alemanha”; o que nos vêm à cabeça são “Deutsche Bank” e a “Associação Alemã do Aço”. Assim sendo, deixe-nos colocar o seguinte problema aritmético para os nacionalistas:

O vosso atualizado homem, que se orgulha do conhecimento que tem a respeito da tecnocracia, certamente concordará que a importância geopolítica de um país pode ser medida pelo tempo que se leva para cruzá-lo. Mas novas técnicas estão constantemente sendo utilizadas em transportes, e a cada ano o tempo que se leva para cruzar um país é reduzido. No passado, levava-se 24 horas para ir do Memel a Lindau. Hoje, leva-se apenas duas.¹⁸⁰ Portanto, a tecnologia reduziu a importância geopolítica da Alemanha àquela que teve, um dia, o Grão-Ducado de Saxe-Weimar. E, ainda assim, realismo e materialismo rigorosos são deixados de lado enquanto eu vejo esta mesma partícula de geopolítica com o mesmo espanto e admiração com que faziam os Príncipes Eleitores sendo levados a Frankfurt puxados por uma rangedora parelha de bois! A tecnologia, que supostamente deveria ser tão lógica, então resulta em algo inconsistente em seu próprio terreno!

os juízes de que nada sabia sobre o holocausto, e recebeu pena de vinte anos de prisão. Libertado em 1966, ainda viveria quinze anos, e escreveria mais de um volume de memórias.

¹⁷⁸ Herms Niel (1888-1954) foi um compositor alemão, especialista na criação de marchas e canções militares. Nazista ardoroso, compôs canções para o regime e foi nomeado chefe das bandas militares. A derrota da Alemanha não trouxe sérias implicações para ele, exceto pelo fato de que as músicas que compunha terem saído de moda.

¹⁷⁹ Reck se refere aqui, provavelmente, ao Príncipe Frederico da Prússia (1794-1863), sobrinho e primo dos reis da Prússia de seu tempo, e um importante comandante militar, com papel destacado na repressão das Revoltas de 1848 na Alemanha, especialmente em Berlim e Düsseldorf.

¹⁸⁰ Memel era o nome de uma cidade alemã localizada no litoral do Báltico, na então Prússia oriental. O nome atual é Klaipėda, e faz parte da Lituânia. Lindau é o nome de uma cidade e do lago que a margeia, no extremo sul da Baviera, junto à fronteira suíça. Ou seja, o trajeto aqui apontado por Reck implicaria cortar-se a Alemanha literalmente de norte a sul. Ao referir-se às duas horas que a viagem levaria em seu tempo, só podia estar pensando em transporte aéreo.

Será mesmo possível uma tal simbiose entre tecnologia e autocracia? Pois não é próprio da tecnologia misturar diferentes povos, e estandardizar seus gostos e necessidades? Qual é o ponto de se construir um automóvel que corre a duzentos quilômetros por hora se depois de uma hora viajando você chega a um posto de fronteira, onde um teutônico barbado, enquanto o proibirá de seguir em frente, apontará ameaçadoramente o dedo, avisando que isso “seria contrário aos interesses do governo”?

Eu me sentirei feliz quando a tecnologia for enviada para o inferno, junto com todas as outras sobrestimadas ideias da humanidade. Eu olho para um tempo futuro no qual a ciência, se de fato não chegar a desaparecer, será pelo menos relegada à periferia de nosso estilo de vida, e a humanidade terá entre seus interesses principais coisas completamente diferentes. Mas porque a ciência é hoje em dia tão importante, aqueles que estão no controle acreditam que essa condição perversa poderá ser indefinidamente mantida. Por exemplo, uma região tem excesso de limões, e uma outra não os tem em quantidade suficiente. Poderosos meios de transporte estão constantemente indo e voltando entre as duas regiões – e, ainda assim, nenhum limão pode ser levado de uma a outra. Se esse tipo de problema pode de fato ser mantido indefinidamente, então que outro propósito tem a tecnologia, além do de preencher todos os aspectos da vida com o mau cheiro, o barulho, a depravação e o rugido das massas degeneradas?

O nacionalismo, não importa o quão ruidosamente esteja sendo defendido hoje, está praticamente acabado, e o golpe de misericórdia virá nesta guerra que é a mais lutada pela ralé entre todas as guerras. Amanhã ele terá sido deixado para trás, como um pesadelo feio e suarento. A ideia de uma união europeia não foi sempre algo que eu tenha defendido, mas hoje eu compreendo que nós não podemos mais nos dar ao luxo de considera-la uma mera ideia. A Europa deve tornar futuras guerras algo impossível, ou esse berço de grande ideias verá suas catedrais pulverizadas e sua paisagem transformada em uma planície rasa.

Hoje, voltando para casa de Villach, eu dei uma parada na pedreira, iluminada pelo sol de outono. Uma Serpente da Areia¹⁸¹, prestes a fazer sua siesta do meio-dia, rastejava em direção à sombra protetora das rochas. Ee olhei para ela por um longo período, e aquele réptil brilhante e colorido com aquele olhar de silêncio fúnebre, de sabedoria e estranheza. Há uma lenda em casa de que esses répteis foram criados a partir dos antigos e constantemente renovam a Terra ao sugar todos os ácidos e os venenos que gotejam a partir da crueldade humana e de nossos pecados.

¹⁸¹ Sandvipern em alemão, de nome científico *Vipera ammodytes* é uma serpente venenosa, da família da jararaca brasileira, normalmente encontrada entre o norte italiano e sul austríaco, a região dos Bálcãs, toda a Grécia e parte do litoral norte do Mar Negro.

Por um bom tempo eu permaneci naquele lugar, observando. E então eu caminhei pelo resto do trajeto em direção ao lago. O sol estava se pondo atrás das montanhas, e eu senti o frio suspiro do outono; eu senti, também, tristeza, por outro ano que estava quase terminado, e por toda a vida que estamos perdendo por conta das trapaças de Herr Krupp, que não cessa de querer mais dinheiro, e dos generais, que não conseguem dar um basta em suas cobiças por grandeza.

E nem mesmo este vale escapou ileso de sua barulhenta atenção: na rua abaixo, uma companhia de soldados vai marchando, sob o comando de um tenente sentado em uma mula malhada tal qual um cachorro no alto de uma cerca. Eles estão cantando algumas novas marchas introduzidas pelos nazistas. As velhas canções de soldados, consideradas “sentimentais”, foram descartadas; e as novas têm o som agudo e excessivo de algo que se poderia ouvir no salão de um bar.

No quadro de avisos local, onde ontem o consciencioso chefe nazista daqui pintou “Deus Pune a Inglaterra”, em volta de outros grandemente destacados slogans, havia hoje alguma coisa um pouco diferente. Aconteceu uma coisa inconcebível, quase atéia, eu fui talvez o primeiro a ver. Ali, onde “Deus Pune a Inglaterra” havia sido inscrita a fogo sobre a prancha de madeira, alguém apagou “Inglaterra” e colocou em seu lugar o nome de um lugar bem distante desta região que pertenceu, um dia, ao Sagrado Império Romano. O nome de Deus foi invocado para punir um outro lugar – a *Prussia*.

9 de Novembro, 1940

O dr. Strauss é um psicólogo das Forças Armadas. E avalia as condições mentais de candidatos a oficial. Ele me contou que um jovem, perguntado a respeito de seus sentimentos e das impressões que sentiu após a leitura do *Fausto*, respondeu: “Bem, aquele Fausto era realmente um sujeito e tanto. Mas se você quer saber, doutor, aquela coisa com a Gretchen, ele provavelmente não deveria ter feito aquilo.”

É um pouco demais para o legado deixado pelo grande Goethe para o seu povo.

O vigésimo segundo aniversário da Revolta de 1918¹⁸² em Munique acabou de passar, e nós conversamos a respeito. Como um monarquista, eu me opus a ela. Todas as velhas imagens me vieram à mente: a unidade de artilharia da Renânia enviada para derrotar o levante, a qual, na tarde em que o rei abdicou, acampou praticamente em frente à janela de minha casa em Pasig, e que foi imediatamente desarmada... os cavalos velhos e macilentos com os arreios rasgados, os canhoneiros esfomeados... E o rugir das metralhadoras, e os mortos jazendo no chão muito trilhado, tão magros e achatados que pareciam já estar fazendo parte da Terra...

E então a parada triunfal da recém-nascida república! Ingênua, de classe-média, como somente aquela velha Munique podia ser! Portadores de bandeiras vermelhas, que as haviam obtido somente depois de se agitar, dias antes, atrás de ordens de aquisição; por trás deles, muitos socialistas, veteranos de eleições anteriores, pequenos e curvados cavalheiros vestindo fraques surrados... Oh, eu me lembro de que aquela parada com as massas protestando incluía até mesmo uma série de chapéus de pele de camelo balançando em meio à multidão, tão finos e antiquados quanto as cartolas mais curtas, erguendo-se sobre a Revolução.

Então, em pé em carruagens abertas, um par de velhos conservadores excitados batiam, com martelos, nos escudos dos fornecedores da corte, e por fim uma cena completamente inesquecível: em um dos estranhos animais de pedra da Fonte de Lenbach, enquanto o velho Mühsam¹⁸³, bastante semelhante, com sua barba marrom-amora, a um touro alado assírio, animava entusiasmado a multidão arrebatada...

Esta foi a revolução em Munique.

¹⁸² O fim da Primeira Guerra Mundial marcou o início de um longo período de instabilidade política em Munique. Com revoltas tomando as ruas, o rei Ludwig III fugiu da cidade em novembro de 1918, pondo fim ao reino da Baviera, estabelecido em 1806 (mas, desde a unificação alemã sob a Prússia, quase uma formalidade decorativa). A República foi proclamada, mas o novo premiê, Kurt Eisner, seria assassinado pouco tempo depois, em fevereiro de 1919, seguindo-se, no mesmo mês, a proclamação da República Soviética da Baviera; esta, por sua vez, duraria apenas até maio daquele ano, quando foi derrubada pelos *Freikorps*. A partir daí a cidade viveria em constante instabilidade política, vendo nascer e desaparecer uma série de movimentos políticos tanto de extrema esquerda quanto de direita, até que um deles, o nazismo (criado em 1923), triunfasse sobre todos os demais (em 1933).

¹⁸³ Erich Mühsam (1878-1934), político, poeta, ensaísta e dramaturgo alemão de origem judia. Embora anarquista, foi um dos líderes da República Soviética da Baviera e, depois, um crítico feroz do nazismo e de Hitler. Foi detido pelo regime nazista (sem que houvesse acusações formais contra ele) depois do incêndio do Reichstag, em 28 de fevereiro de 1933. Passou por diversos campos de concentração até que, em julho de 1934, foi torturado e executado pelos guardas do campo de Oranienburg, onde então se encontrava preso.

Em Munique, pouco depois da virada do século, era comum para os funcionários encarregados de fornecer as licenças de direção, que aparecessem para os exames usando cartolas. E eu posso me lembrar que, no segundo dia da revolução, no meio de uma massa revoltada que anunciava ao mundo a sua disposição de jogar todas as cabeças coroadas na areia, de repente surgiu um enorme e jubiloso bramido da grande multidão que estava na Karlplatz: de alguma maneira, espalhou-se o rumor de que o rei Ludwig estava chegando – o rei Ludwig, aquele que se afogara trinta anos antes no lago Starnberg, mas que jamais morreu, na imaginação de seus súditos – o rei Ludwig, que ergueu castelos e encontrou a ruína por causa de Richard Wagner, que trafegou através das montanhas sob neve profunda em um trenó puxado por uma parelha de oito cavalos, sentado atrás de seus lacaios emperiquitados empoeirados.

Mas isso é Munique: infinitamente apolítica, possuída de uma pequena alma de jogador que os prussianos jamais compreenderão – o inverso natural de Berlim.

Os nazistas, com as suas imbecis metas tecnocráticas, jamais conseguirão ver a Bavária com os olhos desta, ainda que a ocupação dure outros dez anos. E ainda que eles ganhassem a guerra, eles fracassariam, pelos seguintes motivos: a) eles não têm alma; b) eles não têm senso de humor. Como inimigos das risadas humanas, eles têm mais medo do riso do que de uma nova declaração de guerra.

Voltando a Munique: eu estive lá há pouco tempo, e o hotel estava sem aquecimento, o serviço era péssimo, e a roupa de cama de higiene duvidosa. Os restaurantes ficam abertos apenas durante algumas horas, e no momento em que as portas se abrem, uma multidão esfomeada e histérica avança para a sala de refeições. Com os cotovelos nas costelas dos vizinhos, os homens daquela horda se lançam para a primeira mesa disponível e se agacha lá, olhos injetados, dentes à mostra, até que seja levada até eles uma tigela com uma carne esquisita e fina como papel, nadando em um molho ainda mais esquisito. A coisa toda se parece com um zoológico quando os tratadores dão início à alimentação dos macacos.

Mas essa não é a coisa mais importante a ficar em minha mente depois dessa última visita à antes elegante cidade que os prussianos arruinaram. Junto à estação central, uma longa fila de pessoas descia pela Snefelderstrasse, aquela odiosa e interminável via. Quando eu perguntei a alguém o motivo daquela fila, fui informado de que aquelas pessoas estavam aguardando para entrar em um bordel. – em plena luz do dia, em uma linha que se espalhava até a praça da estação e bloqueava o tráfego – soldados de licença, trabalhadores de guerra, e até mesmo algumas mulheres (as mulheres estavam ali seguramente por engano e em função de um instinto de manada, sem ter qualquer

noção a respeito do propósito daquela fila, e eram alvo de risos e piadas cínicas, faladas em voz baixa, por parte dos homens.). Eu soube que o movimento daquele dia era o usual, mas que quando chegavam trens lotados de soldados em licença, a polícia precisava ser chamada. Naquelas ocasiões, a fila precisava ser limitada a grupos de cem por vez, e domésticas empregadas por famílias, na área, poderiam ser convocadas para “ajudar”.

De fato, esse é o tipo de coisa que acontece na Munique de hoje. Este discreto estabelecimento pertence ao mesmo Christian Weber¹⁸⁴ que era ajudante de garçom no Café Javali Azul até que se tornasse o animalzinho de estimação de Herr Hitler, apto a criticar um artista como Clemens von Franckstein, e vive nos aposentos papais da antiga Residência Real. O senso de humor de Munique se manifestou recentemente, quando toda um bando de novos marechais de campo e outros semi-deuses foram criados pelo regime. A fim de satisfazer Göering e seu insaciável apetite por títulos, foi criado para ele, de acordo com a piada, o cargo de Marechal do Mundo; e Goebbels, por causa de seu temperamento alegre, foi nomeado Marechal de Meio Mundo; e Christian Weber recebeu o título de Marechal de Senefeld. Este título, naturalmente, faz referência ao seu discreto e florescente estabelecimento, o qual providencia belas companhias para os jantares do Grande Homem, e o qual está localizado, como eu disse, na Senefelderstrasse.¹⁸⁵

Junho, 1941

Eu mantenho um tênue contato com a embaixada alemã em Moscou, então eu sabia, antecipadamente, o que estava por vir – e o que agora veio.¹⁸⁶

A parte horrível disso é que essas pessoas estão tão perdidas em suas trevas interiores que não conseguem se dar conta do que está realmente ocorrendo. Elas persistem em se auto iludir com: “E agora ele está negociando com a Rússia.” E seus olhos, grandes o

¹⁸⁴ Sobre Christian Weber, ver nota 155.

¹⁸⁵ Em português: rua Senefeld.

¹⁸⁶ A invasão da União Soviética pelo exército alemão.

suficiente para a digestão de metade do mundo, brilham de maneira ainda mais gulosa do que usualmente. “A Rússia vai permitir que marchemos através de seu território para chegar à Índia! As divisões alemãs já estão no Cáucaso!” E isso, em um momento em que nuvens de fumaça, negras e horríveis, já começam a borrar o sol no Leste!

“Amanhã estaremos na Índia.” E o Obersturmbannführer Semmelbei¹⁸⁷ se considera um vice-rei dos indianos, ocupando o lugar de algum arrogante aristocrata britânico. O ódio à Inglaterra é algo que vem desde a Guerra dos Bôeres, de 1899. Ela uma característica típica da ralé, e é a emoção dominante das massas neste momento. É, em essência, o ódio a uma oligarquia – os professores primários alemães, que manipulam a opinião pública, sentem-se insultados pela mera existência, em qualquer parte do mundo, de uma sociedade em que exista uma clara divisão de classes. Por exemplo, uma de suas mal pagas correspondentes estrangeiras, Frau Irene Seligo, do *Frankfurter Zeitung*, nunca foi capaz de perdoar a Inglaterra por não ter dado a ela o tratamento que se dá a um embaixador e, imediatamente após a sua chegada, varrê-la em direção ao Palácio de Buckingham para uma recepção com o rei e a rainha.

Por baixo, está a frustração por vários dos pequenos desejos. Um gostaria de emigrar, e tem os olhos em algum cafezal inglês. Outro gostaria de garantir que roupas e tabaco inglês sejam enviados para casa. E nossa “experiente secretária”, hoje o típico exemplo de feminilidade alemã, espera que seu noivo, nas SS, mande para casa, de Chippendale, itens de que ela precisa para completar a decoração de seu apartamento de sonhos de quarto aposentos.

Kostja Leuchtenberg¹⁸⁸ me informa que os nazistas concluíram seu “Plano Econômico” e, desde que postos no estrangeiro logo estarão disponíveis, e todas as vagas na Nigéria, no Quênia ou no sudoeste da África do serão preenchidas por engenheiros alemães.

Recentemente, eu assisti ao filme *Ohm Krüger*, de Jennings¹⁸⁹. A audiência não se comoveu com as cenas que representavam o campo para as mulheres prisioneiras, nem

¹⁸⁷ Obersturmbannführer era a patente, nas SS, equivalente ao posto de tenente-coronel no exército.

¹⁸⁸ Não encontrei outras referências a K. Leuchtenberg além das citações a ele feitas por Reck neste *Diário*.

¹⁸⁹ Em português, *Tio Krüger*. Trata-se de um filme alemão lançado em 1941, dirigido por Hans Steinhoff e produzido e estrelado por Emil Jannings (ver nota 117), e o primeiro a receber o prêmio nazista “Filme da Nação”. O filme narra a história do líder bôer Paul Kruger (interpretado por Jannings) que liderou a fracassada guerra de independência sul-africana contra os ingleses. Não seria preciso dizer que o filme retrata os ingleses como vilões gananciosos. A história é narrada a partir de memórias de um Krüger já idoso, exilado em Genebra, com o recurso de flashbacks. Na última cena, um Krüger morrendo, em seu quarto de hotel, conclama o mundo, para que se torne um lugar melhor, a destruir a Inglaterra e seu império.

com as crueldades que, supostamente, eram cometidas contra as mulheres bôeres. Não, o clamor ocorreu durante uma cena na corte, quando um aristocrata inglês, portando a Ordem da Jarreteira¹⁹⁰, foi mostrado em uma audiência com a rainha Vitória!... o ódio do ninho de cupins a tudo o que não foi ainda reduzido às dimensões de um cupim. Um ninho de cupins, é isso o que a industrialização da Alemanha nos trouxe, é esse o ideal sociológico dos senhores Krupp, Thyssen, Röchling e Hösch¹⁹¹.

Oh, ainda restam algumas poucas pessoas que não foram absorvidas pelo cupinzeiro. São os intelectuais, antes a melhor parte da Alemanha, e que hoje mal chegam a três por cento da população. Há os fazendeiros, em qualquer época uma âncora sociológica às ventanias contrárias, que não se deixam iludir, não importa o que diga a Propaganda, e que estão atualmente ameaçados pela “penetração industrial nas planícies” advogada por Herr Röchling. E também há a Bavária, que já foi considerada o Berço do Movimento, mas a qual há tempos ergueu uma cerca entre ela e o nazismo, e agora se posiciona à parte, da mesma maneira que a Vendeia durante a Revolução Francesa.

Perto do fim de março, enquanto colunas de tanques se dirigiam para o sudoeste pela larga autoestrada Wiener Chaussee em sua missão para “punir a Sérvia”, estrangulando um pequeno país, eu vi um velho fazendeiro parado na beira da estrada. A cada vez que um tanque passava, o velho soltava uma cusparada. Quando Hess voou para a Inglaterra, houve um júbilo generalizado entre os habitantes da aldeia, porque, como eles diziam, “o Príncipe Coroado se foi”, querendo dizer que ele fugira porque sabia que o jogo estava perdido, e estava caindo fora enquanto podia.¹⁹²

Mas esses elementos, os intelectuais, os fazendeiros e os bávaros são, é claro, tudo o que restou daquela Velha Alemanha. A maioria, o vasto cupinzeiro, estava sonhando a respeito de uma barganha entre a Alemanha e a Rússia num momento em que os primeiros disparos já estavam sendo disparados no Leste. Ninguém tinha a menor ideia

¹⁹⁰ Em inglês, *Order of the Garter*. Instituída em 1348, é a mais alta e antiga honraria britânica não hereditária concedida pelo soberano. Seus titulares (24 ao mesmo tempo, no máximo) têm o título de cavaleiros.

¹⁹¹ Os Hösch (que também assinavam Hoesch) eram em 1951, e são ainda, uma das mais antigas e influentes famílias alemãs envolvidas com indústria a siderúrgica a ferroviária. A principal empresa da família, Hoesch AG, foi incorporada pelo grupo Krupp em 1991. Ver também nota 81.

¹⁹² Reck se refere à jamais completamente esclarecida viagem de Rudolf Hess à Inglaterra em maio de 1941 quando ele era, pelo menos nominalmente, a segunda pessoa na hierarquia do Reich, abaixo apenas de Hitler. Ele viajou sozinho de avião e saltou de paraquedas sobre a Escócia. Com o tornozelo torcido, foi capturado pelos britânicos e ficou na prisão até morrer, em 1987 (inicialmente na Inglaterra, e depois da Guerra em Spandau, na Alemanha). A hipótese mais aceita é a de que ele tentaria se encontrar com políticos ingleses pró-Alemanha para forçar Churchill a negociar a paz. Mas Hitler sempre negou essa possibilidade, dizendo que Hess enlouquecera e agira por conta própria. Ver...

do que estava realmente acontecendo. Nunca antes um povo cambaleou com menos esperança, e mais estupidez, em direção à catástrofe!

E nunca antes um povo foi tão mal, tão irresponsavelmente liderado! Schulenburg¹⁹³, altamente estimado como um cavalheiro da velha escola em Moscou, tentou, no último inverno, após a viagem de Molotov a Berlim, alertar contra um ataque, mas Hitler não se dispôs a recebê-lo. Köstring, o adido militar, foi tratado com urros por Hitler, e chamado de russófilo, porque insistiu para que o Exército vermelho fosse devidamente avaliado. O barômetro obstinadamente se recusou a registrar “tempo claro e firme” – e então eles o destruíram.

Eu posso me lembrar, enquanto garoto, de ouvir discussões dos oficiais do Comando Geral que vinham à nossa casa. Com que cuidado aqueles homens da velha escola de Von Moltke abordavam o problema chamado Rússia! Mas os homens do Comando Geral de hoje foram treinados na escola de Ludendorff. Eles ainda planejam nos termos da Primeira Guerra Mundial. Com a arrogância de seu falecido mentor, eles estão contando com uma *promenade militaire*¹⁹⁴.

E os industriais alemães estão planejando inundar a Rússia com rádios baratos e produtos de consumo! Eles esperam subornar o povo russo com promessas de eletrificação e produtos de consumo de massa vagabundos. O homem das vastas planícies do Volga, esse enigma, o qual sempre esteve completamente além da compreensão de um alemão ocidental – e que, especificamente, deseja seu próprio sistema russo e que, mais do que tudo, deseja “não se tornar igual aos ocidentais” – esse homem é agora enquadrado na Alemanha por nossos brilhantes homens de negócio!

Essa visão estúpida e arrogante dos russos como se fossem hotentotes a serem comprados com traquitanas e cartolas baratas é o primeiro erro básico. O segundo é o inacreditável desprezo pelas distâncias envolvidas. Na época em que eu visitei a Rússia, dez anos atrás, havia aldeias ao norte dos Urais e no vale do rio Pechora que ainda – catorze anos após a Revolução de Novembro – que nada sabiam a respeito da queda do Czar; na verdade, nem mesmo sabiam que havia ocorrido uma guerra mundial.

¹⁹³ O Conde Friedrich von der Schulenburg (1875-1944), de antiga família aristocrática alemã, era o embaixador alemão em Moscou quando a União Soviética foi invadida. Como Hitler não confiasse nele, ocupava o cargo totalmente alheio aos planos de invasão. Mais tarde, de volta à Alemanha, afastou-se gradativamente do nazismo – que apoiou entusiasticamente nos primeiros anos – e participou de mais de uma conspiração contra Hitler, incluindo a famosa Operação Valquíria, de 20 julho de 1944. Preso, foi executado em novembro do mesmo ano.

¹⁹⁴ Em francês no original. Em tradução livre, “passeio militar”.

Mas o pior de tudo é subestimar assim a estranha alma eslávica, que somente agora principia a despertar, ainda assombrada por estranhos pesadelos. Jamais eu me esquecerei de comentário feito em São Petersburgo por um fazendeiro russo chegado havia pouco na cidade, ao observar, pela primeira vez na vida, um avião decolando: “o mais provável é que ele ganhe trinta rublos por mês, no máximo trinta e cinco. Trinta e cinco rublos por mês, e por esse valor ele se atreve a negar a Deus!

Os tecnocratas alemães que desprezam essas afirmações, como se pertencentes aos primitivos, não compreendem. Mas eles se encontrarão com este camponês nas planícies do extremo norte da Rússia, e então descobrirão aquilo que não foi sonhado em sua filosofia; o mundo democrático de um povo que é realmente “jovem”, não como uma frase de propaganda, mas que, apesar de tudo, não abandonou seus deuses.

Eu conversei a respeito disso no último domingo de Páscoa, com Kostja Leuchtenberg, que retornou das minas de Rand¹⁹⁵ dois anos atrás e que, sendo um russo nativo, conhece aquele mundo assim como conhece o Ocidente. Ele concorda que esta guerra acontece no momento da história em que, pela primeira vez na história, o mundo eslavo está frontalmente confrontando o Ocidente. Apesar da conversa comum por aqui, que vem através da boca de Hitler, de “Destino”, e de “Toda Poderosa”, esta Alemanha é tão cínica quanto uma envelhecida nação ocidental pode ser. A Rússia, por outro lado, que vinte e quatro anos atrás encarou sua cruz, e que em busca de metas difíceis tem sofrido, e passado frio, e tido fome, é como aquele blasfemo que eu descrevi antes, o qual, nas palavras de Dostoiévski, estava mais próximo de Deus do que um cético.

Ontem, enquanto nascia um dia muito quente, eu girei o dial de meu rádio e, para a minha surpresa, ouvi Herr Goebbels declarando guerra aos aliados de ontem. Eu me afastei, profundamente abalado. É inteiramente possível que a guerra que se inicia agora acabe por me engolir, meus bens físicos, minha vida física e também minhas crianças. É inteiramente possível, ainda, que eu mesmo seja dragado pelos redemoinhos que virão deste último lance de gênio de Hitler, e seja dragado para as profundezas.

Apesar de tudo isso, minha primeira reação foi de selvagem júbilo. Eu nunca deixei de acreditar na essência deste povo, profunda, ainda que nos últimos tempos escondida, e atualmente dificilmente discernível. Esta nação está prestes a experimentar uma grande e saudável redução de rota, que a libertará de seus horrores, e a ensinará, a um custo que seguramente será de imenso sofrimento, a crer em outros deuses, e não mais na nada sagrada Trindade de Krupp, Röchling e o rádio barato.

¹⁹⁵ Grande operação mineradora localizada no nordeste da África do Sul, e controlada por empresários alemães. Foi fundada em 1893, e segue ativa ainda hoje.

Em sua imensa vaidade, os seguidores de Satã exageraram em suas metas. Agora eles estão presos na teia, e jamais se verão livres novamente. Esse é o fato, e é isso que anima o meu coração. Eu os odeio. Eu odeio vocês andando e dormindo; eu os odeio por estragarem as almas dos homens, e por roubarem as vidas deles; eu os odeio por serem os inimigos do riso e do bom humor... Oh, é a inimizade mortal a Deus que eu vejo, e odeio, em vocês.

Em cada uma de suas falas vocês zombam do Espírito, que vocês silenciaram, e vocês se esquecem que as ideias individuais, as ideias nascidas na tristeza e na solidão, podem ser mais mortais do que as suas ferramentas de tortura. Vocês ameaçam todos os que se opõem a vocês com a morte, mas se esquecem: o nosso ódio é uma poção envenenada. Ela entrará em seu sangue, e nós morreremos gritando com felicidade quando o nosso ódio arrastá-los, junto conosco, para as profundezas.

Que a minha vida seja preenchida dessa maneira, e que minha morte venha quando a tarefa estiver completa! Esta promessa veio do coração do povo que vocês estão agora agredindo, e eu afirmo o seguinte, agora, uma vez que isto se aplica tanto a vocês quanto a nós:

Se vocês banirem Deus da terra, nós o encontraremos sob a terra. E então nós, os homens do subterrâneo, cantaremos uma canção para Deus, que é Alegria...

Setembro, 1941

Recentemente, na pequena estação de Garchling, na Alta Baviera, eu vi o primeiro trem carregado de russos prisioneiros de guerra.

Eu devo dizer: eu não os vi. Eu senti seu cheiro. Uma fila de vagões de carga lacrados estava parada em um desvio, e a brisa de verão trouxe até mim o pútrido odor de urina e de excrementos humanos. Quando eu cheguei mais perto, eu vi a urina e os excrementos pingando através das tábuas e rachaduras do piso dos vagões e caindo sobre os trilhos. “Eles estão amontoados ali como se fossem gado”. O miliciano que me disse isso não parecia estar de acordo com o tratamento dispensado a homens indefesos – ele parecia,

na verdade, estar bastante incomodado. “Eles passam tanta fome nos campos de prisioneiros que chegam a arrancar grama do chão para comer”.

Agora, algo que aconteceu por aqui. O filho de uma família de pequenos agricultores em situação miserável voltou de uma aventureira viagem à América. Sua mãe e seu pai, pobres como mendigos, mas de excelente reputação, receberam seu filho de braços abertos e com um excelente jantar, e o filho pródigo bebeu, comeu e foi para a cama. Mas, durante a noite, ele havia um punhado de notas de cem dólares. Os pais discutiram o assunto depois que o filho dormiu. Até que, chegando a um consenso, a mãe foi até a cozinha e, pegando uma faca daquelas bem longas, abriu a garganta de seu filho, tudo por conta do dinheiro: gente honesta, fora isso, correta....

E no entanto, quando eu falo sobre uma teoria que tenho, de que por trás de todo esse horror e toda essa inédita negação, por pessoas essencialmente boas, de toda e qualquer decência – que, por trás disso, está oculto um processo cósmico, uma gigantesca psicose e a libertação de uma horda de demônios, as pessoas riem de mim. Eu sou chamado de criador de pesadelos, e me dizem que uma certa dose de aspereza e de problemas psicológicos é normalmente vista nas pessoas durante tempos de guerra. Mas no fim ficará claro que eu estava certo desde o começo, ainda que isso leve décadas para acontecer.

E agora começa a parecer que a teoria precisará ser ampliada. A morte das poucas boas pessoas que restam também deve ser incluída entre os sintomas da moléstia, como se essas mortes fossem parte do plano, de acordo com alguma lógica perversa. Clemens von Frankenstein ficou doente no último inverno, justamente quando ele estava planejando vir fazer uma visita de alguns dias. A doença pareceu de início ser apenas uma gripe forte, e assim ela foi tratada. Mas, como ele não melhorasse, teve que ser levado a um hospital.

Eu o visitei lá há pouco tempo, e fiquei horrorizado em ver o quanto o seu rosto havia se retraído. E, hoje, um amigo meu, médico, me enviou um exemplar de uma revista médica de Munique, na qual estão relatados casos de câncer de pulmão. O primeiríssimo caso, em que o nome do paciente estava oculto sob iniciais, indiscrição que me causou um grande desconforto, era o de Clé: aquele homem bom e limpo. Clé, quem, em caráter e comportamento sempre pareceu, para mim, o último verdadeiro nobre alemão!

Naquele mesmo dia, como se o destino tivesse mesmo decidido levar embora todos os meus amigos, como se a solidão fosse parte de nosso martírio, eu recebi notícias a respeito de uma grave doença de um primo de Clé, o Conde Erwein Shcönborn. Senhor

da grande propriedade de Wiesentheid, sobrinho de Hohenhole, o antigo Chanceler do reich, um homem de verdadeira tmpera humanista, e que escolheu a medicina em vez de outras carreiras mais usuais, como a de diplomata ou de jurista. E ele se tornou mdico depois do mais rigoroso treinamento como cirurgo. Em casa, depois do do caf da manh, em um salo decorado por tapearias tecidas por Raphael, era o costume deste riqussimo aristocrata deixar seus hspedes e montar em sua motocicleta para uma visita matinal a seus pacientes – ele no aceitava quaisquer pagamentos. Agora, este tremendo home de letras e amigo de tudo o que era humano parece ter cado doente depois de anos fazendo demais.

Formvamos, Franckenstein e eu, um pequeno bando de amigos unidos por certos esportes e experincias pessoais, e acima de tudo por uma atitude comum em face da vida e pela esperana de que dias melhores viriam. Quando eu penso que este homem, tambm, com quem eu contava to intensamente para ajudar a forjar o futuro desta nao, estar em breve perdido para mim, eu estremeo.

No teatro, as luzes piscam e se apagam. O palco se esvazia, e de algum lugar, l atrs, chega um vento gelado. Somente as larvas permanecem nos assentos da orquestra. Em mortal solido, diante de uma audincia de degenerados, a ltima cena deve ser apresentada.

Berlim, claro, est distante destes pensamentos melanclicos. Berlin tem a barulhenta voz dos confiantes, ela est sendo conduzida na crista de uma torrente de vitrias, e faz lembrar os ltimos dias gordos dos kaisers. Os eleitos esto dividindo entre si os frutos da Terra, conforme so lanados a eles por Herr Hitler... As pessoas fazem excelentes transaes em cafs da manh de negcios nos restaurantes reservados aos semideuses desse regime, e de uma maneira geral apresentam o ar satisfeito de um homem que comemora o prprio aniversrio a cada dia. Em minha ltima visita, eu jantei no mesmo lugar em que os segredos dos herdeiros da nobreza prussiana tanto me absorveram anos atrs. Comigo desta vez estava Frau von K., minha parceira de dana em criana, e que agora primeira vista de alguma maneira me faz lembrar um buf de carvalho em uma sala de jantar. A senhora tem peitos enormes, e aquela fisionomia prspera to comumente encontrada entre senhoras de sua classe que ultrapassaram a barreira dos quarenta.

Esta slfide de ontem tirou da sacola e sacudiu, diante de meu nariz, um par de belos castiais de bronze – o *hors d'ouvres*. De acordo com o testemunho, tambm sado da sacola, aqueles castiais j foram usados para iluminar a escrivninha de Napoleo em Saint-Cloud, desde h muito destruda pelo fogo...

Roubadas, naturalmente – mas isso é a guerra, não é? Quando eu tentei dizer que eu não queria, para mim, objetos que me pareciam roubados, e os recusei alegando insuficiência de fundos, eu recebi uma aula de economia por parte da senhora. Eu aprendi tudo a respeito de o quão felizes os bancos estavam em emprestar dinheiros, como o dinheiro de papel rapidamente perdia valor, e como eu, como um pai de duas crianças, deveria sem hesitação estar apto a abraçar uma boa oportunidade quando essa se apresentasse diante de mim. Depois dos castiçais vieram uma oferta de conhaque francês, de lingerie parisiense e finalmente um par de filhotes da raça Sealyham terrier, que um amigo da senhora von K., dono de uma propriedade próxima a Rennes estava “guardando” – estes últimos, obviamente, não poderiam ser carregados na sacola, como os castiçais, para apreciação in loco.

No entanto, quando eu recusei todas as ofertas, o clima ficou pesado, e a Madame se retirou, tendo concluído que se envolvera com um idiota. E o movimento de seus cem metros de traseiro traduziu sua profunda irritação.

Paul Wiegler, o último remanescente da extinta editora Ullstein da Kochstrasse que chegou a trabalhar com os irmãos Ullstein, contou-me a respeito do porteiro de lá. Este homem, de alguma maneira, ainda mantém contato com seus antigos empregadores em Nova York, e de acordo com a informação que ele obteve, um dos irmãos, antes multimilionário, está, em idade avançada, perto de passar fome. Eu não conheci qualquer um dos inalcançáveis irmãos Ullstein, mas vez ou outra eu ouvia falar de sua atividade de indústria de formigas e de suas puritanas regras de conduta¹⁹⁶. E agora eles estão atolados na pobreza. Eles talvez se interessem em saber que foi criada uma agência governamental, completa com telefone, arquivos e secretária e que se autodenomina Escritório do Reich para a Ética nos Negócios.¹⁹⁷

Eu usei a oportunidade para procurar a princesa Friedrich Leopold, uma amiga próxima dos pais de minha esposa. A princesa é irmã da falecida imperatriz, cunhada do Kaiser, quem, com sua esposa, deixou o país “por vontade popular”, por assim dizer, e nora do

¹⁹⁶ A Ullstein Verlag era uma grande e tradicional empresa editorial alemã, fundada pelo editor judeu laico Leopold Ullstein em 1877. Suas atividades originalmente cobriam um largo espectro, indo de jornais a livros. Com ascensão do nazismo e o processo de “arianização” da economia, a família teve o negócio confiscado, mas pôde reavê-lo após a guerra. Desde a década de 1960, contudo, dificuldades econômicas levaram à venda gradual, pela família, do controle e dos principais negócios do grupo que, embora ainda exista, já não goza da relevância de décadas atrás.

¹⁹⁷ Uma tal agência governamental jamais existiu na estrutura de governo nazista.

príncipe Friedrich Karl, que é quem estava no comando em Mars-la-Tour¹⁹⁸. Ela permanece alerta e um tanto ágil, apesar de seus oitenta anos, em nada faz lembrar a sua real irmã. Possuidora de uma mente livre de preconceitos e gozando de excelente saúde, ela pedala sua bicicleta desde Glienecke quando vai visitar os meus sogros em Strausberg, uma viagem que cruza toda a cidade mamute, e não se sente nem um pouco inclinada a ser gentil quando fala a respeito de seu imperial cunhado e sua perda do título de imperador.

É claro, sobrou para ela quase nada do antigo brilho que havia em Glienicke no tempo de seu sogro. A maior parte do castelo foi vendida, e o capital dela encolheu para quase nada, de uma maneira verdadeiramente trágica. De seus três filhos, um morreu nos primeiros dias da última guerra, o segundo morreu em um acidente durante uma corrida de cavalos, e o terceiro, que com o resultado disso tudo era agora duplamente amado, deu a ela uma grande tristeza por causa de certas desafortunadas inclinações. Com seu maravilhoso olfato para essas coisas, os nazistas farejaram essas aberrantes inclinações logo que chegaram ao poder, e vêm chantageando a mãe desde então. Periodicamente, eles colocam o príncipe na cadeia, e solicitam o apropriado resgate. Ele é libertado por algumas semanas, e então novamente preso. E o jogo recomeça. Quando a Princesa buscou ajuda em Herr Göring, ele a deixou por duas horas esperando em uma antessala repleta de datilógrafas e grosseiros SS. Depois da espera de duas horas, o Capitão da Real Infantaria Prussiana (na reserva) e modelo de um moderno Marechal de Campo finalmente apareceu, as mãos nos bolsos, soltando baforadas em seu indefectível charuto, e cumprimentou a nora do general vitorioso de Metz com as seguintes palavras:

“O que é que você quer?”

Este é Herr Göring, campeão da versão moderna do novo-riquismo e, como tal, o modelo ideal para a burguesia alemã.

Nós conversamos bastante a respeito do falecido Kaiser, cuja reação ao saber da morte do filho mais velho dela, a Princesa jamais esqueceu. Guilherme II era naturalmente obrigado a manifestar-se de alguma forma com relação àquela morte. Para consolar os pais que sofriam ele então enviou o seguinte telegrama: “*Noblesse oblige*”¹⁹⁹. Este era o texto completo.

¹⁹⁸ A batalha de Mars-la-Tour (cidade no nordeste da França), em 16 de agosto de 1870, foi uma das mais importantes vitórias alemãs na guerra Franco-Prussiana, quando apenas 30.000 prussianos (mais tarde reforçados por 80.000 soldados) derrotaram uma força de 127.000 franceses.

¹⁹⁹ Expressão comum em francês. Traduz-se por “Obrigação da Nobreza”.

Eu admito que, com a passagem do tempo, passei a pensar no esquecido e abandonado Kaiser de uma maneira mais generosa. Me parece que, com seu exílio em Doorn²⁰⁰, ele pagou por seus pecados. Eu só o vi uma vez, quando ele estava “em ação”, ficou irritado com algum detalhe ou ordem militar, e começou a berrar energicamente, agitando sua mão gorda e de dedos curtos de uma maneira que não condizia com os modos de um rei. As condecorações Hohenzollern que mais tarde foram contempladas como aberturas em vista de minhas inclinações monárquicas se tornaram, por estranho que seja, em um souvenir de maneira esculpido em Doorn pelas próprias mãos de Sua Majestade, quando se descobriu que minha obediência não era para com a Casa da Prússia, mas para a casa de Wittelsbach²⁰¹.

E se, contudo, eu tenho mais a dizer a respeito do falecido monarca do que um alemão médio, isso se deve ao fato de sempre ter havido uma conexão entre a minha classe social e a Corte. Os elos eram aqueles velhos cavalheiros, deputados e detentores de cargos na Corte, que estavam sempre completamente informados a respeito dos assuntos internos e contavam tudo, alegremente, em detalhes, durante os jantares de caça na Masúria. Pessoas em nosso círculo souberam do escândalo do círculo dos Krupp e Eulenberg²⁰² cinco anos antes que a imprensa o noticiasse, e eu me lembro de um episódio verdadeiramente hamletiano que ocorreu por detrás das cortinas na Alemanha dos Guilhermes durante 1896 ou 1897...

Meu tio Marcell, que era adido da embaixada alemã em São Petersburgo, viajava constantemente entre esta cidade e Berlim, e portanto ficava feliz em usar a casa de meus pais como um lugar de descanso entre as viagens. O resultado é que ficávamos sabendo de tudo o que acontecia em Berlim, conforme reproduzido pelas fofocas da corte do Czar, no tempo mais curto possível. Eu consigo me recordar de uma manhã de julho, após o café da manhã, quando eu fui ler o jornal no gabinete de meu pai, enquanto os dois velhos cavalheiros, meu tio e meu pai, permaneciam sentados à mesa na sala de jantar ao lado.

²⁰⁰ A cidade holandesa na qual o Kaiser Guilherme II viveu exilado entre sua deposição, em 1918, até a morte, em 1941.

²⁰¹ A antiga família real bávara.

²⁰² Trata-se de um escândalo em que membros de algumas das mais poderosas famílias alemãs, como Krupp, Eilenberg e Von Moltke foram acusados de promover orgias homossexuais. Um dos implicados, Friedrich Alfred Krupp, cometeu suicídio em 1922, quando as histórias começaram a aparecer nos jornais.

Eu devo explicar que naqueles dias os jornais haviam noticiado que o Imperador havia escapado por pouco de ferir-se seriamente a bordo do *Hohenzolern*²⁰³ quando uma vela desprendeceu-se e caiu do mastro, ferindo-o no olho enquanto ele descansava no deque do navio. O ferimento foi superficial, mas bastante doloroso, segundo os jornais, e houve uma notícia adicional contando que o oficial encarregado do turno, um certo tenente Von Hahncke, morreu durante um passeio alguns dias depois dessa catástrofe liliputiana, e que sua bicicleta e seu corpo haviam sido retirados do fundo de uma queda d'água na Noruega.

E então, ouvindo o que meu tio falava, eu descobri aquilo que nenhum jornal havia contado, aquilo que havia acontecido por trás dos panos. O tenente Von Hahncke era um ciclista apaixonado – aqueles eram os dias iniciais desse esporte. Ele havia pedalado a sua bicicleta em volta do deque do *Hohenzollern* um bom número de vezes enquanto o Kaiser, que detestava o novo esporte, estava lá. Irritado, Guilherme mandou o tenente para o confinamento, e daí em diante passou a sentir uma certa animosidade em relação ao jovem. Foi a mais pura falta de sorte que Hahncke estivesse em seu turno quando a vela caiu e atingiu o Kaiser enquanto este estava no deque.

Mas então aconteceu algo inconcebível, algo que, ao ouvir, fez gelar o sangue do garoto de vinte anos. O Kaiser ordenou que toda a tripulação do turno se reunisse no deque e, então, descontrolado em sua raiva, estapeou a face de Hahncke – e Hahncke, agredido diante de todos os seus colegas de farda, também perdeu a cabeça e, lembrando-se somente daquilo que é básico para todos nós, *bateu de volta*.

Silêncio mortal. Todos os presentes apenas olharam. E então Hahncke virou-se e desceu para seus aposentos. No dia seguinte, logo após a embarcação aportar na Noruega, o Tenente solicitou e rapidamente teve concedida a permissão para ir à terra. Naquela mesma tarde o oficial e sua bicicleta foram retirados da catarata. Ele, é certo, cometeu suicídio – não se cogitou a possibilidade de um assassinato. Ele tirou a própria vida em retribuição ao insulto que dirigiu ao seu rei. Isso me foi confirmado por parentes do morto vinte e dois anos mais tarde.

Ainda assim, seria injusto julgar o Kaiser tendo como base um único incidente produzido por sua falta de autocontrole. Privadamente, ele era uma pessoa de comportamento gentil, ainda que basicamente fosse uma pessoa profundamente insegura. Mas tão logo ele fosse obrigado a aparecer em público, uma espécie de frenesi tomava conta dele, e para superar essa insegurança e aparecer, aos seus próprios olhos,

²⁰³ O iate do kaiser chamava-se *SMY Hohenzolern*, em referência ao sobrenome da família real prussiana.

como alguém que “sabia como cuidar de si mesmo”, ele adotava um comportamento destinado a mostrar o quão rígido e inflexível militar ele era.

Um amigo meu viveu a horrível experiência de observar essa transformação ocorrer diante de seus olhos. Ele era hóspede do Kaiser em uma ocasião em que ocorriam manobras militares, e o Imperador havia caminhado pela propriedade, conversando amigavelmente, de uma maneira ao mesmo tempo natural e charmosa. Mas então as manobras recommçaram, seus ajudantes se aproximaram, e o Imperador subitamente se converteu no “Imperator” mal-humorado de voz elevada que o mundo conhecia; irritadiço, com efeitos que eram desagradáveis em todos os sentidos.

Ao mesmo tempo, a tragicomédia era que este mestre da gentileza militar e dos efeitos teatrais em uniformes jamais soube, ele próprio, vestir-se adequadamente. Havia sempre algum problema com seu cinto, com o nó da espada ou com algum outro detalhe de seu uniforme que jamais estava “correto”. Um oficial inglês da marinha uma vez me disse que o Kaiser, que entre outros títulos ostentava o de Almirante da Marinha Britânica, certa vez teve a inesperada ideia de “inspecionar” um esquadrão inglês no Mediterrâneo, no momento em que os navios estavam envolvidos em exercícios de tiro, e totalmente despreparados para receber visitas da realeza. O oficial me descreveu como o Kaiser escalou a escada do costado da nau capitania, vestindo um cintilante uniforme de almirante e calçando – para espanto geral – sapatos brancos de verão totalmente inapropriados.

Nos primeiros tempos de seu exílio, quando o Imperador ainda estava vivendo em Amerongen²⁰⁴, uma dama inglesa o viu em um casamento da alta nobreza holandesa. O Kaiser estava de pé, no altar, vestindo seu imponente uniforme de general, completo, com o cordão da Águia Negra – e em seus pés estavam aquelas medonhas botinas de couro popularmente apelidadas de “tootsie rolls” nos meus tempos de exército.²⁰⁵ Recentemente, eu vi uma das últimas fotografias do Kaiser, tirada pelo tio de minha esposa, quem por dez anos foi o Marechal da Nobreza em Doorn. A foto mostra o Kaiser sentado, tranquilo, em um banco de praça, usando um macio e elegante paletó, as mãos entrelaçadas sobre uma bengala, os pés confortavelmente cruzados – em cada detalhe a marca de um velho e digno cavalheiro. O único problema é que, em seus pés,

²⁰⁴ Cidade localizada na região central da Holanda. O Kaiser deposto viveu lá desde o fim da Primeira Guerra, em novembro de 1918, até maio de 1920, quando se mudou para a cidade próxima de Doorn, onde viveria até morrer, em junho de 1941. Foi em Amerongen que Guilherme II assinou sua abdicação ao trono alemão.

²⁰⁵ Tootsie Roll é uma bala de chocolate macia, de origem norte-americana, que é fabricada desde 1896, e que já foi bastante popular em todo o mundo.

as botas que calçava não estavam corretamente abotoadas, e de uma maneira tão evidente que não havia como ignorar o fato.

Eu de maneira alguma digo que essas coisas eram ofensivas – ao contrário, elas eram cômicas e faziam com que se sentisse que uma certa ironia estava presente; como se uma mão invisível estivesse estabelecendo um equilíbrio em seus modos compulsivamente rigorosos, e com uma certa bonomia fazendo-o se lembrar da tragicomédia que há todo o esforço humano: “Veja bem, Kaiser, você é supostamente um expert justamente nesses assuntos; e mesmo você está longe da perfeição”, ou algo assim. Eu não acredito que o acaso esteja envolvido em coisas desse tipo. Eu acredito que aqui nós vemos a mão benevolente de Deus – quando, no meio da mais apaixonada poesia ou efusão política, palavras cruciais se tornam seus opostos ridículos por conta da mudança de uma única letra pelo impressor.

Eu não acredito naquela famosa “extravagância” com a qual a natureza supostamente o equipou para que exercesse seu papel imperial, como as pessoas costumam dizer com tanta frequência. Eu acredito que somente pela mais cruel das ironias pôde este homem tímido, incapaz e basicamente profundamente inseguro, ser convocado a liderar um Reich que esteve mergulhado em problemas praticamente desde o dia em que foi fundado: a derrota dos barões-ladrões na batalha entre Igreja e Estado, o escândalo Von Arnin, crises sociais, as mortes de dois kaisers.

Eu nem mesmo imputo a ele a responsabilidade pela demissão de Bismarck, tanto por si mesmo como por uma força autônoma. Nenhum estudante de história honesto condenará Guilherme por isso. Será que ainda havia espaço para um autocrata conservador em uma Alemanha que havia se industrializado da noite para o dia? Pode alguém imaginar seriamente uma simbiose entre Bismarck e I.G. Farben?

Eu acredito que os alemães estão geralmente tentando amenizar suas próprias consciências pesadas quando jogam a culpa em um único indivíduo. Foi a própria Alemanha quem de um dia para o outro se libertou de todas os seus antigos laços, seus ideais e seus deuses, e demitiu Bismarck de suas funções naquele dia em março. Eu penso que o Kaiser meramente agiu como o executor da vontade do povo – e foi ele mesmo a expressão final de um tempo quando praticamente todos os alemães eram uma miniatura secreta de Guilherme II: tão entusiasmados com o progresso, tão barulhentos, tão desorientados, todos com as cordas desamarradas dos velhos ancoradouros. Tão provocativos, tão sem tato, tão apaixonados por si mesmos de uma maneira irresistível – e, também, tão inseguros e basicamente inofensivos.

Em 1905 eu estava em Torbole, no lago de Garda²⁰⁶, na época em que ocorria, ali, uma convenção de farmacêuticos alemães. Durante o dia, os delegados assistiam às reuniões, e durante a noite eles cruzavam o lago, com suas esposas, a bordo de vapores alugados. As vozes deles cantando *Still ruht der See* ecoava através do lago – eles estavam tão seguros deles mesmos, tão certos de que todos estavam tão felizes com o que eles faziam quanto eles mesmos. Suspensos entre o sonho e a realidade, eles na verdade mereciam a mais profunda piedade – símbolos de uma Alemanha basicamente inofensiva, mas completa e inteiramente perdida.

Eu não sou, como eu imagino já ter deixado evidente, um seguidor ou defensor da Casa de Hohenzollern. Eu não sou um cavalheiro do círculo íntimo, nem sou inclinado ao bizantinismo. Ainda assim eu acredito que a maneira como os filhos daqueles farmacêuticos cantantes negaram o Kaiser, que era seu verdadeiro representante, durante os dias da catástrofe de 1918, foi vergonhosa.

Em 1914, durante aqueles últimos dias de julho em Berlim, uma multidão tão grande que não se podia ver inteira, se postou diante do castelo e entoou diante das janelas do Kaiser...

“Nós queremos ver o nosso Kaiser!”

“Nós queremos ver o nosso amado Kaiser!”

Foi isso o que eles cantavam. Eles cantavam ritmados, sem desafinar, como somente um povo bem-treinado que, diante de uma notícia inesperada, consegue organizar seu entusiasmo e cantar.

Isto foi no fim de julho, em 1914, e, ainda assim, duzentos e vinte semanas depois, ou 1.540 dias, nenhum impropério seria o bastante, nenhum cinismo seria cínico o suficiente, para se lançar contra ele. Isto foi após vinte e seis anos de seu reinado, tempo mais do que suficiente para se fazer mudanças nas lideranças e saber quais eram as áreas em que ele era fraco. O que aquele senhor de cabelos grisalhos fez nos 1.540 dias que se seguiram àquele coro e que terminaram em maldições e vergonha que tenha sido muito pior do que ele tenha feito nos vinte e seis anos anteriores?

Eu sei que a queda da monarquia era inevitável, mas eu acredito que, especialmente num caso como esse, quando a nação inteira deveria se sentir igualmente responsável, a coisa deveria ter ocorrido de uma maneira diferente do que ocorreu. Eu não acredito que os alemães tenham o direito de se sentirem irônicos ou superiores, como Goebbels

²⁰⁶ No norte da Itália, o Garda é o maior lago da Itália e ainda hoje um importante polo turístico.

insiste em seus artigos a respeito do Kaiser. Muito pelo contrário, eu acredito que há todas as razões possíveis para que os alemães ponderem seus próprios pecados e suas próprias limitações – especialmente o Comando Geral, a Oligarquia do norte do país e a nobreza prussiana.

Onde estava Ludendorff na hora em que seu soberano precisou dele? Onde estavam aqueles generais que, seguindo Ludendorff, se juntaram à oligarquia industrial para arrastar seu limitado monarca para dentro de seu jogo arriscado e sangrento? E onde, naquela hora, estava aquele grisalho Condestável do Trono da Prússia, Hindenburg, quando seu real senhor, de cujas fraquezas ele estava seguramente bem informado, precisou de apoio? Ele certamente poderia ter feito melhor do que simplesmente abanar suas mãos e aconselhar aquilo que era o mais confortável para os generais: que Guilherme docilmente se mudasse para outro país.

É fácil escrever que “a lealdade é a marca da honra”. Mas não é tão fácil aceitar que a lealdade pode ser jurada apenas uma vez durante a vida de um homem; uma vez que o juramento seja declarado, ele não pode ser recolhido de volta como se faz com uma duplicata que tenha sido paga; e que ela seja válida até a morte é assumir a responsabilidade pela vida de alguém.

É isso precisamente o que fizeram os integrantes da Guarda Suíça, quando defenderam, com suas vidas, em 10 de agosto de 1792, o palácio vazio de um rei que fugira: eles haviam feito um juramento²⁰⁷.

Estas vitórias na Rússia podem continuar e a história pode até mesmo algum dia celebrá-las como tendo sido de grande importância (algo em que eu não quero acreditar). Ainda assim, estes generais, que ainda ontem estavam tão agitados sobre o peso dos juramentos, mudaram de ideia e juraram absolutamente tudo o que podia vir à mente para uma gangue de criminosos políticos, e jamais terão as honras que aqueles agricultores suíços tiveram. Ninguém jamais irá colocar a figura de um leão ferido, de mármore, sobre seus túmulos.

A dor, a tristeza e a insuportável vergonha com as quais nós temos vivido nos últimos oito anos nos oferecem novas perspectivas. Nós teremos uma segunda chance. Uma vez mais, e pela última vez, nós teremos a oportunidade de olhar bem fundo para dentro de

²⁰⁷ Episódio da Revolução Francesa, quando milícias e populares invadiram o Palácio das Tulherias, em Paris e massacraram os membros da Guarda Suíça. Mas o rei e a rainha não fugiram: foram presos e, na mesma noite, uma sessão na Assembleia (com pouco mais de um terço de deputados presentes, quase todos jacobinos) proclamou a república. O rei Luís XVI e a rainha Maria Antonieta seriam executados em janeiro do ano seguinte.

nós e fazer aquele discurso íntimo que em 1918, de maneira tão covarde, nós evitamos fazer.

“Tal não é bom, nem pode redundar em bem”, conforme Hamlet disse²⁰⁸. Ele bem poderia ter falado por todos nós também. Nenhum bem pode vir dessa nuvem de vitórias, com o fedor do crime, nenhum bem para uma nação cujos alicerces são a propaganda e a traição – nenhum bem para um povo que farisaica e egoisticamente leva o peso de seus próprios pecados para os seus mais antigos símbolos, presta juramento a criminosos, e está disposto a jurar o que for e assinar o contrato que for com o Demônio. Não, o preço que o diabo cobra vai subir e subir!

Uma tempestade está se aproximando e vai cobrir as cabeças de pessoas bêbadas e cegas por vitórias, e o homem que enxerga isso está só, hoje, na Alemanha. Ele está só com seus conhecimentos, e pode enxergar que está chegando o dia quando ele, pessoalmente, terá que fazer valer tudo o que afirmou e sustentou, por voz ou por escrito. De todas as coisas que jamais foram exigidas da vida, apenas uma permanece: que na hora do martírio, que nossa época requer de todo homem que não faça parte da massa, um homem seja capaz de trazer de dentro de si a força que vem da fé que ele manteve na verdade.

Verdadeiramente, será que todos os desejos humanos, desde que sejam grandes o suficiente, devem ser satisfeitos?

Setembro, 1941

É assim que vivemos na Alemanha de hoje...

Segunda-feira, uma vitória gigantesca é anunciada. Na terça-feira, nem uma única alma consegue se lembrar dela. Anuncia-se a captura de prisioneiros em números imensos; ninguém acredita nas informações. Dia sim, dia não, trombetas no rádio anunciam mais

²⁰⁸ Frase proferida no Primeiro Ato da peça de Shakespeare, quando Hamlet lamenta que a mãe tenha se casado com o tio que assassinou seu pai. Para esta citação em português, usei a tradução de Péricles Eugênio da Silva Ramos. Editora Abril, São Paulo, 1976.

vitórias – e nós o desligamos tão logo começamos a ouvir as primeiras notas da fanfarra, sentindo-nos insultados.

Eu não compreendo o porquê de nada ficar na cabeça das pessoas a respeito desses “mais gigantescos movimentos de pinça de todos os tempos”, ou desses desbaratados exércitos inimigos maiores do que em Sedan – ou um pouco mais, até, do que sobre a última epidemia de febre aftosa, ou do fato de que o solo congelou mais cedo este ano – mas assim é que tem sido. Às vezes penso que isso se deve à nossa condição de habitantes de um cupinzeiro, sendo os cupins incapazes de se preocupar com coisas que acontecem fora de seu ambiente. Eu pondero a questão por alguns instantes, mas logo a rejeito. Há algo mais aqui, algo mais complexo, algo bastante misterioso, que não pode ser colocado em palavras.

Eu não sei o que é, mas eu sinto, assim como outras pessoas sentem, que há algo aqui e passa por nós, de maneira invisível –

Se, apesar de minhas expectativas, os fatos realmente se derem de acordo com a propaganda, eu apesar de tudo sentirei o que hoje sinto: estas coisas estão *além da história*.

Um outro exemplo de nossa vida além da história: Herr Bruno Brehm, quem há poucos anos era uma presença permanente nas antessalas dos judeus instruídos, envia ensanguentados boletins desde Lemberg a respeito dos cadáveres encontrados lá, supostamente obra da Cheka – e coloca toda a culpa nos judeus.²⁰⁹ E assim, sem honra, verdade ou justiça, nós aqui vegetamos. As classes baixas, que podemos dizer que incluem todos os que não usam uma suástica na roupa, não têm comida suficiente. A burocracia – antigos aprendizes de alfaiate, estagiários em bancos, seminaristas e estudantes de teologia – argumentam que a vida é dura nas frentes de batalha, e sobrevivem à base de cartões de racionamento diplomáticos, que valem três vezes mais do que um cartão de racionamento comum.

²⁰⁹ Sobre Bruno Brehm, ver nota 102. Os fatos a que Reck se refere ocorreram na Ucrânia. Os soviéticos se retiraram de Lemberg antes da iminente chegada alemã e, durante o intervalo, radicais direitistas ucranianos teriam iniciado uma série de perseguições a judeus, que foram evidentemente as vítimas, não os provocadores. Adicionalmente, convém mencionar que a Cheka, a primeira polícia secreta soviética, criada em 1917, já não existia quando Reck escreveu seu diário. Ela foi extinta em 1926, substituída pela OGPU, que por sua vez foi substituída pela NKVD em 1934, que ainda era o principal braço repressor do regime soviético quando Reck escrevia seu diário. A KGB, substituta da NKVD e de outras agências menores, surgiria em 1954.

Recentemente, quando Herr Gauleiter Wagner²¹⁰ honrou a nossa pequena cidade com sua presença, praticamente toda galinha da região foi sacrificada para que se pudesse satisfazer as necessidades de sua *entourage* de bêbados e delinquentes. Herr Hitler tem sua própria e privada fazenda de vegetais em Solln, perto de Munique, onde guardas SS patrulham as cercas eletrificadas que cercam as estufas de nosso Tamerlão vegetariano.

E nesse ínterim as plebes vão sentindo toda a fúria de uma indústria de alimentos alemã enlouquecida pela química. O açúcar agora é feito da polpa do Abeto, a salsicha, da polpa da faia, e a cerveja se tornou um líquido fedorento feito de soro de leite. A levedura agora é artificial, e a marmelada é colorida, a fim de levar os incautos a pensar que se trata do produto real. O mesmo ocorre com a manteiga, exceto pelo fato de que ela contém um corante específico que é venenoso para o fígado e a bile, e que é responsável pelas doenças nesses órgãos que são tão comuns hoje. Os olhos de todas as pessoas estão amarelos, e se posso acreditar em amigos meus que são médicos, a incidência de câncer dobrou nos últimos quatro anos.

Um verdadeiro prussiano, um velho expert em resolver suas necessidades a partir do imprevisto obtido nas latas de lixo, vive sua glória quando consegue varrer a abundância natural da Alemanha, e pôr no lugar o substituto, o falso. Até os vegetais enlatados são artificialmente coloridos, O vinho, exceto aquele que é engolido pelos jovens oficiais, ou negociado no mercado negro pelos negociantes do exército, é um desgraçado veneno de cobra. O sabão fede tanto quanto a corrupção da “Nova Alemanha”, e as solas dos sapatos de neve que eu comprei no inverno passado depois de uma série de batalhas com os cupons de racionamento, se transformaram em uma massa encharcada de papelão depois de uma hora de caminhada. Há uma história a respeito de um homem que, vestindo um casaco de tecido sintético feito a partir de madeira, recebeu um tapa nas costas de um amigo e, distraído, o convidou a entrar.

As consequências de tudo isso já começaram a se tornar aparentes. Como resultado da fermentação e dos gases resultantes do pão argiloso e massudo, o ar nos cafés está pestilento. E ninguém se incomoda, mais, em segurar o próprio vento traseiro. Como resultado desse envenenamento sistemático do sangue, as pessoas estão repletas de abscessos e furúnculos e seus líquidos corporais estão corrompidos. A caçada diária por produtos de primeira necessidade e a inveja pelos queridos vizinhos se combinaram para criar um afrouxamento e uma sordidez no comportamento que teria sido impensável pouquíssimo tempo atrás.

²¹⁰ Sobre Adolf Wagner, ver nota 161.

Uma cara e chique escola de vela, dirigida às filhas dos industriais, está localizada no lago aqui perto. Por fora, trata-se de um negócio altamente esnobe mas, na realidade, trata-se de um pequeno bordel, onde as pequenas e magras coisinhas dormem com os seus enganadores e toscos e, oh!, tão maravilhosamente brutais instrutores. E no café da pequena aldeia junto ao lago eu ouvi a gorda esposa do médico pessoal de Göring dar à sua amiga, em detalhes, por extenso, como exatamente se conseguiu sucesso na inseminação artificial de Frau Göring.

A ausência de homens tem levado a situações grotescas. Uma vez que os prisioneiros de guerra franceses são considerados deleitáveis, ainda que fruto proibido, ocorreu, no norte da Alemanha, de uma camponesa esconder um francês sob o seu carrinho de mão repleto de batatas e, assim, contrabandeá-lo para dentro de sua casa.

Em uma aldeia próxima, a viúva adúltera de um camponês com trinta anos estrangulou, num pântano, os filhos que teve com seu sogro. Na minha basicamente moral cidadezinha, a vida das ruas foi introduzida por mulheres do norte da Alemanha enviadas para cá pelo programa nazista “Mãe e filhos”; e a infecção se espalhou por uma boa parte da população nativa. Com os guardas dos campos de prisioneiros de guerra, as mulheres montaram aqui uma “Ilha das Delícias”.

Recentemente, quando eu me dirigia para a cidade, eu ouvi chamados por socorro em voz alta. O que ocorreu foi que uma dessas moças não prestou muita atenção em seu filho de três anos, e justamente enquanto Madame estava ocupada com seu amante, a criança caiu no rio e se afogou. Eu passei uma hora tentando reavivá-la, sem resultado. A criança estava morta. A dama finalmente apareceu, e ainda que ela tenha desempenhado o papel de mãe desolada pela tragédia, naquela mesma tarde eu a vi passeando com seu amigo bem em frente à janela atrás da qual jazia a sua criança morta.

Aquilo foi demais. Naquela noite, a aldeia entreteve a moça com um verdadeiro concerto de gatos, jarros, buzinas e equipamentos contra incêndio. Foi mais ou menos no estilo das antigas *Habern*, que até cinquenta anos atrás asseguravam a decência nas aldeias da maneira mais simples e efetiva possível, até serem colocadas fora da lei pela intervenção de padres ignorantes.

Mas agora começa a parecer que um certo número de coisas que pareciam ter desaparecido estão voltando novamente à vida, como costuma, ocasionalmente, acontecer: o bem e o mal, os deuses e os espíritos malignos da ganância e da bestialidade. Eu não sei se o fim do mundo está ao alcance da mão, como disse Dostoievski. Mas o que eu sei é que estes são os anos de uma virada nos assuntos

humanos que jamais poderão ser mudados novamente, e que a tirania de uma civilização arrogante está no fim.

Janeiro, 1942

Este inverno caiu sobre nós como um selvagem Apache. Aparentemente, a eterna e doentia invocação do Nórdico que tem ocorrido por aqui nestes últimos anos foi atendida com esta série de invernos dignos do Polo Norte. Por oito semanas já, como uma imagem de desolação que arrasa as almas deste povo, a brancura cobriu, como uma manta, os contornos da terra. Eu fui obrigado a cavar um túnel da altura de um homem para ligar a casa aos estábulos. De pé no ponto mais alto desta massa de gelo spitzbergiana²¹¹, eu fico na altura do segundo andar da casa.

Portanto, por dois meses, eu estive, na prática, isolado do resto do mundo. Conseguir um quilo de carne implica uma jornada de duas horas sobre os esquis, e é uma expedição polar de 24 horas ir ao banco mais próximo ou ao dentista, e são dois dias inteiros de viagem, em um trem sujo, malcheiroso e lotado de malas, para se chegar a Munique – uma viagem que eu costumava fazer, de carro, em noventa minutos. Essa perda de tempo, infligida a nós por um regime que tudo toma e nada dá, significa que você não pode fazer praticamente nada que envolva o uso da mente. Na ausência de qualquer profissional para reparos, um homem precisa se tornar o seu próprio eletricista, encanador e especialista em telhado, para que possa desobstruir calhas e tubos de encanamento, e possa manter em ordem seu lar.

Recentemente, em uma caminhada pelo bosque congelado, eu encontrei, um gamo, que havia sido profundamente ferido por um cachorro e estava passando fome. Eu o levei para casa, ainda que estivesse condenado, e ele morreu em meus braços; morreu com lágrimas nos olhos, e uma aparência de infinita tristeza, algo que justificaria uma acusação ao Criador por permitir que uma de suas criaturas pudesse sofrer tanto. Tempos atrás, no Atlântico Sul, eu vi um baleeiro em plena matança de uma baleia fêmea acompanhada de uma de suas crias. O arpoador, um irlandês de barba ruiva,

²¹¹ Spitzbergen é uma cidade localizada na ilha de Svalbard, no extremo norte da Noruega.

seguia enfiando arpões na baleia. Os intestinos saíam do corpo ferido do enorme animal, e apesar disso ela continuava a nadar, para a frente e para trás, na água tingida de vermelho por seu sangue, tentando, com seu corpo destruído, proteger o filhote dos arpões. Desde então, a partir da visão do rosto sardento do arpoador, enquanto ele gargalhava cheio de ironia, e daquela pobre criatura, leal até o fim, eu passei a acreditar na existência do Diabo tanto quanto eu acredito na existência de Deus.

E o Inverno mudou também a guerra. Um espectro está se levantando nas vastidões nevadas da Rússia, o espectro da retaliação, e meus honestos compatriotas estão tentando afogar seus recentes receios, tentando acreditar em milagres que mudarão tudo. Eles têm fé em um gás que destruirá toda a vida em um país enorme em dez segundos, e um fantástica “bomba atômica”, das quais apenas três serão necessárias para afundar as ilhas britânicas. Sim, e também em um ainda mais fantástico túnel, que está supostamente sendo cavado, secretamente sob o Canal da Mancha, a partir de Calais, e do qual surgirá, um belo dia, um grande exército alemão, para transformar em pó todos os inimigos de Brandemburgo.²¹²

Junto com esses rumores a respeito de um túnel sob o Canal, uma história tão estranha quanto me foi contada no trem de Salzburgo, a respeito do capitão Theodor Koch, da Hapag.²¹³ Koch era um daqueles capitães-cavalheiros cuja excelente aparência e modos perfeitos garantiram uma carreira exemplar, a quem eram confiados os grandes navios da linha atlântica para Nova York. Eu imagino que muitos ingleses se lembrarão deste elegante e bem-preparado oficial. Koch, enfim, que havia comandado uma corveta na Marinha Imperial, foi, nesta guerra, colocado no comando de uma das pequenas ilhas britânicas no Canal que nós havíamos ocupado. Mas, no último outono, um oficial de alta patente das SS desembarcou na ilha. Uma longa discussão teve início, vozes se exaltaram e, no fim, Koch pegou seu revólver e se matou.

A parte estranha desta história é que as ordenanças, na antessala ao lado, que puderam ouvir fragmentos da conversa, ouviram, claramente, menções a um túnel. Meu companheiro de viagem hamburguês, a respeito de quem eu adoraria ter mais informações, poderia, evidentemente, ter me contado muito mais, se quisesse, mas recusou-se.

²¹² Embora cronologicamente impreciso, Reck inegavelmente deu voz a duas realizações reais: a bomba atômica, não alemã, mas norte-americana, surgiria três anos depois. E o Eurotúnel, sonho antigo de muitos, seria inaugurado pouco mais de meio século mais tarde, em 1994.

²¹³ Criada em 1847, a Hapag, hoje Hapag-Lloyd, era no tempo de Reck, e ainda é, uma das principais empresas de navegação a operar no Atlântico Norte, tanto no transporte de cargas quanto de passageiros.

Quanto a mim, eu acreditarei que o círculo virou quadrado antes de acreditar nesse túnel. Mas o que é realidade é o medo desses facínoras nazistas sentem do destino que os espera. Eles tentarão qualquer coisa, até mesmo ir à lua, para escapar disso.

É demais para a fora isso esparsa taxa de minha solidão nestes dias de inverno. O que mais? Recentemente, de quem mais eu poderia estar sentado ao lado, no Hotel Regina, senão o antigo presidente do Reichsbank em pessoa, Herr Hjalmar Schacht²¹⁴, agora caído em desgraça, uma verdadeira serpente que engoliu veneno? E se expressando com a voz um tanto quanto elevada – elevada o suficiente, pelo menos, para que eu pudesse ouvir – bradando que, se a inflação pudesse ser evitada agora, ele acreditaria com gosto no moto perpétuo. No dia seguinte eu me sentei a uma mesa de frequentadores frequentes no Café Helbig, e a discussão lá, com teólogos católicos fazendo sugestões, era a respeito das várias técnicas de castigo. Para o Senhor Ministro da Propaganda, seria uma aparição, nu, na jaula dos macacos do zoológico de Hallabrunn. Haveria aumento de preços, mas seriam praticados preços populares em dias especiais. Para o Grande Homem, nada menos do que um tour mundial dentro de uma gaiola, “com anéis nos dedos das mãos e sinetas nos dedos dos pés”. O precedente, no caso, foi a punição de Bockelson, o rei dos Anabatistas, a quem as autoridades medievais puseram numa gaiola, e depois ficaram trocando de uma para outra como um canário, assim todos poderiam apreciá-lo durante o café, para avivar os ânimos com seu humor de patíbulo e e condimentados bons modos antes de ser executado.

Eu fiquei bastante entretido com tudo isso. A perspectiva de assistir Hitler cantando “Horst Wessel Lied”, nu, em um palco da Broadway – esta ideia, à parte o fato de proporcionar uma certa satisfação pessoal, tem uma profunda, e mostra-se, para mim, repleta de significado político. Deverá existir espaço para o riso na revolução alemã que se aproxima, depois de quase uma década durante a qual ele esteve proibido, como uma válvula de segurança através da qual a raiva reprimida poderá ser aliviada. Feche esta válvula, como foi feito em 1919, com “Lei e Ordem”, e a carga de explosivos explodirá

²¹⁴ Hjalmar Schacht (1877-1970) foi um economista e político alemão. Inicialmente um liberal, foi, em 1918, um dos fundadores do Partido Democrático Alemão. Crítico das políticas de reparação impostas pelo Tratado de Versailles, presidiu o Reichsbank durante boa parte dos anos finais de Weimar (1923-1930). A ascensão do Nazismo fez com que ele aderisse, com entusiasmo, ao Partido. Presidiu então novamente Reichsbank, entre 1933 e 1939, cargo que acumulou com o de Ministro da Economia (entre 1934 e 1937). Muitos dos sucessos econômicos iniciais do nazismo, atribuídos pela propaganda a Hitler, foram na verdade obra de Schacht. Mas, em seguida, como discordasse da política de desarmamento de Hitler, que considerava economicamente calamitosa, acabou caindo em desgraça junto à elite nazista antes mesmo do início da Guerra. Preso após a derrota alemã, foi acusado de colaborar com o esforço nazista, mas acabou inocentado, com o argumento de que defendia a Alemanha, e não um partido. Atuou como banqueiro e consultor de países em desenvolvimento até o fim da vida.

na cara do criador desta política incendiária. Este martírio que é o hitlerismo poderia ter sido evitado naquele momento se, ainda que pelos motivos mais conservadores, nós tivéssemos encarado a necessidade de uma revolução em progresso, e tivéssemos permitido que as massas dessem vazão à raiva que sentiam, e rugissem até que ficassem exaustos e parassem.

Eu tive um longo debate com M., que por anos foi impedido pelos nazistas de ensinar Ciências Sociais, a respeito da psicologia e das patologias do homem de massa. Eu me lembro claramente de ter falado sobre a mesma coisa, em mais de uma ocasião – o fato de a população europeia ter aumentado duas vezes e meia ao longo dos últimos quarenta anos – com Spengler. É claro que Spengler, com sua mente linear, desconsiderava tudo isso, pondo na conta da legitimação de crianças nascidas fora do casamento e nos matrimônios dos segundos e terceiros filhos de camponeses, que antes se tornavam soldados ou padres. Mas, então como agora, eu era forçado a chegar a conclusões diferentes e mais assustadoras.

As ideias de M. a respeito do assunto se baseiam no estilo de vida apertado de casas geminadas dos que a tecnologia trouxe para o homem moderno. Eu não me sinto satisfeito com isso, porque o homem de massa não se encontra, apenas, na classe trabalhadora. De fato, ele é talvez menos comum entre os trabalhadores do que é entre certos setores da burguesia que não vivem, de forma alguma, em situações de aperto espacial. Adicionalmente, eu observei que em dois precedentes da situação atual que conhecemos, a Roma imperial e o estado Inca anterior à chegada dos espanhóis, essa súbita e violenta transformação em hordas de homens de massa não era de forma alguma um indicativo de saúde. Era sintoma do declínio e da queda, ligada, no período de queda ao tempo de Caracala, com a adoração da placenta mágica, com uma tangível decadência social e uma clara ameaça de destruição física.

Esse é o home de massa: arrogantemente a galope no palco da história, mas desde o início, doente; repentinamente o centro das atenções, mas incapaz de se conservar por muito tempo; destinado a desaparecer naquele tipo de transformação do palco num vazio fantasmagórico, conforme Roma foi descrita, por um jornalista grego por volta do ano 400: a cidade, outrora lotada com milhões de habitantes, se tornara uma pequena cidade provincial de alguns poucos milhares de pessoas. O seu Fórum era agora um milharal de onde surgiam, aqui e ali, entre os pés de milho, as velhas estátuas.

Ainda restará alguém nos dias de hoje que realmente acredita que essa proliferação humana é simplesmente uma mera materialização da antiga ordem do “crescei e multiplicai-vos”? Existe um vasto golfo entre aquela ordem e o seu atual cumprimento;

as condições de aglomeração em nossas grandes cidades não são a causa da explosão populacional que estamos testemunhando. Não, essa explosão populacional é uma praga mundial. Até mesmo a minha pacata aldeia aqui, eu fico sabendo pelos registros paroquiais, quadruplicou sua população nos últimos cem anos. Será o resultado das descobertas científicas? Eu estou mais inclinado a crer que a ciência de hoje, em seu escopo e potencial, em sua tendência a substituir os preciosos produtos naturais por venenos sintéticos e químicos, é um *produto* do homem de massa, e não o contrário. Eu creio que o ímpeto da ciência de hoje em substituir os produtos testados e verdadeiros de ontem por artigos estandardizados e baratos, em rádios, em Volkswagens, em meias de nylon, é mais uma prova dessa causa e de seus efeitos.

E o que dizer dos atuais assim chamados “melhores padrões de saúde”? – a eliminação das doenças contagiosas e o crescimento da expectativa de vida; o desaparecimento das cinturas de espartilho e barrigas de ossos de baleia, e a emergência do “Novo Estilo Alemão?” Oh, eu gostaria que tivéssemos tudo de volta, aqueles velhos tempos ruins! Ao menos, pelo amor de Deus, vez por outra, você podia encontrar um rosto humano, não estandardizado alemão entre aqueles admitidamente tipos inferiores. Se ainda que apenas por algum feliz golpe do destino nós conseguíssemos nos livrar dessa aparência de vazio histérico que é típica da fisionomia do hitlerismo!

E, para voltar à questão do aumento da expectativa de vida: isto se deve largamente à incubação de crianças basicamente incapacitadas, e à eliminação do exame de recém-nascidos que eram, antes, habituais, a fim de determinar se a criança era saudável na mente e no corpo. Eu já mencionei a elevada incidência de mau funcionamento sexual de atletas homens e mulheres, percebida pelos médicos incumbidos de trata-los. Esta é a maneira muito própria da natureza de alertar para o fato de que não deseja que se continue a desenvolver tipos humanos parciais em termos somáticos.

Ao mesmo tempo, esses homens ocos são produzidos em quantidades cada vez maiores, tenta-se impedir a sensação do metafísico, um sentimento que a natureza implantou no homem no início dos tempos. Não existem mais castas, seja de clérigos ou de reis, e nem mesmo os juízes e defensores da lei portam, mais, a autoridade de um padre. Não há hoje um ponto central metafísico, em volta do qual todas as variações da experiência humana possam se cristalizar. O resultado é que não existe uma filosofia especulativa digna desse nome, e nem poderia: os sábios nas universidades atualmente engajados nesta disciplina estão mais próximos a um grupo de respeitados vigias noturnos que estão limitados a jogo velhos adivinhadores cartas de tarô sem fim, usando as mesmas gastas e cansadas fórmulas.

A sala do tesouro, que é a forma, na arte, foi arrombada, e seus conteúdos foram contaminados por muitos dedos. O voo dos arquitetos alemães em direção ao Novo realismo terminou em uma arquitetura que é muito mais não-realista do que a barba cheia do ano que passou. A tentativa de se construir uma igreja se torna uma blasfêmia em pedra, e o compositor de um quarteto de cordas termina com algo exageradamente pretensioso e entediante, apesar de toda a agitação que afirma que aquilo é mais sonoro do que o som de uma passagem de Mozart.

Apesar de que mesmo os recifes de coral lutam pela forma, de que a natureza abomina o amorfo como uma indecência original, a humanidade segue firme em se afundar mais e mais na ausência de forma, odiando qualquer forma. O ideal hoje é aquela condição verdadeiramente bovina na qual qualquer distinção derivada do nível social ou da profissão é considerada ridícula, e tudo virou confusão: o professor se parece com um esportista, o garçom como um aristocrata, o aristocrata como um *maitre*. O homem de negócio cria cavalos puro-sangue e o oficial da cavalaria especula com ações da mineradora Rand. Chegou-se ao ponto onde quem sabe as prostitutas e os mendigos sejam o único grupo que ainda conserva uma certa distinção profissional.

E que manipulação e apalpação suarenta de coisas das quais antes se falava apenas com temor e admiração, como eles profanam títulos e distinções de honra originalmente dadas apenas aos imortais, aos heróis, aos grandes pensadores! Na Alemanha de hoje, você precisa simplesmente ser um veterano de briga de cervejaria para receber o mesmo título de Marechal de Campo que foi dado a Moltke pela vitória em Sedan. Se você mistura o rosto de um negociante de cavalos com uma filiação ao Partido Nazista, você está qualificado para ser saudado como um “estadista”. Goethe teria queimado seus escritos se tivesse imaginado que chegaria um tempo em que gente como Heybert Menzel e Joseph Magnus Wehner²¹⁵ seriam celebrados como escritores; Frederico o Grande não teria apenas procurado a morte em Kunersdorf²¹⁶, mas teria certamente a encontrado, se ele fosse capaz de prever que chegaria o dia em que ele seria exibido,

²¹⁵ Heybert Menzel (1906-1945) foi um poeta e escritor cuja obra, em sua quase totalidade, é elegíaca ao nacionalismo de direita e ao nazismo. Filiou-se ao Partido Nazista em 1933, e sua obra foi largamente utilizada pela máquina de propaganda. Com o fim da Guerra, ele e sua obra cairiam no mais completo ostracismo. Não é muito diferente a situação de Joseph Magnus Wehner (1891-1973). Originalmente um autor (era poeta, romancista, dramaturgo e autor de biografias) de orientação católica, Wehner aderiu cedo ao nazismo, e foi um dos autores mais celebrados pelo regime. Ele sobreviveria à Guerra, mas ainda que tenha continuado a publicar, com alguma frequência, até 1967, mas sem jamais ter obtido um reconhecimento da crítica.

²¹⁶ Reck se refere à Batalha de Kunersdorf, ocorrida em 12 de agosto 1759, durante a Guerra dos Sete Anos, na qual as tropas prussianas, comandadas por Frederico II, sofreram pesada derrota diante de austríacos e russos. A cidade de Kunersdorf, então localizada na Prússia Oriental, hoje se chama Kunowice e fica em território polonês.

numa placa de madeira, lado a lado com o homem que veio do apartamento decorado na Barerstrasse – justaposição vergonhosa, uma desgraça para a Alemanha! Nos seus tempos de grandeza, os alemães produziram as imagens inesquecíveis da Mãe de Deus e dos cavaleiros matadores de dragões. Agora nós somos abençoados com as versões da Juventude Hitlerista de São Jorge, com versões da Madona da Liga das Moças Alemãs, que se parecem com a imagem ideal tanto quanto Goebbels se parece com Dorian Gray e Otto Gebühr²¹⁷ lembra Frederico o Grande.

Eu não estou de forma alguma, apesar de poder passar esta impressão, convencido de que este enfraquecimento e emporcalhamento de toda a alta cultura esteja ligada apenas ao nazismo ou ao formigueiro de cupins alemão. Eu vejo esse mar de homens de massa avançando sobre as últimas ilhas de nossa cultura em praticamente todos os países, e eu vejo que, talvez com a exceção da Inglaterra, os encurralados estão prestes a se render. Como se essa derrota fosse algo determinado pelo destino, quando, na realidade, através do reconhecimento da realidade e da aceitação do martírio, ela poderia ser evitada! Não se trata mais de um caso de evolução inevitável, como foi em 1789. O que nós temos aqui é uma busca do poder pelos degenerados, e ela pode ser combatida pelas armas que provém da firmeza em manter firme a crença na verdade. Se necessário, até mesmo o martírio poderá ser empregado nesta batalha.

Eu jamais mudarei minha crença de que o homem de massa não é, de forma alguma, idêntico ao proletariado. O tipo de massa é aquele que se encontra hoje mais comumente nas salas dos conselhos das grandes corporações e entre os filhos e filhas dos grandes industriais do que entre os trabalhadores. O fato é que nós estamos lidando aqui com a pestilência, algum inominável tipo de dissolução biológica que teve início nos níveis mais elevados de nossa estrutura social.

Eu acredito que o meu clamor por resistência e minha implicância com relação ao homem de massas é são justificáveis em face deste diagnóstico e deste prognóstico, baseados na instabilidade biológica do homem de massas e no fato de que seus períodos de existência na terra foram sempre breves. Eu já falei sobre a misteriosa conexão que eu descobri existir entre a expansão populacional e a ênfase ampliada no somático, entre o moderno ninho de cupins e sua crescente propensão a tumores violentos como alguma repugnante praga imposta por Deus. Células cancerígenas e homem de massas: a mesma estrutura biológica defeituosa, a mesma tendência à morte prematura e à decadência, a mesma explosão reprodutiva, e a mesma emergência anárquica de formas previamente estáveis. Esta doença está nos varrendo para baixo hoje, com a força da maré de uma

²¹⁷ Otto Gebühr (1877-1954) foi um ator de cinema e teatro alemão de algum sucesso nos anos 1920, época em que fez o papel de Frederico o Grande em mais de um filme.

Peste Negra. Será que este fato por si só revela uma profundamente arraigada conexão com aquilo que está hoje pondo em risco a totalidade da cultura humana?

Eu sou otimista o bastante para crer que esta nuvem negra que vem cobrindo as nossas cabeças no último século irá, algum dia, desaparecer, mesmo que somente depois de anos de horror apocalíptico. Economicamente, o homem de massas é uma impossibilidade, como será comprovado tão logo a indústria possa inundar o mundo com seus produtos. Então, essa ridícula superpopulação se mostrará o que ela realmente é: excessiva e, portanto, insustentável, tão insustentável e sem propósito quanto foi o feudalismo quando ele havia cumprido a sua missão histórica em fins do século XVIII. O homem de massas é um organismo inviável, ameaçado por todos os desenvolvimentos irracionais que agora atingem seu apogeu, como nuvens de tempestade em nosso horizonte. É inteiramente concebível que, antes que isso ocorra, antes que a tempestade que ora se forma de fato chegue, aquela visão horrível de Spengler, na qual ele viu o último violino no chão, quebrado, a última cópia dos quartetos de Mozart sendo consumidas pelas chamas, finalmente se concretize. Mas o que é um tanto quanto impossível é que uma criatura que seja fruto da razão, e então excessivamente desenvolvida sob a sua influência, possa sobreviver a uma nova invasão do não-racional ou do antirracional. E o vazio espiritual sem fim de nossos tempos faz dessa invasão uma possibilidade quase que automática.

A vida não admite o vazio mental, ela pune com a morte a perturbação da necessária harmonia entre o funcionamento do corpo e o da mente – e a morte segue como uma constante, não importando o que mais mudar dentro desse bordel erguido pelo homem de massas. Esta guerra baseada na revolta das massas talvez destrua as catedrais góticas e silencie para sempre a “Chaconne” de Bach: mas a horda de jogadores de futebol degenerados não sobreviverá ao fogo que ela começou.

Fevereiro, 1942

Escrita nacionalista da história: Na Alemanha, as mentiras têm uma feição loira.
Nacionalismo: um estado de espírito no qual você não ama o seu próprio país tanto quanto você odeia os de outros.

E agora o homem de massas erigiu para si mesmo a ferramenta perfeita para prover as explicações para os problemas mais complicados – uma solução que é plausível, jamais mudará e poderá ser entendida imediatamente por qualquer um. Um número recente da revista *Schwarze Korps*²¹⁸ nos informa que não existe, nas vidas dos homens, uma tal entidade conhecida como “tragédia”; não, pelo menos, para as SS, e, além disso – o que segue é uma citação – “Tragédia é uma condição originalmente descoberta pelo Papa para a subjugação da humanidade”.

Mas esta é coisa que mais incomoda com relação a essa gente: eles impingem esse barbarismo em nós, e então tentam nos deixar satisfeitos com isso fazendo com que adotemos a sua própria inabilidade de homens de massas para distinguir entre as coisas. Nós supostamente, no final, deveremos saber que o “conforto tecnológico” deles não é nada além uma gigantesca fraude, uma vidinha falsa e miserável, e que as amenidades produzidas em massa que eles nos entregam são tão parecidas com os artigos genuínos quanto a anilina se parece com um arco-íris.

Ou será que eles realmente pensam que conseguirão nos impedir de fazer distinções e que reduziremos tudo ao nível da morte? Que iremos deixar no mesmo patamar um banquete brugheliano do passado com uma moderna refeição saída de dentro de latas? Os prazeres de uma viagem de automóvel com os de uma caminhada a pé? As caras meias de seda de ontem com as meias de nylon usadas pelas moças dos escritórios de hoje, tudo calculado para transformar o espectador num misógino? Espera-se que acreditemos que as gravuras japonesas de antes e de depois da invenção da anilina são as mesmas? Ou que podem ser comparadas aquela viagem que os avós faziam à Itália, planejadas para durar dois anos, e que permaneciam com eles para sempre, com as feitas

²¹⁸ *Das Schwarze Korps*, ou As Tropas Negras, era o jornal oficial das SS, com periodicidade semanal. A primeira edição apareceu em março de 1935, com 70.000 exemplares de tiragem. Em novembro do mesmo ano, já eram impressas 200.000 cópias. No auge, em 1944, saíam 750.000 exemplares por edição. Era até mesmo encontrada em bancas de outros países, como os Estados Unidos. A linha editorial, não seria preciso dizer, era radicalmente pró-Hitler e antisemita.

hoje em quatro semanas em trens expressos, “cobrindo” toda o país, de Verona até Taranto, durante as quais o homem de massas “vê tudo”, e então precisa se internar em um sanatório para se recuperar? E o despertar da sexualidade, que costumava surgir de contatos íntimos, nos celeiros, pode ser comparado às aulas sobre o tema dados pela chefe para assuntos femininos Scholtz-Klink²¹⁹ – com ou sem demonstrações práticas?

Antes, quando eu falei a respeito de distinções profissionais ou de classe, eu falei daquela honrada profissão, a das prostitutas, como sendo a última a conservar características distintas para sua identificação. Mas, agora, eu devo me retratar até mesmo desta pequena dose de otimismo. Pois agora parece que até mesmo o pecado precisará ser sacrificado no altar do progresso. A história mais recente afirma que a Alemanha Nacional Socialista está prestes a criar um Conselho do reich para a Prostituição, completo, incluindo debates parlamentares, julgamentos com juris compostos por “pares” e cursos preparatórios para a carreira cientificamente elaborados. Isto tudo deverá supostamente estar sob a proteção da mais alta autoridade, uma responsabilidade convenientemente assumida pelo Ministro de Propaganda do Reich. De fato, não há nada faltando, aqui, que impeça a formação de mais um moderno sindicato trabalhista alemão – com talvez uma única e pequena exceção: somente você está faltando aqui, senhor Industrial. Somente você.

11 de março, 1942

De uma leitura de Schopenhauer: de modo que eu possa melhor entender a qualidade intelectual dos alemães e, portanto, estar melhor preparado para eventos que eventualmente ocorrerão, eu anotei uma série de pontos para ter em mente no futuro.

²¹⁹ Gertrud Scholtz-Klink (1902-1999), foi uma militante nazista filiada ao partido desde 1929. Logo que Hitler tomou o poder, ela foi nomeada chefe da Liga das Mulheres Alemãs, cargo que manteria até o fim da guerra. Ela foi uma das principais ideólogas a respeito do papel subalterno que as mulheres deveriam cumprir nas estruturas familiar e social. Depois da guerra, foi presa primeiro pelos soviéticos, conseguiu escapar, mas voltou a ser presa em 1948. Condenada, cumpriu pena até 1953. Suas memórias (1978) e uma entrevista à historiadora Claudia Koonz na década de 1980 evidenciam que ela jamais abandonou suas convicções nacional-socialistas.

1. Fichte ainda é, quarenta anos após o seu primeiro livro, colocado no mesmo nível de seu mestre, Kant, como se ambos tivessem qualquer coisa em comum.
2. Os trabalhos de Lichtenberg não apenas não tiveram uma segunda edição como agora, trinta e dois anos após o seu aparecimento, estão praticamente deixados de lado, enquanto os escritos dos senhores Krug, Hegel e etc. são constantemente reeditados.

Veio à minha mente a ideia de que, por alguma razão, quando o patriotismo entra no terreno da ciência ele deve ser arrastado pelos colarinhos e jogado fora, como se faria um garotinho sujo.

Existe uma conversa atual de que foram os alemães que inventaram a pólvora. Eu, contudo, penso ser difícil acreditar nisso.

Reflexões após ler Heine sobre a Alemanha (*De Kant a Hegel*): o cristianismo balanceou, se certa forma, o gosto brutal dos alemães pela guerra, mas foi totalmente incapaz de mudar o sentimento original, e se chegar o dia em que aquele símbolo de moderação, a cruz, perca a sua força, aquela insensata e frenética raiva com a qual os poetas nórdicos escreviam e cantavam ressurgirá das ruínas, limpando dos seus olhos o pó de mil anos. E então Thor dará um salto para frente, levantando seu poderoso martelo, e esmagará até transformar em nada as catedrais góticas...

Eu os alerto contra os kantianos, os fichtianos e os filósofos naturais – não riam. Eu acredito que a revolução que já ocorreu no mundo espiritual aconteça também no plano material. O conceito é o pai da ação, e a precede assim como o raio precede o trovão. Claro, este é um trovão alemão e, portanto, um tanto quando enfadonho e lento. Mas ele virá. E quando você ouvir o barulho – um tal som jamais foi ouvido em toda a história do mundo, então você saberá: ele finalmente chegou. E então haverá um rugido que derrubará águias do céu e fará com que os leões das partes mais longínquas da África fujam correndo para as suas reais tocas com os rabos entre as pernas. As coisas que acontecerão, então, na Alemanha, farão a Revolução Francesa se parecer, em comparação, com um inocente idílio.

Maio, 1942

Todos estão lamentando a destruição de Lübeck e Rostock, e ninguém poderá estar mais infeliz do que eu a respeito da perda destas obras-primas góticas.

Mas o que foi que aconteceu aqui? Trinta anos atrás, Rostock ainda era apenas a pacífica e autossuficiente cidade com seu mercado e seu próspero entorno agrícola. E então foi concebida a ideia de preencher tanto Rostock quanto Lübeck com indústrias de armamentos. Estas fábricas poderiam perfeitamente ter sido instaladas em alguma cidadezinha sem valor nem interesse arquitetônico. Mas engenheiros não gostam de viver o tédio das cidades de província. E os burgomestres queriam levar “progresso” para suas comunidades. O resultado foi o mesmo que ocorreu em Munique, a qual pode agradecer a Herr Krupp pelo fato de ter sido abençoada pelo primeiro grande complexo industrial durante a Primeira Guerra Mundial, e a partir de então foi seguida por outras.

E então agora as pessoas estão chorando por duas catedrais que nós jamais veremos de novo, as quais foram arruinadas pela monomania industrial que é a fonte de toda a nossa infelicidade. Eles choram, mas não apostam seus próprios peitos. E o que dizer das ferramentas domésticas, das chaves de fenda e dos serrotes que são conservados em caríssimos armários barrocos? E dos insubstituíveis conjuntos de cristais usados para impressionar os hóspedes de caçadas? Depois da guerra, será que estes engenheiros, estes generais dos Conselhos de Produção, estes burgomestres e líderes comunitários serão convocados a prestar contas pela indescritível frivolidade com que apostaram e perderam os tesouros pelos quais deveriam zelar?

Não parece. Por anos, estas corporações pestilentas do norte da Alemanha vêm devorando o sossegado vale onde eu vivo, expulsando fazendeiros e plantando, em seu lugar, a instabilidade social, a pobreza, o descontentamento. E então essas pessoas têm a verdadeiramente monumental audácia de exigir os créditos por terem trazido o “progresso” para a região, da mesma maneira que os burgomestres de Lübeck e Rostock!

Há anos vêm sendo construído, aqui, um enorme depósito subterrâneo para munições e gás venenoso, fazendeiros têm sido expulsos sem indenização, e um gigantesco volume de sujeira química de poder impensável vem sendo enterrado aqui, colocando em perigo toda uma região que era, até então, uma sossegada área rural. Todas as noites eu ouço as

manobras de imensos trens que carregam bombas de gás e armas similares – um único ataque aéreo poderia transformar toda uma bela região em um inferno de chamas e gases.

O que segue é típico daquilo que tem ocorrido. O técnico responsável por este estoque de veneno, um cavalheiro da Prússia que deixou a honrada profissão de bombeiro para começar a sua ascensão até o posto de capitão, uma noite, bêbado, começou a atirar contra os guardas do depósito e, quando aqueles protestaram, passou a atacá-los com os punhos. Na manhã seguinte, ele tentou subornar os cabos que haviam estado em serviço. Os alistados, porém, todos bávaros, simplesmente riram dele. Ele foi denunciado e desapareceu de um dia para o outro, engolido para algum lugar pelas botas e engrenagens da máquina de guerra nazista. Uma vez que, exceto pelo citado evento, ele era em todos os aspectos perfeito, provavelmente ressurgirá em algum outro lugar: da próxima vez, quem sabe, como o sátrapa de algum pequeno ponto de suprimentos na Polônia, onde ele será o senhor da vida e da morte dos habitantes, e poderá atirar contra alvos vivos sem ser incomodado. Demais para os funcionários que são nomeados para administrar infernos químicos, e quem, se cometerem um leve erro, poderão causar a mais bestial das mortes em toda a região – de homens e animais, de árvores e arbustos.

Quanto ao bombardeio de Rostock, um parente meu, um conhecido ginecologista, perdeu sua clínica na primeira noite dos ataques. Na segunda noite o seu apartamento foi destruído, junto com todas as suas posses. Vestindo pijamas, o senhor de sessenta anos conseguiu se esgueirar pela janela do porão e escapar – sua simples existência foi tudo o que ele conseguiu salvar depois de toda uma vida de trabalho duro.

Eu ouvi falar que Ernst Niekish, que havia sido condenado à prisão perpétua pelos nazistas quatro anos atrás, depois de um julgamento que causou comoção e foi acompanhado de perto por outros países, acabou sendo morto na prisão²²⁰. Niekisch, um simples mestre-escola de origem bávara foi, apesar de tudo, um dos homens mais inteligentes e excepcionais que eu jamais conheci. No inverno de 1919, durante a Revolta de Munique, eu fui um prisioneiro voluntário no Hotel Bayrischer Hoh, juntamente com cinquenta outros cavalheiros, todos fieis, como eu, ao velho príncipe

²²⁰ Ernst Niekisch (1889-1967), originalmente um professor primário de origem silesiana (e não bávara, como afirma Reck), foi um dos principais líderes da política radical alemã no entre guerras (ora à esquerda, ora à direita). Apesar de ser defensor de um estado totalitário e antisemita, Niekisch não se deixou seduzir pelo nazismo, e acabou preso e condenado à prisão perpétua em 1937. Mas, ao contrário do que conta Reck, ele não morreu na prisão, embora tenha ficado cego. Libertado em 1945, passou a escrever e a dar aulas na Alemanha Oriental, tornando-se um dos principais teóricos do marxismo europeu pós-guerra. Em 1953, desiludido com o governo da Alemanha Oriental, se asilou em Berlim Ocidental, onde passaria seus últimos anos.

Leopoldo da Baviera. Niekisch, uma figura política proeminente e presidente do Conselho de Solados, fez todo o possível para que seus prisioneiros recebessem um tratamento decente – eu diria, até, *cavalheiresco*.²²¹ Niekisch tinha uma óbvia parcialidade com relação a tudo o que se referisse ao *ancien régime* – em contraste com o capitalismo – e o resultado é que nós acabamos por ter a nossa própria roleta, na qual nós apostamos e perdemos o restante das nossas reservas em dinheiro, incluindo antigas moedas de prata anteriores a 1870.

Na segunda vez em que o vi, em 1930, Niekisch havia se tornado o líder de um pequeno, mas fanaticamente devotado grupo da Tannenbergbund de Ludendorff²²². Este agrupamento de ex-oficiais do exército, de membros dos Freikorps e de estudantes esfomeados era apoiado por um extraordinariamente bem editado jornal, órgão da seção russófila do Estado Maior. É claro que isso os envolveu em um conflito mortal com os hitleristas, que eram apopléticos em seu ódio aos russos.

Eu fui duas vezes, como convidado, aos “Dias de Niekisch”, que ocorriam dentro das portas cerradas do antigo castelo de Leuschtenberg, ou também sob tendas, bem no meio da floresta da Turíngia. O programa incluía refeições frugais, ao estilo do exército, esportes pela manhã e conversas bastante inteligentes à tarde, em companhia do grupo de pessoas mais heterogêneo que eu já vi. Ali havia agentes secretos de todos os partidos, da esquerda à direita; estudantes esfomeados de colégios e de universidades, os quais, após longas e difíceis peregrinações através de todo o Reich, finalmente armaram as suas barracas ali; dúbios dissidentes do grupo de Rossbach²²³; estigmatizados ex-capelães do exército; oficiais do exército disfarçados; escória política; e até mesmo

²²¹ Sobre a Revolta de Munique, ver nota 182.

²²² Sobre o general Erich Ludendorff, ver nota 16. Inicialmente um entusiasta do Partido Nazista, o general Ludendorff logo se desentendeu com Hitler, provavelmente por acreditar que ele, um prestigiado general, e não um ex-cabo, deveria comandar a organização. A Liga de Tannenberg foi a organização criada por ele em 1925 como alternativa ao nazismo. Inicialmente, o movimento conseguiu alguma proeminência, principalmente com a adesão de antigos oficiais da Primeira Guerra e parte da aristocracia rural alemã. Com um apelo menos popular que o nazismo, a Liga compartilhava o projeto de antissemitismo e de anticomunismo, tendo também em sua agenda o combate aos maçons e aos jesuítas. Mas a liga fracassou totalmente na tentativa de conquistar o apoio das massas e, tão logo Hitler chegou ao poder, ela foi posta na ilegalidade. Seus principais líderes, porém, não foram perseguidos, e boa parte deles migrou para o nazismo. O que restou da Liga, já na ilegalidade, desapareceu em 1937, com a morte de Ludendorff.

²²³ Gerhard Rossbach (1893-1967) foi um dos líderes das Freikorps, ou Unidades da Liberdade. Sobre este importante grupo paramilitar atuante na Alemanha do entre guerras, ver nota 96 e também 162. Ele aderiu ao nazismo e ajudou a montar as SA, mas caiu em desgraça perante Hitler após o putsch de Röhm (de quem se disse que chegou a ser amante), também conhecido como a Noite dos Longos Punhais em 1934. Ele sobreviveria à Guerra, trabalhando, nos anos seguintes, em uma empresa de importação e exportação, e também, nos festivais de música wagneriana de Bayreuth.

alguns membros da ala oposicionista das AS, que seria destruída dois anos depois durante o episódio Röhm.

O próprio Niekisch, redondo como uma bola, com a aparência penetrante de um Hipócrates e olhos que viam o mundo de uma maneira estreita e um tanto quanto pessimista, era, é claro, tudo, menos um “arqui-traidor”. Mas ele estava condenado desde o momento em que começou a atacar com sua ironia cortante e ódio feroz os nazistas e o próprio Hitler. E seu destino seria selado pela falta de caráter dos homens do alto comando. Desde 1918, o utilitarismo, o oportunismo político e a generalizada quebra de palavra se tornaram como que tradições dentro do alto comando. Era tido como natural que os apoiadores de Niekisch o abandonariam no momento em que Hitler se fizesse o Homem do Destino Alemão e o líder único de um governo militar.

A totalidade do caso de alta traição de Niekisch se deu, sem dúvida, porque sua publicação, a qual por alguma razão se permitiu que continuasse até 1935, despertou o desagrado do gênio do mal nazista, Herr Rosenberg²²⁴, e pelo fato de que Niekisch usou todas as oportunidades que teve para fazer piada com o Grande Manitu – que agora deu de se comparar a Cipião o Africano e até mesmo a Cromwell.

A ironia com relação ao ditador pode trazer a morte ao homem que não consegue evitar fazê-la. Mas eu fico pensando: será que os juízes que há quatro anos assumiram a responsabilidade pela prisão de Niekisch e, portanto, por sua morte, se sentem minimamente seguros dentro de suas peles?

Junho, 1942

Em Stuttgart para visitar meu editor, me encontrei com uma velha senhora que sobreviveu ao naufrágio do *Titanic* trinta anos atrás, uma catástrofe lançada na

²²⁴ Alfred Rosenberg (1893-1946) foi um dos principais ideólogos do nazismo. Ele foi figura fundamental na formulação das políticas raciais, antissemitas, de criação do “espaço vital” alemão e da crítica à “arte degenerada”. Durante a Guerra, ocupou cargos importantes, como o Ministro para os Territórios Ocupados do Leste. Depois da Guerra foi preso e, julgado em Nuremberg, foi condenado à morte por crimes contra a humanidade. Foi executado por enforcamento em 16 de outubro de 1946.

obscuridade nos dias de hoje. A senhora me contou sobre algo incrível que aconteceu enquanto o navio afundava, enquanto a água já avançava pelo deck principal e os botes salva-vidas eram lançados ao mar. Mesmo naquele momento, os garçons andavam pelo deck com bandejas cheias de sanduíches, dizendo, “posso lhe oferecer um sanduíche?” – jamais perdendo o bom-humor, cumprindo suas tarefas até o último momento. Aqui, em um lugar em que alguém dificilmente ligaria para isso, a representação da alma dos ingleses, em um episódio digno de Joseph Conrad.

Eu estive com o meu amigo Clemens von Franckenstein, que está morrendo, com seu câncer nos estágios finais. Eu fui com ele a uma consulta ao meu médico, uma vez que Clemens achou que poderia ser uma boa ideia: este homem orgulhoso, que há pouco tempo se deliciava com sua excelente forma física, exalando força, e que hoje nem mesmo consegue entrar no carro sem a minha ajuda; ele se sentou em uma sala de espera lotada ao ponto de sufocar, com burgueses gordos e atrizes histéricas e a impiedosa luz de um dia muito quente.

Naturalmente, a consulta teve um valor apenas aparente; naturalmente, ele sabia que não havia esperança para sua situação; naturalmente, foi tudo como apenas uma comédia encenada por ele, concebida a partir do carinho e da consideração que ele tem por sua esposa. Em uma tentativa de, de algum modo, aliviar um pouco a desolação em que ela vive.

E lá nós sentamos, executando até o fim nossos papéis macabros, e depois tomamos café da manhã com Walterspiel²²⁵, que não reconheceu Clé, de tanto que este havia mudado. Nós sabíamos que havíamos chegado ao final de uma amizade de trinta anos, que estávamos sentados, um diante do outro, pela última vez.

Nunca mais aproveitar as análises que você fazia, nunca mais ficar impressionado pelo contraste: à primeira vista, a impressão de frio equilíbrio – e, então, o coração gentil que estava por trás, sempre disposto a ajudar. Fomo ver o primo de Clé, Erwein Schönborn, que um paciente na Clínica Neuwittelsbach. Suas cartas sugeriam que ele não estava seriamente doente. Ao contrário, descobri, para meu horror, que ele havia mudado terrivelmente – encolhido ao ponto de um esqueleto, tão marcado pela morte quanto Clé.

²²⁵ Alfred Walterspiel (1880-1960) foi um renomado chef e hoteleiro alemão. Inicialmente instalado em Berlim, mudou-se para Munique em 1922. O restaurante, que levava seu nome, permaneceu como um dos pontos de encontro mais cosmopolitas de Munique mesmo durante os anos mais difíceis da Guerra. Destruído por bombardeios em 1944, foi reconstruído a partir de 1947 e reabriu suas portas em 1950. Após a morte de seu fundador, o restaurante continuou a ser tocado por seus filhos. O hotel de Walterspiel em Munique, o *Four Seasons*, outro ponto de encontro da elite local, funciona até hoje.

Agora com Clé, um antigo companheiro de conversas que era normalmente irônico, que tendia até mesmo para o cinismo, a conversa adquiriu um tom que eu jamais ouvira antes. Havia uma nota de gentileza no diálogo entre os dois homens, uma espécie de consideração fraterna, uma abertura de corações delicada e melancólica, peculiar àqueles que são unidos pelo sangue e que estão agora se separando para sempre.

Eu vou perder os dois. Eles eram meus companheiros e meus amigos, eles representavam para mim o tipo ideal de homem que está quase extinto na Alemanha. Clarividentes, homens do mundo; corações enormes, amigos espirituosos de tudo o que é humano; meus colegas de trabalho, eu esperava, na tarefa de construir uma nova Alemanha, nova desde os alicerces.

Lá fora, a impiedosa vida plena do verão, e os desagradáveis sons da cidade que nós tanto amamos e que agora se tornou tão estranha. Aqui dentro, os homens morrendo, e a suave voz do sofrimento e da desesperança; tristes e pesadas recordações do passado, aventuras sobre esquis que se passaram, discussões que se passaram, festas que se foram, todas as nossas experiências compartilhadas.

Eu fui para casa, profundamente só, indescritivelmente empobrecido. É como se toda a luz tivesse desaparecido do mundo. É como se nossas vidas fossem uma maré vazante que recua mais e mais até um banco de areia – e você tem a impressão que a maré jamais voltará a encher, nunca mais em sua vida. É como se o sol tivesse ficado menor, como se as estrelas, uma a uma, começassem a ir embora.

Há aqueles abençoados que compreendem o mistério da maneira como Deus brinca com seus filhos. Joseph Conrado, em *The End of the Tether*, na história sobre o martírio de Whalley, o capitão cego – Joseph Conrad, eu não precisaria acrescentar, que foi colocado no Index por Herr Joseph Goebbels...

Mas eu, nesta noite de verão, quente como um cobalto, me perdi de mim mesmo. Os mundos distantes estão fechados em gélidas separações. O Trono de Deus está ainda mais longe, e com ele o grande Livro da Sabedoria, cujas páginas meus amigos logo estarão lendo. Minha vida é solidão, e a crescente consciência de que assim ela será – solidão em meio a pessoas que o Demônio tomou para si, e a consciência de que somente pelo sofrimento é que o futuro poderá ser mudado.

Isolamento, com uma última chance dada a alguém em sua vida: a chance de afirmar a verdade a partir da própria morte.

Mas você, que ainda vive no mundo de ontem, aquele mundo confortável, aquele mundo no qual o som ainda existe: você sabe qualquer coisa, realmente, a respeito desta escuridão na qual nós vivemos? Você sabe que o caminho para o Absoluto atravessa o vale profundo do sofrimento? E você sabe que apenas que somente a partir de nossa emoção e de nosso sofrimento pode ser plantada a semente para o novo dia?

30 de outubro, 1942

Eu assisti ao primeiro bombardeio de Munique a partir de um quarto de hotel em Alt-Ötting, onde eu estava para examinar os arquivos de Tilly²²⁶ que se encontram aqui. Um medonho clarão vermelho, transformando a noite de outono e sua lua cheia. Eu ouvi à distância os buns surdos, e se calculava que, uma vez que as bombas eram lançadas a oito quilômetros de distância, levavam três minutos para os sons chegarem – três minutos durante os quais as vítimas no local estavam ofegando e sufocando e morrendo. Finalmente, todo o céu, a oeste, era um gigantesco lençol de fogo.

Nos dias que se seguiram, as pessoas comentavam a respeito de perdas enormes, em boa parte devido a sufocamentos. Pessoas ainda eram resgatas de escombros cinco dias depois, encravadas entre vigas e entulho, incapazes de se mover. E havia também os mortos, cujos rostos ainda traziam as marcas de suas derradeiras agonias.

Uma vez que muitos altos oficiais nazistas mantêm residências luxuosas em Solln, algo que os ingleses evidentemente sabem, aquele desafortunado subúrbio foi bombardeado sucessivamente por três vezes. Werner Bergengrugen²²⁷, que vive ali, perdeu, junto com

²²⁶ Reck se refere a Johan t'Serclaes van Tilly (1559-1632), conde e general católico holandês com papel importante na Guerra dos Trinta Anos. Sua última batalha, que lhe custou a vida, ocorreu quando, comandando o exército da Baviera e de seus aliados católicos, enfrentou, sem sucesso, os suecos do rei Gustavo Adolfo, que tentavam invadir a Baviera.

²²⁷ Werner Bergengrugen (1892-1964) foi um romancista e poeta alemão. De origem báltica, no norte alemão, mudou-se para Munique quando adulto, e viveu ali até 1942, quando sua casa foi destruída pelo bombardeio relatado por Reck, mudou-se para a pequena cidade de Achenkirch, no Tirol austríaco e, depois da Guerra, para a Suíça e, finalmente, para Baden-Baden, na Alemanha, onde morreu. Assim como Reck, Bergengrugen era um católico conservador que não se deixou seduzir pelo nazismo, sendo

sua casa, todos os seus manuscritos, as suas coleções e a totalidade de suas posses. Ele foi visto, no dia seguinte, em um estado de choque e desespero, se equilibrando entre as pilhas de destroços daquilo que havia sido a sua casa, oferecendo a quem passava as poucas coisas que haviam sobrevivido ao holocausto: uma cartilha latina, um pequeno bronze, um par de objetos de arte chineses. Ao lado havia uma placa escrita à mão na qual se dizia que aquela era uma venda especial, do restante de suas posses, feita por um escritor alemão. A polícia tentou tirá-lo dali, mas a multidão em volta estava dolado dele, de forma que os gendarmes precisaram se retirar.

Aconteceu de Herr Hitler estar em Munique na noite do ataque aéreo, e antes que o alarme tocasse para a *misera plebs*, ele já estava devidamente abrigado, em um abrigo privativo completo com tapetes no chão, banhos e, segundo dizem, até mesmo uma sala de cinema. Então, enquanto centenas e centenas de pessoas soterradas sob escombros lutavam horivelmente para respirar, ele talvez estivesse assistindo a um filme...

Após o fim do bombardeio ele anunciou, naturalmente, que tudo seria reconstruído, e que ficaria até melhor do que antes. Presumivelmente, depois que algum jovem canadense transformou a Frauenkirche²²⁸ em uma pilha de escombros, ele incumbirá Herr Speer de ajudar-nos a enfrentar a perda desta e de outras catedrais. Eu assumiria que ele deve estar secretamente maravilhado com a perda de nossas obras-primas góticas, uma vez que ele sempre desejou se tornar um dos imortais da arquitetura – pois ele já não tentou demolir o Theatinerkirche, as arcadas de Hofgarten e o palácio de Leuchtenberg, para abrir espaço para uma colossal ópera²²⁹? Aqui em Chiem nós supostamente estaremos recebendo uma Escola para Líderes²³⁰, um tipo de escola rural

tolerado, mas não aceito, pelo regime. No caso de Bergengrugen, havia ainda o agravante de sua esposa ter origem judaica. Como romancista, no entanto, ele era mais respeitado do que Reck.

²²⁸ Frauenkirche é o nome popular da Catedral de Nossa Senhora Abençoada, em Munique, construída em 1494, com modificações datadas de 1524. Bombardeada mais de uma vez durante a Guerra, ela não chegou a ser, contudo, inteiramente destruída. Os trabalhos de restauração duraram de 1948 a 1955.

²²⁹ A Theatinerkirche, em Munique, é um conjunto de igreja e mosteiro em estilo barroco italiano consagrada em 1675. Também danificada durante a Guerra, foi restaurada depois. O Hofgarten, ou Jardim da Corte, é um grande e simétrico jardim construído, em Munique, entre 1613 e 1617 pelo Eleitor Maximiliano I, no estilo renascentista italiano. Ele também foi destruído durante a guerra, e reconstruído depois. O Palácio Leuchtenberg, em Munique, foi erguido entre 1817 e 1821 para residência do Duque de Leuchtenberg, irmão do futuro rei Ludwig I da Baviera. Foi na capela deste palácio que se casaram, por procuração, em 2 de agosto de 1829, o imperador do Brasil, D. Pedro I, e a princesa Amália de Leuchtenberg. Foi completamente destruído durante a Guerra, sendo reconstruído somente entre 1963 e 1967. Atualmente, abriga os ministérios das finanças e de Desenvolvimento Regional do Estado da Baviera.

²³⁰ As escolas para líderes foram uma tentativa nazista de criar centros educacionais, afastados dos grandes centros, nos quais seriam formados os futuros tecnocratas da administração alemã. Ao longo da década de 1930, dezenas de escolas foram implantadas em todo o território do País, e algumas delas

para futuros chanceleres, a qual deverá ocupar um quilômetro e meio junto à margem leste deste pacífico lago. Toda a pacata linha costeira será transformada em uma massa de pedras, dominada por uma torre de 130 metros de altura. Assume-se que a tarefa de seu arquiteto pessoal é obedecer ordens e ficar quieto.

Com a maligna mente estreita de um homem marcado pelo Diabo, ele odeia qualquer coisa que tenha crescido direito e saudável, e que seja o oposto dele mesmo. Com o rancor dos ilegítimos, ele odeia tudo o que pertença aos preciosos elementos de nossa tradição, e que não agradam à sua vaidade. Será realmente muito afirmar que, quando vemos este gorila perigoso, que nós somos prisioneiros de um Neandertal que escapou de suas correntes?

E assim nós continuamos a vegetar em nossa vida de vergonha, nossa vida de desonra, nossa vida de mentiras. E nosso protesto, ao menos o protesto de nossa covarde burguesia, está em recontar velhas piadas sobre o regime, enquanto seus dias remanescentes são dispendidos engolindo propaganda.

Acompanhando uma série de artigos colocados por Goebbels nos jornais, a esposa de um locatário me procurou tremendo, apavorada. Em nome de Jesus, como é que ela poderia proteger suas crianças? Todas elas seriam levadas, se acordo com os jornais, para crescer em asilos para órfãos ingleses, americanos ou russos.! *Nota bene*, esta mulher passou muitos anos nos Estados Unidos, como lavadeira; ela ainda fala um pouco de inglês e tem uma série de boas recordações de Boston – ainda assim, ela crê nessas histórias a respeito dos demônios estrangeiros. Na realidade, este povo, até ontem tão inteligente e sagaz, parece ter sido acometido por uma doença mental. Ele agora acredita em tudo o que lhe é contado, desde que o seja com suficiente *aplomb*.

A última é uma história inventada por Goebbels de que o nosso assim chamado “Líder” apareceu em alguma cidade sem que fosse previamente anunciado que ele estava chegando. Ainda assim, a cidade inteira estava alinhada, em posição para recebê-lo, como se alguma radiação, emanada dele, fizesse com que as pessoas sentissem antecipadamente a sua presença! Se um funcionário da Alemanha Imperial ou de Weimar tivesse a ousadia de publicar uma tal história, a explosão de gargalhadas gerais teria sido o bastante para enviá-lo voando para fora do emprego, e o teriam seguido pelo resto de seus dias. Mas agora isso é espalhado pelas redes de comunicação, e creem na sua veracidade, e digerem, sem que alguma tenha a ousadia de lançar, quanto a isso, um simples sorriso.

chegaram a sobreviver até os anos finais da Guerra. Mas, já antes do fim, os resultados, segundo os próprios educadores, eram decepcionantes. Ver Richard J. Evans, *The Third Reich in Power*, op. cit.

Acredita-se em tudo, literalmente, hoje, desde que venha impresso, pelo rádio, ou publicamente proclamado sob os auspícios oficiais. Se Herr Göring, de repente, e com o necessário trombetear das cornetas, anunciar que um de seus cães de caça é o rei da Bavária, eu realmente acredito que as mesmas pessoas, que até apenas ontem se sentiam tão orgulhosas de suas diferenças frente aos formigueiros do norte da Alemanha, e tão zelosamente guardiãs de suas próprias e especiais características, gritariam vivas e se inclinariam em respeito.

Há uma certa estranheza, algo no ar, e mesmo a estrutura física de nossas vidas parece ter sido rompida pelo peso dessas mentiras sem fim. Ao longo dos últimos anos, desde a chegada do hitlerismo, os verões têm sido apenas uma noção no calendário, e nos afogaram na chuva como no dilúvio original. Ano após ano, as vindimas têm fracassado. Os botânicos dizem que certas plantas, que normalmente florescem no outono, agora o fazem na primavera, enquanto há plantas que cujas floradas explodem na primavera, atualmente fazendo isso no fim do outono. Eu ouvi de zoólogos na Frente Oriental, no norte do Cáucaso, que serpentes tropicais originalmente nativas da Índia que agora são encontradas nas vizinhanças do Volga, nos portais da Europa. Ou seja, tudo está fora do eixo, a ordem usual das coisas foi alterada. E o que é esta praga que afeta a Alemanha, senão um sintoma deste mesmo fenômeno?

Clé morreu em agosto, amargamente, com dor, chamando, em sua derradeira agonia, pelo irmão que vive na Alemanha e a quem ele amava tão profundamente. Oito semanas antes, enquanto nuvens negras de tempestade pairavam sobre a pequena casa do Pilsensee²³¹, ele tocou para mim a minha música favorita de sua ópera Li-Tai-Pe, a melancólica Canção do Cormorão. Eu me sentei ao lado dele, com o coração partido por aqueles dedos que mais pareciam palitos de fósforo. E então, no meio de sua performance, uma labareda azul surgiu entre nós, no momento em que um raio atingiu a casa e correu pelos fios. As luzes se apagaram, os fusíveis foram feitos em pedaços. Foi como se a natureza já estivesse nos separando um do outro.

Agora, a cada dia eu espero receber a notícia sobre a morte de seu primo Erwein von Schönborn, que agoniza em Munique.

Ontem eu discutia com H. as mudanças nas formas da crueldade humana, com referência especial ao horror no qual da Frente Oriental se tornou, e me lembrei de algo que aconteceu comigo há quase quarenta anos, mas que está, até hoje, horivelmente presente em mim em todos os seus mínimos detalhes. Eu era então apenas um cadete,

²³¹ Pilsensee é um lago na Alta Baviera, com aproximadamente 1 quilômetro de largura por 2,5 de comprimento.

estava em Königsberg em uma breve licença e um amigo meu dos tempos de escola me convidou para ir junto com ele para uma aula de anatomia.

A maioria dos estudantes estava ausente por conta dos feriados, e apenas uma das engorduradas mesas de dissecação estava em uso. Ela estava sendo atendida por um velho servente com uma barba densa, suja e cinzenta, que estava bem atarefado, no momento em que eu entrei, com a remoção da cabeça de um corpo recém-chegado. Aquela cabeça havia sido completamente esmagada por um tiro de revólver.

Eu fugi, mas aquele velho me seguiu como um vampiro, brandindo sua grande faca, e ali, no corredor, relatou a história do cadáver. O caso era o de um farmacêutico homossexual, que havia matado a tiros o amante que o chantageava, e se matou em seguida. Como ninguém havia reclamado o corpo, o ex-farmacêutico acabou na sala de dissecação.

Alguma cínica armadilha do destino me pôs em contato com o mesmo cadáver dois anos mais tarde. Então já estudante de medicina, eu entrei naquela mesma sala para a minha primeira aula de dissecação, e vi diante de mim a mesma carne lívida do antigo droguista. Eu reconheci de imediato o corpo como sendo daquele homem levado ali por conta de suas inclinações equivocadas e de seu fim miserável e apócrifo. Se tivesse havido qualquer dúvida, o servente a faria desaparecer. Aquele horrendo velho funcionava como uma espécie de central de anúncios fúnebres para aquelas pobres e desgraçadas figuras nas mesas.

Eu jamais me esquecerei de como me senti quando minha mão tocou pela primeira vez a carne cheia de protuberâncias, e do primeiro corte que eu fiz naquela carne. Eu olhei em volta. Comigo, em volta do mesmo cadáver, havia três outros estudantes. Eles estavam diante do mesmo problema que eu, e os seus rostos jovens e honestos refletiam a mesma intenção de derrotar o sentimento de horror e repugnância. A sala toda estava tomada por rapazes assim, de pé diante de suas mesas horrorosamente decoradas, antigos estudantes de Platão e dos versos da *Ilíada* que haviam desertado das disciplinas humanísticas e agora se viam face a face com a necessidade de se lançar para dentro do ar poluído de decomposição onde acontecem as análises...

Nós negociaríamos aquela etapa com sucesso, e a prova de que nós conseguiríamos estava refletida na expressão irônica dos instrutores e de seus assistentes, e na face ainda mais irônica dos estudantes de graduação. Eu me lembro de apenas um dos iniciantes que jogou sua faca fora e nunca mais regressou. Cada um do resto de nós se recompôs e começou a trabalhar, ao custo de uma indecente metamorfose interna, e uma sujeição pessoal a esta metamorfose, a qual eu me recordo hoje como uma memória

problemática e vergonhosa. Eu não duvido que todos os ali presentes eram jovens bem criados de uma classe média cuja posição não era ainda ameaçada; eu ainda me correspondo com muitos deles, e eu sei que em seus momentos de lazer eles leem Baudelaire e encontram repouso em um ocasional quarteto de cordas. Eu também sei que o sentimento de horror que eles têm quando veem a orgia de brutalidade que está hoje tomando conta do mundo é semelhante à minha.

Mas o que mais podíamos fazer além de afogar nossa repulsa em cinismo? Imediatamente após a primeira incisão, a sala inteira estava tomada por piadas obscenas, com canções populares sendo assobiadas e com gargalhadas que se pretendiam casuais, mas que tinham um som de pavor e de angústia. Aquilo levou semanas, e mesmo hoje, quase meio século depois, a lembrança me enche de vergonha. As anedotas que fazíamos enquanto avançávamos por nosso macabro negócio ficavam a cada dia mais obscenas, e mais e mais piadas sujas eram geradas a partir das posições em que estavam os cadáveres – pobres fantoches que eram – e as poses obscenas nas quais eles se veriam, se vida houvesse neles. Aquele foi o único período de minha vida no qual a existência aqui na terra se apresentou como um pequeno e sujo jogo disputado por forças cuja natureza era tão rude e massiva quanto um rolo compressor; uma comédia triste cujo título era *Inter faeces et urinas*²³², e a deprimente conclusão era ao estilo da tragédia de *Wozzeck*²³³.

É claro que se chegou a um ponto em que eu havia ganho um novo entendimento, e compreendi que tudo aquilo havia sido na realidade nada mais do que uma defesa, nossa, diante do horror. Mas que defesa é possível agora, diante das coisas que se levantam dos túmulos, do trem fantasma que passa através do negro firmamento destes dias de fim de outono?

Porque de Paris chega a notícia de que o cemitério Père Lachaise foi escavado para que se localizassem os ossos de Heine, e uma vez que osso algum foi encontrado, e que alguma coisa precisava ser feita, a terra na sepultura foi escavada e espalhada aos quatro ventos. E um informante que estava no local que contou a respeito da morte de Herr von Kahr²³⁴, que foi espancado até a morte por bestas das SS nos jardins do Hotel Marienbad, em Munique: palhaços de vinte anos de idade e um velho de setenta.

²³² Citação de Santo Agostinho, que no original é “inter faeces et urinam nascimur”, ou “nascemos entre as fezes e a urina”.

²³³ Ópera de Alban Berg, composta entre 1914 e 1922.

²³⁴ Gustav Ritter von Kahr (1862-1934) foi um político alemão de direita com um papel central na vida política da Baviera nos anos pós Primeira Guerra Mundial. Foi primeiro-ministro da Baviera e teve um papel decisivo no desmantelamento do “putsch da cervejaria”, a primeira tentativa hitlerista de tomar o

E H., com quem eu filosofei hoje a respeito da desumanidade dos homens com relação aos homens? Ele acabou de regressar da Frente oriental, e testemunhou as mortes em K., onde 30.000 judeus foram massacrados. Isto foi feito em um único dia, talvez no espaço de uma hora, e quando as balas das metralhadoras terminaram, lança-chamas foram usados. E espectadores de todos os pontos da cidade correram para assistir o evento, soldados de folga, jovens camaradas com a aparência de quem toma leite – filhos de homens que, há dezenove ou vinte anos atrás, estava, em berços, e alegremente brincavam, tentando alcançar os anéis coloridos dependurados um pouco acima! Oh, degradação, oh, vida sem honra, oh, escudo estreito que nos separa das almas perdidas em quem o Demônio queima!

Vocês nos julgam e nos consideram reclamações, e nós, aqui, sofremos solitariamente e apavorados. Vocês apontam os dedos para nós e para a nossa falta de resistência, e nós sabemos que os resistentes morreram em bunkers imundos, e que o sangue dos mártires foi derramado sem qualquer propósito, que ações para igualar Charlotte Corday foram tomadas, e delas jamais se ouviu palavra. O demônio está solto, e foi o próprio Deus quem o libertou. “E o Senhor dará a ele um grande poder”. E a nós cabe apenas tentar imaginar por que Ele fez isso, ou por que Ele escolheu esta terra como o Seu palco, ou o que está reservado para nós, atrás de Suas cortinas.

Mas ainda está a noite negra sobre as nossas cabeças, e nós sofremos, nós sofremos como vocês jamais irão sofrer, não, nem mesmo em seus leitos de morte.

Tenha cuidado, o homem que do nosso sofrimento faria a luz.

Fevereiro, 1943

As notícias a respeito do desembarque anglo-americano na África se espalharam com uma velocidade que me surpreendeu. Apesar da proibição de se ouvir as rádios aliadas,

poder, ocorrida em Munique em 1923. Hitler não se esqueceria disso. Na Noite dos Longos Cristais, em 30 de junho de 1934, Kahr foi levado de seu apartamento por oficiais das SS, espancado, torturado e, em seguida, conduzido ao campo de Dachau. Assim que chegou lá, já em condições de saúde bastante precárias, foi imediatamente fuzilado.

as notícias se espalharam em menos de uma hora. E eu estava ainda mais impressionado, naquele cinzento dia de novembro, ao ver a reação que as notícias provocaram. Todos pareciam felizes a respeito desta decisiva alteração nos rumos da guerra, que significava a derrota do próprio país, e os bávaros ainda tinham que levar em conta que a luta acabaria por chegar aos Alpes.

E ainda assim a cidade toda – a região inteira, na realidade – estava tão alegre como se todos tivessem bebido uma garrafa de champanhe. DE repente as pessoas começaram a andar direito, e seus rostos brilhavam, e era como se um longo e difícil inverno tivesse sido enfrentado, e agora o primeiro vento morno estivesse soprando por sobre o gelo. Todos souberam que uma mão invisível havia pregado em um muro a sentença de morte dos nazistas, e isto teve um efeito tão salutar nos maus quanto teve nos bons. O professor da escola local, como todos os de sua profissão um zeloso pregador da Palavra Nazista, repentinamente, e significativamente, passou a utilizar a antiga saudação “*Gruss Gott*”²³⁵, em vez do “*Heil Hitler*”. O chefe distrital nazista convocou uma reunião para solicitar às pessoas que, pelo amor de Deus, parassem com as ameaças de colocar fogo em sua casa, uma vez que ele apenas, apesar de tudo, vinha obedecendo às ordens do Partido.

Este foi o efeito da notícia em nossas aldeias. Hitler seguiu com sua bazófia, mas por trás da retórica havia o som do medo. Já estão no passado os dias em que as pessoas o viam como o Salvador e não se sentiam envergonhadas; no passado os dias, como chegou a acontecer nas igrejas protestantes da Prússia, o seu retrato, uma perfeita imitação de Dorian Gray, ficava no altar junto ao seu livro, aquele Maquiavel para faxineiras. A auréola de Deus já se foi. Aos poucos, a *canaille* está começando a sentir a conta que recebeu pela vasta fraude em que foi envolvida.

Existe ultimamente um tipo de sórdida satisfação nos rostos de todos, a expressão de piedosa virtude desapareceu de um dia para o outro. O símbolo nazista desapareceu das lapelas dos paletós, e em repartições públicas é agora usual que funcionários que anos atrás foram punidos em função comportamento hostil com relação ao Partido, tenham aqueles fatos oficialmente registrados. Perto daqui, uma corte de arbitragem ordenou a um fazendeiro cujas terras haviam sido parcialmente expropriadas para o “esforço de guerra” – sem qualquer indenização, naturalmente – que testemunhasse perante ela. O homem, tomado por um acesso de fúria, chamou os árbitros de uma corja de salafrários, o regime um bando de ladrões e o Superior a todos eles, de uma louca dor no saco.

²³⁵ Saudação típica da cultura alemã do Sul, incluindo a Suábia, a Francônia e a Baviera na Alemanha, além da Áustria, a Suíça alemã e o Tirol italiano. Uma tradução aproximada seria “Pode Deus cumprimentá-lo”.

Então ele saiu, batendo a porta atrás de si. As autoridades ficaram tão perplexas pela intensidade daquele linguajar, vinda depois de anos de silêncio, que o homem segue livre.

Enquanto isso, as coisas estão melhorando dia após dia. Há falta de clorofórmio e morfina nos hospitais do exército. Médicos estão protestando pelo fato de os trens com feridos chegarem com as pessoas esparramadas e deitadas nos pisos frios e malcheirosos. Em Berlim, uma unidade inteira de diabéticos pereceu por falta de insulina.

Eu estive lendo as memórias do príncipe herdeiro da Alemanha, a respeito do período entre 1870 e 1871, e uma vez mais eu achei as condições ligadas à fundação do Reich totalmente perturbadoras. Há as conversas informais, marcadas pelo mais desdenhoso tipo de linguajar, nas quais se decidia qual viria a ser o símbolo do Reich – como se se estivesse escolhendo a marca registrada para um produto contra queda de cabelos. Houve uma afirmação de Bismarck de que, até onde ele pensava, as novas cores do Reich poderiam ser “verde e ouro, como uma boate com os dizeres “baile à noite” exibidos acima.”

Será esta a maneira como um Reich é fundado? Será assim que se dá o renascimento de uma nação? Assim é que se funda uma nova firma exportadora de café, assim é o debate entre os futuros sócios a respeito dos estatutos de uma nova empresa de ações – assim é que você amontoa uma unidade econômica promissora à qual você tentará depois dar o nome de Reich! E por toda a parte, nos diários do Príncipe Herdeiro, está a falta de consideração, a arrogância de seu Real Autor – um aperitivo que viria a ser o seu filho Guilherme II. Nas entrelinhas pode-se sentir o desaparecimento das fundações sólidas na vida alemã, a crescente rapacidade dos Barões-ladrões, a cínica negação de uma grande herança espiritual. Não se encontrará nada, aqui, daquela semente misteriosa que repousa no coração de todos os estados saudáveis, aquela câmara profunda na qual todas as nações saudáveis cuidadosamente guardam os tesouros que “não são deste mundo”.

Não, este Reich foi composto de uma colisão entre o romantismo dos clubes de duelo e as ginásticas criadas por Ludwig Jahn²³⁶, aquele “Pai das Ginásticas”, um toque de Hegel e uma generosa fatia de Friedrich List²³⁷ – tudo isso em um rico caldo de

²³⁶ Friedrich Ludwig Jahn (1778-1852) foi um nacionalista e educador alemão que teve papel central naquilo que chamamos hoje de “educação física”. Além da preocupação com a saúde, ele pensava que a atividade física organizada e bem conduzida, desde a infância, ajudaria a criar cidadãos disciplinados e soldados melhores. A influência dele se estendeu para muito além da Alemanha.

²³⁷ Friedrich List (1789-1846) foi um economista alemão (com longas passagens pelos Estados Unidos, país cuja cidadania ele recebeu). List, que é considerado um dos pioneiros da ideia de uma União

ganância, ganância de uma geração inteira, desejosa de enriquecer de maneira tão rápida e indolor quanto possível. Pois não foi basicamente o instinto que levou Ludwig da Baviera a recusar o título de Kaiser, e não foram aqueles homens da geração de meu avô que deram de ombros e saíram da nova firma como nada menos que excêntricos reacionários? Este Reich prussiano é resultado da ambição pelo poder e a arrogância de uma colônia que conquistou o poder da pátria mãe, e a coisa não poderia mesmo, por este único motivo, dar certo.

Este Reich foi marcado por problemas desde os primeiros dias de sua existência: os negócios fracassados de 1873; a derrota da Igreja na questão do controle da educação; a tentativa de assassinato de Guilherme I; a muito malconduzida tentativa de eliminar os socialistas através da lei; as mortes seguidas de Guilherme I e Frederico III²³⁸. E dezoito anos depois do tempo acima descrito, já perto da morte do desafortunado autor, ocorreu uma série de episódios que poderiam ter saído de Hamlet: um Kaiser alemão quase morto nas ruas, salvo por um cocheiro que passava, que rasga a cânula que sufocava a sua garganta; o novo Kaiser começando o seu reinado com a prisão de sua própria mãe; e, finalmente, o funeral de Guilherme I, no qual o auxiliar que levava a bandeira em frente ao caixão estava completamente bêbado, tendo que ser amparado enquanto andava, ao passo que Bismarck, que vinha na procissão logo atrás, usava uma peruca loira para proteger a sua cabeça careca, com medo de pegar uma gripe, naquele dia ártico de verão de junho. É assim que acontece quando os deuses, sentindo-se insultados, retaliam.

Como Hamlet diz: “Tal não é bom, nem pode redundar em bem”.²³⁹

Passando por Prien, eu visitei um velho, velho homem que viveu ali, e quem, quando muito jovem serviu como lacaios na corte de Ludwig II²⁴⁰ pouco antes que a desgraça

Europeia, defendia o desenvolvimento através da indústria e do livre-comércio internacional, desde que com alguma supervisão do Estado.

²³⁸ Sobre o período aqui descrito por Reck, ver nota 89.

²³⁹ Reck já havia citado esta mesma frase da peça de Shakespeare em setembro de 1941. Ver nota 188.

²⁴⁰ Ludwig II (1845-1886), que reinou de março de 1864 até a sua morte, foi alvo de polêmicas em vida e mesmo por ocasião de sua morte. Seu reinado foi marcado, para desespero de seus ministros das finanças, por enormes gastos com festas, espetáculos, construções de castelos, salas de espetáculos etc., até que, em 1886, foi declarado insano e deposto. Quatro dias depois, seu corpo, e também o do médico que havia atestado a insanidade, foram encontrados mortos, boiando nas águas do lago Starnberger. A declaração de insanidade ficou sempre marcada pela polêmica, e as mortes do ex-rei e do médico, dr. Von Gudden, jamais foram satisfatoriamente esclarecidas. Ludwig II permaneceu um ícone para a literatura e o cinema do século XX, sendo objeto de diversos filmes, entre os quais o clássico de Luchino Visconti (*Ludwig*, 1972), e citado em obras como o *Doutor Fausto*, de Thomas Mann.

atingisse aquele monarca. Estranhamente, assim como todas as pessoas que eu conheci e que tiveram um contato próximo com o monarca, o sujeito não podia ser dissuadido da noção de que Ludwig II não estava de forma alguma mentalmente doente, mas que foi a vítima inocente de um golpe tramado em Berlim. Ele alega que estava presente durante uma acalorada discussão entre dois médicos em Schloss Berg, quando cada um dos dois médicos acusava o outro de ter falsificado os diagnósticos psiquiátricos. Eu não quero tomar um partido ou outro nesta questão, mas por anos eu tenho pensado a respeito da inexplicável animosidade com que Gudden, o médico, conduziu, na época, o caso – o mesmo Gudden que, meses antes da catástrofe, deixou escapar, para seus colegas, comentários maliciosos a respeito de o rei continuar com a coroa sem ser contestado, e quem, depois de Ludwig II ter sido confinado, não conseguiu esconder uma certa satisfação com o desfecho: como se tivesse sentido uma sensação de poder por ser o psiquiatra que pôs de lado um rei.

Além do mais, os genes que teriam sido a causa para o desenvolvimento das psicoses dos reis Ludwig e Otto não eram, em absoluto, como os alemães do norte adoravam acreditar, o resultado de casamentos interfamiliares entre Habsburgos e Wittelbaches, com os consequentes problemas decorrentes. Ao contrário, as características defeituosas eram derivadas da doença que o avô dos dois reis, o príncipe Guilherme o Velho, da Prússia, trouxe com ele das Guerras de Libertação, e a qual ele passou para seus dois netos através de sua filha, a rainha Maria da Bavária, na forma de uma estrutura celular defeituosa.

Este não é, portanto, e definitivamente, um produto bávaro, mas algo que foi importado de Berlim. Além do mais, mentalmente enfermo ou não, não há outro monarca na história da Europa moderna que siga com uma vida além-túmulo da maneira que Ludwig consegue. Mesmo em 1918, no meio da Revolução, as pessoas acreditavam que ele havia retornado, e mesmo hoje há uma lenda que afirma – e não são apenas camponeses os que acreditam – que ele pode ser visto nas noites de inverno, à toda velocidade, nas neves de Wettersteingebirge, sobre um fantasmagórico trenó.

Ao longo destas linhas, eu, que assisti à morte adentrar o círculo de meus amigos muito frequentemente em anos recentes, tenho uma experiência própria para relatar. Ela se refere à minha casa, um lugar bastante isolado de mais de seiscentos anos de idade, e que há muito vem sido considerada assombrada, e tem o seu próprio frade fantasma, que supostamente voa por cima do rio e aparece diante das janelas da sala de jantar.

E os castelos da Cinderela, nos parques da Disney, foram inspirados no castelo de Schloss Newschwannstein, construído por Ludwig.

Eu, é claro, jamais o vi. Eu tenho observado que há sons estranhos em minha casa, uma vez houve o barulho de algo pesado rolando, como se fosse uma bola de boliche; que a luz repentinamente se acende no meio da noite; e que sem a menor explicação terrena, a porta de meu quarto repentinamente se abre. Eu tenho desprezado isso tudo, como as pessoas geralmente fazem, atribuindo tudo à atividade noturna dos gatos, a um mal contato elétrico, a uma fechadura estragada, e nunca me senti realmente preocupado com essas manifestações.

Ultimamente, contudo, meu lar tem sido incomodado por algo novo, e de uma natureza muito menos comum. Desde o último outono, desde que a morte entrou tão profundamente em minha vida, nós todos notamos, independentemente uns dos outros, que no quarto do sótão, o qual sempre foi considerado o ponto de partida para estes episódios fantasmagóricos, há um odor horrível de decomposição. E o cheiro não fica restrito àquele aposento, mas flutua pela casa toda, desaparece em cima, de repente reaparece no piso térreo, e então é sentido no segundo andar. E isso não pode em hipótese alguma ser uma questão de sugestionamento, uma vez que nós recebemos hóspedes de Munique, que não tinham a menor ideia disso, e que ainda assim, um minuto depois de terem entrado em seus quartos, vieram até nós para contar que havia um odor penetrante de alguma coisa podre em seus aposentos.

Naturalmente, nosso primeiro palpite foi o de que houvesse ratos mortos colchões, ou mesmo sob os pisos de madeira. Naturalmente, nós fizemos a mais completa investigação, e nada encontramos. E aqui está a parte mais incrível: nesse ponto, o odor começou positivamente a zombar de nós, indo, de uma maneira inexplicável, de um lugar a outro em um mesmo quarto. Ele não mais preenchia um aposento inteiro, mas parecia saltar de uma peça de móvel para outra, agora em uma cadeira, depois em algo facilmente desprezado como uma lâmpada, depois do que ele poderia facilmente desaparecer e surgir novamente no bojo de meu cello. Nós não conseguimos encontrar coisa alguma e acabamos tendo que desistir de tentar. E então, conforme era rezada a missa de um ano por meus amigos mortos, o fenômeno, observado e confirmado por um total de dez pessoas, desapareceu completamente. Eu conto tudo isso sabendo que corro o risco de ser alvo de risadas de todos os tipos de intelectuais de óculos em austeras armações.

Além do mais, há a questão de meu amigo Gwosdinski, cuja casa foi destruída, desde o telhado até o porão, em um ataque aéreo. Ele me escreveu contando que, dias antes da catástrofe, o seu gato se transformou de uma delicada e amada criatura felina em um tipo totalmente diferente de animal que gemia e inclinava a cabeça sem qualquer razão aparente. Na noite do bombardeio, o gato foi resgatado, mas se soltou e, como se

estivesse hipnotizado por alguma coisa que viu nas chamas, correu de volta para a casa. Seu corpo não foi localizado sob os destroços. De novo, eu meramente menciono o fato, sem igualmente confirma-lo ou negá-lo. Mas eu mesmo passei recentemente por uma experiência que me parece recusar qualquer explicação que não passe pelo transcendental.

Quando eu era um rapaz, o grande conservador Von Heydebrandt²⁴¹, um colega de meu pai no Reichstag, havia de alguma maneira tido notícias minhas. No outono de 1918 ele se retirou da vida política, eu perdi contato e não voltei a pensar nele até uma noite, em outubro de 1924, quando eu sonhei que ele havia morrido. Alguns dias depois, eu soube que ele de fato havia falecido.

Voltando a Herr Hitler, vem subitamente à minha mente a imagem dele colocando a pedra inaugural da *Haus der Deutschen Kunst*.²⁴² Ele recebeu um martelo, para que desse os três tradicionais golpes. Mas, quando ele ergueu o martelo, a parte de cima se desprende do cabo, e voou tão longe que não pôde mais, em meio à confusão da multidão, ser localizada. Eu pude ver o quão profundamente aquele histórico profundamente supersticioso foi afetado pelo mau agouro.

Seus adversários tomaram aquele fato como um bom sinal, e nós na época tivemos esperança de que o regime logo entraria em colapso. E já estamos esperando por mais de dez anos. Nossos cabelos ficaram grisalhos pelo pesar e pela tristeza, e nós nos envenenamos com um ódio mortal e irreconciliável, que nos fez preferir morrer a abrir mão da esperança de ver o inimigo destruído. Nós nos agarramos ao que é direito, e não nos rendemos, sacrificando os melhores anos de nossas vidas. E agora, em nosso ódio, nós somos como as abelhas, que precisam pagar com suas vidas pelo uso dos ferrões.

E, com tudo isso, haverá um único de nós que teria escolhido a paz e a prosperidade sob Hitler, sabendo, como sabemos, que uma vida assim só pode ser baseada em lágrimas, em roubos e em assassinatos? Eu não conheço nenhum! Eu conheço apenas pessoas, entre os meus amigos e companheiros de lutas que jamais se conformarão – eu somente conheço pessoas que prefeririam morrer dez vezes a compactuar com o triunfo deste

²⁴¹ Não encontramos muitas informações a respeito de Von Heidebrandt. Ao que parece, foi um líder conservador com atuação regional, entre o fim do século XIX e o começo do XX, na câmara prussiana, e não no Reichstag alemão.

²⁴² Erguido entre 1933 e 1937 em Munique, com projeto do arquiteto Paul Ludwig Troost, dentro da típica estética monumental nazista, a “Casa da Arte Alemã” foi criada para exibir exposições artísticas de “arte puramente ariana”. A exposição inaugural, aberta em 18 de julho de 1937, ficou famosa por ter ocorrido simultaneamente à da “arte degenerada”, na qual foram exibidas as obras proscritas pelo regime. O prédio sobreviveu à Guerra e está em uso ainda hoje.

monstro. Eu somente conheço pessoas que preferem chorar com Deus a gargalhar com o Demônio!

Mas isso já se foi agora, as gargalhadas, e ele sabe disso. O fim está próximo – não um fim heroico, mas sujo, feito em meio a vergonha e a degradação e ao riso zombeteiro do resto do mundo! Às vezes acontece de um pretenso grande homem poder brincar com as alavancas da gigantesca maquinaria da história. Isso pode funcionar por algum tempo, e o louco segue intacto. Mas de repente as engrenagens começam a se mover, mais e mais rápido, e ele é jogado para dentro delas, e esmagado. Stalingrado: desde então, *Ele* tem estado naquela condição que os franceses chamam de “cul nu”²⁴³, e uma nova expressão, mais danosa do que qualquer propaganda do Regime jamais logrou ser: “*Gröfaz*”. Este é agora o seu apelido, “*Gröfaz*”, uma abreviação de “O Mais Grandioso Marechal de Todos os Tempos”: “*Gröfaz*. Um histérico miserável pode brincar de ser Alexandre o Grande diante do mundo por algum tempo. Mas, mais cedo ou mais tarde, a história chega e arranca a máscara de sua face.

Gröfaz...

Março, 1943

O monstro recebeu as más notícias sobre Stalingrado. Naturalmente, ele vai se levantar novamente para um último golpe. E assim é que o terror está correndo livre entre nós, uma vez mais.

Himmler: eu o encontrei apenas uma vez, em uma festa de ano novo de 1934, depois de Clé e eu termos rodado em meio à confusão e acabarmos desembarcando entre estas pessoas um tanto quanto questionáveis. Naquele ponto, este indivíduo de sólidos antecedentes de classe-média e aparência de um paletó de meirinho me arrastou até um canto e me perguntou quem era Herr Arno Rechberg²⁴⁴.

²⁴³ “Bunda exposta”, em tradução livre.

²⁴⁴ Arnold Rechberg (1879-1947) um escultor e jornalista bastante rico, com uma participação central nos movimentos políticos conservadores durante a República de Weimar. Sua fortuna vinha de uma

Uma vez que Rechberg, um homem extremamente rico e um maçom de alta hierarquia, teve um dos principais papéis na queda de Von Seeckt²⁴⁵ e na elaboração da Conferência de Locarno²⁴⁶, e era, além disso, uma das figuras que agia por detrás do pano no Herrenklub²⁴⁷ e no gabinete Von Papen²⁴⁸, e uma vez que eu o conhecia apenas superficialmente, eu tentei me safar da situação respondendo à pergunta de Himmler com uma outra pergunta: como era possível que o Fouché²⁴⁹ do Terceiro Reich tivesse que buscar informações a respeito de um tal personagem com alguém insignificante como eu?

Ele me fitou surpreso com seus olhos míopes. Eu penso que minha esquiva dialética não funcionou com ele pelo simples motivo de que ele não sabia quem era Fouché. Mas, sem querer parecer ignorante, ele deixou.

E eu fiquei muito feliz em me ver livre dele. Aquele ar de subalterno dele, e a indelével estampa de pequeno burguês – em combinação com seu poder absoluto de poder matar qualquer um – eram precisamente o que o faziam tão assustador. Deve ter sido assim

indústria familiar, da qual era sócio, mas na qual não tinha atuação significativa. Anti-nazista, acabou entrando em conflito com o regime e foi preso mais de uma vez, inclusive em Dachau. Ainda estava preso quando os aliados invadiram a Baviera.

²⁴⁵ Hans von Seeckt (1866-1936) foi um general e estrategista alemão. Foi o responsável pela reorganização do exército alemão após a derrota de 1918, e o criador do conceito de “blitzkrieg”, ou “guerra relâmpago”, estratégia que viria a ser utilizada com sucesso pelos nazistas nos primeiros anos da Segunda Guerra.

²⁴⁶ Os Tratados de Locarno, assinados na Suíça em outubro de 1925, foram uma sequência ao Tratado de Versailles, e fixou as fronteiras entre a Alemanha e Bélgica e Alemanha e França. Em troca, a Alemanha aceitou desmilitarizar a Renânia.

²⁴⁷ O Deutsche Herrenklub, ou Clube de Cavalheiros Alemães, foi uma organização conservadora fundada em 1924 e que reunia a nata do conservadorismo alemão, de grandes proprietários de terras a banqueiros, industriais e aristocratas. Teve um papel importante nas articulações políticas dos anos finais de Weimar, mas foi perdendo relevância, gradativamente, com a ascensão do nazismo, ao qual muitos de seus membros acabaram aderindo. Hitler tolerou o clube até 1944, quando finalmente o fechou.

²⁴⁸ Sobre von Papen e seu gabinete, ver Nota 34.

²⁴⁹ Joseph Fouché (1759-1820) foi um político francês que entrou para história por sua inigualável capacidade de sobrevivência política e, ao mesmo tempo, falta de caráter. Tendo começado a carreira no auge do Terror da Revolução Francesa, e atuando nos setores de inteligência e polícia, sempre conseguiu desembarcar a tempo das forças em queda e aderir às que ascendiam. Foi assim que serviu, e traiu, figuras como Robespierre, Barras, Talleyrand e Napoleão. O escritor austríaco Stefan Zweig escreveu um livro no qual traça um excelente retrato de Fouché (*Joseph Fouché, retrato de um homem político*. Rio de Janeiro, Guanabara-Koogan, 1945). Se verdadeira a história do encontro com Himmler, Reck teria corrido enorme risco ao compará-lo a Fouché.

que Fouquier-Tinville²⁵⁰ se parecia: um burocrata inflexível, o Ministro Responsável pelo Mundo das Trevas.

Este é o homem que agora vai lentamente abrindo, a cotoveladas, o seu caminho rumo ao front. E é assim que vivemos hoje, da maneira como as pessoas devem ter vivido antes do Termidor e da derrubada de Robespierre – escondidos e basicamente ilegais, vulneráveis, a qualquer momento, a denúncias e ao machado do carrasco. As Cortes Sumárias, presididas por sádicos e sanguinários jacobinos nazistas, sentenciam as pessoas à morte com breves palavras, e são suficientes não mais do que cinco minutos para os julgamentos. Carimbadas nas sentenças aparecem as palavras “Liquidar e Expropriar” – o que significa execução de sentença de morte e confisco de todas as posses. A vítima é conduzida a uma porta de trás, onde um carrasco já está à espera. Em quinze minutos já está tudo resolvido, julgamento, sentença, tudo. E então vem a guilhotina, e nas salas de dissecação das universidades as pilhas de cadáveres estão indo tão alto que os funcionários universitários estão recusando novas remessas destes silenciosos convidados.

Cabeças rolam por nada: elas rolam por dúvidas com relação ao resultado de uma guerra que qualquer um com meio olho sabia, muito tempo atrás, que estava perdida. Elas rolam por manter-se uma nota de libra esterlina, e elas rolam especialmente por injúrias lançadas contra o Grande General – como se fosse possível a alguém lançar injúrias contra o Cesar sentado no topo do Obersalzberg, quem no ano passado, na presença de alguém que eu conheço, chamou a si mesmo de o “Cipião o Africano” dos dias de hoje, e quem mergulha num paroxismo de raiva se alguém se atreve a colocar em dúvida a sua afinidade com Deus! Como o Lorde Executor Máximo, ele converteu a punição ao crime de “causar ridículo a Führer”, da antiga pena de seis semanas na prisão à morte por enforcamento. E nós agora temos, conforme me foi informado pelo promotor público de Traunstein, onze guilhotinas em toda a Alemanha. Recentemente, quando a de Munique apresentou defeito, a guilhotina de Stuttgart foi emprestada para ajudar.

Mas a produção nunca esteve melhor. Um homem do Palatinado foi decapitado porque pediu que seu filho único não fosse exposto a riscos desnecessários no Front. Um diretor de banco Stuttgart, de 74 anos, foi decapitado porque foi ouvido, em um trem, dizendo a outro idoso que a guerra estava indo mal... Oh, e eles até mesmo cortaram,

²⁵⁰ Antoine-Quentin Fouquier-Tinville (1746-1795) foi um dos principais promotores franceses durante os anos mais sangrentos da Revolução, responsável por enviar centenas, talvez milhares, de pessoas à guilhotina. Mas ele mesmo acabou não conseguindo escapar quando a maré mudou, e foi guilhotinado em 7 de maio de 1795. Em sua fracassada defesa antes de ser condenado, antecipou o argumento de muitos dos nazistas de Nuremberg, alegando que apenas obedecera ordens.

cruelmente, a cabeça de uma das duas madames da casa de tolerância de Herr Christian Weber, aquele proprietário de dois bordeis e amigo do peito do Maior General de Todos Os Tempos; o único crime desta valiosa senhora sendo, provavelmente por solicitação de seu empregador, pedir pagamentos em moedas estrangeiras para os prazeres da carne por ela oferecidos, e também o de ter retido, para ela mesma, uma pequena porcentagem dos ganhos diários.

As estimativas são de que em Berlim ocorram dezesseis decapitações por semana, enquanto que em Viena, onde o ódio aos prussianos está fervendo, o número é de vinte por semana. O carrasco tem dois dias fixos de trabalho por semana, nos quais ele trabalha na base da produção em massa. Uma vez que ele recebe uma comissão por cada execução, além do salário regular que recebe do governo, ele obviamente tem um interesse pessoal na empreitada. Eu posso até imaginar como seria um anúncio na seção “Pessoal” de um jornal, produzida no estilo adequado da Nova Alemanha, mesclando sentimentalismo e sadismo, que seria mais um menos assim:

FUNCIONÁRIO PÚBLICO

Militar, com bom salário, posição, e pensão assegurada, alto, loiro, boa aparência, amante da natureza com visões bem definidas a respeito das coisas da vida, procura correspondência com mulher que partilhe de suas ideias, também loira, com a intenção de contrair casamento. Com não mais de 25 anos e não menos de 1 metro e sessenta de altura.

Os cavalheiros preferem as loiras. *Non olet*.²⁵¹ estas Ingrides, Wibkes, Astrides, Gudruns e Isoldas loiras platinadas jamais meterão os narizes nos assuntos profissionais de seus maridos. Afinal de contas, o trabalho deles é de vital importância para o governo. Você acha que eu exagero quanto a aceitação social dos carrascos? Deixe-me citar o seguinte caso, um episódio que ocorreu há pouco em Viena:

Uma conhecida atriz, M, uma senhora que foi uma das mais importantes na cenda trágica durante os dias de ouro do Burgtheater²⁵², e se tornou proprietária de uma

²⁵¹ “Sem odor”, em latim.

²⁵² Construído em 1741 em Viena, o Burgtheater é considerado, ainda hoje, como um dos mais importantes teatros em países de língua alemã, embora seus anos de apogeu tenham ocorrido durante a vigência do Império Austro-Húngaro. Três óperas de Mozart, além da Primeira Sinfonia de Beethoven, estrearam ali.

vinícola, de tempos em tempos precisava jantar com funcionário governamental cujas conexões no mercado negro eram de grande utilidade. Um dia, este funcionário levou com ele um “conhecido”, que era extremamente taciturno e parecia de fato evitar contatos humanos, não olhava nos olhos, e quando perguntado se vivia em Viena, respondeu no dialeto do norte da Alemanha que não mantinha uma residência fixa, mas que tinha negócios frequentes em Viena. Mais tarde, quando o cavalheiro já havia saído, a senhora soube que seu convidado à mesa naquela noite se tratava do carrasco em pessoa....

Ainda dentro do mesmo tema, estando eu em Munique há pouco tempo, fui espectador de um julgamento em Corte Sumária, e assisti a um médico de 65 anos, acusado de ser possuidor de moeda estrangeira, ser condenado a apenas oito anos de prisão, embora ele tenha escapado da guilhotina por muito pouco. A sala da corte, um lugar de pé-direito baixo, mal iluminado e cheirando a mofo, em cuja parede manchada permanecia por acaso uma fotografia do antigo Regente, se parecendo como uma janela para um outro mundo; o acusado, um velho senhor, gago e trêmulo; a acusadora e principal testemunha de acusação, uma vagabunda loira e elegante – suíça, incidentalmente – que havia sido a arrumadeira do velho médico; os juízes auxiliares, dois funcionários públicos; e o juiz principal, rosto mesquinho, ressentimento em cada linha, uma besta, um pedaço de imundície, um horror nazista que ascendeu vindo de algum fantasmagórico buraco da baixa Baviera...

Não, o nome deste homem não era Fuchs²⁵³, que enviou alguns dias atrás para a guilhotina os Scholls, irmão e irmã, e quem nós brevemente arrastaremos para o *nosso* tribunal. Este homem se chamava Rossdorfer e, era, até ontem, um advogado na cidade de Plattling²⁵⁴. Agora este canalha está tendo a oportunidade de dar vazão a décadas de ódio contra os “professores”, e este velho e desafortunado médico denunciado por sua meretriz suíça se tornou um alvo perfeito. O julgamento em si não poderia ter sido mais breve, a loira quase explodindo em sua lealdade ao Nacional Socialismo, enquanto reiterava sua denúncia; o velho tentando balbuciar qualquer coisa em sua defesa, mas a Alta Eminência Julgadora fê-lo calar a boca, rugindo, antes que saíssem três palavras de sua boca. Os dois juízes assistentes, que me reconheceram e estavam envergonhados,

²⁵³ Apesar da afirmação de Reck, o juiz que condenou à morte os irmãos Scholl se chamava Roland Freisler, e não consta, nos registros do caso, nenhum juiz Fuchs, nem mesmo como auxiliar. Sophie Magdalena Scholl (1921-1943) era membro do movimento Rosa Branca, de oposição radical, de inspiração católica, ao nazismo, e que atuava na Baviera. Presa enquanto distribuía panfletos na Universidade de Munique junto com seu irmão Hans e o colega Christoph Probst, foram interrogados pela Gestapo, julgados, condenados e executados, todo o processo levando pouco mais de 24 horas.

²⁵⁴ Pequena cidade na Baixa Baviera com cerca de 12.000 habitantes.

evitaram meu olhar de alguma maneira irônica e, para emprestar aparência de legalidade ao que estavam fazendo, fizeram um par de perguntas pretensamente objetivas. O velho companheiro sentiu uma mudança de ares, tomou coragem e começou a falar – e foi mais uma vez nocauteado por um assustador *intermezzo*...

O que ocorreu foi que o nosso justo e sábio juiz, previamente um criador de discursos gramaticalmente questionáveis para camponeses portadores de facas e mascates sonegadores de impostos, subitamente rugiu a expressão “conversa fiada”, bateu seus papéis contra a mesa e, roxo de raiva, encobriu o velho homem de berros. E então ele fez algo que não deve ter precedente na jurisprudência. Ele se ergueu de sua cadeira, foi em direção ao velho e, agitando seu dedo contra o nariz do médico, bradou: “Escute aqui! Se você continuar com esta história, eu vou dar um soco no seu focinho!” Neste ponto a coleta de evidências estava concluída, e o acusado estava pronto para receber a sentença. Ele recebeu oito anos, o que na sua idade praticamente equivalia a uma condenação à morte.

Eu saí de lá pensando em muitas coisas: naquele tribunal parlamentar inglês cuja admiração e respeito pela magnificência de uma coroa um dia usada por Charles Stuart, e pelo respeito a um homem à beira da morte, eram tamanhos que ele foi mandado ao cadafalso com algo como uma guarda de honra; e sobre aquele muito maligno tribunal francês que concedeu à condenada Charlotte Corday seu pedido para que tivesse seu retrato pintado por um artista antes que fosse enforcada, porque os assassinos de Marat desejavam eixar “um exemplo e um alerta” para a posteridade. Isto aconteceu há exatos 150 anos, quase que no mesmo dia, e o mundo neste interim não foi apenas lançado aos cachorros, mas muito além: ele foi entregue aos tipos como o deste fastidioso cavalheiro, que obtém provas com a ajuda de seu dedo em riste, e que dará ao acusado, se ele não confessar “um direto no focinho”.

Eu penso nisso tudo enquanto caminho, de cenho pesado, por Munique, observando o quão pesadamente ferida ela foi no último ataque aéreo – esta cidade que já foi, um dia, tão alegre e bela. E neste exato momento eu fico ouço, pela primeira vez, a respeito do martírio dos Scholls.

Eu não conheci aqueles dois jovens. No meu isolamento rural, eu recebi apenas fragmentos da história completa a respeito daquilo que eles estavam fazendo, mas a dimensão do que eu ouvi foi tamanha que eu mal podia acreditar. Os Scholls foram os primeiros, na Alemanha, a ter a coragem de testemunhar a favor da verdade. O movimento que eles deixaram, ao morrer, seguirá em frente, e como sempre acontece nos casos de sacrifícios, eles plantaram sementes que irão dar importantes frutos nos

tempos vindouros. Estes jovens irmão e irmã se lançaram intensamente em seu trabalho, como se estivessem de fato desafiando a morte. Foram traídos por um miserável funcionário da universidade, quem depois ficou tão assustado com a possibilidade de ser espancado ou púnico de alguma outra maneira que foi obrigado a ficar sob proteção policial.

Eles foram condenados à morte por um outro exemplar daquele tipo Rossdorfer. Eles morreram com todo o brilho de sua coragem e disposição para o sacrifício e, portanto, atingiram o píncaro de vidas bem vividas.

Eu soube alguma coisa a respeito deles a partir de jovens que conviveram com eles. Eram jovens que se destacavam do resto, de boas famílias da Suábia²⁵⁵, de vidas calmas e quase que monasticamente isoladas, mas mesmo assim carregando com eles aquela aura especial que pressagia a morte precoce. A maneira como se conduziram diante do tribunal – especialmente no caso da garota – foi inspirador. Eles jogaram na cara dos juízes seu desprezo por aquela corte, pelo Partido, e por aquele insano e pretenso grande homem, Hitler e, no fim, fizeram algo que traz, para nós que estamos vivos, o gélido ar da Eternidade. Porque, em suas últimas palavras, eles repetiram o alerta feito pelos condenados Cavaleiros do Templo aos seus juízes, de que aqueles que os estavam perseguindo e aqueles que estavam por trás destes seriam, “dentro de um ano, ser levados a julgamento diante do trono de Deus”. A maldição lançada pelos Templários se realizou completamente, e antes que se passasse um ano, tanto o Papa Clemente V quanto o rei Filipe IV da França estavam mortos. Ainda resta saber o que acontecerá ao longo do próximo ano...

Mas os Scholls partiram desta vida serenamente, gravemente e, apesar de sua pouca idade, com uma maravilhosa dignidade. Que se esculpa, nos seus jazigos, as seguintes palavras, e que este povo inteiro, que viveu na mais profunda degradação os últimos dez anos, enrubesça ao lê-las: “*Cogi non potest quisquis mori scit*” – Aquele que sabe como morrer jamais poderá ser escravizado.

Todos nós precisaremos, algum dia, fazer uma peregrinação aos seus túmulos, e permanecer algum tempo diante deles, envergonhados.

Esta é a história destas duas crianças de nossa raça: os mais recentes e, se Deus quiser, os *primeiros* alemães de um grande renascimento do espírito.

²⁵⁵ A Suábia, cuja capital é Augsburg, é uma região administrativa dentro do Estado da Baviera.

Mas Herr Hitler está ocupado em outro lugar, no momento; Herr Hitler anda preocupado, atualmente, enquanto nossas catedrais e outros monumentos nacionais são transformados em pó, com o ensino do contraponto e das regras da harmonia. Herr Hitler está estabelecendo as fundações da música Nacional Socialista. E, recentemente, Herr Göring foi visto, ao entrar em uma festa que estava dando para seus comparsas, vestindo um paletó de peles que chegava aos seus tornozelos, fechado por um cinto de couro marroquino vermelho cravejado de diamantes roubados, e calçando botas de couro marroquino vermelho. Eu tenho certeza de que ele parecia grandioso – este Marechal de Campo que jamais comandou uma batalha. Mas há um precedente na história: aquele desafortunado romano, Calígula, que também apareceu diante de seus assustados súditos calçando botas de couro marroquino vermelhas, pouco antes de ficar indubitavelmente insano.

Agosto, 1943

Encontrei Kleeblatt, meu médico, em luto pela morte, na guilhotina, de seu enteado, que foi quem escreveu os folhetos distribuídos pelos irmãos Scholl²⁵⁶ e acabou decapitado junto com aqueles dois jovens mártires: com grande esforço, ele acabou conseguindo evitar que o corpo do rapaz fosse desmembrado e colocado em tanques de Lysol para ser usado nos cursos de anatomia.

Mas os fantasmas dos mortos já começaram a trabalhar, e os efeitos já são sentidos na sistemática desmoralização da estrutura de comando nazista. Há semanas, já, os estratos mais baixos da hierarquia, os oficiais distritais, os líderes municipais, e demais bastiões do regime têm feito gestos, com a intenção de serem vistos, representando sua desilusão com o nazismo. O comportamento generalizado tem agora a intenção de deixar manifesto o desgosto, para que todos tomem conhecimento de sua insatisfação, de sua infelicidade com relação ao estado das coisas. Agora, por exemplo, na agência dos

²⁵⁶ Ver Nota 253. Christoph Probst, condenado junto com os irmãos Scholl no episódio aqui relatado, era filho do primeiro casamento da esposa do médico de Reck.

correios, o funcionário tem mencionado desdenhosamente os boletins oficiais, murmurando que “eu já suportei demais esta fraude.”

O segredo por trás dessa transformação? Todos estes cavalheiros receberam, há pouco tempo, uma carta enviada por um certo “executivo revolucionário”, informando que eles serão considerados responsáveis pelos atos que praticam “oficialmente”; que denúncias anteriores contra eles, e crimes similares, foram devidamente registrados, e que o prosseguimento de tais atividades apenas agravaria a sua situação. Por um grande golpe de sorte, eu tenho comigo uma destas missivas:

Nós possuímos evidências referentes às suas atividades desde 1933, e você será considerado responsável por elas assim que entre em colapso o regime hitlerista. O Comitê Executivo informa, por meio desta, que você se encontra sob a mais estrita observação. Se for registrada uma única nova ocorrência de atividade em benefício do atual regime, ou se informes adicionais reportarem qualquer dado infringido a oponentes políticos, a sentença de morte que já foi devidamente proferida contra você para futura execução, será estendida a toda a sua família. A execução será levada a cabo por enforcamento no exato dia em que se encerrar o regime.

E isto teve o seu efeito. Estas cartas foram, de maneira um tanto quanto incompreensível, enviadas registradas a partir de locais bastante distantes uns dos outros, de modo que as enviadas à Baviera vieram de Insterburg, enquanto que as cartas postadas para a Prússia Oriental foram remetidas de Baden ou de Württemberg.

De todo modo, o efeito foi salutar. Os pequenos sátrapas simplesmente pararam de operar, professores primários são novamente vistos nas igrejas, a líder das mulheres se aquietou, e o “bastião local” do Partido fica doente com pontualidade infalível sempre que chamado a participar de uma reunião. Eu fui de carro para Munique com a esposa e um médico de Trostberg, que me contou que, em 1938, então o chefe de uma organização médica local, deixou de atender a pacientes judeus, até mesmo em caso de acidentes. Agora, a mulher me disse, seu marido andava sofrendo dos nervos, reclamando constantemente a respeito da falta de sentido da vida e do absurdo dos pronunciamentos do Partido, estando até mesmo considerando a ideia de suicídio. E por quê? Porque um destes misteriosos Comitês Executivos o havia excluído das atividades da medicina em função de suas “condutas desumanas e não condizentes com a de um médico”, efetivas “no dia da queda”, quando a sentença “poderia ser ampliada com punições adicionais.”

Incidentalmente, os carteiros que levaram estas cartas por toda a Alemanha arriscaram as suas vidas em cada jornada.

Anteontem, W., que é o líder de uma organização que reúne estudantes, artistas e intelectuais veio à minha casa: um homem profundamente amargo em função da morte de seu filho soldado; sessenta e três anos de idade, com a agilidade de alguém com trinta e poucos anos, e um rosto de aparência tão fatigada que é a própria imagem da morte. E, então, eu fui incluído em uma falange na qual as vidas dos membros estão, de agora em diante, se equilibrando sobre o fio de uma navalha.

Nós conversamos ao longo de toda uma noite de verão, chegando a avançar pela manhã – sobre o futuro propagandeado, sobre os programas de rádio ingleses (infelizmente com muita frequência mal informados a respeito da tendência da opinião pública alemã), sobre pontos a serem acrescentados ao nosso programa no futuro.

A seguir, uma pequena amostra:

Imediata e definitiva eliminação de Berlim e da Prússia como centros de gravidade política.

Uma organização a ser lançada toda ela de uma vez, a qual terá a missão de limpar a área do sul da Alemanha imediatamente após a derrubada dos nazistas.

Imediata expulsão de todos os prussianos aqui chegados após 1920. Destruição imediata de toda a indústria bélica estabelecida na Baviera desde 1933.

Além disso, de maneira a garantir a emergência de uma nova Alemanha: imediata e completa expropriação de toda a indústria pesada; imediata nacionalização das fábricas; imediato indiciamento por alta traição para todos aqueles que se juntaram na partilha do botim do regime hitlerista, com os primeiros julgamentos sendo dos von Papens, os Meissners²⁵⁷, os Neuraths²⁵⁸, os Hindenburgs Jrs²⁵⁹, os Schröters²⁶⁰ etc.

²⁵⁷ Otto Meissner (1880-1953), nascido na Alsácia, representava tudo aquilo que Reck mais detestava: filho de um carteiro, escalou o ranking político, tornando-se, em 1920, chefe de gabinete da Presidência da República de Weimar. A partir daí, conseguiu permanecer sempre próximo aos círculos centrais de poder, e parece ter tido um papel decisivo nas negociações que, em dezembro de 1932, deram a Hitler o posto de Chanceler. Embora não fosse um nazista histórico, gozava da confiança de Hitler, que o manteve no cargo até 1937, quando recebeu o cargo de Ministro de Estado. Mas, diante da chegada ao poder do grupo nazista próximo a Hitler, composto por Goebbels, Himmler, Göring etc., o poder de que Meissner desfrutava claramente encolheu. Preso após a Guerra, foi julgado por crimes de guerra em Nuremberg, e depois em Munique, mas nas duas ocasiões acabou absolvido.

²⁵⁸ O barão Konstantin von Neurath (1873-1956) era um aristocrata alemão da Suábia, que foi ministro das Relações Exteriores entre 1932 e 1938, justamente os anos de consolidação do regime nazista. Por discordar frequentemente dos métodos de Hitler – embora não dos objetivos, acabou substituído por Ribbentrop pouco antes do início da Guerra. Manteve cargos honoríficos, mas sem poder efetivo, até a

Imediato indiciamento de todos os generais responsáveis pelo prosseguimento da guerra.

Não é um mal começo; não inteiramente livre de hipérboles, é verdade, mas ainda assim não sem suas sementes de ideias de como terminar com os erros dos últimos oito anos.

E será que somos maus alemães porque deliberamos sobre essas coisas? Isso depende de a qual Alemanha você se refere. Se por “Alemanha” é entendida aquela gigantesca heresia de Bismarck, a qual está hoje em seus estertores, se se esquece que antes daquilo existiu um Reich que era o berço e o foco de grandes ideias, e que este Reich durou mil anos, ao passo que os recém chegados de Potsdam²⁶¹ duraram umas poucas décadas antes que fracassassem, arrastando com eles, para o pó, todos os tesouros culturais e objetos insubstituíveis, a efetiva memória daqueles primeiros mil anos – então nós somos maus alemães!

Não, nós estamos pensando a respeito dessas coisas porque o futuro não pode ser construído com materiais vagabundos. Se nós uma vez mais, como fizemos em 1919, remendarmos as coisas, nossos netos irão derramar seu sangue em mais um massacre patrocinado pela Prússia. Paradoxal como possa soar isso, nós teremos vencido a guerra se conseguirmos libertar a Alemanha da hegemonia prussiana, arrancar a sua superestrutura mercantilista, e nos vermos livres da insensata industrialização excessiva, possível apenas por causa dos subsídios recebidos do governo. Essa é a única maneira pela qual poderemos remover o pesado lastro em forma humana, sem sentido e improdutivo, que agora precisamos carregar, mesmo que o trabalho de remoção leve décadas. E essa é também a única maneira nós poderemos ter a certeza de que, se nós não ganharmos, ao menos a I.G. Farben terá *perdido* a guerra.

queda do regime. Preso pelos aliados, foi julgado e condenado, em Nuremberg, a quinze anos de prisão. Libertado da prisão de Spandau em 1954, morreria dois anos depois.

²⁵⁹ Sobre Hindenburg Jr., ver Notas 28 a 30.

²⁶⁰ Não identificamos a que Schröter Reck se refere.

²⁶¹ Hoje quase que dentro da Grande Berlim, Potsdam, a poucas dezenas de quilômetros da metrópole, foi por muito tempo a capital de facto do antigo reino da Prússia. Era lá, por exemplo, que ficava o palácio de Sans Souci, e foi lá que viveu Voltaire, na corte do rei Frederico II, o Grande.

20 de Agosto, 1943

Um panfleto inglês repreende o *Schwarze Korps*²⁶² por localizar a base de todas as guerras não na ação dos homens, mas na maquinaria subterrânea dos demônios, e os ingleses atacam a publicação por creditar estas catástrofes a causas irracionais. Eu não devo ser listado entre os apologistas da *Schwarze Korps*, nem de Gunter d’Alquen – cujo verdadeiro nome é provavelmente Gunter Schulze.²⁶³ Eu serei o primeiro a reconhecer que os indivíduos de carne e osso, bastante reais, responsáveis por esta guerra – os diretores das empresas sedentos por lucros crescentes, os generais do exército sedentos por mais medalhas, os vagabundos das esquinas, sedentos por mais bálsamo para seus egos, e que agora foram promovidos ao status de políticos – se expuseram desta vez como provavelmente jamais antes em uma guerra.

Mas, tendo dito isso, teremos nós resolvido o problema? Teremos explicado a letargia, a praticamente frenética ausência de coerência das massas em aceitar Hitler apenas cinco anos depois de terem se declarado pacifistas, nas eleições de maio de 1928? Teremos explicado o comportamento das mulheres que, como eu descrevi antes, ficavam tão excitadas com a visão de Hitler, que engoliam os cascalhos que ele havia pisado? Ou o comportamento daquele rapaz da Juventude Hitlerista, que arremessou um crucifixo pela janela, berrando, “fique aí, seu porco judeu!”, desse modo tornando-se mais explicável? Ou a desmoralização ética, a brutalização, o apetite por assassinatos da geração mais jovem? E será que as pessoas na Inglaterra realmente pensam que tudo isso seria possível sem a emergência, de dentro da noite, de uma forma de delírio que bem poderá, amanhã, tomar qualquer outro povo?

Eu devo admitir que a discussão inteira me deprime. Ela evidencia o golfo que existe entre a Europa Continental e a Atlântica – ou insular – a respeito do que se pensa sobre

²⁶² Sobre o jornal SS *Das Schwarze Korps*, ver Nota 218.

²⁶³ Gunter D’Alquen (1910-1998), cujo nome era este mesmo, fez rápida carreira na hierarquia nazista, movimento para o qual entrou ainda adolescente, e acabou se tornando editor-chefe da *Schwarze Korps*. Preso no fim da Guerra, negou qualquer conhecimento a respeito do Holocausto e demais crimes nazistas, e recebeu uma pena de dez anos de prisão, que pode ser considerada bastante leve diante de suas perspectivas iniciais. Solto em 1955, fez parte do Círculo Naumann, uma organização secreta de antigos nazistas, muito ativa até meados dos anos 1960, que tentava manter vivo, através da infiltração em partidos legalizados, o “legado” nazista.

o tema. Eles ainda estão tentando chegar a termos com este fantasma da história, utilizando as velhas e desgastadas fórmulas do século XIX.

É certo que nós colocaremos para serem julgados os indivíduos que, visivelmente, manipularam os fios por aqui, e certamente a madeira para os patíbulos nos quais eu espero ver dependurados Hitler, Göring, Goebbels, Papen, *et al.*, já foi cuidadosamente reservada. E, é certo também, todos nós, alemães, teremos que carregar uma cruz em nossas costas através do escuro Vale da Desolação, antes que o Absoluto seja alcançado.

Mas haverá hoje uma nação tão desprovida de perspectiva a ponto de negar a possibilidade de que uma tal psicose de massa poderia, em algum momento, ocorrer dentro de suas próprias fronteiras? Podem ir as pessoas tão longe ao ponto de acusar intelectuais alemães desarmados de letargia quando, durante pelo menos os dois primeiros anos do regime de Hitler, o Gabinete inglês, com todas as armas possíveis à sua disposição, estava ele mesmo indolente demais para expulsar os ratos marrons de suas tocas?

Eu não estou nem mesmo de que o velho jogo do quem-é-realmente-o-culpado esteja sendo jogado aqui. O que me perturba é a metodologia desse tipo de pensamento, que não dá a devida atenção ao verdadeiro problema e, de uma maneira confortável, na qual se é negligente e se fecha, confortavelmente, os olhos, recusa-se a encarar de fato a maior crise de nosso tempo. Coitada é a nação que não ouve o trovão dos cascos apocalípticos! Coitado é qualquer povo sob o sol de Satã, que não está aprendendo agora, enquanto o sol faz sua terrível ascensão, a crer em Deus! Coitada da pessoa que incapaz de compreender este único fato:

O racionalismo teve seus dias. Ele de fato governou o mundo por 400 anos, mas seu tempo agora passou. O Grande Mistério, o próprio irracional, está novamente batendo à porta. Hoje, eu testemunhei o primeiro ataque aéreo feito por aviões norte-americanos, o bombardeio, em plena luz do dia, de Regensburg. Foi meu primeiro contato pessoal e realmente próximo com a guerra. E lá vinham eles voando, por sobre o meu tranquilo vale, aqueles pássaros brancos como a neve... Eu vi um deles, atingido por fogo antiaéreo, ficar vermelho escuro por um momento, e então eu vi pequenas figuras, em seus paraquedas, saltarem das chamas, e então eu vi as cordas de um dos paraquedas pegar fogo e sua carga humana despencar rumo ao chão. Eu dirigi até Seebruck para observar os destroços. Bolhas de óleo fervente em uma cratera de cinco metros de profundidade. Os motores haviam mergulhado tão fundo no chão que nenhum esforço foi feito para tentar desenterra-los. Em volta da cratera, estavam espalhados pedaços de

um corpo humano – um pé, um dedo, um braço. Os restos foram levados embora em um pequeno saco de batatas.

Perto de W., uma dupla de americanos teve mais sorte e aterrissou em segurança. Mas, então, dois desabrigados tentaram cuspir neles, e apenas o fato de o soldado que os escoltava dizer que não toleraria isso, agitando ameaçadoramente seu revólver, salvou aqueles dois homens indefesos de tamanha indignidade. Você realmente precisa apenas coçar a superfície do seu não-burguês médio para encontrar aquela velha e boa substância de decência humana e a aversão, inata, às ações da *canaille*.

As notícias de Hamburgo estão simplesmente além do que se consegue imaginar. Ruas de asfalto fervente nas quais as vítimas afundam e são cozidas vivas, cidades totalmente em ruínas, que cobrem os mortos e cercam os ainda vivos como alguma coroa de pedras de um mártir. Fala-se em 200.000 mortos.

Eu não sou alguém que acredita em tudo o que me contam. Eu prefiro, muito mais, ver com meus próprios olhos. E eu penso que, neste caso, o que eu vi com os meus olhos é o bastante. Eu tenho ouvido bastante a respeito do comportamento completamente selvagem e desorientado das pessoas em Hamburgo enquanto a cidade queimava, histórias de amnésia, histórias de pessoas vagando pelas ruas vestindo pijamas que usavam quando fugiram de suas casas, com expressões de insanidade, carregando nas mãos gaiolas de passarinho vazias, sem memória com relação ao dia anterior, e sem noção a respeito do dia seguinte.

E agora o que eu vi num dia muito quente de início de agosto em uma pequena estação de trem na Alta Baviera, por onde quarenta ou cinquenta destas pessoas miseráveis estavam vagando e furtando, apesar dos berros raivosos do chefe de estação, indo para dentro de um vagão através de uma janela que eles haviam quebrado, empurrando, golpeando, berrando, já agora acostumados a brigar por espaço.

O que aconteceu em seguida era inevitável. Uma mala, uma pobre mala de papelão com as pontas danificadas, errou o alvo e caiu na plataforma, abrindo-se e revelando o que havia dentro. Havia uma pilha de roupas, um kit de manicure, um brinquedo. E havia o corpo assado de uma criança, encolhido para as dimensões de uma múmia, que a mulher meio louca levava com ela para onde fosse, os macabros resquícios do que até poucos dias atrás foi uma família. Berros de horror, desgosto, rugidos, arroubos histéricos, os rosnados de um cãozinho, até que finalmente um funcionário se apiedou de todos eles e se desfez daquela coisa.

Um outro relato que ouço foi que a tempestade de fogo criada pela imensa conflagração consumiu todo o oxigênio, sufocando até mesmo as pessoas que estavam longe das chamas, e que a chuva de fósforo grelhou os cadáveres, deixando os corpos de homens e mulheres crescidos do tamanho de pequenas múmias infantis, de forma que agora incontáveis mulheres estão agora vagando pelo país, suas casas em ruínas, carregando com elas estas relíquias medonhas.

Em face disso, poderá ainda ser negado que, com esta guerra, uma era está chegando ao seu fim? Poderá ainda ser ocultado o fato de que a tecnologia está vivendo seus últimos e repugnantes momentos, e que está deixando atrás de si um horrível vácuo de almas vazias – um vácuo que provavelmente só poderá ser preenchido com alguma coisa antirracional, antimecânica, uma “reação x” composta por demônios recém-nascidos? Há ainda alguma dúvida que não há mais caminho de volta possível para o mundo de ontem, e que agora, aqueles cavaleiros que estão selando seus cavalos negros não são outros que não os Quatro Cavaleiros do Apocalipse em pessoa?

2 de Julho, 1944

Hoje, voltando de bicicleta de Stein para casa, eu me aproximei de uma aglomeração de jovens trabalhadoras de fábricas. Todas do norte da Alemanha, evacuadas e “realocadas” – para usar um dos adoráveis termos da nova Alemanha dos negócios – para as indústrias químicas do vale do Alz²⁶⁴. Todas vieram amontoadas como uma pilha de mexilhões, como tudo nesta nação, e marchando em formação militar. O efeito era horrível, e tão irritante e desprovido de traços de feminilidade quanto é a Liga das Mulheres Alemãs. Elas trotavam como uma manada de vacas de rabos loiros trançados, e eu devo explicar o porquê de eu considera-las importantes ao ponto de prosseguir com o assunto...

²⁶⁴ O Alz é um rio de porte médio, na Baviera, de 63 quilômetros de extensão, que deságua no lago Chiemsee.

É por causa da música que elas cantavam. A canção era uma daquelas coisas com ritmo agitado roubadas dos bolcheviques pelos nossos Mestre Capelas da Corte: em resumo, lixo insignificante. Mas o refrão é digno de nota:

Onde as chamas sobem
Desde o Teatro da Ópera
Lá é a minha cidade natal,
Lá é o meu lar de infância.

Agora, você precisa admitir que, para um povo que está sendo bombardeado, esta é uma canção notável! Uma pesquisa me trouxe a informação de que estas figuras bovinas com seus rostos linfáticos são de Hanôver, onde o Teatro da Ópera de fato explodiu em chamas. Eu não me atreverei a dizer se o que está envolvido aqui é oposição, auto-escárnio, protesto, ou apenas mais uma dessas atitudes ao estilo das vacas nas quais os nazistas transformaram as mulheres alemãs. Provavelmente é apenas mais um exemplo do estado geral de idiotia reinante aqui.

Eu devo acrescentar algo sobre uma conversa que teve lugar na estação de trem de Traunstein com dois membros da Orquestra Filarmônica de Berlim que eu conheço. Estes dois, que conservaram, naturalmente, a agilidade mental e a capacidade de protestar veementemente, me contaram a respeito de uma curiosa mudança na maneira costumeira dos relatórios diários do Exército, conforme se sussurra em Munique:

Boletim enviado a partir de um perplexo posto do Exército: enviado a partir do quartel general do almofadado:
O último relatório do exército ainda não está por aqui²⁶⁵.

Muito bom, é certo, muito bom. É claro, eu preferia estar vendo a resistência ao regime tomar a forma de grupos de guerrilheiros do que dessas piadas mais ou menos engraçadas. No máximo, essas coisas espelham o isolamento, a covardia e a letargia que os nazistas deixaram ativos por aqui com a completa castração do povo alemão que levaram a cabo.

Eu devo notar, para ser justo, que ouvi falar de um grupo de guerrilheiros bávaros operando nos arredores de Murnau, e um grupo austríaco nos arredores de St. Johann,

²⁶⁵ O trocadilho da piada só faz sentido em alemão, onde o “ainda não está por aqui” tem o duplo sentido de “ainda não está falando a verdade.”

no Pinzgau.²⁶⁶ Estes grupos são formados, naturalmente, de desertores do exército e de trabalhadores que abandonaram seus empregos – mas quanta tristeza nós poderíamos ter evitado para o mundo se tivéssemos começado com esse tipo de atividade mais cedo!

E então eu retorno ao quebra-cabeças que tem me atormentado por onze anos, o velho quebra-cabeças da psicose de massas alemã, dos generais que se permitiram ser conduzidos por Herr Hitler (e o que um homem de sessenta e cinco anos tem para perder, exceto por sua dignidade?) – sem arremessar aquele “cavalheiro” para fora do quarto decorado na Barerstrasse de Munique; das mulheres histéricas que são suas fanáticas apoiadoras; eu volto ao problema representado por uma criança como Gregor Strasser, que, aos onze anos de idade, no verão de 1934, assistiu a seu pai ser assassinado por ordem de Herr Hitler, e apenas quatro semanas depois do assassinato, explicou: “O Fuhrer fez isso, e tudo o que o Fuhrer faz está certo.”

Ah, psicose gigantesca, embriaguez coletiva em escala de massas além da medida, que será seguida pela mais horrível ressaca de dia seguinte que o mundo jamais conheceu! Aqui, aqui está o resultado de sua manipulação pelo rádio – homens de massa bestializados, e a conversão de sociedades humanas em ninhos de cupins! E com isso se foi o desencorajamento e o silêncio final da verdadeira intelligentsia, um fator que não deve ser subestimado, e, na sequência, a criação de uma manada a qual eu, que conheci os Estados Unidos e sei também alguma coisa a respeito da Rússia Soviética – apesar de a última dificilmente ser mencionada nesta relação – considero os mais infernais rebotalhos humanos existentes hoje no mundo.

Deve-se notar que as pessoas sobre quem tenho falado não são de origem proletária. Elas têm origem na classe média – funcionários de baixo escalão, professores primários, funcionários dos correios que subiram na vida. Eles provém daquela classe que Sombart descreveu como sendo “o obstáculo para o verdadeiro progresso”, uma citação que eu leio em *A Revolta das Massas*, de Ortega y Gasset, o qual é bastante mal visto na Alemanha de hoje em função do espírito cosmopolita e girondino que exala.

Eu penso que aqueles de nós que estão presentemente recolhendo material para uma história escrita do terceiro reich serão obrigados, quando tivermos combinado tudo em um único trabalho, a dar o nome de *A Revolta dos Carteiros e dos Professores primários*.

²⁶⁶ Não localizamos a cidade de St. Johann na região do Pinzgau, mas sim no Tirol austríaco, a poucos quilômetros da fronteira alemã, na Baviera. Trata-se de uma cidade pequena, medieval, de apelo turístico, com menos de 9.000 habitantes.

18 de Julho, 1944

De minha casa em Chiemgau eu assisti ao pior de todos os bombardeios de Munique. Por três sólidas horas, o ronco não parou nem por instante, e um permanente trovão de bombas explodindo sacudiu o planeta. E mesmo aqui, a noventa quilômetros de distância, a pressão do ar sacudiu as janelas. E então o poderoso zumbido dos motores rugiu por cima de nossas cabeças. Bem perto, eu ouvi duas detonações, presumivelmente o fogo de canhões antiaéreos. Eu vi um daqueles pássaros de metal prateado – não sei se alemão ou inglês – cair em uma longa espiral até o chão, como uma folha que se cansou com a chegada do outono. Ele caiu a aproximadamente cinco ou dez quilômetros daqui.

Quem irá garantir que algum outro bombardeiro não cairá sobre o meu teto, de modo que esta minha pequena propriedade, tão duramente conquistada, resgatada dos tempos difíceis da inflação, não seja destruída? Uma recente transmissão de rádio inglesa afirmou que Hörpolding hospeda um depósito de munições. E Hörpolding fica a apenas oito quilômetros daqui, na rota dos voos. E, ainda, toda a parte baixa do vale de meu limpo e inocente rio foi contaminado pela praga industrial trazida para cá pelos generais que são os maiores responsáveis pela destruição da Alemanha.

Eu olho para as coisas que eu consegui trazer para cá, e as afago... a biblioteca, as estatuetas medievais, os candelabros da Idade Média, os desenhos, e agora parece que eu sinto um certo estranhamento com relação a essas coisas, e me dá vontade de chorar. Ah, você alguma vez já pensou em você como um homem em seu leito de morte, sabendo que todas as suas posses seriam logo mais espalhadas aos quatro ventos?

Uma infindável corrente de refugiados se move agora, rumo ao sul, pela autoestrada próxima, deixando Munique, onde dezenas de milhares de pessoas desalojadas pelas bombas passaram noites chuvosas acampadas nas ruas próximas à Maximiliansplatz – velhas senhoras alquebradas com longas varas em seus ombros, nas quais estavam presas sacolas contendo tudo o que elas tinham no mundo, pessoas miseráveis, sem lar, com roupas queimadas, em cujos olhos ainda há o horror das tempestades de fogo, as explosões pulverizadoras, o soterramento sob os escombros, a morte horrível nos porões onde as pessoas sufocaram em meio aos rios de esgoto e excremento que elas mesmas produziram.

Mas por que razão Herr Hitler se preocuparia, uma vez que, como somos informados, em seu abrigo, sendo escavado cada vez mais fundo na terra, ele lê um romance por dia, e à noite – noites sem descanso, apavorantes do assassino em massa e gângster sentimental – passa seu tempo assistindo a filmes? E por que aquele sujeito de nome

ridículo, Speer, deveria se preocupar, com aquela expressão elegante dele, que é o exemplo típico dessa doença toda, dessa geração de garotinhos mecânicos e mimados? Mas eu devo admitir algo a respeito de Speer: depois de Papen, que combina a consciência e o sentimento de honra de um cachorro de açougueiro com uma estupidez tão devastadora que chega a ser um crime antes de ser uma desculpa, e pouco depois desses novos pseudo-girondinos alemães e falsos aristocratas do tipo de Krupp e outros, esta é mais doentia face que eu já vi entre o segundo escalão nazista – e ele se vê como a reencarnação de Leonardo da Vinci.

20 de Julho, 1944

Maria Olczewska²⁶⁷ veio me visitar. Nós falamos sobre Furtwängler²⁶⁸ – um tema no qual eu dificilmente gostaria de tocar. Há, é evidente, uma maneira de se conduzir o assunto de uma maneira “leve”. E o aproveitamento desta sombra, seja ela factual ou conceitual, é algo que, em si, compromete o homem que a faz.

Eu não posso evitá-lo.

²⁶⁷ Maria Olczewska (1872-1969) era uma conhecida cantora lírica alemã.

²⁶⁸ Wilhem Furtwängler (1886-1954) foi um dos grandes regentes de orquestra do século XX, com prestígio global. Seu papel durante o regime nazista ainda é alvo de debates. Ele foi o único dos grandes regentes alemães a permanecer no país, tornando-se o maestro preferencial de Goebbels e dos nazistas. Ele acabou inocentado no pós-guerra (apesar de ser obrigado a passar por um período de desnazificação) e sua carreira prosseguiu sem sobressaltos, inclusive assumindo a prestigiosa Sinfônica de Chicago em 1949. No breve depoimento de Reck percebe-se que a atitude dúbia de Furtwängler já incomodava a alguns alemães antes do fim da Guerra.

21 de Julho, 1944

E agora a tentativa de assassinar Hitler. Conduzida pelo Conde von Stauffenberg²⁶⁹, cujo irretocável pai eu sempre tive em conta como um dos últimos exemplares dos verdadeiros nobres alemães. Por trás disso, a revolta dos generais, há muito esperada.

Mas, ah, realmente, cavalheiros, agora é um pouco tarde. Vocês criaram este monstro, e enquanto as coisas estavam indo bem vocês deram a ele tudo o que ele queria. Vocês entregaram a Alemanha para este arquicriminoso, vocês juraram fidelidade através de cada inacreditável rito de juramento que ele decidiu colocar diante de vocês – vocês, oficiais da Coroa, todos vocês. E assim vocês transformaram a si mesmos nos mamelucos de um homem que carrega em sua cabeça a responsabilidade por centenas de milhares de assassinatos, e que é a causa de tristeza e objeto de maldições de todo o mundo.

E agora vocês o estão traindo, assim como ontem vocês traíram a República, e antes de ontem traíram a Monarquia. Oh, eu não duvido que, se este golpe tivesse sido bem sucedido, nós, e o que sobrou da essência material deste país, teríamos sido salvos. Eu lamento, e a nação inteira lamenta, que vocês tenham falhado.

Mas daí a pensar que vocês, que são a encarnação da heresia prussiana, aquela semeadora do mal, aquele fedor nas narinas da humanidade, poderiam ser os futuros líderes da Alemanha? Não.

Eu sou um conservador. Na Alemanha, naturalmente, esta é uma espécie política praticamente extinta. Eu sou fruto de um modo de pensar monárquico, eu cresci como monarquista, e a permanência da monarquia é uma das pedras fundamentais do meu bem estar físico. E, não *apesar* disso, mas *por causa* disso, eu os detesto. Coquetes que flertam com cada aventureiro político que passa! Renegados, traidores do seu passado! Parceiros de cama miseráveis daquela mesma oligarquia industrial cuja chegada ao poder iniciou a destruição de nossas estruturas social e de governo! Planejadores obedientes do empreendimento, agora se veem encrencados no arrombamento da Rússia, sob a égide dos Krupps & Cia., algo que o simples planejamento já revela o seu diletantismo político e a sua ignorância geopolítica! Homens que abandonaram o reino de toda a propriedade e ordem! Defensores irresponsáveis de todas as formas de

²⁶⁹ Reck se refere à conhecida Operação Valquíria, liderada, entre outros, pelo coronel do exército alemão Claus Schenk, conde de Stauffenberg (1907-1944). Uma bomba, deixada em uma maleta, por ele e seus aliados, sob uma mesa na sala onde Hitler estava reunido com outros oficiais, explodiu, mas, em função da espessura da madeira do tampo, não foi fatal contra Hitler. Von Stauffenberg foi preso e fuzilado logo depois.

negação de Deus e da Alma – que odeiam a beleza e tudo o mais que exclua o seu raso utilitarismo prussiano.

O príncipe Rupprecht²⁷⁰ me contou como, anos atrás, quando, na Primeira Guerra, exercia um cargo de comando no exército, rogou a Ludendorff que poupasse o castelo de Coucy, um tesouro arquitetônico sem preço que estava localizado entre as linhas dos dois exércitos. “O castelo não tinha realmente qualquer importância militar, nem para nós e nem para o inimigo. Nenhum dos lados jamais fez qualquer tentativa de utilizá-lo com propósitos militares. Mas o fato de eu ter defendido que ele fosse poupado, e que temesse que a destruição do castelo significasse apenas um golpe em nosso prestígio, um tanto quanto sem propósito – isto chamou a atenção de Ludendorff para Coucy. Ele levou a melhor, e o castelo foi destruído, se não por outro motivo, pelo menos para me atinger. Mas ele não odiava o castelo simplesmente porque eu desejava preservá-lo. Ele odiava Coucy porque ele odiava tudo o que existisse do lado de fora de sua visão de mundo dos quartéis – espírito, gosto, elegância, qualquer coisa que dê qualidade à vida.”

Ah, este sobrinho sem valor do grande Moltke e toda a sua casta dificilmente poderiam ser melhor descritos. Por anos, esses homens estiveram por trás de cada ato traiçoeiro, cada orgia de estupro e assassinato, porque Hitler deu a eles novamente a proeminência, em uma Alemanha adulterada e prussianizada. Eles o defenderam, verbal e fisicamente, todas as vezes em que ele cometeu um de seus atos criminosos, eles desprezaram tranquilamente todo o sofrimento das vítimas dos bombardeios, os prisioneiros nos campos de concentração, e os perseguidores políticos, e eles cantaram uma pequena canção com palavras como “Alemanha”, ou o “Espírito Alemão”, porque um regime diferente teria significado o fim de seu poder...

E agora a que a firma está indo à falência, eles a estão traindo com o propósito de dar a si mesmos um alibi político – exatamente como fizeram com todos os outros quando deixaram de ser úteis em suas tentativas de conquistar e conservar o poder.

A nação lamenta o fato de que esta bomba não explodiu onde e quando deveria, e eu certamente não consigo expressar o quanto eu profundamente compartilho os sentimentos de todos. Mas, com relação aos generais: tão logo a Alemanha seja libertada da heresia prussiana, eles deveriam ser mortos, junto com os industriais que lançaram esta guerra, e seus bardos nos jornais, e os senhores Meissner²⁷¹ e Hindenburg Jr. e, não nos esqueçamos, a totalidade da tripulação responsável pelo imenso delito de 30 de janeiro de 1933, que deverá ser enforcada vinte pés mais alto do que o resto. E façamos com que aqueles que sejam poupados sejam condenados a passar o resto de suas vidas vendendo caixas de fósforo e papel higiênico, caricaturas vivas que nos

²⁷⁰ Sobre o Príncipe Rupprecht, ver Nota 88.

²⁷¹ Ver Nota 257.

lembrem de como e por quem o poder foi uma vez roubado para trazer um sofrimento sem fim a golpear nossas cabeças.

Eu não consigo evitar.

16 de Agosto, 1944

O cheiro dos mortos no ar. E eu nem mesmo estou me referindo, aqui, ao que é noticiado pelo rádio a partir do estrangeiro – que cinco mil oficiais foram fuzilados; que os nazistas estão matando todo o mundo de quem não gostam, tendo as vítimas relação, ou não, com a tentativa de assassinato de Hitler – sim, e fuzilando também a família do suspeito ao mesmo tempo em que o executam, para finalizar o trabalho.

Não, o que eu tenho em mente é algo que nos rodeia como um pavoroso presságio de coisas por vir, que ocupa a atmosfera do verão, e fornece uma fantasmagórica perturbação à luz do sol, de uma maneira que é como se vivêssemos, dia e noite, sob luminosidade de uma tocha de necrotério. É a certeza da aproximação da catástrofe que ocupa todas as nossas mentes, o horror e o horror da morte que nos cerca. O que será de um povo completamente tosco que instila em seus jovens a ideia de que a bandidagem política e o assassinato de povos inteiros são anseios legítimos, e cujos líderes militares não hesitaram por nenhum instante em apoiar o que estava sendo feito, desde que as coisas estivessem indo bem.

Nós respiramos o ar da morte. Nós não precisamos ser comunicados a respeito disso, como nos contou recentemente uma líder da Organização das Mulheres de Obing, uma pacata cidadezinha, quando exaltou este “nosso Fuhrrer” porque, “em toda a sua bondade, ele preparou uma fácil e suave morte por gás para o povo alemão no caso de a guerra terminar mal.” Oh, eu não estou escrevendo ficção. Aquela adorável senhora não é fruto de minha imaginação. Eu a vi com os meus próprios olhos: uma mulher nos seus quarenta anos, bronzeada, e com o olhar insano de todas as de seu tipo – e eu vou lembrá-los de que, junto com os professores primários, estas hienas fêmeas estão entre os mais raivosos de nossos rodopiantes dervixes hitleristas.

E que reação houve ali? Será que aqueles agricultores bávaros, filhos de pais de mentes independentes, a qualquer momento prontos a se revoltar – será que ele ao menos mergulharam aquela senhora, toda em fogo enquanto proclamava sua disposição para morrer, no lago Obing? A ideia jamais penetrou em suas mentes. Eles se afastaram em direção a suas casas, desorientados, sacudindo as cabeças, e murmurando, uns aos outros, que infelizmente, nada havia a ser feito.

Por outro lado, há trabalhadores em uma indústria de material elétrico de Munique que disseram ter ferros elétricos prontos para o grande dia do acerto de contas, quando a suástica será tatuada nas testas dos nazistas. Uma boa ideia, que necessita apenas de um único detalhe para se tornar perfeita: como seria se além disso eles fossem obrigados a usar camisas marrons pelo resto de suas vidas?

9 de Outubro, 1944

Herr Giesler²⁷² andou sonhando com uma nova técnica de vigilância. As “Comissões de Lares” já existem em todas as cidades e vilas, com o poder de entrar em qualquer casa, a qualquer hora do dia ou da noite, para fazer o que quiserem. Uma vez que eles também foram colocados como responsáveis pela “Alocação de Trabalho”, eles podem, a seu bel prazer, obrigar qualquer mulher que eles considerem “pouco compromissada” a prestar “trabalho voluntário”.

Isto é o que ocorreu em nossa casa: como um raio que sai do nada, sem aviso prévio de qualquer, sem bater e sem tocar a campainha, surgiu na sala o pequeno ditador que foi incumbido, uma semana atrás, de cuidar de nossa sossegada aldeia, e que dispendeu seu

²⁷² Paul Giesler (1895-1945), nascido na Westfália, mas residente na Baviera, foi um nazista de primeira hora e comandante supremo do regime na região bávara a partir de 1942 e até o fim da Guerra. Com a aproximação do avanço aliado, endureceu as perseguições a dissidentes (naquele momento, qualquer um que não fosse um nazista convicto), e parece que procurou acelerar as execuções no campo de Dachau. Assim, embora Reck não soubesse disso quando escreveu em seu diário neste dia 9 de outubro de 1944, é absolutamente convincente supor que Paul Giesler tenha sido o responsável mais direto por sua prisão e morte. No dia 8 de maio de 1945, data da rendição oficial dos alemães aos aliados, Giesler e sua mulher se suicidaram juntos.

tempo, desde então, em frustradas tentativas de extirpar o “Deus seja Louvado” como a maneira com que os fazendeiros se cumprimentavam²⁷³. Junto com dois outros aposentos, ele confiscou meu escritório, fazendo a gentil promessa de que uma mulher com pelo menos três crianças seria acomodada em cada aposento e, para melhor acomodar a manada, buracos seriam feitos no piso e nas paredes góticas. Eu fui instruído a mudar de lugar a minha biblioteca (incluindo insubstituíveis primeiras edições, gravuras e manuscritos antigos) para o porão, onde eles poderiam ser silenciosamente devorados pelos ratos. “Não fique chateado, há inúmeras coleções de livros indo pelo ralo, por que a sua não iria?”.

Seus olhos, enquanto falava, brilhavam de maldade: o antigo funcionário de coleta de impostos foi inchado às dimensões de Napoleão na sua consciência a respeito do próprio trabalho. Eu me lembro que, durante a Primeira Guerra Mundial, os ocupantes de uma trincheira alimentavam seu fogão com primeiras edições e inestimáveis manuscritos tirados do castelo de Mesothén, em Liévin. Mas aquele foi um simples caso de soldados passando necessidades, uma simples busca da primeira coisa que estivesse ao alcance, não havia ali qualquer sentimento de desprezo...

Mas o que estava acontecendo aqui era alguma coisa bem diferente. Para começar, no caso deste burocrata subalterno, havia o ressentimento contra o homem instruído, o ressentimento contra tudo aquilo que fosse mais do que ele mesmo – e o sentimento de que agora, finalmente, a sua oportunidade havia chegado, a longamente esperada oportunidade de se vingar, pessoalmente, contra um homem de casta superior.

Mas havia algo mais envolvido: o ódio da *canaille* por tudo o que pertence ao espírito. Foi este ódio que levou a burguesia alemã dos meados do século XIX a jogar no lixo tudo o que havia de melhor em seu passado, uma atitude sem precedentes em seu cinismo...

Houve muito a fazer nos dias seguintes. Em Traustein, um oficial do exército me alertou: eu estava na lista de Herr Buchner por causa de minha saudação “Deus seja louvado”. Isso, mas a afirmação, bastante divulgada, de que eu estivera envolvido com a tentativa de assassinato de 20 de julho, tornou imperativo que eu de uma vez por todas encontrasse desalojados por bombas que compartilhassem de minhas ideias, que não tentariam espionar as estações de rádio que nós ouvíamos, e que não fossem dedos-duros. Nós trouxemos um casal, estofadores de Munique, que eu sabia serem confiáveis,

²⁷³ “Gruss Gott” era a forma tradicional de saudação entre as populações rurais da Áustria e do sul da Alemanha. O sujeito estaria seguramente, embora Reck não seja explícito, procurando trocar esta saudação pela nazista “Heil Hitler”.

e então um artista desalojado foi recomendado a mim, um norte-americano que até agora vivera sem ser incomodado em Munique e que, incidentalmente, acabou por revelar-se um camarada excepcionalmente bom. Tudo isso tomou uma vasta quantidade de tempo, uma vez que um sujeito não deveria, em nenhuma hipótese, ter a possibilidade de escolher quem iria se hospedar em sua casa, e portanto houve infundáveis viagens até Munique, em trens fétidos e superlotados, e esperas intermináveis nas antessalas de funcionários nazistas, tendo que ouvir as risadinhas das bem cuidadas mulheres nas salas adjacentes – tipos repulsivos, cujos traços peculiares são os penteados caindo por sobre os ombros, o consumo sem fim de duvidosos sorvetes e de ainda mais duvidosos biscoitos, e o ato de tyrannizar o público.

Então, enquanto imensas convulsões sacodem os nazistas em todos os pontos, eu estou imerso em uma vida na qual por vezes eu não sei se minha casa ainda pertence, ou não, a mim. E ainda, paradoxalmente, enquanto me dirijo a ela, eu estou tendo profundos insights a respeito desta cambaleante estrutura.

Minha peregrinação me levou ao quartel-general do assim chamado Gauleiter²⁷⁴, que é exatamente o que alguém imaginaria que um escritório de um oficial nazista seria completo, com “funcionários executivos”, que não eram amis do que gerentes de escritório antes que encarnassem Gengis Khan – e no ar, um cheiro secreto de medo, disfarçado por trás de uma fachada de frieza e brutalidade, ou por outras vezes transformado em uma busca por cumplicidade.

Por outro lado, há a Gestapo, onde eu entrei com a ajuda de uma carta apropriada, e que tem aparência bem diferente do que se imaginaria: escritórios silenciosos, de aparência digna, subordinados corteses, e um oficial responsável, um certo Conselheiro Gade, um jovem polido e discreto, que pediu licença para terminar seu charuto, e foi, de uma maneira geral, o próprio modelo de um homem de equilíbrio e berço. A saudação na Gestapo é “Deus seja Louvado”, enquanto no escritório distrital fica-se praticamente surdo a cada vez que alguém vocifera o “Heil Hitler”.

Quando eu descrevi a perspectiva que me fora trazida pelo Gauleiter, de precisar viver sob a ameaça de ter minha casa vistoriada a qualquer momento, o oficial da Gestapo na verdade sugeriu que o elemento de força por trás dessa ameaça – o qual só poderia mesmo ser o Partido Nazista – deveria certamente chegar ao fim em duas ou três semanas.

²⁷⁴ Designação de “chefe local” nazista.

Atmosfera estranha, composta de medo, de resignação e por fim, vociferante loucura, que culminam agora em uma Alemanha que se transforma em uma pilha de entulhos em honra do grande Manitu – uma atmosfera estranha, doente e contaminada por micróbios do fim do mundo!

Imaginem, contudo, que estes cupins, tardes e noites se pendurando nos bondes como cachos de uvas – imaginem que eles prossigam: decapitados como estão, por causa da destruição da intelligentsia, imaginem que eles prossigam funcionando! O ar está tão carregado de tensão que, amanhã, a qualquer momento, um raio poderá piscar. Exceto por aquelas almas tão robustas que continuam a server suas porções diárias de otimismo nazista, as pessoas sabem disse, e estão profundamente ressentidas; seu ressentimento emerge nas disputas que ocorrem com frequência, nas janelas dos correios, nos bondes, nessas filas estúpidas por essas porcarias que agora saem com o nome de “jornais”.

Os nervos estão à flor da pele, e a qualquer momento uma discussão pode surgir, seguida por efetivo pugilato. Eu vi uma moça de dezesseis anos de idade esperando para entrar em um bonde estapear um idoso praticamente indefeso, apenas porque ele estava demorando demais para desembarcar. A coisinha doce ficou extremamente perplexa quando eu retribuí o cumprimento, dando um tapa em cada uma de suas bochechas, apenas para ouvir os murmúrios revoltados da *canaille*.

Eu nunca havia visto coisas assim, aqui, antes. A maneira como as pessoas se tratavam mutuamente durante a República Revolucionária de Munique era um modelo de polidez comparada com o que aconteceu depois de Hitler. Munique, contaminada e adulterada como está, devastada como todas as outras cidades pelos gafanhotos prussianos, tem agora uma estranha aparência para mim, como se, ao caminhar por ela, eu estivesse em Chicago.

Oh, é terrível vagar pelas ruínas de uma cidade que ainda ontem era como uma mãe bem-humorada. Conforme eu descí por uma rua, uma casa desabou em meio a uma imensa nuvem de poeira, cobrindo os trilhos do bonde, por onde nós havíamos acabado de passar, com uma pilha de entulhos de cinco metros de altura. Enquanto escrevo, eu posso sentir o mau cheiro dos corpos em decomposição, porque sob as ruínas estão os cadáveres de dezessete funcionários de um banco que foram sepultados pelos destroços. Em uma piedosa celebração, e para marcar o local exato onde aqueles pobres diabos se afogaram quando um rio de excremento humano subitamente os atingiu, vindo das tubulações de esgoto rompidas, os sobreviventes colocaram uma cruz bem no alto da pilha de entulho, e os ratos, que estão gordos com tantos cadáveres com os quais se alimentar, circulam pelas ruínas e pela cruz ser perturbados.

Não há linhas telefônicas ainda funcionando bem, e não há balcão sem filas de pessoas esperando por horas até sua vez de ser atendido; tampouco há uma única loja com algo a ser vendido, ou um teto que consiga impedir a chuva de passar. E, em meio a tudo isso, essa horda de trogloditas segue em frente, animal e sem cérebro, de manhã e à tarde perseguindo os restaurantes em busca de refeições não racionadas, como os macacos no zoológico quando são deixados esperando pela comida do meio-dia. Eles engolem suas cervejas químicas, acreditam em cada pedacinho da propaganda lançada sobre eles, e são basicamente responsáveis pelo fato de ter sido possível que se passassem doze anos nos quais nós fomos governados por um maníaco. E não é o pico mais alto da tragédia, mas simplesmente uma vergonha inconcebível, que justamente aqueles alemães que abriram mão do melhor que eles tinham, que tem sido os prisioneiros dessa horda de macacos mal humorados por doze anos, precisem desejar e rezar pela derrota de seu próprio país, belo bem deste mesmo país?

Outubro, 1944

Detenções e mais detenções. A coisa está ficando parecida com algo como uma psicose de detenções, as quais em pouco aliviam o terrível medo que estão sentindo os que estão efetuando as prisões.

Toni Arco²⁷⁵ foi preso. Eu tenho certeza de que ele se arrepende amargamente de ter assassinado Eisner vinte anos atrás. Schacht²⁷⁶ foi preso, assim como o velho

²⁷⁵ Conde Anton “Toni” von Arco auf Valley (1897-1945) era um aristocrata de origem austríaca naturalizado alemão que lutou na Primeira Guerra e, depois, passou a atuar politicamente dentro da extrema direita nacionalista e antisemita (apesar de sua mãe ser judia). Em 21 de fevereiro, agindo sozinho, Arco Valley assassinou, a tiros, na rua, o primeiro ministro socialista (e judeu) bávaro Kurt Eisner, evento que acentuou a radicalização da luta política no período, com assassinatos se sucedendo à esquerda e à direita. Preso, Arco Valley foi condenado à morte, mas um juiz conservador comutou sua pena para cinco anos de detenção. Ele não aderiu ao nazismo, pois era contra a política centralizadora de Hitler (como Reck, ele defendia uma Alemanha descentralizada e federalizada), e sempre foi visto com desconfiança pelos nazistas, mas não a ponto de ser considerado um inimigo real. Ele morreu pouco depois do fim da Guerra em um acidente de automóvel em Salzburgo.

²⁷⁶ Sobre Hjalmar Schacht, ver Nota 214.

Hugenberg²⁷⁷. O prefeito Scharnagl²⁷⁸ foi preso, assim como senhoras ligadas à monarquia e jovens noviças da Igreja.

Pessoas desaparecem sem deixar traços. Nada se ouve a respeito delas por semanas e meses. Famílias inteiras são assim separadas e despejadas para dentro da noite. A. foi preso; também se comenta que F.R. está na cadeia, e seu irmão, que tem o título de conde, desapareceu sem deixar vestígios durante uma viagem para Viena. Tudo o que se sabe sobre ele é que foi visto, de algemas, entre dois guardas, na plataforma de uma estação de trem em algum lugar da Áustria. Há pouco menos de dois anos, seus dois filhos foram engolidos por esta guerra.

Notícias estranhas e horríveis têm chegado a respeito de Sua Majestade.²⁷⁹ Herr von M. recebeu o seguinte comunicado do norte da Itália: “Não se preocupe a respeito do Coronel, ele está a salvo nas Dolomitas.” No contexto, não resta dúvida que o “Coronel” é o Rei da Baviera de 75 anos – o monarca que mergulhou fundo nas suas memórias da juventude para me contar tantas deliciosas histórias sobre seu encontro com o velho imperador Francisco José, e com Bismarck, e que descrevia tão bem o invejável apetite à mesa do velho Guilherme I, aos noventa anos, e quem agora é evidentemente forçado a pular de um esconderijo a outro, nas montanhas de um país estrangeiro.

Herr von M. recebeu esta carta no início de outubro. Agora, no fim do mês, o boato é de que o rei tenha sido assassinado. Os nazistas dificilmente poderiam descer mais baixo. Eu, contudo, considero que há situações em um inimigo ao qual se tira a vida pode ser mais perigoso do que eu que se deixa viver.

²⁷⁷ Alfred Hugenberg (1865-1951) foi um empresário e importante político da direita alemã que teve papel importante no processo que conduziu Hitler ao poder. Membro do Partido Nacional do Povo Alemão, perdeu influência assim que Hitler se consolidou no cargo de Chanceler e passou a minar todos os partidos de direita não nazista que o haviam apoiado. Como prêmio de consolação, Hugenberg manteve, até 1945, o posto honorífico de “membro convidado” do Reichstag, sem qualquer poder efetivo. Ao contrário do que escreve Reck, os nazistas jamais o prenderam.

²⁷⁸ Karl Scharnagl (1881-1963) foi prefeito de Munique entre 1926 e 1933, quando foi obrigado a renunciar em função de constantes choques com os nazistas. Em 1944, acusado de ter participado da tentativa de assassinato de Hitler, e foi levado preso para Dachau. Libertado pelo exército norte-americano em 1945, foi reconduzido à prefeitura de Munique, cargo que ocuparia até 1949, exercendo um papel central no esforço de reconstrução da cidade.

²⁷⁹ Reck se refere ao Príncipe Real Rupprecht da Baviera (1869-1955). Como jamais abdicou de seu direito ao trono, foi até o fim da vida chamado por muitos bávaros, especialmente os conservadores, como Reck, como Sua Majestade ou Rei da Baviera. Anti-nazista, exilou-se na Itália algum tempo após a subida de Hitler ao poder. Ver também nota 88.

E no dia treze, um dia bonito e quente de outubro, eu mesmo fui preso.

Às seis da manhã, aquela hora tão adorada por todos os agentes da polícia secreta – eu ouvi minha campainha tocando bem alto, e via embaixo o nosso policial Seebruck, uma boa alma, que explicou, se desculpando, que ele estava sendo obrigado a cumprir a ordem extremamente desagradável de me conduzir até a prisão do exército em Traustein.

Eu confesso que não estava muito preocupado. Quatro dias antes, eu havia ignorado uma assim chamada “convocação às armas” para servir com a Volkssturm²⁸⁰, e aleguei uma crise de *angina pectoris*. Logo depois, contudo, eu fui, como qualquer outro bom cidadão, ao quartel-general regional, para me explicar, e a opinião que eu ouvi lá foi a de que qualquer pessoa que tivesse acabado de receber a notícia de que seu filo estava dado como desaparecido na Rússia tinha todos os motivos para estar realmente doente.

Eu cometi um erro. Ilusão, o dia quente de outono com suas cores alegres; ilusão, o tato, praticamente beirando a vergonha, do policial. Nós cruzamos o rio em direção ao trem, e a melancolia com que as mulheres de casa acenaram para mim me deixou pensativo. Algumas horas depois eu soube que aquilo havia sido, de fato, mais do que um pequeno aviso.

O portão do posto do exército se fechou pesadamente atrás de mim. Entre o esplendoroso dia de outono e mim havia uma cerca e uma tropa altamente marcial. Eu estava esperando em pé numa guarita tomada pelo cheiro de couro, de suor e de banha de porco, e o personagem principal ali era um jovem sargento da Suábia²⁸¹ - um homem com aquela peculiaridade alemã que combina cólera, agitação e precisão que jamais funciona realmente bem, e que tanto mal já causou ao mundo.

Eu telefonei ao Major que era o oficial encarregado. Uma voz tão fria e vingativa que emergiu, com bastante clareza, do aparelho, me explicou que eu não estava ali para fazer perguntas, mas para esperar. Então aconteceu de eu ver passar em uma bicicleta, pela área, um jovem oficial que eu conhecia. Eu o chamei, mas quando chegou, eu evitei estender-lhe a mão, porque, conforme eu expliquei a ele, eu havia sido preso e, no jargão do antigo exército do Kaiser, eu estava “piolhento”. Ele riu, me estendeu a mão e ele mesmo telefonou. Quando o estalido do telefone soou, ele ficou pálido, desligou, e em seguida me informou, muitos graus acima em termos de formalidade, que eu estava

²⁸⁰ As Volkssturm (Ataque do povo), foram as milícias populares formadas pelos nazistas nos meses finais da guerra. Compostas em boa parte de idosos e crianças, precariamente armadas e mal treinadas, elas pouco serviram, militarmente, para retardar o desfecho da guerra.

²⁸¹ A Suábia é a província que fica no extremo leste do Estado da Baviera.

sendo acusado de “minar o moral das Forças Armadas”. Ele então fez um gesto respeitoso e se foi.

A pena por “minar a moral das Forças Armadas” é a guilhotina – a guilhotina, na qual ao condenado, eu ouvi recentemente, é dado o único gesto de compaixão de ser cegado por uma luz de mil lâmpadas pouco antes de a lâmina cair sobre o pescoço, e o que vem depois é uma daquelas garrafas de Lysol e uma aula de anatomia.

No meio tempo, contudo, a tarde chegou. A guarita era agora uma caixa escura. E, eu, trancado ali.

A cela tem dois passos de largura e seis pés de comprimento, um caixão de concreto equipado com uma plataforma de madeira, uma escarradeira velha e cheirando a maldade e uma janela com grades no alto da parede. Escalando a plataforma eu consigo ver um minúsculo pedaço de céu, os alojamentos do quartel, uma parte dos escritórios dos oficiais e, atrás, uma floresta de pinheiros: uma floresta de pinheiros de nosso adorável planalto bávaro, que nada tem em comum com este frenético militarismo prussiano, esta pestilência que tanto tem destruído a Baviera.

Mas basta da janela. Nas paredes, as inevitáveis obscenidades e as marcações do tempo que resta na prisão – em semanas, dias, e até minutos. Então, uma verdadeira enxurrada de estrelas soviéticas, dando a impressão de que o Exército vermelho inteiro foi aprisionado aqui. E, finalmente, rabiscado no concreto, talvez com uma chave, as palavras que tão bem se aplicam a mim: “Meu Deus, por que me abandonastes?”. Eu leio isso e a depressão me engolfa. A frase foi escrita por um homem que se encontrava tão perto da morte quanto eu estou agora.

É verdade que nenhuma palavra foi dita que confirmasse esta hipótese. Mas, ainda assim, eu não posso deixar de registrar esse traço de venenosa animosidade que busca encontrar alguma coisa contra mim, e que fará de uma convocação para se apresentar ao exército ignorada um assunto para ser tratado pelo carrasco.

Bem se poderia pensar de um homem de sessenta anos que viveu honradamente a sua vida, e que acabou de receber a notícia de que seu filho foi feito prisioneiro pelos russos, que um ataque do coração não necessariamente significaria um ato de “minar a moral das Forças Armadas”. E isso seria verdade mesmo que não houvesse um diagnóstico formal assinado pelo médico mais experiente de nossa cidade de Prien.

Mas o que estava acontecendo comigo nada tinha a ver com uma ordem de convocação.

Uma noite dispendida com respiração pesada e difícil, enquanto lá do lado de foram vinham os ruídos brutais do exército. Aos que são enterrados aqui não se asseguram nem mesmo o consolo de uma noite silenciosa. Quando uma porta é fechada, ela é na verdade batida com toda a força. Quando um sujeito pede para ser conduzido até o buraco fedorento que eles chamam de banheiro, ressoam por todo o corredor as pragas lançadas pelo guarda que foi acordado. Às três da manhã, o alívio é interrompido pela marcha de elefantes no parapeito, e às cinco e meia, apesar do fato de que estar de pé não poderá trazer benefícios a ninguém, e que estarmos dormindo não poderá evidentemente prejudicar quem quer que seja, as portas são violentamente abertas aos berros de “De pé!” – bem na hora em que se começava a descansar um pouco, depois de uma noite apavorante em que não se dormiu.

Eu fiquei pensando sobre quem seria o responsável por isso, quem teria tido o adorável propósito de me enviar ao carrasco. Eu pensei no Líder Distrital, a quem eu enviei aos tribunais por me chamar de covarde por eu fazer uso de um cão de guarda – e imaginei que ele talvez tenha escolhido essa maneira para se vingar por ter perdido a ação. Eu pensei no velho senil do café que faz discursos de propaganda que eu me recusei a aplaudir. E eu pensei no comissário de moradias que considerou existir alta traição em minha habitual saudação de “Deus seja louvado”, e quem eu por duas vezes fui obrigado a expulsar de minha casa apesar do fato de que ele estava “tratando de assuntos oficiais do Governador”. Eu pensei em todos esses pequenos e rastejantes que agora se nutriam com denúncias e com a decadência de nosso país – assassinos, em maior ou menor escala, que agora operam sob a desculpa de que estão “dentro da lei”, sem ter ideia de que, amanhã, poderão ser eles os que estarão ao alcance do carrasco.

Mas eu não consigo ficar feliz com o que o futuro reserva para eles, e este fato me deixa pensativo. Estranho: eu progredi. Dez anos atrás, eu ruminava planos para uma terrível vingança contra eles. E hoje? Hoje, eu sei que não existe essa coisa de “vingança”, e que aquelas palavras na Bíblia que enfatizam isso refletem uma sabedoria antiga e honrada. Anos atrás, eu abriguei em minha casa um velho amigo que estava em situação desesperada. Ele retribuiu a minha hospitalidade e a minha ajuda financeira boicotando meu casamento. Eu bati nele tão pesadamente quanto é possível para um homem bater em outro. Por três dias, então, eu experimentei uma sensação e alívio.

Mas e depois? Depois veio a conclusão de que nada daquilo teria grande peso diante da escala das coisas na eternidade. Se eu tivesse me aventurado mais a fundo nos assuntos que pertencem a Deus, e tivesse de fato matado a pessoa, eu a teria ajudado a ter uma morte heroica, em vez de uma prolongada, de desonrada, vida. Eu mesmo fui o responsável pelas lágrimas de muitos; e eu poderia pensar que não pagaria por essas

lágrimas, mesmo que o pagamento estivesse anos à frente, no futuro? Pois eu não sei que as coisas que estão acontecendo comigo agora, a proximidade da morte, a separação daqueles que eu amo, a sujeira, as tentativas de me degradar – que todas essas coisas eram necessárias, mesmo que eu não esteja lá para compreender?

Um homem não precisa ser um cristão para entender isso tudo. Mas é preciso ser cristão para dar forma a isso, e então, heroicamente, viver e morrer. Em 1912, a bordo de um vapor inglês de cabotagem, enquanto um despreocupado jovem como apenas um filho do período de guilhermista poderia ser, eu teorizei para o único outro passageiro, um velho intelectual chinês, ao longo de uma conversa à noite, no deque, que a totalidade da cristandade, em todos os cantos do mundo, encontrava-se agora em uma única e vasta agonia. O venerável senhor, seguidor dos preceitos de Lao-Tsé, professor de religiões asiáticas na Academia de Gingdao, olhou para mim com espanto. E então ele disse, delicadamente, que o cristianismo ainda tinha, diante de si, o seu grande e decisivo desafio. Eu fiquei profundamente impressionado com a maneira como ele falou.

Hoje, trinta anos depois, curvado como estou sob a responsabilidade de certos grandes pecados, tendo atingido certas altitudes em algumas poucas ocasiões, e caído em certas profundezas em outras, eu sei que as coisas não são tão simples. Certamente, a cristandade ainda tem o seu grande trabalho diante de si. Mas, em face do satanismo que hoje prevalece, novas catacumbas serão necessárias, e um novo Nero precisará incendiar Roma uma vez mais, antes que o espírito emerja, vitorioso, uma segunda vez.

14 de Outubro, 1944

Tudo o que se previa era, supostamente, uma única noite em um hotel, e, assim, eu vim apenas com uma pequena valise. Eles a revistaram em busca de armas: não foi um bom começo. E quando eu solicitei um advogado, a resposta foi áspera.

Logo eu estava em uma cela, e de pé (contrariando o regulamento) na cama de tábuas, eu podia ver, lá fora, um perfeito dia de outono. O direito de estar naquela perfeição foi tirado de mim, tão roubado quanto com certeza eles roubaram de nós aqueles anos da

Primeira Guerra Mundial, e aqueles anos de inflação dos anos vinte, e os anos de Hitler – um quarto de século, o melhor da vida de um homem – roubados por estes maníacos militaristas.

Do outro lado do terreno da caserna, nos alojamentos dos oficiais, movendo-se entre de um aposento a outro, atrás das cortinas baratas que são atualmente consideradas elegantes, estava um loiro da nova raça de oficiais, muito provavelmente alguém que, até ontem, era um limpador de latrinas, em cuja mão (a mesma mão que acabou de se livrar de uma série de estorvos e de obstáculos) você deixava dois marcos. Elas ascenderam, essas pessoas, da mesma maneira que nós decaímos nestes últimos doze anos; obviamente, uma vez que foi o nosso dinheiro que permitiu a ascensão deles. O pequeno esquizofrênico que é o líder deles não tinha nada e não era nada, mas desde 1918 aqueles, como ele, com seu ódio, começaram a empurrá-lo até aquilo no que ele se tornaria, Que estábulos de Áugias serão este que eles deixarão para que nós limpemos!

Agora eles estão marchando na área de desfiles. Eu os escuto de manhã até a noite, o mais recente em marchinhas militares, pequenas e ligeiras melodias rugidas por uma ovelha-chefe, berradas de volta por seu rebanho de 250. Perturbadores, estas canções idióticas, estes rostos, esta castração espiritual feita pela propaganda. Eles marcham e ribombam –aqui, cinco homens presos a uma máquina, ali, um pesado animal de dimensões bíblicas, com dez a bordo, liberando nuvens de gás fedorento, e então um outro monstro mecânico com outros cinco. O que será que estas aparições de metal têm a ver com soldados? Seria melhor arrancar as insígnias regimentais de seus uniformes, e costurar, no lugar, símbolos dourados de chaves de fenda ou de latas de óleo!

Quero deixar: eu venho de uma longa linhagem de soldados. Aos dezessete anos, em um cavalo atrás dos tímpanos prateados, era exatamente o que eu me imaginava sendo – um soldado. Mas a aparição da metralhadora e do motor a explosão de quatro cilindros levantou uma questão, que é: será que a profissão de soldado ainda existe, assim como acontece com a de estadista, ou rei, ou poeta, ou intelectual, substituída, como estas, por substitutos? De uma forma que tudo o que resta entre as profissões tradicionais é a de prostituta licenciada (e mesmo a prostituta independente está perto de ser regulamentada, com a mulher sendo obrigada a berrar um politicamente convincente “Heil Hitler!” por duas vezes em cada sessão, uma nas preliminares e a outra no clímax. Quanto a mim, eu me vejo terminando como um pacifista... não porque eu dê demasiada importância aos frágeis artefatos deste mundo; não, mas porque eu quero tomar parte no funeral de uma terrível mentira, a mentira de que o conceito de “soldado” pode ser mais, e infinitamente, pervertido!

Nesta tarde, eu fui conduzido para uma audiência. Isto ocorreu diante de um capitão que usava a insígnia de ex-membro da Reichswehr²⁸², e a aparência de um decente pequeno-burguês bávaro (ele poderia ter sido um funcionário por detrás do balcão de uma agência de correios, ou em um movimentado escritório de advocacia). Ainda assim, quando eu declarei que o que me levava até lá havia sido uma denúncia irresponsável, as maquinações de alguma pessoa inescrupulosa dada a intrigas, aquelas atraentes feições se contorceram, e ele bradou sobre mim como uma tuba. Eu esperei até que toda aquela força pulmonar se exaurisse, e então, olhando para ele, nos olhos, com sinceridade, soltei que, naquele momento, um homem indefeso estava ali, diante dele – com ênfase em “naquele momento”.

E então uma verdadeira enxurrada de acusações foi lançada sobre a minha cabeça:

- Eu havia mentido a respeito de minha patente (ao que eu respondi que, ao longo da minha vida eu havia lidado com sangue demais para dar importância não merecida a patentes).
- Que ao longo de minha previa admissão de erros, eu havia mencionado minha ligação com as Milícias Populares. Com meu depoimento diante de mim, eu comecei a mostrar que o caso era exatamente o oposto.
- Que eu havia organizado uma manifestação de mulheres para protestar contra a remoção de crucifixos de prédios públicos, que não dizia “Heil Hitler” quando deveria, e havia manifestado desprezo pela moeda alemã.

Eu respondi com uma pergunta: eu estava sendo ali questionado por assuntos militares ou de Partido? E ainda. A respeito da acusação sobre o tema da moeda alemã, eu poderia ter acesso a mais detalhes?

Não foi uma abordagem frutífera. O que se seguiu foi uma torrente de invectivas que veio queimando em minha direção como lava fervente, cobrindo qualquer argumentação, qualquer protesto. Eu fiquei em silêncio. Eles me levaram dali.

Mas eu não sairia tão levemente. Eles chamaram o major e, quando eu o vi, eu soube: apenas um poder superior poderia me salvar naquele momento. Ele era uma aparição, um boneco humano, uma marionete tropeçante e assustadora deformada por tiros e

²⁸² Reichswehr era a designação do exército alemão durante a República de Weimar, após o Tratado de Versailles, uma suposta força de defesa limitada a pouco mais de cem mil homens. Este número foi continuamente ignorado, mais disfarçadamente a princípio, e de maneira escancarada após a subida de Hitler ao poder.

bombas cujas peças foram coladas com próteses. Nada funcionava naturalmente, nada era normal – o homem era um horror mecânico. E, nos olhos, aquele sadismo...

Eu conhecia o tipo. Eu conheci gente assim nos tempos das Unidades da Liberdade.²⁸³ Aquelas aparições demoníacas, repletas de ódio sádico, se moviam através daqueles tempos como se movem hoje, oficiais agora sob as ordens do regime nazista, seres mutilados envolvidos em inconcebíveis crimes.

E agora, de novo, estou sozinho. Longe daqui, sobre aquela casa e aquela terra que eu chamo de lar, está brilhando a última luz vermelha do pôr do sol; aqui dentro, o barulho das botas levando a comida pelos corredores. É estranho como, na prisão, um homem é levado aos níveis mais baixos de preocupação enquanto busca qualquer artifício para tornar a vida aqui um pouco mais fácil. Você aprende a limpar sem desgosto os cantos malcheirosos da cela, e a se deitar no colchão de palha infestado de insetos sem aflição. Seu paletó, cortado por um alfaiate inglês cuja saudação a você na ocasional viagem de compras poderia ter sido dirigida a um príncipe real, está reduzido a trapos, pendurada na cabeceira da cama vagabunda, e você não dá importância...

E que coisa é se esses pequenos truques, enquanto de fato tornam a sua vida um pouco mais fácil, rapidamente o lançam de volta ao nível da cadeia. Algum sujeito bem-intencionado abre a tranca da sua porta, e a liberdade é, repentinamente, o equivalente a estar fora da sua cela, andando de uma extremidade a outra através do corredor. Você não faz isso, de fato; pensar a respeito tem que ser o suficiente.

No dia seguinte, agora mergulhado mais profundamente nesta sociedade dos aprisionados, eu mesmo destranco os ferrolhos e então, pela primeira vez, posso ver, cara a cara, esta irmandade dos amaldiçoados, meus vizinhos das celas de concreto. Até agora eu os conhecia apenas por seus sinais, as batidas nas paredes usando um código que eu rapidamente aprendi. Além das faces planas e inexpressivas de vendedores além das faces mortalmente pálidas e estúpidas dos pequenos funcionários e subalternos despencados em uniformes do exército como guardas, há esta poliglota comunidade de prisioneiros. Entre eles, poloneses, tchecos e até mesmo dinamarqueses e noruegueses, jogados neste lugar como dados a partir de um copo, há aqueles que fornecem o bálsamo das pessoas reais – como se, em um país estrangeiro, se ouvisse pela primeira vez o som da própria língua:

– Um choroso pequeno camarada, insuficientemente vestido com uma camisa da Guarda Marroquina, mas tão peludo e gorduroso quanto um urso, em depressão

²⁸³ Sobre as Freikorps, ou Unidades da Liberdade, ver nota 116.

profunda. Ele excedeu seu tempo de licença em cinco dias, seduzido por uma moça local, e pelas pescarias de carpas e prazeres da mesa que o lago de sua família proporcionou.

– L., um dinárico²⁸⁴ honesto, com cara de cavalo, infelizmente um caso mais sério. Cheio de ódio contra estes *Communards*²⁸⁵ de agora há pouco, ele vagou pelo limbo civil por cinco meses, até que foi capturado em uma batida do exército, na qual encontraram junto com ele, infelizmente, um revólver carregado – sim, um assunto da maior gravidade. O soldado que o prendeu, ainda que uma ferramenta do proletariado militar, não deixou de sussurrar no ouvido do sujeito que estava arrependido de tê-lo prendido. De fato, o caso é sério; e bem poderá custar a sua cabeça.

– T., um croata, é acusado de ter feito negócios com russos em algum lugar da periferia do império – um cabeça-dura engajado por acidente em uma unidade do exército com a qual ele estava tão conectado quanto eu estou com um marciano – na realidade, um jovem com qualidades, amigável, simpático e até certo ponto, pelos padrões deste foco de infestações, cultivado. No canto escuro da cela, ao lado de um colchão infestado, nós conversamos por algum tempo a respeito de sua distante terra natal. Ele contou como os sérvios evacuaram a sua pacífica aldeia de vinicultores às margens do Danúbio porque pretendiam instalar ali o seu próprio povo.

“Creia-me, a colheita foi boa; os celeiros estavam repletos de trigo, os tonéis cheios de centeio, o chão dos galpões cobertos com maços de milho e de tabaco. Naquela primavera, na realidade, começaram a circular boatos de que nós seríamos expulsos de nossa terra, e estes boatos estavam sendo levados a sério por nossos sombrios anciões. Mas nós, que éramos jovens, ríamos daquele temor, e éramos tranquilizados em nossa tranquilidade pelos funcionários sérvios, que veementemente negavam qualquer haver plano naquele sentido... Sim, dois dias apenas antes de que tudo se tornasse realidade, eles anunciaram severas penalidades para quem espalhasse boatos daquela natureza.

“Então você pode imaginar o tamanho do choque que sentimos quando a coisa finalmente aconteceu. Nos deram apenas doze dias para deixar a aldeia, nossas vinícolas, as ricas colheitas armazenadas nos galpões. Nós fomos informados que, em compensação por deixar para trás todos os nossos bens, as nossas propriedades, todas as nossas máquinas agrícolas, nós encontraríamos o equivalente a tudo aquilo na Bósnia,

²⁸⁴ A “raça dinárica”, termo atualmente em desuso, era uma definição racial comum entre o fim do século XIX e a década de 1940 na Europa, e se referia a povos que teriam habitado, no período neolítico europeu, a região do Adriático próxima aos Alpes Dináricos, incluindo porções das atuais Áustria, Croácia, Sérvia, Macedônia, Bulgária, Bósnia etc.

²⁸⁵ Referência aos revolucionários da Comuna de Paris, de 1871.

com fazendas totalmente equipadas e ricas colheitas... em resumo, que nós não lamentaríamos a troca.

“Os velhos sabiam qual era a verdade. Naquela mesma noite, muitos deles cortaram os próprios pescoços, outros se enforcaram, alguns se afogaram no Danúbio. Quanto a resto de nós, deixamos que nos reunissem em um ponto de encontro infestado com tifo. Então nós fomos embarcados em vagões selados, e por catorze dias nós vivemos e morremos no fedor de nossas próprias fezes e dos fluídos liberados pelos mortos.

“Quando chegamos, parte de nós foi trancada em uma sala gelada de uma grande propriedade; outros foram jogados em estufas semidestruídas de uma enfermaria abandonada; enquanto um terceiro grupo foi alojado em barracões repletos de piolhos, originalmente usados para pessoas com tifo. Estas, meu senhor, eram as fazendas “igualmente prósperas” que nos haviam prometido!”

“O antigo regime”, eu respondi, “O Império Austro-Húngaro, não teria sido menos cruel. Você imagina que tudo o que eles exigiriam de você seria a de jurar fidelidade à águia de duas cabeças, o símbolo do trono imperial de Viena?”

“Concordo, senhor, e ainda assim cada pessoa quer poder cuidar de sua própria vida.”

Ele se referia, com isso, ao nacionalismo de cada um, esta insanidade que se alastrou a partir de 1789, em cujas chamas a Europa será consumida – e que só pôde queimar de maneira tão destruidora porque a chama suave de uma intelectualidade Europeia em geral, a chama daqueles que buscam a Deus aqui na Terra, foi extinta.

Eu me deitei entristecido. Eu nasci cedo demais neste planeta. Eu não sobreviverei a essa insanidade.

... Dias tristes, com o vento entrando pelas rachaduras das paredes, com o desaparecimento do cálido sol de outono, com a chegada, tão rápida, do anoitecer apocalíptico neste caixão de aço.

Enquanto o dura a luz, até que o dia morra, eu sigo lendo, desesperançado, estas memórias totalmente estúpidas, estes diários impregnados de uma especial arrogância parisiense, estas orgiásticas remanescentes das apodrecidas raízes do conceito napoleônico, cujas mortais agonias por tanto tempo envenenaram nossas vidas...

“Antes, havia uma extensa área de diferenciação – agora, há a total igualdade. Antes, ainda, havia alguma coisa chamada destino – agora, há o salário diário. Renome – o que é isso? Pese um quilo de renome para mim – por quanto? Nós compramos pontes para

nossas bocas, cultivamos floras intestinais em nossos estômagos. Nós embrulhamos pedaços de vidas junto com outras, e deixamos para cada um cada vez menos ar, e de geração a geração deixamos atrás um mundo cada vez mais caótico e malconduzido. A princesa? Ela pedala uma bicicleta da mesma maneira que os trabalhadores, sob seu pai, o rei, faziam, e eles mal dão passagem quando ela se aproxima, e poderão, ou não, saudá-la.”

Assim, em 1915, escreveu o homem que, pouco depois, arrancado de sua rota pela mulher de sua família que trazia em seu bojo a necessidade de viver à grande, no mundo, juntou-se ao campo daqueles mesmos homens de massa.²⁸⁶

Em um dos primeiros dias gelados do ano, eu fui chamado para uma audiência, e fiquei atônito com o que havia ocorrido por de trás das cortinas. Onde há apenas alguns dias havia frios ventos do Norte, agora uma morna brisa me acariciava; onde apenas ontem este grosseiro e histérico capitão gritava comigo como seu eu fosse um sargento, agora me tratava com a mais profunda consideração, e eu estava até ficando com medo que ele encerrasse a audiência da tarde me libertando com um beijo de boa noite.

O mistério foi logo esclarecido. Saindo do escritório do major responsável, coberto por uma fantástica casaca de couro preto com as insígnias das SS, surgiu o general Dtl., e é a ele quem devo a ocorrência deste milagre. Uma década mais jovem do que eu, ele me repreendeu com delicadeza, um discurso que eu com certeza não sabia se devia levar a sério, ou se na verdade tinha por objetivo soar bem em seus próprios ouvidos. Em todo caso, o efeito no cabo-promovido-a-capitão foi digno de nota.

“Terá o Herr General requerido um automóvel, ou pretende ele ir a pé?”, disse ele no verdadeiro jargão dos quartéis prussianos, e com uma paixão que faria alguém pensar que aquele lacaio de botas iria despencar com o rosto no chão ou então dar um grande salto e desaparecer no ar.

E então ocorreu o milagre que eu, apenas uma hora antes, enterrado em minha cela, não teria ousado imaginar: eu iria ser solto naquela mesma noite.

Eu fui conduzido para fora, fui trancado novamente, e passei por aquilo que provavelmente todo prisioneiro prestes a ser libertado passa: horas de incerteza nas quais o medo é de que no último minuto alguma coisa vai acontecer. Você procura, ridiculamente, por um sinal, qualquer coisa que alivie a tensão: as horas finais são quase tão ruins quanto as primeiras horas, quando há o choque inicial da prisão.

²⁸⁶ Não foi possível localizar a fonte dessa citação, algo que tampouco Richard J. Evans logrou fazer.

Para a minha sorte, um ataque aéreo reduziu o tempo: olhando atônitos para nós, como animais do zoológico para um grupo de datilógrafas, lavadeiras e ajudantes de cozinha, nos levaram para baixo, para um porão estreito, de teto baixo e repleto de canos de água e de esgoto. Presumivelmente, nós ficaríamos melhor nos afogando em esgoto e excrementos do que sendo feitos em pedaços por fragmentos de bombas a céu aberto...

Através da janela do porão eu podia ver um pedacinho de céu e um pedaço um pouco maior do terreno da caserna. Ah, a monotonia sem fim dessas incontáveis janelas, da austeridade dos galpões, o horror apocalíptico em todas as direções – a feiura que parece ser a própria essência do militarismo. Eles odeiam tudo o que possa carregar um pouquinho de espiritualidade e beleza. O que eles veneram é um fetiche, algo provavelmente igual a um grotescamente ampliado copo de dados. E a partir dessa afinidade com o feio eles construíram uma religião em cujo santuário todo o mundo deverá rezar.

Não, eles serão extirpados, eles serão perseguidos sem remorso, reduzidos ao seu verdadeiro nível por todos os concebíveis e inconcebíveis meios que possam ser encontrados para humilhá-los, porque somente então, quando toda a memória a respeito deles tenha sido extirpada, haverá paz no mundo.

Duas horas depois, deixando a caserna, eu me senti como um homem sepultado em uma vala comum – corrompido, com lembranças de emasculação tomando conta de mim.

Uma antiga superstição proíbe a pessoa que encontra novamente a liberdade de olhar para trás, ou que se passou poderá retornar. Portanto, eu segui em frente, jamais olhando para trás, mas então meu amigo, o cabo, chegou correndo, com uma escova, e limpou o meu empoeirado casaco, dizendo: “faça essa coisa acabar *logo!*”

Para você, meu jovem amigo: em nome de nosso ódio compartilhado; em nome da atormentada humanidade: em nome do mundo...

Uma vez em casa, eu soube o que estava previsto para ter acontecido comigo, e o que de fato teria acontecido se não fosse pela intervenção de Dtl.